

Berta Maria Oliveira Jacob

*A Toponímia de Luanda*  
*Das memórias coloniais às pós - coloniais*



LISBOA

2011

**UNIVERSIDADE ABERTA**

*A Toponímia de Luanda - Das memórias coloniais às pós - coloniais*

Por

Berta Maria Oliveira Jacob

Dissertação de Mestrado

em Estudos do Património

Orientadora: Prof. Doutora Maria Isabel João

LISBOA

2011

## Agradecimentos

Dar corpo a um trabalho como este que aqui se apresenta exigiu o esforço da sua autora, mas tal não teria sido possível sem o concurso de um conjunto de pessoas que se disponibilizaram, das mais variadas formas, a prestar o seu desinteressado apoio.

A família é, em todos os momentos da nossa vida, um pilar sem o qual a realização de um qualquer projecto se torna difícil, se não mesmo impossível de levar a bom porto. Família, sempre presente e disposta a ajudar, com um sorriso e uma palavra de incentivo, suportando, às vezes, uma palavra menos feliz motivada pelo cansaço e o desânimo. Família tributária de um agradecimento muito especial.

Ao avançar para um projecto deste teor, a pessoa da orientadora tem de merecer um lugar muito especial, pois, desde a fase de definição dos primeiros passos a dar, os seus conselhos sábios, conselhos de alguém já experiente, são fundamentais para conseguirmos percorrer o caminho sem nos perdermos. E a orientadora, Professora Maria Isabel João, desde a primeira hora definiu uma metodologia conducente à correcta realização deste projecto, sendo, assim, merecedora do nosso agradecimento.

Por fim, resta-nos agradecer a um conjunto de pessoas, algumas delas com quem não privámos pessoalmente, cuja colaboração foi indispensável à pesquisa realizada. Estamos a referir-nos aos funcionários de instituições como o Arquivo Histórico Ultramarino/Instituto de Investigação Científica Tropical, do Instituto Superior de Educação Jean Piaget, em Almada, da Biblioteca Municipal de Coimbra, da Biblioteca da Ajuda. É forçoso agradecer os telefonemas e os envios, sempre prontos, por correio e correio electrónico da documentação ponto de partida para o nosso trabalho.

Um agradecimento que não poderia faltar é aquele que vai para a arquitecta Susana Ferraz, pelo apoio dado desde a primeira hora, quando este projecto, ainda, era um sonho.

Como trabalho dedicado a uma terra (geograficamente) distante de nós, a colaboração de portugueses e angolanos aí residentes na actualidade foi imprescindível. Para eles, Irmã Bernardete Gaspar, Engenheiro Afonso Loureiro e Doutor Júlio Mendes, a nossa gratidão.

Uma vez que a partilha de saberes de experiências é valiosa contribuição, não podemos esquecer uma palavra de agradecimento aos colegas de mestrado.

## Resumo

Neste trabalho propomo-nos estudar a toponímia da cidade de Luanda enquanto lugar de memória. Lugar de memória “construído” por uma população de africanos e europeus e que atravessa séculos e contextos históricos, desde a sua fundação, no século XVI, ao século XX; do domínio colonial português à soberania angolana, a partir de 11 de Novembro de 1975.

Procuramos na toponímia desta cidade as memórias dos portugueses e as memórias dos angolanos, num processo que não se apresenta linear, mas eivado de rupturas, coexistências e retorno de designações. Um processo complexo que, ainda está em curso. As explicações de natureza político-ideológica não esgotam o tema e temos que procurar outra sorte de justificações para o abandono de algumas designações toponímicas e a manutenção de outras, quer durante o período da colonização portuguesa, quer após a mudança de estatuto político de Angola.

No período que vai até 1975, constatamos o progressivo abandono das designações na língua das populações nativas – o quimbundo - a favor das designações na língua do colonizador e conhecemos quem são as figuras com direito à memória histórica.

Após a independência de Angola, analisamos a nova toponímia para percebermos o que muda, os nomes que são eliminados, os que “ganham” o seu lugar e aqueles que permanecem para lá do novo contexto político, como manifestações de uma assimilação cultural, conseguida ao longo de séculos de dominação portuguesa.

Entendemos que as memórias coloniais não foram totalmente expurgadas da toponímia de Luanda, em 1977, embora os angolanos, agora senhores do seu destino, tenham posto em marcha um processo pelo qual afirmam o direito à sua memória histórica.

## Abstract

Writing this work we have the purpose to study Luanda's toponymy as a Place of Memory. A Place of Memory built by an African and European population who cross centuries and historic contexts, since it's foundation, in the 16<sup>th</sup> century to the 20<sup>th</sup> century, since the Portuguese colonial supremacy to the national liberation, from the 11<sup>th</sup> November 1975.

We search in this city's toponymy the Portuguese memories and the Angolan memories, in a way not always linear, full of breakdowns, co-existence and designation returns in a lived process. A complex process which is now in progress. Political and ideological explanations don't exhaust the subject, and we have to search for other justifications. Explanations for the destitution of some toponymic designations, subsistence of others, not only during the Portuguese colonization, but also after the change of Angola's political power.

Until 1975, we ascertain the progressive desertion of designations in the native population's language – quimbundo- behalf of designations in the settler language and we notice who are the figures with the right to historical memory.

After Angola's independency, we analyze the new toponymy to understand what changed, the eliminated names, the ones who "win" their place and the ones who continue beyond the new political context, as demonstration from a cultural assimilation, obtained through centuries of Portuguese rule.

We understand that the colonial memories weren't totally eliminated from Luanda's toponymy, in 1977, although the Angolan people, now master of his own destiny, have been carry a process whereby they affirm the right to his own historical memory.

## ÍNDICE

|  |            |
|--|------------|
| <b>AGRADECIMENTOS</b> .....  | <b>3</b>   |
| <b>RESUMO</b> .....  | <b>4</b>   |
| <b>ABSTRACT</b> .....  | <b>4</b>   |
| <b>ÍNDICE</b> .....  | <b>6</b>   |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>7</b>   |
| <b>CAPÍTULO I- BREVE HISTÓRIA DA CIDADE DE LUANDA</b> .....                                | <b>15</b>  |
| A CIDADE COLONIAL .....  | 15         |
| <i>A fundação de Luanda</i> .....  | 15         |
| <i>A expansão urbana</i> .....   | 17         |
| <i>As plantas da cidade e as suas artérias</i> .....                                       | 26         |
| A CIDADE PÓS COLONIAL .....  | 35         |
| <i>A independência de Angola e o novo contexto político-ideológico</i> .....               | 35         |
| <b>CAPÍTULO II - A TOPONÍMIA COMO LUGAR DE MEMÓRIA</b> .....                               | <b>39</b>  |
| A TOPONÍMIA NO PERÍODO COLONIAL .....  | 40         |
| <i>As designações na língua nativa – o quimbundo - e as designações em português</i> ..... | 40         |
| <i>O período seiscentista</i> .....  | 40         |
| <i>No século XVIII</i> .....   | 42         |
| <i>As mudanças no período Oitocentista</i> .....   | 47         |
| <i>No século XX</i> .....  | 52         |
| <i>O Regulamento de 1965</i> .....   | 57         |
| <i>Após 1965</i> .....   | 58         |
| A TOPONÍMIA APÓS A INDEPENDÊNCIA .....   | 72         |
| <i>As figuras da toponímia – o que mudou</i> .....   | 72         |
| <i>As designações coloniais que permanecem na toponímia</i> .....                          | 80         |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>87</b>  |
| <b>FONTES E BIBLIOGRAFIA:</b> .....  | <b>98</b>  |
| FONTES .....   | 98         |
| FONTES IMPRESSAS .....   | 100        |
| <b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....   | <b>113</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....  | <b>115</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....  | <b>116</b> |
| DOCUMENTOS ESCRITOS E CARTOGRÁFICOS .....  | 116        |
| FOTOGRAFIAS DE PLACAS TOPONÍMICAS DE LUANDA DO TEMPO COLONIAL E .....                      | 188        |
| MANTIDAS APÓS A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA.....   | 188        |
| ESBOÇO DE DICIONÁRIO QUIMBUNDO /PORTUGUÊS .....  | 195        |

## Introdução

O objecto deste estudo é a toponímia de Luanda. A toponímia desta cidade como exemplo que é de alterações (ou continuidades, nalguns casos) determinadas pelas mudanças políticas ocorridas no território angolano.

Luanda apresenta-se-nos como uma prova indiscutível de que a toponímia é “um espelho ou vivência da memória colectiva” e que: “Há de facto uma vontade de recordar e uma vontade de esquecer, de não recordar.”<sup>1</sup>

Assim, se entende porque na *Planta Topográfica de p.te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios, de 1755*, os nomes dos caminhos são, na sua grande maioria, na língua nativa (com a respectiva tradução para português) e, à medida que os séculos avançam, já são, maioritariamente, na língua do colonizador (em português)<sup>2</sup> e com recurso a personalidades da História de Portugal ou figuras ligadas à Igreja Católica. A justificação para esta realidade pode encontrar-se na afirmação de um historiador brasileiro, quando defende que “as mutações semânticas que os espaços africanos sofreram (...) tudo isso reflete um esquema de poder social”<sup>3</sup>. Novo corte, quiçá mais radical, a partir de 1975, data da independência de Angola: as designações impostas pelo colonizador são abandonadas. Agora, as designações encontram-se na história do angolano nativo ou do ideólogo ou político estrangeiro, quando apoiante da causa de libertação nacional e afirmação da soberania face ao antigo colonizador.

O grande objectivo deste estudo consiste em fazer a análise da toponímia de Luanda no período colonial e, em seguida, indagar de que forma essa toponímia se alterou, deixando de reflectir a memória do colonizador para ostentar os nomes que os novos poderes políticos elegeram. Mostrar como a toponímia é um lugar de memória,

---

<sup>1</sup> João Medina, “A Toponímia - Local de Memória” in *Primeiras Jornadas de História Local e Regional*, Lisboa, Edições Colibri, 1993, p. 36.

<sup>2</sup> Tenha-se presente o facto de, em 1921, o alto-comissário Norton de Matos proibir o ensino das línguas nativas em missões e obrigar a que os livros publicados nessas línguas incluam a tradução para português.

<sup>3</sup> Fernando A.A. Mourão, “Luanda. Coexistência e ruptura do Espaço Africano e do espaço europeu - problemas metodológicos” in *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos, 1995, p.437.

alterando-se (por decisão oficial) ao sabor dos contextos de dominação política. Mas também mostrar que as decisões políticas nem sempre são cumpridas e as designações do passado podem coexistir, lado a lado com as do presente. Ao traçarmos o percurso no tempo da toponímia da cidade de Luanda, vemos que algumas designações do período colonial se mantiveram até hoje.

Procuraremos responder às seguintes questões: como se constrói a toponímia de Luanda, ao longo dos séculos de soberania portuguesa? O que permanece e o que muda após a independência de Angola? Quais as razões dessa mudança? Estamos, apenas, perante imposições de natureza política?

No âmbito deste trabalho, os conceitos de *identidade cultural*, *memória colectiva* e *lugar de memória* apresentam-se como o indispensável suporte teórico para a compreensão do objecto de estudo – a toponímia de Luanda.

A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, tendo como principais referências a origem comum, a língua, a cultura, a religião ou a ligação a um território. No entanto, esta representação decorre de um processo dinâmico, uma vez que “se constrói e reconstrói constantemente no quadro das trocas sociais”<sup>4</sup>. Para dar corpo a essa representação a memória colectiva é fundamental, por ela os sujeitos partilham um conjunto de recordações que remetem para um passado que os une, as mesmas recordações ao serem evocadas como específicas de uma comunidade garantem a salvaguarda da sua identidade. A construção da identidade cultural só se efectiva com o concurso das recordações históricas de um passado onde pontuam as grandes figuras, *os heróis* e as datas cívicas comemorativas. Porém, esta memória colectiva é fruto de uma vontade política, de uma política de memória - Fernando Catroga fala da necessidade de uma *re-presentificação*<sup>5</sup> que faz uma selecção do passado e estabelece *suportes simbólicos de memórias*<sup>6</sup> - os lugares de memória<sup>7</sup>. A toponímia de uma cidade é um verdadeiro lugar de memória, onde se «lê» o nome dos que foram escolhidos para comporem a memória colectiva de uma comunidade, a memória oficial.

---

<sup>4</sup> Cf. Denys Cuche, *A noção de cultura nas ciências sociais*, Lisboa, Fim de Século, 2004, cap. VI, pp. 135-155.

<sup>5</sup> Cf. Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*, Quarteto, 2001, pp.22-23.

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>7</sup> Atente-se na definição de Pierre Nora para *lugar de memória* em Joël Candau, *Antropologie de la mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1996, p.114: “unité significative, d’ordre matériel ou idéal, dont la volonté des hommes ou le travail du temps a fait un élément symbolique d’une quelconque communauté”.

Em Luanda, capital da maior província ultramarina portuguesa, até 1974, e capital de um novo país, a partir de Novembro de 1975, duas culturas vivem num mesmo espaço durante séculos: o colonizador português impõe a sua cultura aos angolanos nativos, demarca uma fronteira entre *nós* (portugueses) e *eles* (angolanos), utilizando os “traços culturais como marcadores da sua identidade específica”<sup>8</sup>. Conquistada a independência de Angola, é o angolano que procura afirmar a sua cultura, rejeitando os símbolos do passado histórico: a toponímia, tal como as estátuas de figuras políticas colocadas nas praças públicas da cidade, são alteradas. Estas alterações residem na instrumentalização que os poderes políticos fazem da memória colectiva de uma comunidade, um verdadeiro combate, no qual as elites dirigentes procuram legitimar-se. E a toponímia é o lugar de memória que o poder político, inicialmente, o português e, mais tarde, o angolano, constroem para a cidade, porque “a memória não é estática e faz uma actualização constante dos seus principais referentes, em função de interesses, desejos, emoções e ideias dos grupos que são o seu principal sustentáculo social.”<sup>9</sup>

Este estudo estrutura-se em dois grandes capítulos. Nestes capítulos tratamos o espaço físico de uma cidade, Luanda, suporte onde tentamos entender a escolha das designações das ruas ao longo da história.

O primeiro capítulo – *Breve História da Cidade de Luanda* - trata o (s) contexto (s) histórico (s) em que a análise se integra. Fazemos o percurso da cidade de Luanda, desde a sua fundação, em 1576, passando pelo período de domínio colonial português até à independência de Angola e, por fim, apresentando uma breve análise para os anos pós independência.

No segundo capítulo – *A toponímia como lugar de memória* – analisa-se a evolução da toponímia de Luanda, tentando descortinar da ruptura e/ou conciliação das antigas designações coloniais com os nomes escolhidos pelas autoridades angolanas. Apesar de ser este o ponto central deste estudo, consideramos indispensável uma análise prévia da toponímia durante todo o período colonial, desvendando as figuras e os acontecimentos que as placas toponímicas da cidade ostentam e tendo a utilização de designações na língua das populações nativas - o quimbundo - como indicador da

---

<sup>8</sup> Cf. Denys Cuche, *A noção de cultura nas ciências sociais*, Lisboa, Fim de Século, 2004, cap. VI, pp. 135-155.

<sup>9</sup> Maria Isabel João, *Memória e Império, Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002, p.12.

relação de igualdade ou subalternização da cultura local face à cultura do colonizador português.

Neste trabalho de investigação procedemos a um levantamento cartográfico, no qual as plantas da cidade, ao longo dos séculos, se revelam a fonte primeira do nosso estudo. Delas retiramos a informação fundamental, sempre, obrigatoriamente, complementada com a documentação escrita, da autoria de entidades oficiais e particulares, a exemplo do *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 148 de 29 de Junho de 1848, nº de 2 de Janeiro de 1851 e nº 329 de 17 de Janeiro de 1852.

O contributo das memórias pessoais também está presente, no que ao período até 1975 diz respeito, assim como as informações e registos fotográficos disponibilizados por residentes em Luanda, para as questões da toponímia da cidade na actualidade.

Procuramos estabelecer dois grandes momentos históricos e cronológicos como ponto de partida para a análise da toponímia: o período colonial, 1576 a 1975 (o primeiro documento cartográfico analisado está datado de 1626) e o período imediato à independência (1977 é a data da primeira planta deste período que obtivemos e que consideramos uma boa base para o nosso trabalho, pois dista menos de dois anos da ruptura política de Angola com o colonizador português).

O estudo vai obedecendo aos critérios definidos por João Medina, “juntar grupos homogéneos que permitam, depois, uma leitura criteriosa, donde se consiga obter uma imagem complexa, plural e pluridimensional significativa de uma dada cidade”.<sup>10</sup>

Elaboramos, então, uma tipologia<sup>11</sup> a partir dos nomes oficiais das alamedas, avenidas, ruas, largos, becos, travessas e praças da Luanda do período de domínio colonial – *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1974 - e do período pós – colonial – *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1977. Esta tipologia tem uma base comum de análise para as duas épocas e distribui os topónimos pelos seguintes grupos: os antropónimos; os topónimos direccionais e geotopónimos; as designações ligadas a edificações religiosas, militares e civis da cidade, ao longo da sua história; as datas cívicas comemorativas; os topónimos institucionais ou ligados a grupos sociais e um pequeno conjunto de designações que são difíceis de reduzir a uma categoria. Temos o cuidado de referir a ligação das «personalidades» nomeadas a Angola, em geral e a Luanda, em particular, sempre que ela exista e a documentação assim o possibilite.

---

<sup>10</sup> João Medina, ob. cit., p. 37.

<sup>11</sup> Consideramos esta tipologia de uma forma «rígida», esquematizada, apenas, para as últimas duas plantas da cidade do período colonial -1968 e 1974 – e para a planta de 1977.

No entanto, há que fazer adaptações pontuais ao período histórico, no caso do grupo dos antropónimos. Para o período de domínio colonial (análise da *Planta de Luanda de 1968* e *Mapa das Ruas de Luanda de 1974*) consideramos os seguintes subgrupos: nomes de reis e príncipes de Portugal; nomes de políticos portugueses do período monárquico, da I República e do Estado Novo; nomes de Governadores Gerais de Angola e vereadores municipais; nomes de navegadores, conquistadores e exploradores dos territórios africanos; nomes de figuras ligadas à cultura, às artes e às ciências; nomes de santos; nomes de personalidades do campo religioso: dignitários religiosos, missionários e santos e, finalmente, nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade. Para o período posterior à independência de Angola (com base na análise da *Planta de Luanda de 1977*), consideramos no grupo dos antropónimos os nomes de reis nativos e sobas; dos guerrilheiros do M.P.L.A. e chefes militares da luta contra as autoridades locais; dos heróis da luta colonial e nomes de ideólogos, pacifistas e políticos estrangeiros; nomes de escritores, poetas, cientistas, jornalistas e compositores. Os Heróis colectivos – figuras anónimas, às quais, num dado momento da História de Angola, se reconhecem feitos dignos de lembrança, caso dos Lusíadas ou dos Restauradores de Angola, em 1974 e das Heroínas e do Povo, em 1977 - compõem um subgrupo dos antropónimos considerado para os dois períodos em análise. No entanto, para pesquisarmos da sobrevivência das designações dadas pelos portugueses, utilizamos a tipologia definida para o período de domínio colonial.

Neste trabalho de análise da toponímia de Luanda julgamos não desvirtuar o nosso objectivo, quando ao analisarmos a última planta do período colonial -1974- decidimos não contemplar a análise das designações das ruas, caso estas não constem da planta tratada para o período pós-independência de Angola. É o caso de três bairros periféricos da cidade - os Bairros de Cabo Verde e da Madeira, em 1974, os quais na Planta de 1977, aparecem com o nome de Bairro da Cuca; o Bairro do Cazenga que mantém o nome, em 1977 e o Bairro das Flores que integra o Bairro Popular nessa data. Igualmente, não é analisada a toponímia de outros dois bairros, uma vez que as respectivas designações não sofreram quaisquer alterações: o Bairro Dr. Silva Tavares ou das Cores, em 1974, englobado num Bairro do Rangel alargado em 1977, mas com as cores a continuarem a nomear as ruas, e o Bairro Câncio Martins, integrado num Bairro Popular, com a sua área, também, alargada em 1977, em que as cidades e vilas de Angola e Portugal Continental, ao lado de duas designações que remetem para antigas construções da cidade, se mantêm todas inalteradas. O Bairro de S. Pedro não é,

igualmente, tratado dado ser um bairro periférico, em 1974 e não referenciado na Planta de 1977, já o Bairro da Corimba não aparece com as suas ruas nomeadas, em qualquer das Plantas analisadas.

Assim, circunscrevemos o espaço tratado dentro de limites geográficos e administrativos da cidade, devido a condicionalismos que se prendem, por um lado com a extensão de uma cidade onde residem 500 000 pessoas, em 1975, e, por outro lado, com a não referenciação toponímica das ruas de certos bairros periféricos na Planta de 1977, sob pena de tirarmos conclusões erradas se tal não fosse feito.

Finalmente, queremos alertar para o facto de não termos constatado a existência de regulamentação oficial angolana, sob a forma de orientações de uma Comissão de Toponímia que nos justifiquem, não só, as alterações na toponímia de Luanda em 1977, assim como, o critério da escolha das novas designações. Acreditamos que a justificação para a ausência de um quadro legislativo a enquadrar as mudanças na toponímia se deve procurar nos condicionalismos vividos em Angola, nos anos conturbados da guerra civil, imediatamente após a independência do território.<sup>12</sup>

Já no final do ano de 2009, no decurso da realização do nosso estudo, soubemos da existência de uma *Comissão para a Toponímia de Luanda*, o que já sai do âmbito do nosso trabalho.

Na conclusão, procuramos sistematizar o resultado obtido, sem respostas fechadas, mas, abrindo caminho a reflexões sobre um processo que, ainda, está em curso, passados que são trinta e seis anos da independência de Angola.

A investigação para levantar este trabalho desenvolveu-se em Portugal, destacando-se o Arquivo Histórico Ultramarino/Instituto de Investigação Científica e Tropical, a Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Nacional de Portugal, a Biblioteca da Ajuda, a Imprensa Nacional e o Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral, a Embaixada de Angola em Portugal e o Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa. Aqui, tivemos acesso às fontes que serviram de base ao nosso trabalho: as plantas, vistas e perspectivas de Luanda ao longo do período colonial, documentos cartográficos e iconográficos reunidos numa obra de consulta obrigatória, o *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, os *Boletins Oficiais do Governo-Geral de Angola*, assim como um conjunto valioso de estudos sobre a cidade, desde o momento da sua

---

<sup>12</sup> É o próprio Agostinho Neto, primeiro Presidente da República Popular de Angola, que no Relatório ao 1º Congresso do M.P.LA., em 1977, afirma que a independência de Angola se efectivou “sob o metralhar e o troar dos canhões”.

fundação. Estes estudos são alicerces fundamentais para o desenvolvimento de uma construção que se pretende ser coerente. São obras publicadas pela Agência Geral do Ultramar e pelo Museu de Angola, da autoria de António de Oliveira Cadornega, a *História Geral das Guerras Angolanas*; do Padre Brásio, a *Monumenta Missionária Africana: África Ocidental* e de Manuel da Costa Lobo Cardoso: *S. Paulo d'Assumpção de Luanda*; *Luanda Antiga, Subsídios para a História de Luanda* e *História da Planta da Cidade de Luanda*. Elias da Silva Correia é outra fonte preciosa para o conhecimento da cidade, se Cadornega nos mostra a cidade seiscentista, já ele dá-nos a visão de Luanda pelos olhos de quem nela esteve no século XVIII.

Destaque especial merece o estudo de Ilídio do Amaral, no campo da geografia urbana: um estudo pormenorizado da cidade, a sua origem, evolução, a expansão urbana e os problemas daí resultantes, *Luanda Um Estudo de Geografia Urbana*.

A cidade despertou, igualmente, a atenção de um estudioso brasileiro das questões angolanas, Fernando A. A. Mourão, cujos trabalhos são um precioso contributo para o nosso trabalho. Desses estudos salientamos *Luanda: Coexistência e ruptura do Espaço Africano e do Espaço Europeu - Problemas Metodológicos*.

*Luandando*, de Pepetela, é outra obra fundamental para este trabalho, já que nos leva através do percurso histórico da cidade de Luanda, até à actualidade e nos fornece a planta das *Ruas de Luanda*, em 1977, onde colhemos as novas designações dadas às artérias da cidade, após a independência de Angola.

Impossível concluir este apontamento de obras que versam a nossa temática ou afins, sem referir *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico angolano e português*, a tese para Mestrado em Arquitectura, apresentada por Susana Ferraz na Faculdade de Arquitectura do Porto. Trata-se do estudo mais actual (2005) e completo sobre a cidade de Luanda de que temos conhecimento e que muito nos orientou no nosso trabalho.

Não podemos deixar de registar aqui um último, mas não menos importante aspecto a considerar: a consciência de uma lacuna de que enferma este projecto e que se prende com o facto de não termos procedido à consulta das Actas da Câmara Municipal de Luanda para o período anterior a Novembro de 1975 e de eventuais documentos do Governo Provincial de Luanda<sup>13</sup> relativos à escolha dos novos nomes da toponímia da

---

<sup>13</sup> Neste âmbito recorreremos aos serviços da Secção Cultural da Embaixada de Angola em Portugal. No entanto, apesar da disponibilidade manifestada, não nos puderam fornecer qualquer tipo de informação ou documentação neste campo (exemplo de um conjunto de figuras não identificadas do *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1977).

cidade, assim como à data precisa das mudanças ocorridas, imediatamente após a independência de Angola.

Não nos pudemos deslocar a Luanda, mas recorremos a pessoas que *in loco* registaram e nos enviaram alguma da documentação escrita e iconográfica indispensável à realização desta dissertação.

Apesar dos condicionalismos atrás referidos, acreditamos ter conseguido deixar aqui um apontamento, certamente incompleto, que nos ajuda a conhecer a toponímia da cidade de Luanda.

## Capítulo I- Breve história da cidade de Luanda

### A Cidade Colonial

#### A fundação de Luanda

No curso das viagens de Descoberta empreendidas pelos Portugueses, a partir do século XV, as caravelas sob o comando de Diogo Cão chegaram à foz do rio Zaire. A datação deste acontecimento -1482- pode ser atestada pela inscrição gravada no padrão de Santo - Agostinho.<sup>14</sup>

Diogo Cão estabeleceu, então, relações fortes com o rei do Congo Nzingo a Nkuwu, rei este que, à data da chegada do navegador português, tinha como súbdito o rei do Ndongo<sup>15</sup>, chefe do povo mbundu<sup>16</sup>. À frente deste reino do Ndongo vão aparecer-nos o N'gola Kiluanje e a figura lendária da rainha N'Zinga, hábil diplomata e inimiga dos portugueses. Ambos serão imortalizados na toponímia luandense, após a independência do território angolano em 11 de Novembro de 1975.

Teremos de esperar até 1575, para Paulo Dias de Novais (neto de Bartolomeu Dias) aportar à ilha de Luanda, com um grupo de cem famílias de colonos, mas também, soldados, padres e mercadores. Levava consigo a carta de doação da capitania de Angola, de 19 de Setembro de 1571, outorgada por D. Sebastião, designando-o “governador e conquistador do Reino de Angola”<sup>17</sup>. Nesse documento o soberano justifica a doação: “*vendo e considerando eu o quanto concorreu ao serviço de Nosso Senhor e também ao meu mandar sujeitar e conquistar o reino de Angola, assim para nêle haver de celebrar o culto e ofícios divinos e acrescentar a nossa fé católica e promulgar o santo Evangelho, como pelo muito proveito que se seguirá a meus Reinos*

---

<sup>14</sup> Cf. A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1980, vol.I, p.309:

“ Era da Creaçã do Mudo de Seis Mil Bjc Lxxxj Anos do Nascimento de Nosso Senhor jeshu de Mil CCCCLxxxij Anos o Muj Alto Muj Eicelete Poderoso Principe ElRey Dõ Joam Segundo de Portugal Mãdou Descobrir Esta Terra e Poer Estes Padrões por Diogo Cão Escudeiro de Sua Casa.”

<sup>15</sup> Os reis do reino africano do *Ndongo* apelidavam-se *N'gola* e os portugueses passam a chamar ao território *Angola*.

<sup>16</sup> Luciano Cordeiro citado por Gastão Sousa Dias, *Relações de Angola, Primórdios da ocupação portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, capítulo VII, p.247: “O comércio de Angola, se descobriu desde o tempo de El-Rei D. João II (...) E neste tempo o rei de Angola era amigo e quasi súbdito do rei do Congo e lhe mandava cada ano seu tributo, em modo de presente, e com sua licença iam os portugueses negociar à ilha de Luanda”.

<sup>17</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, pp.33-34.

*e Senhorios e aos naturais deles de se o dito reino de Angola sujeitar e conquistar.*”<sup>18</sup> A escolha de Paulo Dias de Novais reside na “*muita confiança que dele tenho e pelo conhecimento e experiência que tem das coisas do dito reino, do tempo em que nele esteve por meu embaixador, pelo qual, havendo respeito aos serviços que o dito Paulo Dias me tem feito, assim no dito reino de Angola, como em outras partes onde me serviu, em que sempre deu de si toda boa conta...*”<sup>19</sup>

A propósito da confiança manifestada pelo soberano, não se pode esquecer o facto de Paulo Dias de Novais já ter sido enviado, em 1560, à corte do N’Gola, em Cabassa, juntamente com alguns sacerdotes da Companhia de Jesus, numa missão de consequências funestas para estes homens, já que ficaram prisioneiros durante cinco anos. Porém, um inesperado incêndio na povoação onde estavam os prisioneiros teve como desfecho a abertura da região ao comércio português e à evangelização dos padres da Companhia de Jesus.

Em 11 de Fevereiro de 1575, Paulo Dias de Novais desembarca na ilha de Luanda<sup>20</sup>, um feudo do rei do Congo, onde se estabelece com a sua comitiva. Porém, “*Paulo Dias de Novais pouco ali se demorou, tendo-se instalado, em terra firme, no local onde, actualmente, existe a fortaleza de S. Miguel, em meados de 1576. É por essa ocasião que se faz a fundação da «Vila de S. Paulo de Luanda»*”<sup>21</sup>.

Castro Soromenho, em 1939, afirma que “*o comércio de escravos foi o alicerce da cidade de S. Paulo de Luanda*”<sup>22</sup>. Já Fernando Augusto Albuquerque Mourão explica-nos que a criação de Luanda: “*surge como um núcleo defensivo em relação ao mar e à retro-terra; (...) um centro do poder cristão*”<sup>23</sup>. Este autor justifica esta afirmação com o facto da governação portuguesa ter investido na criação e expansão da cidade

---

<sup>18</sup> “Carta de doação, D. Sebastião a Paulo Dias de Novais – Doação da Capitania de Angola” in Gastão Sousa Dias, *Relações de Angola: primórdios da ocupação portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, p. 213.

<sup>19</sup> Idem, ibidem.

<sup>20</sup> O *Roteiro Toponímico da Cidade de Luanda*, de 1974, situa este acontecimento no *Bairro dos Pescadores*.

<sup>21</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p. 3.

<sup>22</sup> Castro Soromenho, “Imagens da Cidade de S. Paulo de Luanda” ,in *Cadernos Coloniais*, nº 55, Lisboa, Editorial Cosmos, 1939, p.22.

<sup>23</sup> Fernando Augusto Albuquerque Mourão, “Luanda: Coexistência e Ruptura do Espaço Africano e do Espaço Europeu - Problemas Metodológicos” in *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África*, Lisboa, Edição do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1995, p.439.

“num período em que a metrópole passava por inúmeras dificuldades, até no que toca à sua sobrevivência como Estado, ou mesmo como Nação, face à Espanha”<sup>24</sup>.

É consensual entre os estudiosos da fundação da capital angolana que a cidade teve o seu núcleo inicial no morro homónimo de S. Paulo de Luanda<sup>25</sup>, local para onde se deslocou Paulo Dias de Novais, vindo da ilha situada na sua frente e onde “*edificou, desde logo, uma capela consagrada a Sam-Sebastião, passando a chamar à nova vila Sam-Paulo de Luanda e intitulado-se ele capitão e governador do novo Reino- de- Sebaste na conquista da Etiópia ou Guiné-Inferior*”<sup>26</sup>. Porém, passados alguns anos, em 1607, Cadornega relata-nos que “*não tem a vila de S. Paulo fortificação alguma e uma casa que tem para feitoria é tal, que nem se lhe pode pôr este nome, porque são umas taipas cobertas de palha e estas mui desbaratadas*”<sup>27</sup>. Por esse facto, Garcia Mendes de Castelo Branco, em 1620, aconselhava o rei a «mandar cercar» a cidade com um muro «de taipa de cinco ou seis palmos de largo», feito com «barro vermelho fortíssimo», tendo no cimo «espigão e ameias de cal».<sup>28</sup> Ao núcleo inicial da cidade pertenciam “*a Igreja de S. Sebastião, e o antigo Palácio do Bispo (...) e outras construções para abrigarem a administração do donatário e de seus homens. Só numa fase mais tardia, as construções começaram a surgir na «cidade alta», ao longo do espigão que vem da praia*”<sup>29</sup>.

### A expansão urbana

Desde a sua fundação que a cidade de Luanda se apresenta com uma “estrutura [que] assentava, ao modo tradicional da cidade da Expansão, numa implantação litoral, em baía resguardada, com carácter basicamente defensivo e comercial”<sup>30</sup>. A cidade desenvolve-se numa perfeita adaptação à topografia local, acidentada e compondo-se de duas zonas distintas que se complementam: a cidade alta, onde se exercem as funções

---

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>25</sup> Consulte-se no Anexo 2 a carta do padre jesuíta Garcia Simões, 1576.

<sup>26</sup> Manuel Ruela Pombo, *Paulo Dias de Novais e a Fundação de Luanda. 25 de Janeiro de 1576 – 25 de Janeiro de 1926. 350 anos depois*, Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1926, p.63.

<sup>27</sup> Gastão Sousa Dias, *Relações de Angola: primórdios da ocupação portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, p.87.

<sup>28</sup> Citado por Ilídio do Amaral, *O Consulado de Paulo Dias de Novais, Angola no último quartel do século XVI e primeiro do XVII*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000, p.109

<sup>29</sup> Fernando Augusto Albuquerque Mourão, “Configurações dos Núcleos humanos de Luanda” in *Actas do Seminário - Encontro de Povos e Culturas em Angola* (Luanda, 3 a 6 de Abril de 1995), 1995, pp.113-114.

<sup>30</sup> José Manuel Fernandes, *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, s/d, p.29

governativas e defensivas (o Palácio do Governador, a Fortaleza de S. Miguel) e a cidade baixa, comercial e portuária. Tal como escreve Castro Soromenho “a cidade (...) é edificada em dois grandes andares, escavados a esmo pelos caprichos da natureza – pequenos morros e vales, áridos e vermelhos, e em baixo, junto à baía, uma faixa de terra vermelhusca, o patamar de Luanda”.<sup>31</sup>

Luanda não foge ao modelo urbanístico que os portugueses implementaram em terras africanas e brasileiras, sendo uma cidade onde, desde o momento da sua fundação, está presente “a articulação de elementos africanos, brasileiros e europeus”<sup>32</sup>. Daqui resulta que o espaço seja ocupado com “o cais ou embarcadouro, com o edifício da alfândega, a igreja, o hospital da Misericórdia, a praça com um coreto, a câmara municipal e o tribunal, e, por vezes o passeio público.”<sup>33</sup> Walter Rossa chama a este fenómeno *portugalidade*, definindo-o como “a política de ordenamento pela medição e urbanização” e considerando-o “um dos aspectos mais relevantes na consolidação do sistema colonial português”<sup>34</sup>.

Inicialmente confinada ao morro de S. Miguel, a cidade expande-se e, com essa expansão territorial, os sucessivos governadores promovem as obras indispensáveis à urbanização do espaço. A população aumentava e, em 1626, ”com sede na igreja do Corpo Santo fora criada a segunda paróquia, porquanto a matriz [sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição], bastante arruinada e abandonada, já era insuficiente para assistir a toda a população”<sup>35</sup>. Tinha em 1621 uma população branca de 400 almas.<sup>36</sup>

Ao aumento populacional de Luanda está directamente ligado o “considerável aumento dos seus edifícios”<sup>37</sup> e, em 1605, sendo governador Manuel Cerveira Pereira, a vila de S. Paulo de Luanda alcança foros de cidade. Em 1662<sup>38</sup>, os oficiais da Câmara e os moradores obtêm os mesmos privilégios dos cidadãos do Porto. Estamos perante o

---

<sup>31</sup> Castro Soromenho, “Imagens da Cidade de S. Paulo de Luanda” ,in *Cadernos Coloniais*, nº 55, Lisboa, Editorial Cosmos, 1939, p.5.

<sup>32</sup> A. H. de Oliveira Marques(coord.), “O Império Africano 1890-1930” in *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.322.

<sup>33</sup> Idem, ibidem, pp.322-323.

<sup>34</sup> Walter Rossa, “A cidade. Palco expressivo de portugalidade” in *Revista Camões*, nº11, [Em linha]. Lisboa.[Consult.26/07/2009].Disponível em:

[http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc\\_details.html?let=R](http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?let=R)

<sup>35</sup> Ilídio do Amaral, *O Consulado de Paulo Dias de Novais, Angola no último quartel do século XVI e primeiro do XVII*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000,p.110.

<sup>36</sup> Cf. Fernando Augusto Albuquerque Mourão, *A Evolução de Luanda : aspectos sócio - demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico*, Tabela 1, p.65. [Em linha]. São Paulo. [Consult. 24/02/2009]. Disponível em: [http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco\\_de\\_textos](http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco_de_textos).

<sup>37</sup> Elias Alexandre da Silva Corrêa, *História de Angola*, Lisboa, Ática, p.220.

<sup>38</sup> Cf. O Alvará concedido por el-rei D. Afonso VI.

reconhecimento oficial da importância da cidade, restaurado que foi o seu domínio para a coroa portuguesa, por obra de Salvador Correia de Sá, em 15 de Agosto de 1648<sup>39</sup>. O calendário litúrgico assinala o dia da Assunção da Virgem Maria aos céus e a cidade passa, então, a ser designada de S. Paulo da Assunção de Luanda “por a terem restaurado no dia da Santíssima Assunção de Maria Virgem (15 de Agosto de 1576)”<sup>40</sup>.

Da longa lista de governadores de Angola, encabeçada por Paulo Dias de Novais, temos de destacar as figuras de D. Francisco Inocêncio de Souza Coutinho (1764-72) e Pedro Alexandrino da Cunha (1845-48). O primeiro, considerado “um dos mais qualificados representantes da administração pombalina”<sup>41</sup> desenvolveu uma obra reconhecida por todos aqueles que estudam a história de Luanda. É do seu governo a construção da Alfândega, o Terreiro Público (um edifício que funcionava como armazém e local de venda de produtos alimentares, devidamente fiscalizado pelas autoridades), o estaleiro naval, o novo Arsenal, a Junta da Fazenda Real e o Passeio Público, junto da Igreja da Nazaré.

Sobre a época do segundo escreve Fernando A. A. Mourão: “*A cidade, que há longos anos não beneficiava com obras públicas de vulto, no governo de Pedro Alexandrino da Cunha (1845/1848) registra uma série de medidas que fazem lembrar a acção de D. Francisco Inocêncio de Souza Coutinho (1764- 1772). Além de uma série de medidas de natureza urbanística, do plantio sistemático de árvores no espaço urbano, a cidade passa a ter um novo referencial toponímico*”<sup>42</sup>.

Façamos aqui um pequeno parêntesis, em termos de costumes. Elias Alexandre da Silva Corrêa<sup>43</sup> é um militar vindo do Brasil que desembarca em Luanda em 1783 e que, na sua *História de Angola*, nos deixa uma descrição minuciosa da vida na cidade no final do século XVIII. Na sua obra dá-nos uma visão pouco abonatória da população branca de Luanda, quando nos informa do número exagerado de escravos que compunham o séquito das senhoras brancas, assim como a falta de cumprimento dos

<sup>39</sup> Cf. Elias Alexandre da Silva Corrêa, *História de Angola*, Lisboa, Ática, 1937, pp.264-265.

<sup>40</sup> Manuel Ruela Pombo, *Paulo Dias de Novais e a Fundação de Luanda. 25 de Janeiro de 1576 – 25 de Janeiro de 1926. 350 anos depois*, Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1926, p.88. Este autor, certamente, baseou-se na seguinte passagem de Elias Correia “ Desta sorte se restaurou a Capital do Reyno de Angola no mencionado dia 15 de Agosto em que a Santa Igreja celebra a Assumpção de Nossa Senhora”.

<sup>41</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, ...,p.4.

<sup>42</sup> Fernando Augusto Albuquerque Mourão, *A evolução de Luanda: aspectos sócio - demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico*, p.60. [Em linha]. São Paulo. [Consult. 24/02/2009]. Disponível em: [http://www.casadasafricanas.org.br/site/?id=banco\\_de\\_textos](http://www.casadasafricanas.org.br/site/?id=banco_de_textos)

<sup>43</sup> “Sargento-mor. Esteve em Luanda em fins do século XVIII e é autor da «História de Angola», recentemente editada pelo Arquivo Histórico Colonial...” in Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Imprensa Nacional de Angola, 1939, p. 52.

deveres de bons cristãos da comunidade portuguesa residente na cidade<sup>44</sup>. Pepetela, por seu turno, refere que se podia classificar esta forma de estar dos colonos portugueses de “vida licenciosa e de péssimos costumes”<sup>45</sup>.

No século XIX, vários relatos nos dão informações sobre o estado de desenvolvimento da cidade. George Tams, um médico de visita a Luanda, em 1841, descreve-nos, maravilhado e surpreendido, uma cidade em que: “*A grande porção de casas edificadas ao estilo europeu, muitas das quais espaçosas, umas com telhados vermelhos, outras azuis, os muros caídos de branco ou de amarelo, as lindas torres das igrejas, o palácio do governador e o visinho forte, excitam grandemente a surpresa do estrangeiro*”<sup>46</sup>.

Alguns anos mais tarde, Lopes de Lima, em 1846, e John Monteiro, em 1858, elogiam Luanda, quer pelo seu desenvolvimento, em termos urbanísticos, quer pela sua beleza. John Monteiro adianta-nos dados de carácter demográfico, referindo-nos um fundo populacional de cerca de 10.000 a 12.000 habitantes, um terço dos quais de origem europeia.<sup>47</sup>

A autoridade máxima do território, o governador Caetano de Almeida Albuquerque faz, em 1877, um discurso demolidor, quando nos descreve uma cidade sem iluminação pública e abastecimento de água, sem verdadeiras ruas e cujos principais edifícios se encontram em ruínas.<sup>48</sup>

Passados dez anos, em 1887, desembarca em Luanda o futuro major Artur de Moraes que nos deixa mais uma descrição da cidade. Uma visão que não é muito abonatória para a localidade: “A rua Salvador Correia era, naquele tempo, de areia movediça...”<sup>49</sup> Mais adiante, escreve “Na fortaleza de S. Miguel e no Terreiro Público havia água das cisternas “, já que “só cerca de um ano depois [1889] a cidade teve água canalizada do rio Bengo...”<sup>50</sup>. Este militar continua a sua descrição da cidade, criticando as habitações particulares em ruínas e destacando, pela positiva, algumas construções oficiais, tais como o Observatório Meteorológico, os Quartéis de Caçadores

---

<sup>44</sup> Cf. Elias Alexandre da Silva Corrêa, *História de Angola*, Lisboa, Ática, 1937, pp.87-88.

<sup>45</sup> Pepetela, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine, 1990, p.60.

<sup>46</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p.19.

<sup>47</sup> Cf. Fernando Batalha, *A Urbanização de Angola*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1950, p.15 e Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p. 59.

<sup>48</sup> Cf. Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p. 17.

<sup>49</sup> Major Artur de Moraes, *Memórias de Angola*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, p.47

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p.48

2 e 3, a Junta da Fazenda, o Palácio do Governo e o Hospital Maria Pia (à data em fase de acabamento).

Do atrás exposto, pode resultar uma apreciação muito negativa sobre as condições de vida na Luanda de Oitocentos. Porém, conjugando – a com outras informações da época, a conclusão final resulta, francamente, menos negativa. Basta prestar atenção a um conjunto de melhoramentos<sup>51</sup>: iluminação pública<sup>52</sup> (em 1864); inumação dos mortos (construção do cemitério público, do Alto das Cruzes<sup>53</sup>); cultura<sup>54</sup> (criação do Observatório, em 1825 e da Biblioteca, em 1873); protecção e socorro às populações (constituição de companhias dos incêndios<sup>55</sup>, em 1844); comércio local<sup>56</sup> (abertura do Mercado da Quitanda Grande, em 1816); lazer (o Jardim da Cidade Alta<sup>57</sup>, em 1869); saúde pública<sup>58</sup> (construção do Hospital Maria Pia, em 1883); comunicações<sup>59</sup> (instalação dos Correios, em 1865, dos telefones interurbanos, em 1884, do cabo submarino, em 1886); abastecimento de água (concretizado a partir do rio Bengo, em 1889 e, anteriormente, assegurado por “*poços da Maianga, nas cacimbas da ilha e nas cisternas de alguns edifícios públicos, e ainda através do serviço de*

---

<sup>51</sup> Estes melhoramentos são elencados pelos vários autores dos estudos sobre a cidade de Luanda ao longo dos tempos consultados: Fernando Batalha (1950), Manuel da Costa Lobo Cardoso (1950 e 1954), Ilídio do Amaral (1968), José de Almeida Santos (1966 e 1971-72), e Pepetela (1990).

<sup>52</sup> “Estamos a referir-nos a iluminação a azeite de ginguba, em 1839, a gás, até 1900, excepcionalmente, em 1897 e 1900, a petróleo e, a partir de 1938, a electricidade” (Manuel da Costa Lobo Cardoso, *São Paulo da Assumpção de Luanda, Apontamentos para a sua História*, Luanda, Museu de Angola, 1950, pp.63-64).

<sup>53</sup> “Na década de 20 [século XIX] os enterros de cristãos em Luanda eram feitos num cemitério junto à ermida da Nazaré e noutros junto à capela do Rosário, à Igreja dos Remédios e ao Convento do Carmo. O governador Castelo Branco propôs a abertura de outro «nos altos que chamam das Cruzes para o enterro dos Negros». Of. 14 de N. Castelo Branco” (Aida Freudenthal, José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janeiro, *Angola do século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas*, Lisboa, Maisimagem, 2010, nota 123, p.91). A este respeito, podemos, ainda, citar Pepetela, a páginas 69 “O nome Alto das Cruzes servirá mais tarde para designar o antigo cemitério das classes dominantes, cujo muro e frontispício foram terminados em 1859, mas que já existia pelo menos quando foi edificada a Igreja da Nazaré (segunda metade do século XVII).

<sup>54</sup> Cf. Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga, ...*, p.18 e *Subsídios para a História de Luanda, ...*, p.29.

<sup>55</sup> Cf. Aida Freudenthal, José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janeiro, *Angola do século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas*, Lisboa, Maisimagem, 2010, p.81.

<sup>56</sup> Cf. Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga, ...*, p.17.

<sup>57</sup> Sobre este e os restantes espaços públicos da cidade ao longo da sua história ver Susana Ferraz, *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2005, p.114.

<sup>58</sup> Cf. Aida Freudenthal, José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janeiro, *Angola do século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas*, p.80.

<sup>59</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.58 e Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga, ...*, p.17 e *Subsídios para a História de Luanda, ...*, p.30.

*transporte de água do Bengo*<sup>60</sup>”; ligações da cidade com interior de Angola (com a construção do caminho de ferro de Luanda a Malange, em 1861); desenvolvimento da banca<sup>62</sup> (instalação da sucursal do Banco Nacional Ultramarino, o primeiro banco emissor, desde 1865). Ao longo do século XIX, são, igualmente, notórias preocupações com a higiene pública, como se comprova por posturas municipais que atravessam este período. Destaque-se, a este propósito, o Código de Posturas do Município<sup>63</sup>, dos anos 50, estatuidando as proibições e as respectivas multas.

As ruas da cidade baixa seriam, ainda no século XIX, “de terra batida e algumas empedradas”<sup>64</sup>. Segundo Ilídio do Amaral, chegamos ao primeiro quartel do século XX com “ruas tortuosas, abertas nos areais que se acumulavam, sobretudo, na parte baixa, depositados pelas enxurradas da estação chuvosa”<sup>65</sup>.

Fora do âmbito das realizações materiais, é de destacar o aparecimento na cidade, no decurso do século XIX, de vinte e seis jornais, “que tinham sede, redacção, proprietários, na província”.<sup>66</sup> É igualmente importante referir a existência na cidade de três locais destinados à representação dramática, com destaque para o Teatro Providência, o qual abre portas em 1850 e que dá nome a uma travessa de Luanda, a partir de 1869.<sup>67</sup>

No século XX, mais concretamente até aos últimos anos da Segunda Guerra Mundial a cidade mantém-se em “hibernação”<sup>68</sup>, do qual sairá para um período de grande desenvolvimento. Em 1939, a propósito do crescimento da cidade, Castro Soromenho escreve: “Nos últimos anos Luanda tem-se desenvolvido a olhos vistos,

---

<sup>60</sup> A. H. de Oliveira Marques(coord.), “O Império Africano 1890-1930” in *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.396.

<sup>61</sup> Esta linha só verá a sua conclusão em 1909.(Cf.Fernando Batalha, *A Vila do Dondo*, Luanda, Centro de Informação e Turismo, 1962, p.7.

<sup>62</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda, ...*,p.29.

<sup>63</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *São Paulo da Assumpção de Luanda, Apontamentos para a sua História,...*,p. 57.

<sup>64</sup> A. H. de Oliveira Marques(coord.), “O Império Africano 1890-1930” in *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.397.

<sup>65</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.60.

<sup>66</sup> Vittorio Salvadorini, “Os primeiros números de um jornal de Angola: O Cruzeiro do Sul” in *Actas da I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3º quartel do séc. XIX*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1989, p.117.

<sup>67</sup> Cf. Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1951, p.19 e Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Imprensa Nacional de Angola, 1939, p.86.

<sup>68</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000,pp.60.

enriquecida em espaço e riqueza de edifícios”<sup>69</sup>. O autor descreve-nos um espaço urbano acolhedor, com a “cidade alta onde se vêem avenidas rasgadas com elegância, arborizadas e ladeadas por chalets com jardins abeirados dos passeios públicos”<sup>70</sup>. Para a mesma data, Ilídio do Amaral refere a existência na cidade de 78 ruas, 19 travessas, 20 praças e largos, 10 calçadas, 2 becos e 10 avenidas.<sup>71</sup>

Dado que “Luanda viu duplicar a sua população num espaço de trinta anos”<sup>72</sup> é imperioso aumentar a área urbanizada, com a construção (nos anos 50 do século XX) de novos bairros residenciais: Vila Alice, Vila Clotilde, Caop, Cruzeiro, etc.<sup>73</sup>, assim como a abertura de novos arruamentos - as ruas Serpa Pinto, Paiva Couceiro, Sá da Bandeira, D. João II, as avenidas de Lisboa, dos Combatentes, do Brasil. Por sua vez, as ruas General Carmona e Mouzinho de Albuquerque expandem-se na direcção dos bairros periféricos da cidade.<sup>74</sup>

Ilídio do Amaral apresenta-nos dados sobre a população e o crescimento da área da cidade de Luanda<sup>75</sup>, dados que o levam a falar de “desenvolvimento explosivo de Luanda, a partir de 1940”<sup>76</sup>. Destes fenómenos resultou, segundo este autor, o aumento da área da cidade, com a consequente necessidade de “integração das novas parcelas na administração urbana”, sendo que “os limites do foral da cidade foram alargados em 1947, em 1956 e em 1960”<sup>77</sup>. Igualmente consequência deste crescimento urbano acelerado, a cidade vê-se confrontada com o grave problema da especulação imobiliária, com destaque para a zona da Baixa, obrigando ao crescimento invasivo da construção de prédios nas áreas dos muceques e ao afastamento destes para zonas cada vez mais

---

<sup>69</sup> Castro Soromenho, “Imagens da Cidade de S. Paulo de Luanda” ,in *Cadernos Coloniais*, nº 55, Lisboa, Editorial Cosmos, 1939, p.23.

<sup>70</sup> Idem, ibidem, p.21.

<sup>71</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000,Quadro VI da p.57.

<sup>72</sup> A. H. de Oliveira Marques(coord.), “O Império Africano 1890-1930” in *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.323.

<sup>73</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000,pp.56-59

<sup>74</sup>Cf. Isabel Martins, *Luanda – a cidade e a arquitectura*, Dissertação para Doutoramento em Arquitectura, FAUP, Porto, 2000, pp259-261.

<sup>75</sup> Consulte-se Anexo 31.

<sup>76</sup> Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000,p.56.

<sup>77</sup>Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.103. A propósito dos primeiros forais da cidade, consulte-se a compilação de textos legislativos insertos no *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, publicado pela Câmara da cidade em 1939, pp.18-28.

distantes.<sup>78</sup>A cidade assiste, nos últimos quinze anos do domínio português, ao nascimento de novos bairros: Alvalade, Prenda, Cruzeiro, Terra Nova, Popular, Sarmiento Rodrigues, Américo Tomás e Salazar (os dois últimos situados no extremo sudoeste da cidade, junto ao aeroporto internacional). Bairros novos que, em conjunto com os anteriores, albergavam 480 613 habitantes, em 1970.<sup>79</sup>

Dados recolhidos por este estudioso da realidade luandense mostram-nos que o aumento da área urbana reflectiu-se nos problemas de circulação já que “a circulação de automóveis ligeiros quintuplicou e a de bicicletas, simples e motorizadas, quase sextuplicou”,<sup>80</sup> apesar do aumento do número e da frequência das carreiras de transportes públicos (com origem no Largo da Mutamba) postos à disposição dos habitantes da cidade.

A par do aumento populacional e do conseqüente aparecimento de novos bairros assiste-se a uma preocupação governamental, a nível local e nacional de requalificar o espaço urbano, dotando-o de infra-estruturas e serviços, a saber: serviço de transporte públicos colectivos, contando com sete carreiras em 1952, e alargamento da rede viária; novos equipamentos, como o Palácio das Comunicações, em 1921/23, o Palácio do Comércio, em 1929, o Cinema Nacional, em 1932, o Liceu Nacional de Salvador Correia, em 1942, o Porto de Luanda, em 1945. A partir de 1961, são três os liceus abertos em Luanda: o Salvador Correia, o D. Guiomar de Lencastre e o Paulo Dias de Novais. Nos anos 60, assiste-se no ensino ao nascimento de mais equipamentos: o Instituto Industrial e o Comercial, e os Estudos Gerais Universitários (com alguns cursos), em 1963<sup>81</sup>.

Importante para um espaço urbano é, igualmente, o conjunto dos transportes que asseguram a rápida ligação com os espaços exteriores, mais próximos ou mais longínquos. Os transportes aéreos desempenham aqui um papel fulcral e Luanda não foge à regra com o Aeroporto Presidente Craveiro Lopes, cujas obras ficaram concluídas em 1966. Nele operavam carreiras aéreas para ligações ao interior (através

---

<sup>78</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.98.

<sup>79</sup> Dados colhidos em Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, pp.107-108 e Fernando Augusto Albuquerque Mourão, *A evolução de Luanda*, p.67.

<sup>80</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.108.

<sup>81</sup> Cf. Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.99.

da Divisão dos Transportes Aéreos) e ao exterior do espaço angolano (através da TAP, Sabena, South Africa Airways, Air Congo e outras).<sup>82</sup>

A respeito da política oficial para Angola, Luanda em particular, José Manuel Fernandes afirma ter existido uma “redinamização e (...) maior intervenção do Estado, após o início da Guerra Colonial, em 1961”. A referida política, segundo este autor, consubstanciou-se num conjunto de “infra-estruturas (barragens, pontes, estradas, aeroportos), (...) equipamentos e bairros (espaços públicos e bairros sociais)”<sup>83</sup>.

O Governador de Angola Horácio da Silva Rebelo deixa-nos, em 1961, nas suas memórias, um conjunto de informações sobre o seu período de governação. Atente-se no discurso de tomada de posse do Presidente da Câmara de Luanda, em 1957, quando afirma que: “Luanda não tem a sua urbanização estudada e disciplinada (...) Luanda não resolveu o problema da habitação para uma centena de milhar de indígenas”<sup>84</sup>. Esta apreciação é, no entanto, substituída, em 1961, por outra, radicalmente oposta, quando escreve: “*Não há dúvida, porém, que apesar da grandeza dos problemas da cidade e das dificuldades das soluções, a capital aumentou extraordinariamente de 1956 para 1960 (...) a cidade estendeu-se consideravelmente e, a partir de 1957 dentro de normas seguras de urbanização*”<sup>85</sup>. Em seguida, regista o nascimento dos bairros da Maianga, de Catete, da L.A.L. (Luz e Água a Luanda), da Praia do Bispo, do Muceque Burity. Defende o esforço de modernização do espaço urbano, com “*o desaparecimento dos velhos edifícios nos sítios onde hoje se estendem as Avenida Marginal, a Salvador Correia, a D. João II, e tantas outras*”<sup>86</sup>, acabando por concluir “*Luanda (...) é hoje [1961] a capital digna de um grande território como Angola, e uma das cidades maiores e mais formosas de toda a África*”<sup>87</sup>. É a visão, o balanço de um político que nos quer mostrar as marcas positivas da sua governação.

Para terminar, detemo-nos numa visão substancialmente diferente da realidade de Luanda: a reflexão de Pepetela que, depois de analisar o crescimento da cidade de Luanda, a partir de 1929, com todos os problemas a ele inerentes (de habitação, de falta de ordenamento do espaço urbano e de infra-estruturas), concluiu que “a cidade de Luanda é o fardo mais pesado legado a Angola por Portugal. A Natureza dele fez um

---

<sup>82</sup> Cf. João Loureiro, *Memórias de Luanda*, Lisboa, Maisimagem - Comunicação Global, Lda, 2002, p. 103.

<sup>83</sup> José Manuel Fernandes, *Geração Africana, Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte, 2002, p.34.

<sup>84</sup> Horácio de Sá Viana Rebelo, *Angola na África deste tempo*, Lisboa, Edição do Autor, 1961, p. 70.

<sup>85</sup> Horácio de Sá Viana Rebelo, ob. cit., p. 73.

<sup>86</sup> Horácio de Sá Viana Rebelo, ob. cit., p. 74.

<sup>87</sup> Idem, ibidem.

fardo bonito, não os homens”<sup>88</sup>. Esta é a visão de um angolano de Benguela, originário de uma família portuguesa metropolitana. Após a independência da colónia, Pepetela opta pela nacionalidade angolana e ocupa um lugar no governo do novo país que nasce em 1975.

Duas visões bem diferentes de uma mesma realidade, porque oriundas de personalidades posicionadas em campos politicamente opostos. Acreditamos que Pepetela, ao utilizar o termo *fardo*, revela um conhecimento real da situação de uma cidade cujas infra-estruturas se apresentam desajustadas para um fundo populacional que não tem parado de crescer.

### **As plantas da cidade e as suas artérias**

Não pretendemos, aqui, fazer uma longa e cansativa listagem das ruas e, posteriormente, das avenidas que as sucessivas autoridades da governação da cidade de Luanda e do território angolano foram traçando. As artérias da cidade são o essencial deste trabalho, sim, mas no que as suas designações nos transmitem enquanto lugares de memória.

Nesta fase do nosso estudo, as plantas, vistas e perspectivas da cidade - um conjunto de documentos desde o século XVII até ao século XX - revelam-se, então, as fontes indispensáveis para aferir da real evolução do espaço urbano. Essas plantas, vistas e perspectivas do período de domínio colonial português são documentos da autoria de particulares, civis ou de militares; portugueses ou estrangeiros, mandadas executar por entidades oficiais - Governadores Gerais de Angola e Vereadores da Câmara Municipal de Luanda. São, pois, trabalhos oficiais na sua maioria. Os originais estão guardados na Biblioteca da Ajuda, no Arquivo Histórico Ultramarino e na Sociedade de Geografia, em Portugal e no Arquivo Histórico Nacional, em Luanda e as suas reproduções encontram-se em obras especificamente dedicadas a este tipo de documentos históricos – o *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, de Luís Silveira e a *Colecção de Gravuras Portuguesas – Luanda*, de João Camacho Pereira - ou em estudos de diversa natureza sobre a cidade de Luanda, da autoria de Ilídio do Amaral, Manuel da Costa Lobo Cardoso, Pepetela, Pedro Dias.

As reproduções que apresentamos no nosso estudo foram extraídas dos exemplares da Biblioteca da Ajuda – Planta de 1626 -; do segundo volume do *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, de Luís Silveira – as Plantas de

---

<sup>88</sup> Pepetela, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine, 1990, p.99.

1647, 1698, 1757, 1816, 1846, 1900, 1926; das *Memórias de Luanda*, de João Loureiro – as Plantas de 1938 e 1968 -, a *Luandando*, de Pepetela fomos buscar a Planta de 1977. A Planta de 1974 é um exemplar da nossa coleção pessoal.

A primeira planta é de 1626 e faz parte dos chamados *Livros de Fernão de Sousa*, Governador de Angola no período que vai de 1627 a 1630 e tem por título *Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Loanda como se ve pelo alfabeto nella* e em cujo verso se averbou “Cópia da Planta da fortificação do Porto e cid.<sup>e</sup> de Loanda”<sup>89</sup>. É a planta mais antiga de Luanda e encontra-se na Biblioteca da Ajuda. No Códice 51-IX-21 “guarda-se” esta verdadeira preciosidade cartográfica, em conjunto com os outros dois documentos iconográficos enviados pelo atrás citado Governador ao rei dessa altura, Filipe III – uma vista e planta (*Descrição da barra do Reyno de Angola que esta en altura de oyto grãos. E mejo e na qual se mostra as bahias. E todas as entradas que nellas há. Como se eu pellas declarasois neste alfabeto aqui apontadas*) e um esboço ou *croquis* de fortificação da cidade<sup>90</sup>. O Governador pretende com o envio desta planta sensibilizar o soberano da época para a concessão de meios tendentes a uma conveniente defesa da cidade. Apenas encontramos este documento cartográfico reproduzido por Fernando Heitor Gomes Teixeira nos Anexos da sua *Tese de Doutoramento*.

Do período em que Luanda esteve ocupada pelos holandeses (1641-1648), temos duas plantas em análise<sup>91</sup>, a *Civitas Loandae S. Pauli*, a qual se encontra numa obra do teólogo, historiador e cartógrafo holandês, Casparus Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia et álibi nuper gestarum, sub praefectura illustrissimi Comitiss I. Mauritt, Nassoviae, §c Comitiss, nunc Vesaliae Gubernatoris § Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Auriaco Ductoris, Historia*, uma obra impressa em Amesterdão, em 1647 e a *Planta della città di Loanda ó S. Paulo Metrop. del regno d' Angola* que ilustra o Livro Sexto da *Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la Corona di Portogallo e la Republica di Olanda composta, ed offerta alla Sagra Reale Maestá di Pietro Secondo Re di Portogallo* §c, de Frei Giovanni Giuseppe di Santa Teresa, uma obra datada de 1698 e impressa em Roma. Do primeiro documento existe um exemplar

---

<sup>89</sup> Cf. Fernando Heitor Gomes Teixeira, *A visão da cidade no século XVII. Luanda vista por Cadornega*, Tese de doutoramento em Literatura apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982, pp.192-193.

<sup>90</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>91</sup> Os autores da primeira planta são F. Post e da segunda Andreas Antonius Horatij e H. Vincent (Cf. Fernando Heitor Gomes Teixeira, *ob.cit.*, p.203 e p. 207). Do primeiro não lográmos mais informação, dos segundos sabemos serem, também, os autores das restantes gravuras da *Istoria delle guerre...*, as de S. Luís do Maranhão, do Rio de Janeiro, da Paraíba.

no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa e outro no Arquivo Histórico Nacional, em Luanda e o mesmo está reproduzido na obra de Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*; o segundo documento tem o seu original no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa e está reproduzido em João Camacho Pereira, *Colecção de Gravuras Portuguesas – Luanda*, para além da citada obra de Luís Silveira. Estas plantas estão, ainda, reproduzidas no *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, de 1939 e na obra académica de Fernando Heitor Gomes Teixeira.

Três militares em exercício de funções em Angola deixam-nos um conjunto precioso de material cartográfico dos séculos XVIII, XIX e início do XIX: o sargento-mor de Infantaria, com exercício de engenharia, Guilherme Joaquim Paes de Menezes desenhou a *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios*, de 1755 e a *Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo da Assumpção do Reyno de Angola*, em 1757; o capitão-de-fragata da Armada, José Joaquim Lopes de Lima é o autor da *Planta e Perspectiva do Porto de Loanda*, de 1846 e o chefe de Estado Maior e Governador de Angola, José Baptista Alves Roçadas desenhou a *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, em 1900. As plantas do século XVIII encontram-se no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa e podemos ver reproduções da planta de 1755 na obra de Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana e Luandando*, de Pepetela e da planta de 1757, em Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo, África Ocidental*.

A *Planta e Perspectiva do Porto de Loanda*, de 1846, tal como a *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, em 1900, encontram-se reproduzidas nas obras já citadas de Luís Silveira, assim como, na de João Camacho Pereira. O primeiro documento encontramos-lo no livro 3º dos *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas*. Desconhecemos, no entanto, o local onde se guarda o original do segundo documento.

No século XIX, em 1861, F. Dutra, por ordem do Governador Geral Calheiros levanta a planta *Loanda Capital de Angola*, litografada em 1862, por ordem do então Ministro da Guerra, Visconde de Sá da Bandeira. O original encontra-se na Sociedade de Geografia de Lisboa e podemos ter acesso às suas reproduções nas obras citadas de Luís Silveira, João Camacho Pereira e Pepetela. Manuel da Costa Lobo Cardoso analisou esta planta num estudo intitulado “História da Planta da Cidade de Luanda” publicado em 1969, considerando-a um trabalho “muito perfeito para a época, excelente de desenho e impressão”.

Numa edição de uma empresa de publicidade para a *Planta e Roteiro da Cidade de Loanda*, em 1926 aparece-nos o *Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, reproduzida por Ilídio do Amaral no seu estudo sobre a cidade.

A Câmara Municipal de Luanda publica a *Planta e Roteiro da Cidade de Luanda*, em 1938, a *Planta e Roteiro da Cidade de Luanda*, de 1938, a *Planta de Luanda*, em 1968, e o *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1974.<sup>92</sup> João Loureiro na sua obra *Memórias de Luanda*, reproduz as plantas de 1938 e 1968.

O geógrafo Ilídio do Amaral publicou na sua obra *Luanda. Estudo de Geografia Urbana* uma planta de Luanda e os seus arredores, importante para uma perfeita avaliação do crescimento da cidade<sup>93</sup> na fase final do período colonial. Por fim, a última planta analisada, o *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1977, do período imediato à independência de Angola, é o primeiro documento cartográfico da jovem República Popular de Angola, elaborado por uma empresa particular de construção e está reproduzida por Pepetela na sua obra sobre a evolução da cidade, *Luandando*. Nesta planta conhecemos as novas designações das artérias da cidade, assim como, dos seus equipamentos.

Igualmente fundamentais neste nosso estudo, revelaram-se algumas vistas e perspectivas da cidade: a *Vista da cidade de Loanda Metropoli del Regno di Angolá nella Etiopia Inferiore*, uma gravura datada de 1698 e integrando a já atrás referida obra de Frei Giuseppe di Santa Teresa e reproduzida por João Camacho Pereira; a *Vista de parte da Cidade de S. Paulo de Assunção do Reyno de Angola*, de 1755, com o original no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa e reproduzida por João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, Luanda e a *Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola*, de 1816 “a mais espectacular, precisa e objectiva vista panorâmica de Luanda”<sup>94</sup>, com o seu original guardado na Sociedade de Geografia de Lisboa e reproduzida nas obras atrás citadas de Luís Silveira, João Camacho Pereira e Pepetela. O Arquivo Histórico Ultramarino guarda, igualmente, uma excelente reprodução da autoria da Imprensa Nacional de Angola.

---

<sup>92</sup> A Câmara Municipal de Luanda publicou uma planta em 1953 que não analisamos dado só termos tido acesso a uma reprodução demasiado reduzida, não sendo possível a sua leitura. Esta reprodução consta de uma publicação conjunta da autoria do Ministério da Cultura e Direcção Geral das Artes, alusiva à representação portuguesa na 8ª Bienal Internacional de Arquitectura de S. Paulo.

<sup>93</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda, Ensaio de Estudo de Geografia Urbana*, p.60, apelida este crescimento de “explosivo”.

<sup>94</sup> Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.IV, p.197.*

Da leitura de todos estes documentos cartográficos e iconográficos podemos, por um lado, ver o crescimento da cidade de Luanda e o desenho que o espaço urbano vai apresentando e, por outro, conhecer a toponímia.

Como já referimos anteriormente, a povoação de Luanda nasceu, em 1576, no morro de S. Miguel e a partir daí, seguindo um modelo definido pela Coroa Portuguesa para os espaços ultramarinos, vai crescendo. No morro da fortaleza nasce a Cidade Alta, zona de localização dos representantes militares, civis e religiosos. A cidade comercial e residencial, a Cidade Baixa, vai espriar-se pela base do morro e para o planalto. A ligar as duas partes da cidade temos aquela que, mais tarde<sup>95</sup>, será a Rua Diogo Cão, que vai do Largo do Palácio do Governador até à ponte que liga a cidade continental à ilha de Luanda.

A *Planta de 1626* mostra-nos a fisionomia da cidade, passados, apenas cinquenta anos da sua fundação. Sabemos que é um pequeno aglomerado urbano onde vivem, em 1621, 400 brancos<sup>96</sup>. Desconhecemos os valores para a população não europeia cujo número seria, sem dúvida, superior. A preocupação do Governador, patente no título da planta é de natureza defensiva, embora ela nos mostre, simultaneamente, o desenho da cidade e o património edificado – “a Cerca dos Padres da Companhia [de Jesus]”, “O [forte e ermida] Santo Amaro”, “O Mosteiro de São José”<sup>97</sup>. Já a legenda reforça a preocupação em justificar ao rei - Filipe III a quem é dirigida - a construção de um eficiente sistema defensivo<sup>98</sup>, através de baluartes, devidamente assinalados, que rodeiem a cidade em toda a sua extensão e a protejam de eventuais invasões (no governo anterior de Simão de Mascarenhas os Holandeses estiveram no porto de Luanda). Da leitura da legenda podemos registar a existência de uma rua (Rua Direita) e de duas praças e nela se manifesta, igualmente, a intenção de construir “um caminho pela ladeira do Monte pera se comunicar hua com outra e com a cidade”<sup>99</sup>.

No século XVII – de 1641a1648 - Luanda vive a ocupação holandesa e a *Restauração* da sua ligação à metrópole portuguesa. Neste século, a população aumenta

---

<sup>95</sup> Esta designação aparece referenciada, em 1848, no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, nº 148, de 29 de Junho de 1848.*

<sup>96</sup> Fernando Augusto Albuquerque Mourão, “Configurações dos Núcleos Humanos de Luanda, do século XVI” In *Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, Tabela 1, p.205.

<sup>97</sup> Fernando Heitor Gomes Teixeira, *A visão da cidade no século XVII. Luanda vista por Cadornega, ob. cit.*, p.195-196.

<sup>98</sup> Nas plantas posteriores a esta vemos que as propostas do Governador foram aceites, uma vez que a cidade fica rodeada de uma verdadeira cintura de Fortes, Fortalezas, Redutos e Guardas da Praya.

<sup>99</sup> Na legenda da Planta, identificada com a letra M.

e a cidade cresce, apesar das contingências militares atrás referidas. Testemunhos desse crescimento são a necessidade de uma nova paróquia (a do Corpo Santo)<sup>100</sup> e a construção de uma nova fortaleza (o Forte de Santo Amaro). As duas plantas desta época – a *Civitas Loandae S. Pauli*, de 1647 e a *Planta della città di Loanda ó S. Paulo Metrop. Del regno d'Angola*, de 1698 – mostram-nos uma cidade com “a configuração que ainda hoje possui: a parte alta, cindida pelo vale da Mayanga e a «baixa» circundando a baía”<sup>101</sup>. Estas plantas não nos dão indicações sobre a toponímia, apenas nos dão a localização dos espaços públicos (os quais aparecem sem designação própria à excepção de uma *Rua Direita*, na Planta de 1626) e referenciam as principais construções civis, militares e religiosas. No caso da planta de 1698, aparecem referenciadas duas praças (com os números oito e treze). Porém, sabemos por outra fonte - o Padre Jesuíta Baltazar Barreira, sacerdote que acompanhou Paulo Dias de Novais - da existência de uma “praça de Luanda, que se foi formando a pequena distância do morro de S. Paulo (...) a que chamavam de Feira”<sup>102</sup>. Mostram-nos, também, uma preocupação em definir um eixo estruturante em direcção ao forte construído no morro de S. Miguel, assim como a organização do espaço urbano, numa adaptação ao meio envolvente, com a implantação das comunidades humanas ao longo da linha de costa.

Passados cinquenta e sete anos sobre a data desta última planta e já em meados do século XVIII, a planta de 1755, a *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.ª de N. S.ª dos Remédios*, permite obter informações sobre as ruas, bairros e becos da cidade, respectivas designações em português e na língua da população nativa. Possibilita ainda conhecer as construções de natureza religiosa, militar e civil, aferindo do seu crescimento face ao século anterior. Tem, agora, quatro bairros e as ruas são já quatro, as ladeiras três, um beco, uma travessa, duas calçadas, um caminho, duas calçadas e uma estrada. No entanto, nesta planta podemos ver uma “cidade de plano confuso, de ruas tortuosas”<sup>103</sup>. Os bairros aparecem discriminados no canto superior esquerdo da planta e delimitados de acordo

---

<sup>100</sup> Veja-se o Anexo 18, a *Vista de parte da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola, terminada entre as Fortificações e mais partes seguintes*, 1755, onde aparece identificada com o número 2.

<sup>101</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p.9.

<sup>102</sup> Idem, ibidem. Da análise destas plantas – 1626, 1647 e 1698- julgamos poder concluir que a Praça é a que se abre junto ao convento dos Jesuítas, a primeira de Luanda.

<sup>103</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana in Memórias*, Lisboa, Junta de Investigações, 1968, II Série, vol.53, p.44.

com zonas de implantação das companhias militares em serviço na cidade: *Bairro da Cidade Alta, da Em Combota, do Corpo Santo e de N. Sr<sup>a</sup> dos Remédios*. Na parte inferior, a planta apresenta as construções militares (quatro redutos e um forte) e religiosas (cinco igrejas e uma capela) e as ruas da cidade, cujas designações são objecto de análise no capítulo II.

Em 1757, a *Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola* apresenta algumas diferenças em relação à legenda das construções religiosas e militares referenciadas na Planta de 1755 atrás analisada: novas construções (o Convento de S. Jozé e a Igreja de N. S. do Cabo) e novos topónimos (Mayanga e Samba).

Através de Pepetela, sabemos que, no fim do século XVIII, a cidade já tinha “dez bairros (...) cinco bairros que formariam o centro e cinco outros que constituiriam a periferia da cidade”<sup>104</sup>

Para mostrar a dimensão da cidade neste século, Ilídio do Amaral refere que “bairros como a Maianga, as Ingombotas, o Maculusso (Alto das Cruzes) e outros, bem no interior da cidade actual, representavam ainda os arredores de Luanda”<sup>105</sup>. O autor justifica a sua afirmação com a referência num documento oficial à passagem de leões na área do Convento do Carmo.

No século XIX, a planta e a perspectiva analisadas - *Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Luanda no Reino do Congo*, de 1816 e a *Planta Loanda Capital de Angola*, de 1861 - mostram o crescimento da cidade que Pepetela e Ilídio do Amaral deixam entrever nos seus apontamentos. No primeiro caso, o material cartográfico tem, na margem direita, uma legenda explicativa da cidade, na qual podemos colher alguma informação sobre a toponímia. No último documento vemos as ligações do bairro da Maianga com o centro da cidade: o *Caminho da Maianga para a cidade alta*, o *Caminho da Maianga para a cidade baixa*. Afastados do centro da cidade, também, as *Ingombotas* e o *Alto das Cruzes*, este ladeado por dois muceques: o *Muceque Van Dunen* e o *Muceque do Torres*.

A planta delimita o espaço da Cidade Alta e da Cidade Baixa. Nestes espaços aparecem identificadas duas ruas, três caminhos, cinco largos, cinco bairros, cinco muceques, nove praças, duas calçadas e uma estrada. Aparecem, também, o Hospital, o

---

<sup>104</sup> Pepetela, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine, 1990, pp.50-51.

<sup>105</sup> Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000, Quadro VI da p.55.

Palácio do Bispo e do Governador, o Colégio, o Quartel, o Mosteiro de S. José, a Fortaleza de S. Miguel.

O século XX é rico em documentação cartográfica da cidade, permitindo-nos um conhecimento mais alargado em termos de toponímia. As plantas analisadas, cinco do período colonial e uma do período pós independência, mostram o crescimento da cidade, sendo muito minuciosas ao nível das indicações dos edifícios mais importantes e preciosas para um estudo mais profundo da toponímia. Representam-se os novos arruamentos, cujo número é aumentado, mas também a sua tipologia: aparecem as grandes avenidas e as alamedas. Veja-se o exemplo da *Planta de Luanda*, de 1938, que já apresenta uma cidade com 10 avenidas, 78 ruas, 19 travessas, 20 praças e largos, 10 calçadas, 2 becos.

No que diz respeito à *Planta da Cidade de Luanda*, em 1968 e ao *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1974, dispensamos a apresentação da contabilidade das suas artérias<sup>106</sup>, dado o seu extenso número, quando sabemos que era uma cidade habitada por cerca de 300 000 pessoas, na primeira data em causa e 500 000 na segunda.<sup>107</sup> Apenas, referir o número das suas avenidas – duas na ilha de Luanda e dez na cidade continental - e das alamedas, em número de duas.

Outro aspecto importante a considerar é o facto de estas plantas nos darem a imagem de uma cidade mais ordenada, de desenho urbano mais apurado<sup>108</sup>, certamente fruto da legislação – Decreto-Lei nº 24 802 de 21 de Dezembro de 1934 - que atribui aos municípios o encargo de organização dos planos gerais de urbanização, com a consequente elaboração, em 1942, do Primeiro Plano de Urbanização. Em 1957, foi feito um novo Plano de Urbanização e, finalmente em 1973, elaborou-se o último da época colonial, interrompido pelos acontecimentos posteriores à independência de Angola.<sup>109</sup>

Após a análise das plantas da cidade de Luanda ao longo do seu processo de expansão territorial aqui considerado, desde a fundação em 1576 até 1977, julgamos ter ficado claro que o espaço tratado varia muito ao longo dos quatro séculos. É o espaço

---

<sup>106</sup> Em 1951, já seriam “200 arruamentos” in Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1951, p.21.

<sup>107</sup> Consulte-se o quadro sobre a evolução da população de Luanda, elaborado por Douglas Wheeler, *História de Angola*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009, p. 114.

<sup>108</sup> Cf. Susana Ferraz, ob. cit., p. 127.

<sup>109</sup> Cf. Isabel Martins, *Luanda - a cidade e a arquitectura*, Dissertação para doutoramento em Arquitectura, FAUP, Porto, 2000, pp. 262-264.

dimensionado para uma população que vai crescer de 400 habitantes<sup>110</sup> (os dados analisados só contabilizam os brancos até ao século seguinte), em 1621; 2 000, no ano de 1773<sup>111</sup>; 300 000<sup>112</sup>, em 1969 e cerca de 500 000<sup>113</sup>, em 1975.<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup> Dados colhidos em Fernando A. A. Mourão, “Configuração dos Núcleos Humanos de Luanda”,..., Tabela 2, p. 207.

<sup>111</sup> Dados colhidos em Fernando A. A. Mourão, “Configuração dos Núcleos Humanos de Luanda”,..., Tabela 4, p. 209.

<sup>112</sup> Douglas Wheeler, René Pélissier, ob. Cit., p.114.

<sup>113</sup> Idem, ibidem.

<sup>114</sup> As datas referidas foram as mais aproximadas às das plantas analisadas ao longo do nosso estudo.

## A cidade pós colonial

### A independência de Angola e o novo contexto político-ideológico

No dia 11 de Novembro de 1975, Luanda assiste ao arrear da bandeira portuguesa e ao içar da bandeira angolana. Tinha-se acabado um ciclo de vida nesta cidade, iniciado em 1576, data da sua fundação por Paulo Dias de Novais.

Agostinho Neto, o primeiro presidente do novo país, no Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do M.P.L.A., descreve desta forma os acontecimentos, então, vividos: “Sob o metralhar e o troar dos canhões é proclamada a Independência Nacional e constituída a República Popular de Angola, em 11 de Novembro de 1975”<sup>115</sup>. Referia-se à guerra civil que decorreu entre esse mesmo dia e o mês de Abril de 2002, data da morte do chefe da UNITA, Jonas Savimbi, assinatura do acordo de paz e início da reconciliação de todos os angolanos.

Após a independência de Angola, a cidade de Luanda vê aumentar de forma dramática a sua população, muitos fugindo à guerra civil, outros, simplesmente, atraídos pela miragem das melhores condições de vida na cidade.<sup>116</sup> Assim, se nos últimos anos do domínio colonial, mais propriamente em 1970, ali viviam 480 613 habitantes, já em 1983 “a cidade apresentava um total de 897 960 habitantes e os Municípios de Viana e Cacuaco 29 917 e 7 014 respectivamente, o que perfaz um total urbano para a Província [de Luanda] de 934 881 habitantes.”<sup>117</sup> Porém, a população da cidade não tem parado de aumentar e, embora sem a segurança da informação de um novo censo que tarda, o Governo da Província de Luanda faz uma estimativa de cerca de quatro milhões de pessoas, acrescentando reconhecer a existência de uma sobrecarga populacional num espaço dimensionado para apenas 800 000<sup>118</sup>. Daqui resulta a falta de adequação das estruturas deixadas pelos portugueses - redes de electricidade, água, esgotos e de comunicação – que se revelaram insuficientes para dar resposta às necessidades das

---

<sup>115</sup> Agostinho Neto, *Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do M.P.L.A.*, Edições Avante, Lisboa, 1978, p.16.

<sup>116</sup> Estamos a referir-nos à população africana, vinda do interior do país. Devido à referida guerra civil a população branca (cerca de 300 mil portugueses) abandona o território angolano numa ponte aérea sem precedentes, preparada pelo General Gonçalves Ribeiro.

<sup>117</sup> Pepetela, ob. cit., p. 121.

<sup>118</sup> Douglas Wheeler, René Pélissier, *História de Angola*, Lisboa, Tinta da China, 2009, pp. 372- 373, considera como mudanças mais flagrantes, após a guerra civil angolana, o crescimento maciço da cidade de Luanda e da sua população. O valor da estimativa oficial para 2007 é, mais precisamente, de 4800 000 habitantes.

populações que afluíam à cidade, aliada a um crescimento da área dos muceques, onde reside três quartos da população. Muceques situados nos Bairros de Katambor, Prenda, Rangel, Samba, Golfo I, Bairro Malanginho e Kalawenda<sup>119</sup>.

Não será, então, abusivo falar em degradação urbana. Todavia, simultaneamente, novas urbanizações são construídas, como o condomínio fechado do Talatona, no Município da Samba, ou Nova Vida dispondo dos mais modernos equipamentos. Antigos bairros da era colonial (Alvalade, na Maianga e Miramar no Sambizanga, assim como, Vila Alice, Baixa e Ilha) permanecem como zonas reservadas a uma elite política, diplomática e financeira nacional ou formada por quadros superiores de grandes empresas instaladas em Angola.<sup>120</sup> Um aspecto a destacar nesta cidade é a singularidade de a mesma continuar a manter o seu centro histórico activo, apesar de, face ao seu crescimento, se estarem a afirmar novas centralidades: o Largo das Heroínas (criado depois da independência, a meio da novel Avenida Ho Chi Min), o Largo 1º de Maio (um novo largo que ocupa um espaço vazio no período colonial, na confluência da Estrada de Catete com a Avenida D. João II), a Rua Ho Chi Min, a Alameda Manuel Van Dunen, a Avenida do Comandante Jika ou o Largo da Igreja da Sagrada Família (largo ajardinado, rodeando a igreja com o mesmo nome).<sup>121</sup>

A baixa da cidade de Luanda está, neste ano de 2009, a ser objecto de medidas governamentais no âmbito da protecção do património edificado, efectivadas na definição de regras para a volumetria permitida num perímetro definido pelo Governo Provincial da cidade. Neste perímetro encontramos o núcleo inicial da cidade, assim como os bairros mais selectos na época colonial (Alvalade, Miramar).

Um aspecto a acrescentar prende-se com a nova organização administrativa de Angola, após a independência, a qual vai criar novas estruturas – os Comissariados Provinciais e Municipais, mais tarde, transformados em Governos Provinciais e Administrações Municipais, em substituição das Câmaras Municipais e assumindo as suas funções. Os distritos são transformados em Províncias, sendo os de Luanda e da Lunda desmembrados. No caso de Luanda, passa a existir Luanda e o Bengo. A cidade é

---

<sup>119</sup> Júlio Mendes, Professor de História do Instituto Superior de Ciências da Educação, em Luanda – ISCED -informação prestada, via e-mail, em 03/09/2009.

<sup>120</sup> Júlio Mendes, informação prestada, via e-mail, em 03/09/2009.

<sup>121</sup> Cf. Susana Ferraz, *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2005, pp. 129-130 e “Luanda aos 433 anos de existência”. *África Magazine*. [Em linha]. [Consult. 03/08/2009]. Disponível em: [www.gpl.gv.ao/Artigos/Africa.doc](http://www.gpl.gv.ao/Artigos/Africa.doc)

transformada em Província e alguns bairros passam a designar-se Municípios – Kilamba Kiaxi, Rangel, Sambizanga, Maianga, Ingombota, Viana, Cacuaco, Samba, Cazenga.

Para além destas mudanças, a cidade assiste a alterações na sua toponímia – objecto de estudo aprofundado no capítulo II – e ao apeamento das estátuas deixadas pelo colonizador, como o caso da primeira estátua de Luanda, a do governador Pedro Alexandrino, retirada do Largo/Cais das Portas do Mar, actual Largo de Fernando Coelho da Cruz; d’el rei D. Afonso Henriques, no largo homónimo, actual Largo do Lumej; de Diogo Cão, no largo com o seu nome, à saída do porto, hoje Largo 17 de Setembro; do fundador da cidade, Paulo Dias de Novais, na ilha de Luanda; de Salvador Correia, na antiquíssima Praça do Palácio e actual Praça do Povo; do monumento aos mortos da Grande Guerra situado no Largo dos Luzíadas, com a designação alterada para Largo do Quinaxixe, após a independência; de Vasco da Gama ou de Luís de Camões. Nalguns casos, retira-se a estátua do homenageado, permanecendo, no entanto, o respectivo pedestal. Este permanece sem qualquer elemento escultórico a encimá-lo ou passa a ostentar as novas figuras a imortalizar, exemplo da lendária guerreira n’gola, a Rainha Jinga que ocupa a base do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

As estátuas retiradas, símbolos do passado de domínio colonial, estão, a partir de 1975, em depósito no Museu da Fortaleza<sup>122</sup>. Apenas permanece no largo do antigo Colégio de S. José de Cluny - actuais instalações da Universidade Católica - a estátua que homenageia o polígrafo e historiador de Angola, Dr. Manuel Alves da Cunha.

Em substituição desses monumentos deixados pelos portugueses, novos se ergueram aproveitando antigos espaços, ou em novas praças traçadas após a independência, caso da estátua do primeiro presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, no Largo 1º de Maio, e do grupo escultórico que lembra as quatro Heroínas<sup>123</sup>, no largo homónimo.

Convém referir que a forma resumida como esta etapa no crescimento da cidade de Luanda é aqui tratada, se deve ao facto de o alcance do nosso estudo da toponímia se deter em 1977. Nesse ano, o espaço físico da cidade pouco ainda teria mudado, a

---

<sup>122</sup> Trata-se das instalações da antiga Fortaleza de S. Miguel. Sobre a evolução desta construção militar, desde o núcleo inicial do tempo de Paulo Dias de Novais até às últimas obras, no governo de Manuel Almeida de Vasconcelos, já nos finais do século XVIII, consulte-se Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo, África Ocidental*, Lisboa, Edição Público - Comunicação Social, SA, 2008, pp.88-93.

<sup>123</sup> As quatro Heroínas são as guerrilheiras do MPLA – Deolinda Rodrigues, Irene Cohen, Engrácia Paim e Lucrecia dos Santos - que integravam o Esquadrão Camy, treinado por cubanos. Em 1966, são apanhadas pelos combatentes da FNLA, quando atravessavam a fronteira do Zaire. É, igualmente, associado a este grupo de mulheres o nome de Teresa Afonso.

sobreposição das duas plantas – a última do período colonial, 1974 e a primeira após a independência de Angola atestam esse facto.

## CAPÍTULO II - A toponímia como *lugar de memória*

A toponímia tem por objecto de estudo a origem e significado dos nomes dos lugares<sup>124</sup>. Porém, no âmbito do nosso estudo da toponímia de Luanda temos de alargar o nosso horizonte de pesquisa e de nos interrogarmos se estamos perante *lugares de memória*. Para tal, é imperioso recuperarmos, aqui, a definição de Pierre Nora para *lugar de memória*: “unité significative, d’ordre matériel ou idéal, dont la volonté des hommes ou le travail du temps a fait un élément symbolique d’une quelconque communauté”<sup>125</sup>. Para Nora, para estarmos na presença de um elemento simbólico, as pessoas de uma comunidade têm de o conhecer, reconhecer-se e identificar-se com ele.

Vejamos, então, se no caso concreto das designações das ruas, largos, praças ou bairros da cidade de Luanda estamos perante efectivos *lugares de memória*, não sem ter em mente que só o são se incluírem em si “uma vontade de memória”<sup>126</sup>, um sentido simbólico – intencional para a comunidade luandense. É que não basta as autoridades angolanas decidirem dar um certo nome às ruas para que ele seja um elemento simbólico para esta comunidade, esse nome tem de ser algo que as populações reconhecem e com que se identificam.

Podemos afirmar que a escolha dessas designações obedece, em grande parte, a “uma vontade de memória”, que foi o resultado de decisões políticas: das elites dirigentes portuguesas, durante o período de domínio colonial, e, após 1975, das elites dirigentes angolanas. A toponímia regista os nomes dos heróis (figuras políticas) e dos acontecimentos que, inicialmente, preenchem as memórias dos portugueses e, após a independência de Angola, dos angolanos, tentando construir a identidade de uma nação. Outra parte dessas designações é produto de atribuições das populações, desde os primeiros tempos da cidade, fruto de simples associações com a geografia ou a fauna e a flora do local. Designações que, nalguns casos, permaneceram consagradas oficialmente ou apenas perpetuadas na tradição oral das gentes da cidade.

Concordamos, plenamente, com Menéndez Pidal quando, referindo-se a um topónimo defende que “ele possui de alguma maneira a memória colectiva de um povo.

---

<sup>124</sup> Atente-se no significado de *toponímia* “ estudo linguístico, histórico de nomes próprios de lugares” in Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Braga, Edição da Academia das Ciências e Editorial Verbo, 2001, II Vol., p.3586.

<sup>125</sup> Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard, 1992, p.1104.

<sup>126</sup> Jose Guilherme Abreu, “Arte Pública e lugares de memória “ in *Revista da Faculdade de Letras*, I Série, vol. IV, Porto, 2005, p. 218.

Ele é um meio de comunicação que testemunha o contexto da sua origem e revela as transformações de um povo”<sup>127</sup>. Em Luanda, o legado toponímico é uma preciosa fonte histórica para o estudo da cidade. Nele procuramos as memórias coloniais e as pós coloniais. No entanto, sendo a atribuição de nomes fruto de uma vontade política das autoridades em construir um lugar de memória, temos sempre de nos questionar até que ponto a população se revê nessa toponímia como elemento simbólico. Veja-se, para o período de domínio colonial português, o exemplo de Afonso Henriques, “fundador da nacionalidade portuguesa e 1º rei português”<sup>128</sup>, figura em que as populações brancas se revêem mas, o mesmo dificilmente acontece para as populações africanas, a maioria dos habitantes da cidade. Passado este período, após a independência, a rainha Jinga é o nome escolhido pelas novas autoridades, assumido, então, pelas populações africanas da cidade.

## A toponímia no período colonial

### As designações na língua nativa – o quimbundo<sup>129</sup> - e as designações em português

#### O período seiscentista

Ao analisar a evolução da toponímia da cidade de Luanda, ao longo do período colonial, procuramos conhecer as designações em português e na língua das populações nativas – o quimbundo. Pesquisamos a utilização do quimbundo como indicador da preponderância ou subalternização da cultura local à cultura portuguesa.

Tal análise afigura-se-nos relevante, dado considerarmos que as mudanças na utilização do quimbundo, mostram um «confronto», entre o colonizador português e o colonizado angolano, quando o detentor do poder político impõe a sua língua e as figuras destacadas das suas memórias. Este confronto revela-se à partida uma luta desigual: as autoridades coloniais vão substituindo as designações em quimbundo e à medida que a cidade cresce, mais se nota a desproporção face aos nomes em português:

---

<sup>127</sup> Menéndez Pidal, *Toponímia Prerrománica*, Madrid, Gredos, 1952, p. 4.

<sup>128</sup> Ver anexo, p.189

<sup>129</sup> Apesar da grafia *kimbundu* ser a utilizada por vários estudiosos da história de Luanda consultados, optámos pela grafia *quimbundo*, tendo como referência o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, publicado pela Academia das Ciências de Lisboa em 2001.

os primeiros vão-se mantendo, enquanto os segundos aumentam o seu número de forma exponencial, acompanhando o ritmo de crescimento da cidade.

Sabemos que só em meados do século XIX as ruas de Luanda têm direito a designações dadas pelas autoridades da cidade<sup>130</sup>, após “proposta apresentada na sessão da Câmara de 20 de Dezembro de 1844”.<sup>131</sup> Os vários locais da cidade eram, por esse facto, associados aos nomes dos bairros.<sup>132</sup> No entanto, para um correcto conhecimento das designações dadas aos espaços da Luanda colonial, podemos socorrer-nos de documentos oficiais e particulares anteriores, os quais nos permitem remontar ao século XVII e XVIII. São as plantas de 1626, 1647, 1698, 1755 e 1757.

Nestes documentos procuramos, então, o uso da língua local – o quimbundo - a par da utilização da língua portuguesa na toponímia da cidade.

As plantas do século XVII não nos facultam grandes elementos sobre as designações dadas aos caminhos da pequena cidade. A Planta de 1626, que integra os documentos do Governador Fernão de Sousa com o nome de *Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Loanda como se ue pelo alfabeto apontado nella*, dá-nos conhecimento, através da sua legenda, de uma rua - a *Rua Direita* - que se dirige de uma Praça (esta sem nome próprio) para o Mosteiro de S. José. Ficamos informados da intenção do Governador em construir um caminho de ligação entre duas praças, caminho esse rasgado “pola ladeira do Monte pêra se comunicar hua com a outra e com a cidade”(letra M). Sinalizado com a letra O, temos o *Penedo da Madalena*, em frente da praia da *Cassandama*<sup>133</sup>. Mais se informa que aí se construirá um forte para evitar a entrada de barcos inimigos, forte esse que já nos vai aparecer na *Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola*, em 1757, é o *Reduto*

---

<sup>130</sup>“Pode-se dizer que só a partir de meados do século passado [século XIX] as ruas da cidade receberam denominações oficiais e as portas foram numeradas.”in Ilídio do Amaral, *Luanda, Estudo de Geografia Urbana*, in Memórias, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, II Série, vol.53, p.95.

<sup>131</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1951, p. 15.

<sup>132</sup> Idem, *ibidem*, p.14.

<sup>133</sup> Em documentos oficiais e obras do século XVII e XVIII a palavra aparece grafada de diferentes formas: *Caçondamá*, *Cassendama*. Cadornega explica-nos esta designação: “E paçado algum rochedo se da em huma praia a modo de cotovelo, ou enseada espaçosa a que chamam Cassondama de quem a Fortaleza tomou o apelido.”(Cadornega, ob. cit.,Tomo III,p.6.).António Assis Júnior, no seu Dicionário de Kimbundu-Português, p.101 não traduz a palavra *Kasandama*, mas, informa-nos que é “o morro que fica a NE da cidade de Luanda vulgarmente chamado das lagostas onde se encontra edificada a fortaleza (de S. Pedro da Barra) ”.

de S. Maria Magdalena. O mar da Corimba<sup>134</sup>, tal como a *Cassandama* transportam-nos para o domínio do quimbundo.

A acompanhar esta Planta, o Governador enviou a *Descrição da barra do Reyno de Angola*, de toponímia mais rica. Os morros da cidade aparecem nomeados de forma diferente, se São Paulo (o Apóstolo) designa o mais central, onde nasce a cidade, a Zoologia empresta os nomes para os outros dois – das *Lagostas e das Ostras*. O *Penedo da Madalena* continua a aparecer, tal como a *Cassonda*, agora designada de *Má*. Designação nova é a de um espaço intitulado Sítio de João Vieira.

Na planta desenhada por Barlaeus, em 1647, a informação das zonas do pequeno burgo, informação em latim, aponta a existência de duas praças – indicadas, apenas, como o Forum I –local de implantação do Coenobium Iesuitarum<sup>135</sup> - e o Forum II – junto da orla marítima. Identificados os mosteiros – dos Capuchinhos e dos Jesuítas e as construções militares<sup>136</sup>.

A legenda da planta de 1698, em italiano, indica-nos a localização de duas praças, referidas, apenas, como tal – a *Piazza* com o número 8 e a *Piazza* com o número 13. Trata-se das duas praças já referenciadas na planta anterior, de 1647 e que nos continuam a aparecer sem designação própria. Somente as edificações religiosas<sup>137</sup> e militares<sup>138</sup> têm direito a nome próprio, retirado da hagiografia da época, à exceção do Forte do *Penedo*, o qual é nomeado de acordo com a orografia. Sobranceiro à praia, ergue-se o *Morro das Lagostas*.

## No século XVIII

No século XVIII, através de duas plantas, 1755 e 1757, ficamos a saber quais os nomes atribuídos às várias zonas da cidade, mas também, às edificações militares e religiosas.

---

<sup>134</sup>Do quimbundo Kurimba que significa confusão, complicação (António Assis Júnior, *Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico*, Luanda, Agente Santos, 194-,p. 223).

<sup>135</sup> Esta praça terá sido a primeira de Luanda, a que vem representada na planta do Governador Fernão de Sousa. Em Cadornega, a propósito do Colégio e Igreja dos Jesuítas, o Cónego Matias Delgado data a sua construção de 1607, num local chamado Praça da Feira. (António de Oliveira Cadornega, ob. cit., Tomo III, nota 16, p.12).

<sup>136</sup> *Turrís, Castrum maritimum ubi nostrum appulerunt, Suggestus militaris e Novi Castrí Delineatio*.

<sup>137</sup> Convento dos Franciscanos, S. Benedito, Convento dos Capuchinhos, S. João Baptista, Corpo Santo, Convento dos Carmelitas Descalços, Santa Maria Madalena, N. S. da Nazaré.

<sup>138</sup> Fortaleza de S. Amaro, Forte de S. Benedito, Forte de S. Miguel, Fortaleza de N. S. da Guia.

Fernando A. A. Mourão diz-nos: “ Na planta de 1755, com excepção das construções religiosas e militares (...) os caminhos, os acidentes, os cursos de água e os bairros tinham nomes em língua quimbundo”<sup>139</sup>.

Na realidade, verificamos que na referida Planta de 1755, os caminhos, acidentes, cursos de água e bairros designam-se, em maior percentagem, pelos nomes em língua quimbundo<sup>140</sup>, a língua dos Axiluanda<sup>141</sup> que habitam a região em que se insere a cidade de Luanda<sup>142</sup> ou uma designação mista de quimbundo com o nome de personalidades da cidade, um convento e um rio. Assim, aparecem-nos *Molundo an-gombe, Corrigo de Moanhe-embanze, Molundo a Salzedo, Cassiba do Bungo, Molundo a quitanda apeile, , Mongila a Carmo, Combota, O Bungo, Cassiba do Bungo, Mongilla a Cana Xiche, Mongilla a Bengo, Mongila a Roza*. Reparámos que estas primeiras designações são dadas em quimbundo e remetem para a topografia e as reservas hídricas: *molundo* é a ladeira, *cassiba* é o poço/depósito de água e *mongilla* é o caminho.<sup>143</sup>

O nome das feiras<sup>144</sup> que se realizavam na cidade, aparece em quimbundo, acompanhado da respectiva tradução para português. Nesta altura existiam na cidade quatro feiras, duas das quais recebem uma designação ligada à zona onde se realizavam – *Ma-quoqo*, dos Coqueiros em português e Bungo, forma portuguesa para o

---

<sup>139</sup> Fernando A.A. Mourão, *A evolução de Luanda: aspectos sócio - demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico*, p. 61.

<sup>140</sup> Cf. Legenda da *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente à Freg.ª de N. S.ª dos Remédios*, de 1755. Registe-se o facto singular da legenda ser bilingue, apresentando, lado a lado, as designações na língua nativa e em português. No Anexo 8 pode consultar-se a correspondência das designações em português.

<sup>141</sup> “Os Axiluanda constituem hoje um curioso grupo étnico (Ambundos) e estão dispersos pelo litoral de Luanda.” In Carlos Alberto Lopes Cardoso, *Os Axiluanda*, Luanda, Editorial Culturang, 1971,1972, p.51.

<sup>142</sup> “Os Axiluanda falam raramente o português e na generalidade o kimbundu, língua africana banta, falada por vários grupos étnicos cuja área de influência compreende os distritos de Luanda, parte norte do Cuanza Sul, Cuanza Norte e Malanje.” In Carlos Alberto Lopes Cardoso, ob. cit., p.45.

<sup>143</sup> Cf. a correspondência das designações nas duas línguas, na legenda da citada planta da cidade. No Dicionário de Kimbundu-Português de António Assis Júnior que consultámos, do conjunto destas três designações, apenas aparece *mulundu* traduzido para português como serra; montanha; morro. *Corrigo* e *mongilla* não aparecem. *Corrigo*, que o autor da planta traduz como rego, será uma corruptela de córrego. Outra questão prende-se com a palavra *Moanhe-embanze*: o dicionário consultado apenas refere *Mbánze* que traduz como tempo de Verão, Estio, calor. Supomos que estas diferenças sejam devidas ao fraco conhecimento do quimbundo por parte do sargento que desenhou e legendou a planta, nomeadamente, o facto de ser uma língua em que o m e o n nasalam a consoante seguinte e *mua* é um advérbio de lugar: em, no, dentro de. Em Cadornega encontramos a tradução do quimbundo Kixima para cassiba (António de Oliveira Cadornega, ob.cit., Tomo III, nota 11, p.8).

<sup>144</sup> Da designação em quimbundo, *kitandá* – mercado, praça, feira - nasceu o nome dado às vendedoras ambulantes que percorriam a cidade durante o período colonial – as quitandeiras.

quimbundo *Mbungu*<sup>145</sup> – e as restantes, uma é nomeada pelo seu volume de transacções comerciais – *Apeile*, Grande em português e a outra pelos produtos negociados - *di lonje*, dos Pratos em português. Podemos constatar que as duas primeiras designações são fitotopónimos, indicam-nos, certamente, a existência de coqueiros e bambús nessas zonas. Aparecem-nos os bairros da *Combota*, do quimbundo *Ngombota*, termo quimbundo para designar o refúgio de gente má, numa alusão ao local para onde fugiam os escravos e de *Sanda-Gombe* traduzido na planta para Bairro de *Esgravata o Boy*<sup>146</sup>.

O uso da língua portuguesa<sup>147</sup> está reservado a quatro ruas – Rua da Praya, Rua Direita, Rua de Pedro Torres e Rua de Manoel Duarte - dois becos – do Nóbrega e dos Doces - uma calçada – a Calçada de S. António<sup>148</sup> - dois sítios – do Bem-Bem<sup>149</sup> e de S<sup>a</sup> Maria Magdalena<sup>150</sup> – uma travessa – do Corpo Santo<sup>151</sup> - e dois bairros – do Carmo<sup>152</sup> e da Nazareth<sup>153</sup>. No entanto, dá nome, em exclusivo, às seis construções religiosas<sup>154</sup>, militares<sup>155</sup> e a um mercado da cidade.<sup>156</sup> Por último, duas designações em português para nomear duas reservas hídricas *Corrigo do Secretário*, *Corrigo de D. Maria Tavares* que o autor da planta em questão considera como designações na língua nativa.<sup>157</sup>

---

<sup>145</sup> Dado Mbungu ser traduzido como bambu, não será abusivo concluir que nesta zona existiam muitas destas plantas.

<sup>146</sup> Apesar da tradução do autor da planta, Sanda- Gombe, mais tarde, Sangamdombe é o termo derivado do quimbundo *Masanga ma ndombe*, bilhas de barro preto. O bairro tomou o nome dos objectos lá fabricados.

<sup>147</sup> Optámos por utilizar a grafia da época dos documentos.

<sup>148</sup> Igreja e Convento de Santo António dos Capuchinhos.

<sup>149</sup> A única referência a este topónimo aparece-nos em Elias da Silva Correia: “O governador [Pedro César de Meneses, em 1641] retirou para o lugar do Bembem, mea legoa da Cidade”.(Elias da Silva Correia, ob.cit., vol. I, p.518) e em textos de Joaquim António de Carvalho e Menezes, citados por Ilídio do Amaral: “nas áreas de Bembem e Quicuxi se faziam culturas de legumes, milho, mandioca”.(Ilídio do Amaral, “Luanda em meados do século XIX revelada num texto de 1848” in Sep. Garcia da Orta, Sér. Geogr. Lisboa 9 (12), 1984, 1:16, p.12).

<sup>150</sup> Ermida de Santa Maria Madalena.

<sup>151</sup> Igreja do Corpo Santo, a segunda paróquia da cidade.

<sup>152</sup> Bairro onde se situa a Igreja do Convento dos Carmelitas.

<sup>153</sup> Bairro onde se situa a Igreja de N. Sra da Nazaré.

<sup>154</sup> Igreja *Parroquia* de N. S. dos Remédios, Igreja do Corpo Santo, Igreja de S. *Ifiguenia*, Igreja de N. S.ra da *Nazareth*, com *Semitério*, Igreja de S. *Thereza* do Convento de *Religiosos* Carmelitas descalços, *Capella de S. Ifiguenia* das Sanzalas dos Pretos do mesmo Convento. Estas construções religiosas como a Igreja do Carmo, da Nazareth, do Corpo Santo, de Santo António e de Maria Magdalena servem de referencial para algumas das designações toponímicas em português.

<sup>155</sup> Forte de N. S<sup>a</sup> da Guia, Reduto de S. *Antonio da Victoria*, Reduto de N. S<sup>a</sup> da Penha Verde, Reduto de S. Pedro Gonçalves, Reduto de N. S<sup>a</sup> da *Nazareth*, Corpo da Guarda da *Praya*, Guarda da *Praya*.

<sup>156</sup> *Asouge* do Peixe.

<sup>157</sup> Veja-se a nota 143.

As designações em português podemos enquadrá-las em categorias distintas das do quimbundo, já que nos dão a conhecer as suas igrejas, ermidas e conventos - dos frades Carmelitas e dos Capuchinhos – assim como algumas «personalidades» da cidade, já que têm direito a nomear as suas ruas: Pedro Torres<sup>158</sup> e Manoel Duarte Nóbrega.

Analisando as designações desta planta, constatamos que os nomes em quimbundo representam 62% do total. Já em português, a percentagem é de 38% para os topónimos e a totalidade dos nomes das igrejas e capelas, assim como, para os fortes, redutos e *guardas da praya*.

Vejamos, agora, a *Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola*, de 1757, a partir de cuja legenda podemos conhecer três designações em quimbundo, *Poço ou Cassimba da Mayanga*<sup>159</sup>, *A Samba*<sup>160</sup>, *Cassandama*<sup>161</sup> ou uma denominação composta, em que a designação local em quimbundo é antecedida por um nome de um santo da devoção dos portugueses - caso das construções militares edificadas na *Emcombota*<sup>162</sup> (Reduto de S. Cruz de), *Mayanga* (Bateria de S. Francisco da), da mesma [*Mayanga*] (Bateria de S. Antonio).

Tal como na anterior planta, na legenda, os topónimos utilizam, na sua maioria, o quimbundo e, exclusivamente, em português, as designações das nove construções religiosas da cidade,<sup>163</sup> assim como das dezasseis construções militares da cidade<sup>164</sup>.

---

<sup>158</sup> Os Torres são uma família abastada de Luanda (Cf. “O Império Africano 1890-1930”, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p.397).

<sup>159</sup> Este *Poço ou Cassimba da Mayanga* revelou-se fundamental para o abastecimento de água à cidade e foi uma descoberta de Salvador Correia, como nos relata Elias Alexandre da Silva Correia, ob. cit., p. 268. Cadornega escreve “Fortaleza ou Forte de Santo Amaro (...) pela banda de terra defende as cassimas ou poços da Maianga”. (António Oliveira Cadornega, ob. cit., p.8).

<sup>160</sup> *Sambá* é o termo quimbundo para charneca, savana (António de Assis Júnior, ob. cit., p.355).

<sup>161</sup> Ver nota 133 deste estudo.

<sup>162</sup> *Emcombota* é uma das formas portuguesas com que a palavra quimbundo *Ngombota* aparece. António de Assis Júnior apresenta como tradução “moradia ou refúgio de gente má” (António de Assis Júnior, ob. cit., p.44.).

<sup>163</sup> Igreja da Sé e *Parroquia*, *Parroquia* de N.S. dos Remédios, Convento de S. Jozé de *Religiosos Terceiros*, *Collegio de Jezus*, de *Religiosos* da Companhia, Hospício de S. Antonio, de Relig. Carmelitas Descalços, Igreja de S. Amaro, Igreja de N. S. da Nazareth, Igreja de N. S. do Cabo.

<sup>164</sup> Fortaleza de S. Amaro, sobre o Morro do mesmo Santo, Reduto de S. Jozè, Reduto no *Citio* do Bem-Bem, Reduto de S. Maria *Magdalena*, Fortaleza de S. Miguel, sobre o Morro da Cidade, Fortaleza de N. S. da Guia, Reduto de S. Antonio da *Victoria*, Reduto de N. S. da Penha Verde, Reduto de S. Pedro Gonçalves, Reduto de N. S. da *Nazareth*, Fortaleza de S. *Filippe* do Penedo, Forte de N. S. das Necessidades, Forte de N. S. da Conceição ou do Flamengo, Lugar do Forte de S. Paulo, Fortaleza de S. Pedro, Reduto de N. S. do Cabo.

Duas designações são de carácter puramente descritivo e associativo – o *Morro dos Elefantes* e o *Morro das Lagostas*.

Não será extemporâneo, com base nestas duas plantas, inteirarmo-nos dos santos e santas da devoção dos portugueses que dominam Luanda neste século. São eles que dão nome aos locais do culto, trazido pelos missionários europeus.<sup>165</sup> Elias da Silva Corrêa dá-nos notícia da persistência das velhas práticas religiosas da população africana, a par da sua conversão ao cristianismo.<sup>166</sup> No entanto, temos de registar a existência, em 1755, de uma S. Ifigenia que dá nome a uma igreja e de uma Capella de S. Ifigenia das Sanzalas dos Pretos do mesmo Convento. Deixamos uma interrogação: espaços de culto diferenciados para a população branca e africana? A resposta é afirmativa, se atentarmos nas palavras de Cadornega quando afirma que esta igreja seria frequentada “a mayor parte escravaria e alguns forros”.<sup>167</sup>

Outros aspectos que consideramos importante, passa pela constatação da permanência desses lugares de culto ao longo da presença do colonizador português e posteriormente à data de independência do território. A Ermida da Nazaré, a Igreja dos Remédios (actual Sé catedral de Luanda) ou a Igreja do Convento do Carmo, todas de construção seiscentista, ainda hoje acolhem os fiéis da cidade.

Estamos no século XVIII, a população da cidade é maioritariamente africana<sup>168</sup> e os poderes oficiais escolhem, unicamente, as designações das construções religiosas e militares, símbolos do seu poder. Nesta fase, os topónimos, ainda, são deixados a cargo das populações, as quais se exprimem em quimbundo. A presença do colonizador aparece, por conseguinte, associada a edifícios religiosos e militares, porque foram estes os dois pilares cruciais da colonização.

---

<sup>165</sup> N. S<sup>ã</sup> dos Remédios, N. S<sup>ã</sup> da *Nazareth*, N. S<sup>ã</sup> da Guia, N. S<sup>ã</sup> da Penha Verde, S. *Thereza*, S. Maria Madalena, N. S. da Conceição, S. Miguel, S. Pedro Gonçalves, S. Miguel, S. *Jozé*.

<sup>166</sup> “(...) a população d’Angola, igualmente crêm em J. Chr. E no Moêne-bengo, ou em outros Feiticeiros, q. lhes dita Suprestičõens ridículas, e a catequiza a pôr em prática, athé chegar ao extremo de sacodir as inspiraçõens da ley natural.” (Elias Alexandre da Silva Correia, *História de Angola*, Lisboa, Ática, 1937, I vol., p.87).

<sup>167</sup> António Oliveira Cadornega, *História Geral das guerras angolanas*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1940, vol.III, p.28.

<sup>168</sup> Para o ano de 1773, Fernando A. A. Mourão, ob. cit, p. 68, contabiliza 250 brancos, 6739 africanos e 1770 euro africanos.

## As mudanças no período Oitocentista

Já aqui referimos que, só em meados do século XIX, devido ao crescimento da cidade, a Câmara Municipal de Luanda legisla no sentido de serem atribuídos nomes oficiais às ruas da cidade<sup>169</sup>. Na proposta camarária, de 20 de Dezembro de 1844, atrás referida, é mencionado o critério para a escolha das designações: “designações locais (...) outros nomes ligados à História do País”.<sup>170</sup>

Quatro anos mais tarde, num documento oficial, o *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 148 de 29 de Junho de 1848, encontramos no grupo das designações locais os exemplos de ruas que homenageiam figuras locais como um tenente coronel -Luís António de Miranda -ou um rico comerciante da cidade- Arsénio Pompílio Pompeu do Carpo e o membro de uma família abastada de *assimilados* - Pedro de Torres (já referenciada na Planta de 1755). Cidadão importante pelas funções que exerce, um anónimo Guarda-mor tem o seu nome numa travessa.

A Calçada dos Enforcados localiza-nos a rua por onde desciam os condenados à pena capital; a Travessa do Cotovelo ganha o seu nome numa alusão ao traçado da rua.

Quanto aos nomes da História de Portugal, dois reis – D. Afonso V, o Africano e D. Fernando, o Infante Santo - dão nome a duas das praças da cidade. Se considerarmos os nomes de governadores da colónia, estes aparecem-nos em doze espaços, entre ruas, praças e travessas. De Luiz Serrão, companheiro de Paulo Dias de Novais; César Menezes, que em 1641 está a frente da colónia quando os holandeses tomam a cidade e leva os portugueses a resistir em Massangano; Salvador Correia, o restaurador da independência de Angola, ao derrotar os holandeses em 1648, passando pelo governador Sousa Coutinho, que no século XVIII, dotou a cidade de um conjunto de infra-estruturas fundamentais ao seu desenvolvimento ou António Saldanha da Gama, governante que escreveu *Memória sobre as colónias de Portugal situadas na costa ocidental de África* e cuja esposa fundou a primeira escola para meninas na cidade, até Bressane Leite, governador em 1842 e fundador dos *Anais Marítimos e Coloniais*. O fundador da cidade e primeiro governador de Angola, porém, não está presente; só na Planta da Cidade de S. Paulo de Luanda, de 1900, uma ponte e uma rua lhe prestam homenagem. Presente, sim, está o navegador Diogo Cão.

---

<sup>169</sup> Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, p.56.

<sup>170</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga* p.16.

A Igreja Católica está representada na toponímia, na pessoa do Bispo de Angola e do Congo, em 1673, D. António do Espírito do Santo que dá seu nome a uma travessa da cidade.

Numerosos são os nomes (vinte e quatro) que remetem para velhas construções religiosas, como a Igreja do Carmo e da Nazaré; militares, caso do Quartel do Esquadrão e outros equipamentos da cidade, a exemplo da Misericórdia, a Cadeia, o Terreiro, a Sé ou a Alfândega.

A toponímia não esquece grupos profissionais e o grupo somático em maioria na cidade e temos a Rua dos Mercadores e a Rua das Pretas. O Beco da *Azíá* pode ser uma referência geográfica devida às relações comerciais com esse continente.

Como em qualquer cidade portuguesa da metrópole, não podia faltar uma Rua Direita, aqui, de Luanda. Rua Direita, aqui, também, muito «torta»<sup>171</sup> que atravessava a cidade, da praça do Bressane (no centro comercial da cidade) até ao bairro periférico junto da igreja da Nazaré. O navegador Diogo Cão, também, está presente numa rua. É o primeiro português a tocar as costas de Angola.

Este *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, de 1848*, assim como as plantas e perspectivas desenhadas neste período – *a Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, de 1816* e *a Planta e Perspectiva do Porto de Luanda, de 1846*, mostram-nos um conjunto de nomes de ruas e bairros na língua das populações africanas<sup>172</sup>. É um número, ainda considerável, de dezasseis designações em quimbundo<sup>173</sup>. São nomes como *N'Ingombota* – nova grafia para *Encombota* – e um conjunto de designações para ruas e bairros, as quais, na sua maioria, remetem para características físicas dos lugares ou acidentes geográficos – uma rua larga e arenosa (*N'Dange ia Roza*), uma enseada (*Kisanga*), um lugar arenoso (*Kafaku*), uma charneca (Katomba) – referem objectos – uma cinta estreita e curva (*Kapónda*), um artefacto para secar cereais (*Kibáandu*), uma trempe para colocar as panelas ao lume (*Masûika*), bilhas de barro preto (*Masanga ma ndombe* que dão origem ao nome do bairro de *Sang'andombe*) – uma árvore (tamarindeiro-*Mutamba*), uma ave (*Nguengue*). Três bairros têm nomes cuja origem não logramos explicação: *Capexe*, do quimbundo *Kapaxi* que

---

<sup>171</sup> “Rua Direita (bem torta, por sinal, como é tradição portuguesa) ” (Pepetela, ob.cit., p.55. Ilídio do Amaral considera a existência desta rua como fazendo parte de um conjunto de “pormenores bem portugueses” (Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*, p.60).

<sup>172</sup> *A Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, de 1816*, dá-nos a localização da zona da *Maianga Nova* e da *Maianga Velha*, já *a Planta e Perspectiva do Porto de Luanda, de 1846*, indica-nos a Praça situada no *Bungo*.

<sup>173</sup> Vide Anexo 32, p.151.

significa alguém sujeito ao sofrimento (referência aos escravos?), *Casuso*, do quimbundo *Kásoso* traduzido como centelha ou faúlha (local de forjas?) e *Sanzalla-Galla*, sendo que *sanzalla* é um local de residência de africanos e *galla* pode ser aliviado, livre (africanos livres, não escravizados?).

Como já referimos anteriormente, todos os restantes espaços da cidade recebem nomes portugueses de origem religiosa, nomes de heróis da metrópole ou personalidades da colónia, à mistura com alguns geotopónimos e designações ligadas a construções militares, religiosas e civis.

Regista-se, pois, um progressivo aumento das designações em português, em detrimento dos nomes na língua local. Podemos contabilizar cinquenta nomes em português. Subscrevemos, pois, a explicação de Fernando A. A. Mourão quando afirma: “As alterações na toponímia variam na relação direta da apropriação do espaço luandense pela ideologia do país colonizador.”<sup>174</sup> Essa explicação é verdadeira, mesmo tendo em conta estarmos perante uma cidade de Luanda que de 1755 para 1848 cresceu, a nível de urbanização e de população. Pepetela, referindo-se aos finais do século XVIII, início do século XIX, diz-nos: “O quimbundo era língua corrente na família patriarcal, mesmo que o chefe fosse branco”<sup>175</sup>, no entanto, assistimos a esta evolução da toponímia no sentido da sua mudança para português. E se a língua é um “factor índice da identidade cultural, vínculo à terra-mãe”<sup>176</sup>, este processo de esvaziamento da toponímia, das designações em quimbundo, leva a uma subalternização da cultura local face à do colonizador.

Em meados do século XIX, um outro documento escrito a que podemos recorrer para esta nossa análise é o *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, de 19 de Julho de 1851, no qual e reportando-se a 1850, segundo Pepetela, “As relações das ruas e edifícios (...) mantêm nomes principalmente em quimbundo, mas também alguns de origem religiosa europeia”.<sup>177</sup> Deparamos nesse documento com o nome dos bairros da cidade e constatamos que treze têm designações em quimbundo.<sup>178</sup> Estas

---

<sup>174</sup> Fernando A. A. Mourão, *A Evolução de Luanda: aspectos sócio-demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico*. [Em linha]. São Paulo. [Consult. 24/02/2009]. Disponível em: [http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco\\_de\\_textos](http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco_de_textos)

<sup>175</sup> Pepetela, ob. cit., p. 58.

<sup>176</sup> Félix d’ Apresentação Cravide, “O Propósito da Reacção” In *Actas da I Reunião Internacional de História de África*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História Antiga e Cartografia Antiga, 1989, p. 435.

<sup>177</sup> Pepetela, ob. cit., pp. 72-73.

<sup>178</sup> Consulte-se o Anexo 32, p.152.

designações vêm de anos anteriores a que se juntam quatro novos nomes nesta língua: um refere um local de enterro dos escravos mortos e mostra a influência da religião do colonizador português – as cruces originam *Makulussu* - e os outros dois nomes remetem para locais da cidade – o pelourinho, *Katadi* ou *Katiri* e os redutos, as Quipacas, do quimbundo *Kipáka*.

Continuando a nossa pesquisa em torno da permanência de nomes em quimbundo, fixemos, agora, a nossa atenção no *Boletim Oficial do Governo Geral da, Província de Angola*, nº 329 de 17 de Janeiro 1852<sup>179</sup>, onde deparamos com dezoito nomes de bairros nessa língua.

Estes documentos mostram-nos designações em quimbundo de velhos bairros como o *Bungo e a Engombota (Combota)*, já referenciados em 1755 e a *Samba e a Mayanga*, em 1757. Como já referimos, o bairro dos *Coqueiros* é a tradução portuguesa de *Ma-quoqo* que nos aparece em 1755, quando se refere um mercado – quitanda-localizado nessa zona de *Ma- quoqo*. As únicas designações novas em quimbundo referem-se a uma árvore de grande porte – o embondeiro, do quimbundo *Mbonda*; é o bairro dos *Embondeiros*, árvore que desempenha um papel de relevo na religião tradicional dos africanos, porque ligada às práticas de feitiçaria correntes e a um bairro para africanos, angolas, escravos da zona de Luanda e vale do Cuanza, o *Bairro Sanzala-angola*.

No mesmo documento oficial de 1852, temos em português, sessenta e três nomes dados às ruas, praças largos, calçadas e bairros de uma cidade em crescimento, entre os governadores de Angola que constituem o grupo mais numeroso da toponímia, catorze figuras – destacamos a entrada de dois novos nomes para este grupo em relação a 1848, os nomes do conde do Lavradio, D. António de Almeida Soares Portugal de Alarcão Eça e Mello<sup>180</sup> e de Francisco de Távora<sup>181</sup> - de dois reis de Portugal, de figuras locais da cidade - atente-se na designação da nova Calçada Velha até à casa do cidadão Joaquim José Pereira de Sande, da Travessa do Flores<sup>182</sup> – de nomes ligados a instituições e templos – o Bairro da Nazareth e do Carmo ou a Rua atrás da Cadeia, a Rua atrás da Misericórdia ou o Bairro da Estação Naval.

---

<sup>179</sup> Isabel Martins, ob. cit., Anexo p.318.

<sup>180</sup> O Conde do Lavradio cria regimentos para as milícias e promove obras no Trem.

<sup>181</sup> Este governador derrota o Príncipe do Soyo e uma revolta de africanos no Presídio de Massangano.

<sup>182</sup> Francisco Flores, um comerciante brasileiro, antigo negreiro (Cf. Douglas Wheeler, René Pélissier, ob.cit., p.146).

Estamos perante uma relação de dezoito nomes em quimbundo para sessenta e três em português, uma percentagem de 78% designações em português. Continua o avanço da língua do colonizador perante a língua das populações nativas.

No último documento cartográfico do século XIX, a *Planta Loanda Capital de Angola*, levantada por F. Dutra em 1861 e litografada em 1862, conseguimos encontrar quinze designações em quimbundo, mantendo-se nomes de antigos dos bairros, já presentes na planta de 1755, como o *Bungo* e as *Imgombotas* ou a *Maianga* na planta de 1757 e mais três bairros<sup>183</sup> referenciados no *Boletim Oficial* de 1848. Registamos o aparecimento de duas novas designações em quimbundo, para dois bairros – o Bairro de *Mabanguela* que nos informa da origem da sua população, já que, em quimbundo, a preposição *ma* significa *de* e o nome próprio *Bangela* é a *Benguela* portuguesa, podemos concluir serem os habitantes provenientes dessa cidade do sul de Angola; o Bairro do *Cassequel*, de *Kasekele*, lugar arenoso.

Os bairros da população africana – muceques - têm “nomes indicando propriedades de grandes famílias tradicionais de Luanda”<sup>184</sup>: Rocha, Van Dunen<sup>185</sup>, Torres e Magalhães Silva.<sup>186</sup> São muceques que aparecem nesta altura e, segundo Pepetela, são devidos ao afastamento da população africana para fora do centro da cidade.

Por fim, aparecem-nos dezoito designações (legíveis) em português<sup>187</sup>, designações que continuam a lembrar reis de Portugal – D. Pedro V passa a figurar na toponímia -, governadores de Angola – o Visconde do Pinheiro em cujo governo – 1851 - se criou o Recolhimento Pio D. Pedro V<sup>188</sup>, dá o seu nome a uma nova praça -, as velhas igrejas e antigas instituições da cidade, às quais se juntam o nome da Igreja e Convento de Santo António (dos Capuchinhos) e a referência ao tribunal da Relação - criado em 1856 - numa calçada, anteriormente designada Calçada Velha.

---

<sup>183</sup> Caponta, Mutamba, Sangamdombe.

<sup>184</sup> Pepetela, ob. cit., p. 68.

<sup>185</sup> Van-Dunem seria um empresário dos portos hanseáticos da Alemanha que em 1630 veio para Angola (David Birmingham, *Portugal e a África*, Lisboa, Vega, 2003, p.103). Os seus descendentes, uma família de *assimilados* cujos membros desempenharam cargos na administração colonial. Descendentes desta família, após a independência de Angola percorrem caminhos diferentes: no M.P.L.A., em Angola ou em Portugal.

<sup>186</sup> “Muceques de famílias abastadas da terra (Torres, Flores, Braga, Boa Vista, etc.)” A. H. de Oliveira Marques (coordenação), “O Império Africano 1890-1930”, in Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, p. 397).

<sup>187</sup> A planta em análise não é passível de leitura de todas as designações do espaço tratado.

<sup>188</sup> Cf. Martins dos Santos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1967, p.219.

Consideramos importante introduzir, aqui, um novo dado que pode ajudar-nos a compreender melhor a relação entre as duas línguas em aspectos variados da vida da cidade: no século XIX, muitos africanos e mestiços tinham “assimilado” a língua e a cultura portuguesas, exprimiam-se oralmente e por escrito em português, não sabendo muitos deles escrever em quimbundo.<sup>189</sup> Podemos, ainda, acrescentar que o primeiro dicionário de Kimbundo- Português, da autoria de Cordeiro da Matta, só aparece em 1893. Situação distinta daquela que Pepetela nos apresenta para o século anterior, quando refere que “o kimbundo era a língua corrente na família patriarcal, mesmo quando o chefe fosse branco.”<sup>190</sup>

## No século XX

No início do século XX, a *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, de 1900, apresenta na sua indicação das ruas e edifícios mais importantes, unicamente, cinco nomes em quimbundo, velhas designações que se mantêm de duas ruas, de um bairro e de um largo. A planta dá-nos a conhecer a localização de um novo espaço para a população africana, o qual recebe o nome de *Sanzalla dos Cabindas*. O nome reflecte, possivelmente, a zona de origem das populações aí residentes, Cabinda, antigo reino do Ngoyo, Loango e Cacongô, pelo Tratado de Simulambuco de 1887 debaixo da soberania portuguesa.<sup>191</sup>

No entanto, para as designações em português, encontramos uma longa lista de vinte e dois nomes, homenageando navegadores – caso de Diogo Cão que continua sempre presente – governadores - quatro novos nomes juntam-se a uma já longa lista, são Álvaro Ferreira, Brito Godins e Ramada Curto, em três avenidas novas e Lourenço Possolo numa calçada - e cidadãos ilustres da terra – exemplo do jornalista negro da burguesia local Pedro Franco. Uma nota para referir o papel dos três novos governadores<sup>192</sup> que figuram, agora, nas placas toponímicas: Brito Godins, que nos finais do século XIX, consegue sufocar uma revolta de antigos escravos na região de Novo Redondo, pacificando a região; Álvaro Ferreira dirige uma operação militar contra um soba do Lubango e cria o distrito da Lunda e Ramada Curto, Chefe dos

---

<sup>189</sup> Cf. Douglas Wheeler, René Pélissier, ob. cit., pp. 148-150. No entanto, trata-se de uma minoria de gente culta face à maioria da população angolana.

<sup>190</sup> Pepetela, ob.cit., p.58.

<sup>145</sup> Cf. P. Joaquim Martins, *Cabindas, História-Crenças-Usos e costumes*. [Em linha]. [Consult. 17/072009]. Disponível em [www.cabinda.net/cabindas.html](http://www.cabinda.net/cabindas.html)

<sup>192</sup> São os últimos Governadores Gerais do século XIX.

Serviços de Saúde e grande impulsionador do principal Hospital da cidade, o Hospital Maria Pia e governante que deu vida às primeiras instalações telegráficas de Angola. Já Lourenço Possolo “*decidiu negociar com o Rei do Congo, Henrique II (1842 – 1857), um tratado pelo qual, a troco da assistência espiritual fornecida por Portugal através do envio de Missionários, o soberano concederia a Portugal vantagens de ordem política e comercial.*”<sup>193</sup>

Outras designações remetem para construções ligadas à Igreja e à Misericórdia ou dão-nos indicações sobre a localização do primitivo palácio do Bispo, da cadeia, do Passeio Público, do cemitério, de um mercado de venda de peixe, do Pelourinho, da primitiva residência do Bispo. Destacamos o Largo dos Coqueiros no sítio da antiquíssima Quitanda Ma – quoço, já identificada na planta de 1755.

A leitura da *Planta da Cidade de São Paulo de Loanda*, de 1926, dá-nos a conhecer, entre ruas e bairros, somente, cinco designações em quimbundo e todas elas já presentes na toponímia de Luanda em plantas anteriores. Uma rua aparece com duas designações: em quimbundo – a Rua do Bungo- e em português – Rua Direita. A lista dos nomes em português é, porém, muito extensa, são cinquenta e um nomes. Estamos perante uma percentagem esmagadora de 91% de designações em língua portuguesa que contemplam um grupo maioritário de governadores de Angola (dezasseis), personalidades destacadas pelo seu contributo para o desenvolvimento da cidade (exemplo do concessionário do Caminho de Ferro de Luanda a Ambaca e do abastecimento de água a Luanda), o navegador Diogo Cão, o historiador Alexandre Herculano, o advogado e criador do fundo da Biblioteca de Luanda, Alfredo Troni, um aviador (Emílio de Carvalho), pela primeira vez, a Praça da República (no local onde foi anunciada à população a proclamação da República) e a Avenida Marginal. Três exploradores dos territórios de Angola e Moçambique – Álvaro Castelões, Paiva de Andrade e Serpa Pinto -, o primeiro governador de Angola - Paulo Dias de Novais - que aparece, pela primeira vez, na toponímia da capital de Angola, a nomear uma rua e uma ponte da cidade, ao lado do nome de mais cinco novos governadores: Batista de Andrade, Eduardo Costa, Guilherme Capelo, Gomes de Souza, Pedro Alexandrino. São homens que ao longo dos seus mandatos tiveram um papel considerado notável para merecerem ver o seu nome inscrito nas placas toponímicas: Batista de Andrade pelos

---

<sup>193</sup> “ O Congo em 1845: Roteiro da viagem ao Congo, por A.J. de Castro, major da província de Angola” in *Boletim da Sociedade de Geografia*, Lisboa, 2ª Série, nº2 (1880), pp.53-67.

seus feitos na submissão de povos indígenas, tendo sido condecorado com a Ordem da Torre e Espada; Eduardo Costa, destacou-se nas campanhas militares de António Enes, em Moçambique, antes de ser governador de Angola; Guilherme Capelo, como Comissário Régio, ocupou os territórios de Massabi, Cacongo e Cabinda e como governador inaugurou o abastecimento de água a Luanda e iniciou a exploração do caminho de ferro de Luanda à Funda; Gomes de Souza, com obra notável como Director do Observatório, Capitão dos portos e Provedor do Asilo e da Misericórdia de Luanda e Pedro Alexandrino, governador que teve um papel importante na repressão da escravatura, no desenvolvimento da cidade<sup>194</sup>, para além de ter fundado Moçamedes, no sul de Angola.

Presentes nomes de construções ligadas à Igreja, Misericórdia, Imprensa Nacional, Câmara Municipal e instalações das forças militares.

Um aspecto a reter é-nos apontado por Pepetela e remete para um conjunto de ruas no bairro da Ingombota com nomes ligados a famílias tradicionais da cidade, como Vieira Dias ou Pinto de Andrade, os quais serão todos substituídos, alguns anos mais tarde.<sup>195</sup>

Chegamos ao ano de 1937 e a Comissão Administrativa da Câmara de Luanda delibera no sentido de se proceder à revisão da toponímia da cidade, constituindo-se para o efeito uma comissão, composta por personalidades de várias áreas da vida da cidade. Os seus objectivos estão definidos na “Introdução ao Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda”, de 1939: “fazer um trabalho de correcção histórica”, mantendo apenas “os vultos que, quer à cidade, quer a Angola, prestaram assinalados serviços”<sup>196</sup>e “assinalar na toponímia da cidade várias figuras” ainda não contempladas, pelos serviços prestados à cidade ou a Angola ou, finalmente, “figuras imortais das glórias do Império”<sup>197</sup>. Porém, o trabalho desta comissão não se esgota aqui e, ainda, deixa um conjunto de nomes a dar a futuras ruas da cidade: *D. João II, Brasil, Moçambique, D. Antónia Saldanha*. Verificámos na planta posterior, a de 1968, o seguimento destas recomendações. Nessa planta vemos a existência de ruas com essas designações, sendo que *D. João II* e *Brasil* são duas das maiores avenidas, então, rasgadas em Luanda.

---

<sup>194</sup> Ver “A expansão urbana”, p. 17 deste estudo.

<sup>195</sup> Cf. Pepetela, ob. cit., p.103.

<sup>196</sup> Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1939, p.4.

<sup>197</sup> Idem, ibidem.

Em 1938, altura em que a cidade inicia um crescimento acelerado, a *Planta Roteiro da Cidade de Luanda* apresenta, no meio de uma extensa lista de avenidas, ruas, largos, calçadas, becos, apenas, onze nomes em quimbundo. Estas designações são todas antigas, não há atribuição de novos nomes em quimbundo, à excepção da Travessa do Quinaxixe – Kinaxixi, com o significado de pântano, charco, poça de água das chuvas. Convém acrescentar que certos bairros com designações em quimbundo são destruídos entre 1926 e a data desta planta. Estão nesta situação os bairros dos Cabindas, Quitanda e Sangamdombe. O Burity (da família tradicional Burity que vê o seu chefe preso) cede as terras para a construção do Bairro Operário<sup>198</sup>.

Na zona das Ingombotas, assistimos a mudanças de designações com nomes de famílias locais, *assimilados* como Vieira Dias, Álvaro Franco e Pinto de Andrade ou outros cidadãos, caso do comerciante e vereador da Câmara Municipal Gregório Ferreira, os quais cedem o seu lugar na toponímia a figuras nacionais, como o navegador Bartolomeu Dias ou o poeta Luís de Camões. Na Cidade Baixa, também, o nome do advogado *assimilado* Pinheiro Falcão é substituído pelo nome do Infante D. Henrique numa importante praça da Cidade Baixa. A antiga Rua das Pretas muda a sua designação e passa a ostentar o nome do governador do século XVIII, D. António Álvares da Cunha, o Conde da Cunha.<sup>199</sup> No entanto, se os nomes ligados às famílias locais são substituídos, aparece-nos um Bairro Indígena e mantém-se a referência a uma antiga família da burguesia africana, no *Beco do Braga*.

Em português temos, assim, uma longa lista de setenta designações, na sua maioria com os heróis da História de Portugal, onde não falta D. Afonso Henriques, o “Fundador da Nacionalidade”<sup>200</sup> ou alguns governadores do território e vereadores da Câmara Municipal de Luanda, exploradores do sertão africano, estudiosos da flora angolana, navegadores, ministros da Marinha e do Ultramar, sacerdotes e missionários e algumas designações ligadas a instituições religiosas. Se nos detivermos em cada um destes grupos, vemos que quatro novos governadores de Angola figuram na toponímia da cidade: Massano de Amorim, com reconhecimento pela sua campanha militar no Bailundo, Tavares de Carvalho, que, também, desempenhou funções de director dos Serviços de Fazenda e Aduaneiros; Ramada Curto, que se destacou na área da saúde,

---

<sup>198</sup> Cf. Pepetela, ob. cit., p. 89.

<sup>199</sup> Segundo o Roteiro da cidade de S. Paulo de Luanda, de 1939, este governador fundou quartéis de cavalaria e infantaria em Luanda e tentou resolver o problema de abastecimento de água à cidade, canalizando-a a partir do rio Bengo.

<sup>200</sup> Cf. a placa toponímica, ainda, na rua de Luanda - Figura 27.

como Director dos respectivos serviços e grande impulsionador das obras do Hospital Maria Pia e Alves Roçadas, militar com várias campanhas no sul de Angola sua folha de serviço e que desenhou uma planta da cidade, em 1900. Se o governador Massano de Amorim dá o seu nome à avenida da ilha os outros três governantes nomeiam ruas da cidade continental. Os vereadores do município Jaime Amorim e Castelo Branco nomeiam duas ruas. Salazar e o Marechal Gomes da Costa, assim como a data de 28 de Maio aparecem nesta planta da cidade de 1938: os dois políticos numa avenida e no largo da ilha de Luanda e a evocação da data do golpe de Estado da ditadura no bairro central da Maianga. Sidónio Pais é lembrado numa rua. Políticos do período monárquico continuam presentes: Sá da Bandeira, Pinheiro Chagas o Conselheiro Aires de Ornelas e Neves Ferreira, Ministro da Marinha e do Ultramar que inicia a ocupação da zona do Moxico . Se os políticos de várias épocas da História de Portugal estão representados, também, dois dignitários religiosos: Simão de Mascarenhas, também governador, o missionário António Barroso e o cônego Matias (Delgado). No campo das personalidades com obra a favor do desenvolvimento da cidade figuram nesta planta da cidade os nomes dos Engenheiros Artur Torres e Costa Simão, do chefe da Repartição técnica das Obras Públicas, João Seco e do Presidente da Associação Comercial de Luanda, Farinha Leitão. Os navegadores Vasco da Gama e Fernão de Magalhães não são esquecidos. No domínio da ciência, se o matemático Pedro Nunes é escolhido, a seu lado estão os naturalistas que estudam a flora angolana – Barbosa du Bocage, Luís Carriço, o Conde de Ficalho e o austríaco Frederico Welwitsch, cujo nome baptizou a planta por si encontrada no deserto de Moçamedes, a *Welwitschia mirabilis*.

Os heróis da ocupação do interior de Angola e Moçambique estão representados pelas figuras de António Enes, Mouzinho de Albuquerque e Baltazar de Aragão<sup>201</sup>. O papel de Duarte Lopes, verdadeiro iniciador das grandes viagens de exploração que permitiram o conhecimento do Congo e regiões circunvizinhas é, igualmente, reconhecido. A cidade, também, não esquece os heróis anónimos da Restauração de Angola, assim como os combatentes da Grande Guerra e presta homenagem aos Lusíadas numa praça, anteriormente de Leonardo Carneiro. A Rua Direita, por sua vez, continua presente na toponímia de Luanda. A Avenida de ligação ao aeroporto da cidade e bairros limítrofes recebe o nome da capital do império, é a Avenida de Lisboa.

---

<sup>201</sup> A Calçada Baltazar de Aragão era a antiga Calçada dos Enforcados.

Temos uma percentagem de, aproximadamente, 87% de designações em português, o que mostra a forma como o poder colonial vai afeiçoando o espaço urbano às memórias e à cultura portuguesa.

### **O Regulamento de 1965**

Estamos perante um documento normativo muito claro e preciso nas regras que estabelece para as designações a atribuir às ruas de Luanda.

O documento começa por nos dar a conhecer a constituição da comissão, cujos membros (em número de seis ou sete) eram recrutados nos organismos oficiais da cidade: Câmara, Comissão Municipal de Turismo, Repartição de Edificações Urbanas, Instituto de Angola - e particulares - Associação dos Proprietários de Luanda e “um ou dois munícipes de reconhecida competência em matéria da história da cidade”<sup>202</sup>.

Em seguida, informa das competências da Comissão para dar parecer sobre a nomenclatura já existente e a dos novos arruamentos, assim como, da “revisão do roteiro e planta toponímica da Cidade”<sup>203</sup>.

No capítulo II, estabelece uma ordenação dos arruamentos “segundo a sua importância prioritária”<sup>204</sup>, numa escala em que o primeiro lugar vai para as avenidas, o segundo para as alamedas, o terceiro para os jardins, o quarto para as praças, o quinto para os largos, o sexto para as ruas o sétimo para as travessas, o oitavo para os becos e o nono para os bairros.

O capítulo III- Da Classificação Toponímica – estabelece os critérios a que deve obedecer a escolha das denominações toponímicas: “Para Avenidas: Nomes de individualidades da História de Angola (...) Para Alamedas: vultos da História de Portugal (...) Para Jardins: acontecimentos e entidades (espirituais, colectivas ou impessoais) ligados à História de Angola (...) Para Largos e Praças: Factos ou lugares históricos de Angola (...) Para ruas: Individualidades das restantes parcelas do território nacional; individualidades estrangeiras (...) Para Becos e Travessas: Nomes da Toponímia angolana”<sup>205</sup>. São critérios que nos levantam questões como: qual o lugar reservado às «individualidades» e aos acontecimentos da História de Angola na

---

<sup>202</sup> Repartição de Estatística, Cultura, Propaganda e Turismo, “Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda” in Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda, nº9 (Out/Dez 1965), p.86.

<sup>203</sup> Idem, ibidem.

<sup>204</sup> Repartição de Estatística, Cultura, Propaganda e Turismo, “Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda” in Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda, nº9 (Out/Dez 1965), p.87.

<sup>205</sup> Repartição de Estatística, Cultura, Propaganda e Turismo, *Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda*, 1965, p.87.

toponímia da cidade? O que entende o legislador por História de Angola, uma história dos portugueses em Angola, ou das populações nativas? O que se consideram nomes da Toponímia angolana? Respostas que só podemos encontrar na análise que a seguir fazemos à própria toponímia posterior a este Regulamento de 1965, concretamente através das plantas de 1968 e 1974.

O documento informa-nos, em seguida, no capítulo IV, do processo burocrático a desenvolver, desde a apresentação das propostas de designações, até à sua aprovação pela Comissão de Toponímia, elaboração dos dizeres das placas e grafia dos topónimos gentílicos angolanos.

Nas Disposições Gerais, alerta-se para a necessidade de elaboração de *Roteiros e Plantas Toponímicas da cidade* actualizados, assim como, do funcionamento de um *Arquivo Histórico da Cidade de Luanda*, “de forma a facultar elementos para a reconstrução histórica da evolução da Cidade”<sup>206</sup>.

### Após 1965

Eis-nos chegados a um ponto fulcral do nosso estudo, já que vamos analisar a toponímia constante das últimas plantas da cidade da autoria do colonizador (1968 e 1974), porque as últimas antes da independência de Angola e referência para a análise comparativa com a primeira planta do período pós colonial (1977).

Antes de prosseguimos, há, no entanto, que ter presente o contexto político-ideológico em que nos situamos em 1968 e 1974: o Estado Novo e o papel fulcral do império colonial para um regime que tem na política colonial um dos seus traços característicos “[...] Entre as características dominantes do nosso nacionalismo e que bem o distinguem de todos os outros adoptados pelos regimes autoritários da Europa, está a potencialidade colonial dos Portugueses, não improvisada em tempos recentes, mas radicada pelos séculos na alma da nação.”<sup>207</sup> E Angola era uma parte integrante desse império pluricontinental. Registavam os manuais da 3ª classe (actual 3º ano do Ensino Básico) do período salazarista: “Portugal não é apenas o território que, na parte mais ocidental da Europa, vai do Minho e Trás-os Montes ao Algarve”. E, assim, em pleno século XX, se entende que “para cultivar o sentimento «imperial» houve uma exposição colonial no Porto (1934), uma reunião dos governadores em Lisboa (1935) e

---

<sup>206</sup> Idem, p.88.

<sup>207</sup> Salazar, *Discursos*, I, p.339. *Apud* Manuel Braga da Cruz, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p.62.

Carmona visitou Angola (1938) e Moçambique (1939)”<sup>208</sup>. Há uma propaganda sistemática, organizada, que passa por muitas acções políticas e iniciativas para divulgar o Império e as obras do regime. Pretende-se inculcar no povo português uma *mística imperial*, através da realização de uma série de congressos, conferências e exposições.<sup>209</sup>

Em Março de 1961, a UPA (União das Populações de Angola), liderada por Holden Roberto, ataca várias fazendas e postos administrativos portugueses no Norte de Angola. A 13 de Abril desse mesmo ano, Salazar num discurso através da Rádio e da Televisão, responde ser urgente unir esforços para a defesa de Angola. Inicia-se a guerra colonial neste território. Mais tarde, em 1962, num discurso proferido ao deixar a pasta da Defesa Nacional, argumenta que a justificação para a continuação da luta reside no facto de “o Estado ser responsável pela paz e desenvolvimento material e moral das populações, responsável ainda pela manutenção da sua própria integridade territorial”<sup>210</sup>.

Em 1968, Marcello Caetano, no seu discurso de tomada de posse como Presidente do Conselho de Ministros, reforça a posição portuguesa, defendendo a continuação da guerra colonial.

Ao analisarmos a *Planta da Cidade de Luanda*, em 1968<sup>211</sup>, e o *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1974 vemos que os membros da Comissão de Toponímia da cidade escolheram designações de acordo com o critério estabelecido pelo artigo 11º do *Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda*, publicado em 1965: para as avenidas, nomes de individualidades da História de Angola, de portugueses com obra reconhecida no território (caso de dois governadores na Avenida de Álvaro Ferreira ou na Avenida Paulo Dias de Novais), para as alamedas vultos da História de Portugal (Alameda D. João II); para os largos e praças, factos ou lugares históricos de Angola (o critério foi respeitado no caso do Largo Almirante Baptista de Andrade, um antigo governador de Angola, mas, vários casos não o respeitam, como o Largo D.

---

<sup>208</sup> Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009, p. 62.

<sup>209</sup> Para além da citada I Exposição Colonial Portuguesa, realizada no Porto, em 1834, destacamos a Exposição Histórica da Ocupação, em 1937 e o I Congresso da História da Expansão no Mundo, no mesmo ano.

<sup>210</sup> António Oliveira Salazar, *Discursos e Notas Políticas*, Coimbra, Coimbra Editora, 1961, vol. VI, p.231.

<sup>211</sup> É imperioso frisar que esta *Planta* apresenta apenas o núcleo central da cidade, com as avenidas de ligação aos bairros mais afastados: Não é, pois, analisada a toponímia dos Bairros Salazar, Américo Tomás, Sarmento Rodrigues, Prenda, Popular, Terra Nova e Cazenga. Nalguns destes bairros, como no Bairro Salazar, as designações das ruas eram, nalguns casos, indicações numéricas, exemplo: Rua 12 SL. Assim, o presente estudo assenta na planta «mais completa», a de 1974.

Afonso Henriques ou o Largo Infante D. Fernando); para as ruas, individualidades das restantes parcelas do território nacional ou individualidades estrangeiras (aponte-se o exemplo da Rua Frederico Welwitsch e da Rua Mouzinho de Albuquerque) e, finalmente, para os becos e travessas, nomes da Toponímia angolana<sup>212</sup> - se o objectivo pretendido era remeter para aspectos locais, veja-se a Travessa do Colégio ou o Beco do Balão, referência ao Colégio dos Jesuítas e ao Observatório, se por outro lado, se pretendia lembrar designações locais em quimbundo, podemos apontar a Travessa de Quinaxixe e a do Quibando ou o Beco do Casuno, junto das ruas homónimas.

Como referimos na Introdução, na nossa análise toponímica de Luanda, com base na *Planta de Luanda de 1968* e *Mapa das Ruas de Luanda de 1974*<sup>213</sup>, seguimos a metodologia proposta por João Medina. Assim, elaboramos uma tipologia<sup>214</sup> a partir dos nomes oficiais das alamedas, avenidas, ruas, largos, praças, calçadas da cidade e distribuímos as designações por categorias: antropónimos, grupo em que consideramos grupos mais parcelares de nomes de reis, príncipes e infantes de Portugal; nomes de políticos e diplomatas portugueses do período monárquico (na maioria dos casos, são nomes de ministros da Marinha e do Ultramar), da I República e nomes de políticos portugueses do Estado Novo; nomes de governadores de Angola; de vereadores da Câmara Municipal; nomes de navegadores; nomes de conquistadores/ exploradores dos territórios africanos; nomes de aviadores; nomes de figuras da cultura, das artes e das ciências; nomes de personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade e, finalmente, nomes de santos; de dignitários religiosos e de missionários. Para este período trabalhamos, igualmente, com topónimos institucionais, topónimos associados a grupos sociais; topónimos direccionais e geotopónimos, topónimos associados a edificações (civis, militares e religiosas), datas cívicas comemorativas, e, por fim, uma categoria que apelidamos de “diversos”, dada a dificuldade em reduzir estes topónimos a uma categoria.

São os nomes escolhidos pelas autoridades municipais – através dos membros Comissão de Toponímia – de acordo com as instruções do poder sediado em Lisboa, com alguns, poucos nomes que, ainda, restam em quimbundo. Quimbundo que está

---

<sup>212</sup> Cf. Repartição de Estatística, Cultura, Propaganda e Turismo, *Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda*, 1965, p.87.

<sup>213</sup> Como referimos na nota 211, a Planta de 1968 não nos fornece informação completa a nível da toponímia. Em virtude deste facto, a análise das designações das artérias e bairros da cidade na fase final da soberania portuguesa em Angola é feita com base no *Mapa das Ruas de Luanda*, de 1974.

<sup>214</sup> Consulte-se o Anexo 32.

presente em nove designações, na Planta de 1968, sendo, apenas, duas novas em relação aos períodos anteriores: a *Rua do Quicombo*, palavra portuguesa para *Kikombo*, com o significado de rio <sup>215</sup>, mas que pode, também, remeter para a fortificação de Quicombo, fundada por Francisco Sotto Mayor, no âmbito da reconquista de Luanda aos Holandeses; a *Rua de Massangano*, topónimo que evoca a batalha travada contra o rei Kiluange e a fortificação onde os portugueses sob o governo de César de Meneses resistem à ocupação holandesa, em 1641<sup>216</sup>. No entanto, podemos conjugar estas informações com a lista dos bairros da cidade nos anos sessenta<sup>217</sup>, apresentada por Ilídio do Amaral na sua obra *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*, na qual dos vinte e três bairros, três mantêm antigas designações em quimbundo e um é nomeado por uma nova designação nessa língua – o *Bairro da Corimba*.<sup>218</sup> Neste autor podemos, igualmente, colher informação sobre os muceques de Luanda em 1964<sup>219</sup>, quatro dos quais nomeados em quimbundo, sendo uma dessas designações nova. Trata-se de *Caputo*, do quimbundo *Káputu* que significa governo ou autoridade portuguesa ou português.<sup>220</sup> Podemos, então, apontar para um total de dezoito nomes em quimbundo, embora uma delas - *Samba* – aparece para o *Bairro da Samba* e para o *Muceque da Samba Pequena*. Em 1974, dezassete espaços, entre ruas, largos e bairros apresentam designações em quimbundo. Não registamos nenhuma nova designação nesta língua nativa. O quimbundo dilui-se num “mar” de designações em português, a língua do colonizador está, esmagadoramente, em maioria.

Antes de passarmos à análise dos nomes em língua portuguesa, temos de reforçar a explicação adiantada na introdução do nosso trabalho: não fazemos o tratamento toponímico de todas as artérias da cidade, uma vez que não são contemplados os bairros periféricos. Para aferir do crescimento do espaço urbano em análise, no período posterior à *Planta de 1938*, basta tomarmos nota das palavras de Ilídio do Amaral ao referir que “os limites do foral da cidade foram alargados em 1947,

---

<sup>215</sup> António de Assis Júnior, ob. cit., p.123.

<sup>216</sup> Massangano que significa “lugar onde dois rios se juntam num só” (António de Assis Júnior, ob. cit., p.279).

<sup>217</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*, entre p.158.

<sup>218</sup> O bairro da Corimba vai buscar o seu nome à barra homónima, já referenciada por Cadornega no século XVII. Em quimbundo Kurimba significa complicação, confusão (António Assis Júnior, ob. cit., p. 223). Podemos questionar se a designação será alusiva às condições de navegação na zona.

<sup>219</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*, entre p. 66-67.

<sup>220</sup> António Assis Júnior, ob. cit., p. 98.

em 1956 e em 1960”<sup>221</sup>. Trabalhamos, assim, sobre o espaço de vinte três bairros. Assim, se explica, por exemplo, o facto de, apenas, referirmos três fitotopónimos quando a cidade tinha, em 1974, um Bairro das Flores.

Começamos por analisar o grande conjunto dos antropónimos, conhecendo quem são as personalidades, os «heróis» que povoam as memórias coloniais, transpostos para as placas toponímicas. Heróis colectivos, anónimos, da História de Angola, perpetuados em artérias como a Avenida dos Restauradores de Angola e largos como o Largo dos Heróis de Mucaba – símbolos da resistência aos holandeses, em meados do século XVII, no primeiro caso, e protagonistas da resistência ao ataque dos bakongo no Uíge, em 1961, no segundo caso. Heróis colectivos de toda a nação, no Largo dos Lusíadas e na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

Heróis singulares, da História de Angola e de Portugal, desde a fundação do país. Passemos, então, à análise desses nomes:

Dez reis, um príncipe e dois infantes de Portugal, desde o “fundador da nacionalidade e 1º rei português”<sup>222</sup>, num largo, ao Príncipe Real, D. Luís Filipe<sup>223</sup>, numa alameda, estão representados na toponímia, ao lado do *Africano*, numa rua, *do Príncipe Perfeito*, e *do Venturoso*. D. Dinis e D. João I dão o seu nome a duas ruas. D. Pedro V, para além do Asilo da cidade vê o seu nome no antigo Largo da Misericórdia. D. João IV, o rei que envia Salvador Correia de Sá para libertar Angola do domínio holandês após a Restauração em Portugal continental não é esquecido e nomeia um importante largo. Curiosamente, o rei D. Sebastião, autor da carta de doação ao fundador da cidade, não está presente na toponímia de Luanda. O Infante Santo e o grande promotor da nossa expansão, o Infante D. Henrique, são evocados em dois largos. Constatamos que as artérias principais – duas alamedas - são designadas, uma pelo nome do rei que enviou o navegador Diogo Cão e outra pelo atrás citado Príncipe Real.

Os políticos portugueses do período monárquico dão o seu nome a onze ruas da cidade. São políticos como o Visconde de Sá da Bandeira, o político que decreta o fim do tráfico de escravos nas colónias portuguesas ou os ministros da Marinha e do Ultramar, caso do Conselheiro Aires de Ornelas - o primeiro a visitar Angola, no

---

<sup>221</sup> Ilídio do Amaral, *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*,... p.103.

<sup>222</sup> Veja-se a placa toponímica nos Apêndices, figura 27, p. 182.

<sup>223</sup> O príncipe real D. Luís Filipe visitou Angola em 1907 (cf. Martins dos Santos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, p.389).

exercício das suas funções – Pinheiro Chagas - o ministro que organizou as viagens de exploração de Capelo e Ivens e Henrique de Carvalho e inicia o processo para a instalação do cabo submarino que ligará Angola à Europa – o Almirante Azevedo Coutinho, ministro e herói da ocupação africana, ao lado de Mouzinho de Albuquerque ou do diplomata Rui de Sousa, enviado por D. João II ao reino do Congo, dando início à presença portuguesa nesse território africano. Sá da Bandeira e Azevedo Coutinho estão destacados em avenidas. Luciano Cordeiro, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, mas, igualmente, representante português na Conferência de Berlim não foi esquecido pelas autoridades.

Um político da I República, mais propriamente, da chamada República Nova, Sidónio Pais nomeia uma rua.

Em 1974 os políticos portugueses do período da ditadura militar e do Estado Novo têm «obrigatoriamente», direito a figurar em ruas, avenidas e bairros, num total de seis espaços. Tome-se como exemplo a figura de Salazar -no largo da ilha e na parte continental de Luanda, num bairro - e dos presidentes da República, em exercício de funções neste período. Como nota, refira-se que destas figuras apenas o General Carmona visitou Angola, no ano de 1938, e Américo Tomás, em 1963. Outra figura a merecer ser lembrada é o director do Secretariado da Propaganda Nacional, António Ferro.

As ruas da cidade perpetuam o nome daqueles que administraram o espaço colonial angolano ao longo dos séculos, na figura de quarenta e nove dos seus governadores. Alguns deixaram obra mais reconhecida que outros, em mandatos únicos ou renovados, aliando funções políticas a desempenhos militares com direito a condecorações nalgumas situações, exemplo do almirante Baptista de Andrade que comanda uma expedição ao Congo em 1855 e o bispo - governador D. Simão de Mascarenhas que lutou contra as primeiras investidas dos holandeses. Desde Paulo Dias de Novais (o fundador da cidade vê o seu nome numa das avenidas mais emblemáticas), passando por Souza Coutinho (governador em cujo período de governação, século XVIII, a cidade sofreu obras públicas de vulto), José de Almeida Vasconcelos, o Barão de Moçamedes, que promoveu a viagem de exploração de Gregório Mendes e Pinheiro Furtado e abriu um curso teórico e prático de Medicina e Cirurgia sob a orientação do Dr. Pinto de Azeredo<sup>224</sup>, a Norton de Matos, governador que instituiu um Departamento

---

<sup>224</sup> Pinto de Azeredo, tal como Gregório Mendes e Pinheiro Furtado estão todos presentes na toponímia

de Assuntos Indígenas. O Governador Silva Tavares é o mais recente titular do cargo – 1960-1961- nomeado num bairro da cidade.

O órgão de administração municipal durante alguns períodos da história da cidade, o Senado da Câmara, assim como sete dos vereadores da Câmara Municipal têm, também, direito a dar nome a ruas de Luanda nos últimos anos da presença portuguesa e com dois deles já presentes na Planta de 1938, o Vereador Castelo Branco e o Vereador Jaime de Amorim. É o reconhecimento de obras em prol da cidade, como a criação do Talho Municipal pelo Vereador Castelbranco. A toponímia regista, de igual modo, a importância do Município e do colectivo dos Municípios Portugueses.

A epopeia marítima dos portugueses está bem registada na toponímia na pessoa do grande obreiro da expansão, o Infante D. Henrique e de um grupo de seis navegadores, com a presença obrigatória de Diogo Cão, o navegador que primeiro tocou as costas de Angola, numa rua e no largo de acesso ao porto da cidade. Figuram, igualmente, nas placas toponímicas Bartolomeu Dias, avô de Paulo Dias de Novais e herói da passagem do Cabo da Boa Esperança; o herói da chegada à Índia e aquele que realiza a primeira viagem de circum-navegação. A ideia do Império do Oriente está bem presente na evocação de Afonso de Albuquerque numa rua.

Os exploradores e conquistadores africanos, famosos pelas suas viagens no interior do território angolano ou pelas campanhas de pacificação das populações nativas dão nome a dezanove ruas da cidade, mostrando a importância dada à presença portuguesa no interior de Angola, mas também, de Moçambique. São nomes de militares que combatem de Norte a Sul de Angola ou civis que exploraram os sertões ao longo dos séculos de presença portuguesa no território. Do século XVI, temos a figura de Duarte Lopes, o português que se torna embaixador do rei do Congo em Roma e fornece a Filippo Pigafetta as informações para escrever a *Relatione de Reame di Congo*. O século seguinte está representado por Luís Lopes Sequeira, o herói que derrota o Rei do Congo, na Batalha de Ambuíla (Mbwila, também recordada numa rua) e o século XVIII por Pinheiro Furtado, explorador da costa sul de Angola. O século XIX é o mais representado, com um conjunto de *notáveis*, dos quais destacamos Serpa Pinto que fez a travessia de Benguela a Pretória, Henrique de Carvalho, explorador da Lunda, Capelo e Ivens, os exploradores do sertão de Benguela e Mouzinho de Albuquerque, o herói de Moçambique, ao capturar Gungunhana em Chaimite. De

referir, que alguns destes homens, também, emprestam o seu nome para designar localidades angolanas, caso de Silva Porto, Serpa Pinto ou Henrique de Carvalho. De Silva Porto escreveu José Ribeiro da Cruz “o explorador que viu e melhor ensina a África interior”<sup>225</sup>, numa alusão à sua longa permanência em Angola e aos testemunhos que nos deixou no seu diário, publicado sob o nome de *Viagens e Apontamentos de um Portuense em África*. As viagens de exploração científica destas figuras, são organizadas pela Sociedade de Geografia de Lisboa, criada no tempo do Ministro do Ultramar Andrade Corvo, todos destacados na toponímia da cidade.

As figuras ligadas às letras, às artes ou à ciência formam um dos mais numerosos grupos presentes na toponímia, com um total sessenta e três nomes, onde, no entanto, encontramos, apenas, dezassete directamente ligados a Angola, como o jornalista, advogado e criador do fundo da Biblioteca Municipal da cidade, Alfredo Troni; os estudiosos da flora angolana, o austríaco Frederico Welwitch<sup>226</sup>, Francisco Newton<sup>227</sup> e o Conde de Ficalho e da fauna (José Vicente) Barbosa du Bocage e José de Anchieta; os autores dos primeiros Dicionários de Kimbundo-Português, Cordeiro da Mata e António Assis Júnior, a poetisa angolana Alda Lara e um conjunto de estudiosos da História de Angola e das suas gentes ao longo dos tempos: o inspector Domingos Abreu de Brito<sup>228</sup>, o Dr. Alves da Cunha, Lourenço da Conceição, o Padre Manuel Ruela Pombo, Gastão Sousa Dias, Elias da Silva (Correia), Alfredo Felner ou o autor de tantos estudos sobre a cidade, Manuel da Costa Lobo Cardoso e *Sisenando Marques* subchefe da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda, com o encargo de estudar meteorologia e ciências naturais.

Das figuras nacionais, também, se faz a toponímia da cidade, é um grupo com quatro historiadores – dos cronistas Fernão Lopes e João de Barros a Oliveira Martins e onde não falta Alexandre Herculano e Jaime Cortesão e o aventureiro e explorador, autor da *Peregrinação* – Fernão Mendes Pinto - o filólogo, arqueólogo e etnólogo José Leite de Vasconcelos; o antropólogo António Mendes Correia. Nomes ligados a várias correntes literárias, escrevendo em prosa e poesia. Um conjunto de autores medievais e

---

<sup>225</sup> José Ribeiro da Cruz, *Resumo da História de Angola*, Lisboa, Edição Oficina Gráfica do Anuário, 1940,p.216.

<sup>226</sup> Frederico Welwitsch deixou o seu nome para sempre ligado à Botânica de Angola ao descobrir no deserto de Moçamedes, uma planta baptizada como *welwitschia mirabilis*.

<sup>227</sup> Francisco Newton vê o seu nome associado a várias espécies angolanas e de outras paragens como a gramínea *Ctenium newtoni*.

<sup>228</sup> Domingos Abreu de Brito redigiu o *Sumário e Descrição do Reino de Angola*, após a inspecção que efectuou, em 1590-91.

modernos, estando estes últimos mais representados e dos quais destacamos a presença de Luís de Camões e Damião de Góis. A Época Contemporânea é porém, a mais representada, sendo que o século XIX conta onze nomes e o século XX dezassete, com nomes como Almeida Garrett, Eça de Queirós, João de Deus, José Régio e Fernando Pessoa, para citarmos os mais conhecidos. No entanto, temos mais dificuldade se procurarmos nomes de figuras angolanas, as quais estão em franca minoria, face às figuras nacionais.

As ciências estão representadas pela Medicina, Matemática, Botânica, Farmacologia: Francisco Sanches, Egas Moniz, Pedro Nunes, Garcia da Orta. A arte está, simplesmente, representada pelo pintor Vasco Fernandes, numa rua do Bairro de S. Paulo<sup>229</sup>.

A religião está presente com um pequeno grupo de dois nomes de santos, o Apóstolo do Oriente, S. Francisco Xavier<sup>230</sup> - e Santa Luzia. A Companhia de Jesus nomeia, também, uma rua. Alguns deles têm os seus nomes ligados a instituições de ensino e assistência social da cidade, sendo, por isso, analisados nesse âmbito. Está, igualmente, presente nas figuras de nove dignitários religiosos e missionários, em missão em Luanda e no Congo, ao longo dos tempos. Dos primeiros anos de evangelização em solo angolano, o padre Baltazar Barreira, o bispo e governador, D. Francisco Soveral, em cujo período é criada a paróquia do corpo Santo, a segunda da cidade e o monge capuchinho italiano Frei João Cavazzi, Perfeito das Missões em 1673 e editor de uma importante obra com informação preciosa sobre a presença da Igreja Católica nos reinos africanos do território angolano. No final do século XIX, início do século XX, o bispo D. António Barroso funda a missão de S. Salvador do Congo e Moisés Alves de Pinho, da Congregação do Espírito Santo, é Bispo de Angola e do Congo, em 1932 e mais tarde, em 1966, Arcebispo de Luanda.

A cidade não esquece nos nomes das suas ruas um conjunto de dezassete personalidades que desempenharam um papel relevante nos mais variados aspectos,

---

<sup>229</sup> Estamos a referir-nos à presença de nomes de artistas no espaço urbano analisado, já que a cidade possuía um *Bairro dos Artistas*, na sua periferia. Pelo *Roteiro Toponímico das Ruas de Luanda*, de 1974, tomamos conhecimento da Rua de Malhã, Stuart Carvalhais, Almada Negreiros e com nomes de outros artistas.

<sup>230</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso revela-nos a avultada soma gasta com os festejos em honra da beatificação do santo: 3000 cruzados, em 1620. (Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p.3). Ralph Delgado descreve-nos estes festejos em pormenor: a parada militar, o concurso literário e a procissão. (Ralph Delgado, *História de Angola*, Luanda, Edição do Banco de Angola, 1901, 2º vol., pp.64-69).

para o seu desenvolvimento, desde o abastecimento de água (problema que preocupou as autoridades ao longo dos anos), a instalação do caminho-de-ferro, passando pelas obras públicas, até ao comércio e indústria locais ou a criação de escolas. Sem menosprezar outras figuras, podemos apontar o comerciante Farinha Leitão – várias vezes presidente da Associação Comercial de Luanda ou D. Antónia Saldanha, esposa do governador Saldanha Gama, criadora de uma escola para raparigas. Não pode ser esquecida a figura do Dr. Pinto de Azeredo, o qual no século XVIII, parte para Luanda como médico e com a incumbência de fundar uma Escola de Medicina na cidade. Consideramos de destacar a inclusão na toponímia de um desterrado do Brasil para Angola, por participação na revolta dos “Inconfidentes Mineiros”, o Dr. Álvares Maciel, o qual desempenha trabalhos nas minas ou de um governador do Brasil, território com fortes ligações comerciais a Angola e Adolfo Pina, jornalista e fundador do *Jornal A Província de Angola*.

Estranhámos a presença de um chefe indígena derrotado pelos portugueses: o Jaga Calandulo. No entanto, percebe-se a sua inclusão na toponímia luandense se tivermos presente o complicado jogo de alianças muitas vezes estabelecido com alguns chefes locais, em detrimento de outros. José Ribeiro da Cruz<sup>231</sup> apelida-o de “Fiel Jaga Calandulo” pela sua acção no governo de Francisco de Távora, o Governador que derrota o Príncipe do Soyo, em 1670.

As ruas de Luanda guardam, igualmente, a memória de dois nomes da aviação nacional, os heróis da travessia do Atlântico sul – Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A seu lado, encontramos o brasileiro Santos Dumont.

Para além do recurso aos antropónimos, a toponímia de Luanda, em 1974, também se faz recorrendo a um numeroso grupo de topónimos direccionais e geotopónimos, onde não falta a típica Rua Direita portuguesa, documentada já na *Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Loanda como se ve pelo alfabeto nela*, do Governador Fernão de Sousa, de 1626 e na *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios*, de 1755. A Rua do Sol já aparece no século anterior e na Planta de 1755 podemos localizar o *Corrigo de Moanhe-embanze*, traduzido como o Rego do Sol de Verão. Neste grupo de topónimos podemos encontrar representadas todas as, então, províncias ultramarinas, bem como o Brasil e a Índia e uma designação que vem do

---

<sup>231</sup>José Ribeiro da Cruz, *Resumo da História de Angola*, Lisboa, Oficina Gráfica do Anuário, 1940, p.118.

século XIX – a Travessa da Ásia. De Portugal Continental estão referenciadas todas as províncias e capitais de distrito, tal como algumas vilas. Em 1974, as autoridades continuam a incluir na toponímia Goa, Damão e Diu, apesar da anexação desses territórios pela União Indiana. Quanto aos Açores, vemos que este arquipélago está representado, apenas, pela ilha do Faial.

Este grupo dos topónimos direccionais e geotopónimos é o segundo grupo mais numeroso, com mais de sessenta nomes<sup>232</sup>, verdadeiro roteiro geográfico do Portugal de 1974. No entanto, Angola está representada por, apenas, doze localidades, de Bucuzau, no norte de Angola, a Quilengues, na Huíla, a sul. Localidades que, nalguns casos, são referenciadas pela sua intensa carga histórica, exemplo de Massangano que se tornou a capital de Angola durante a ocupação holandesa de Luanda nos anos de 1641 a 1648.

Duas ruas da cidade são nomeadas a partir de datas comemorativas da História de Portugal – a da implantação da República (5 de Outubro) e a da queda da I República (28 de Maio). A própria República é, igualmente nomeada numa praça da cidade, num espaço que ganha este nome, porque aí se dá à população a notícia da implantação da República em Portugal. Luanda, como qualquer cidade da *metrópole*, lembra, assim, datas e acontecimentos da História de Portugal.

Nove grupos sociais estão presentes na toponímia da cidade, lembram-se os que estão ligados a actividades comerciais, em geral, os mercadores - e aqueles que desenvolvem a prática comercial no interior, negociando com os indígenas - os «Pombeiros» que se aventuram no «mato» e realizaram a primeira viagem de Angola à contra-costa, no início do século XIX, os funantes e os sertanejos<sup>233</sup>. Igualmente se lembram os militares, assim como, a tropa africana ao serviço dos portugueses - os empacaceiros<sup>234</sup>. Presentes na toponímia da cidade, ainda estão aqueles que por mar chegaram a outras paragens – os mareantes – e os que evangelizaram os povos africanos – os missionários. Não são esquecidos os artistas, num largo e num bairro da cidade.

---

<sup>232</sup> É imperioso frisar que o espaço da cidade aqui tratado exclui designações incluídas neste grupo: exemplo de Bairros da Madeira e Cabo Verde.

<sup>233</sup> “ (...) agentes africanos, mestiços e europeus – pombeiros e funantes, sertanejos e aviados – que impulsionaram a constituição de povoações ...” (José Manuel Fernandes, Aida Freudenthal, Maria de Lurdes Janeiro, *Angola no século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas*, Lisboa, Maisimagem, 2010, p.41).

<sup>234</sup> “O termo deriva de caçador de pacaças; tropa africana comandada por portugueses «brancos» e por «mestiços». Também registram-se casos de o comando ter sido exercido por algum «negro» livre.” (Fernando A.A. Mourão, *Encontro de Povos e Culturas em Angola*, p.172). Ralph Delgado explica “Empacaceiros-caçadores de pacaças ou mosqueteiros” (Ralph Delgado, ob. cit., 2ºvol, p.327, nota3).

É uma forma de reconhecer a importância de vários grupos profissionais no desenvolvimento da cidade e de Angola.

A cidade presta, também, homenagem, a algumas instituições às quais reconhece obra de mérito, caso do Montepio Ferroviário e da Casa Pia de Luanda, no campo dos socorros mútuos e da assistência social, e da Sociedade de Geografia, como entidade promotora de viagens de exploração nos territórios portugueses em África. A Misericórdia, criada no tempo do fundador da cidade, é outra instituição de reconhecido valor para a cidade que não é esquecida, estando presente na toponímia, desde o século XIX.

A cidade, também, possui ruas e bairros com nomes ligados à Botânica: tem um Bairro das Flores e uma Rua dos Coqueiros e outra dos Eucaliptos. Acrescente-se que aquela Rua dos Coqueiros é antiquíssima, já a podemos ver referenciada – na língua local e em português - na Planta de 1755, como o local onde se realizava uma feira.

Se as flores estão presentes na toponímia, as cores aparecem em igual número, no Bairro das Cores encontramos uma vasta paleta cromática.

Um numeroso conjunto de vinte e seis designações que incluímos no grupo dos topónimos ligados a construções religiosas, militares e civis, evoca a memória de edifícios emblemáticos da cidade, desde a sua fundação até 1975. A Calçada do Carmo é a velha rua de acesso à dita igreja e convento dos Carmelitas construídos em 1661; a Travessa do Colégio localiza-se na zona do Colégio dos Jesuítas, dos séculos XVII e XVIII; na Praça da Nazaré se construiu, no século XVII para cumprir um voto do Governador André Vidal de Negreiros, a Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, a Igreja de Nossa Senhora da Muxima, a sul de Luanda nomeia uma rua, como reconhecimento da grande devoção da população e, nos anos sessenta do século XX, um largo ajardinado de grande área mostra-nos a Igreja da Sagrada Família; na Travessa da Sé a lembrança da segunda Sé de Luanda, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, em 1828; a Rua do Esquadrão - lembrança de um antigo quartel de Cavalaria do século XIX, adaptado a quartel de Polícia no século XX- e a Travessa do Teatro Providência, um velho local de cultura e lazer da cidade. Através destes topónimos podemos, assim, fazer a História do ensino, da assistência social, do lazer, das estruturas militares, dos templos da cidade, desde os primeiros anos de presença portuguesa em Angola, até aos últimos anos de soberania portuguesa. Já do século XX, podemos referir as seguintes construções: o Colégio Militar, a Igreja da Sagrada Família e a Missão de São Paulo. Podemos

acrescentar que algumas destas construções já não existem – o Teatro Providência, o Colégio Militar, o Pelourinho, o Convento e Hospício de Santo António dos Capuchinhos, o primitivo Palácio do Bispo.

Uns grupos de três ruas são difíceis de categorizar: a Rua da Caridade, uma virtude a nomear uma rua; a Calçada dos Enforcados que nos recorda os tempos em que os condenados por ali desciam a caminho do Pelourinho e a Rua dos Enganos<sup>235</sup>.

Após este trabalho de inventariação dos nomes que constam da toponímia de Luanda no período colonial (*Mapa das Ruas de Luanda, de 1974*), podemos fazer uma análise mais profunda e constatar que nos últimos anos da soberania portuguesa em Angola, o maior número de designações pertence ao numeroso grupo dos antropónimos, com de 65 % do total das designações. As figuras da cultura, das ciências e da arte (escritores, os poetas, os historiadores, os jornalistas, médicos e os naturalistas de várias épocas) estão à cabeça deste grupo, constituindo 28% do total dos antropónimos. A seguir vêm os governadores de Angola, políticos e militares idos de Lisboa ou da outra colónia com ligação comercial muito forte a Angola,<sup>236</sup> o Brasil, com 22%; das personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade, com 13%; os exploradores e conquistadores com 9%; os políticos do período monárquico com 6%; os reis e príncipes com 5% e os outros grupos analisados com valores inferiores a 5%<sup>237</sup>. Podemos, assim, constatar a importância dada aos sectores ligados à cultura e à ciência, embora, a área da governação - a nível da administração da colónia e não da cidade - mereça grande destaque. Aqueles cuja notoriedade se deve ao desenvolvimento a nível local são reconhecidos, mas, ficam bastante aquém dos homens da ciência e da cultura e dos políticos nacionais de várias épocas – presidentes da República, diplomatas e ministros da Marinha e do Ultramar – e dos governadores de Angola.

Um aspecto a reter passa pela existência de um único antropónimo feminino, o caso de D. Antónia Saldanha, mulher de um governador-geral e com direito a dar o seu nome a uma rua pela criação de uma escola para meninas em Luanda, no período em que o seu marido, António Saldanha da Gama, desempenhou o cargo.

---

<sup>235</sup> Procurámos uma explicação para esta estranha designação, mas apenas lográmos encontrar na página 52 do *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, de 1939, a seguinte referência: "Denominação muito antiga".

<sup>236</sup> A ligação ao Brasil nos tempos da escravatura é tão forte que houve alguns movimentos no sentido de Angola seguir o Brasil após a independência deste território sul-americano. Muitos historiadores brasileiros se têm debruçado (destaque para Fernando A. A. Mourão) sobre as implicações do fim do tráfico negreiro de Angola para o Brasil na economia de Luanda, em particular e de Angola, em geral.

<sup>237</sup> Dignitários e missionários, políticos da I República, os aviadores, os santos e os heróis colectivos.

No que diz respeito às designações englobadas noutros grupos que não dos antropónimos, elas atingem os 35%, sendo que os topónimos direccionais ou geográficos ultrapassam a metade, seguidos muito de longe pelas designações que remetem para as edificações de natureza civil, militar e religiosa, construídas na cidade ao longo da sua história (19%); um conjunto de nomes de grupos sociais da cidade (8%) e instituições da cidade e do país (6%). Os outros pequenos grupos de designações apresentam percentagens abaixo dos 5%<sup>238</sup>.

Consideramos, igualmente, importante destacar a atribuição, bem antiga, da designação ligada à Ordem dos Carmelitas, com igreja e convento em Luanda, começados a construir em 1660<sup>239</sup> a uma rua (Mongila a Carmo na *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios*, de 1755), a uma praça (Praça do Carmo no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 148 de 29 de Junho de 1848) e a um bairro (Bairro do Carmo na *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios*, de 1755 e no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 329 de 17 de Janeiro de 1852).

Um outro dado importante é sabermos da escolha dos nomes do navegador português que, pela primeira vez, chegou à foz do rio Zaire e aparece, na placa toponímica como “descobridor das costas de Angola”, Diogo Cão, ou do fundador da cidade, Paulo Dias de Novais ou do general que vem do Brasil libertar Angola do domínio holandês, em 1648, Salvador Correia.

Diogo Cão dá o nome a uma das ruas mais antigas da cidade, “que levava do centro urbano ao morro da fortaleza de São Miguel”<sup>240</sup>. Aparece-nos, inicialmente, com esta designação no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 148 de 29 de Junho de 1848 e na *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, de 1900. Já Paulo Dias de Novais dá o seu nome a uma das principais avenidas da cidade, apenas, na *Planta da Cidade de Luanda, em 1938*, já que no *Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, editada em 1926, ainda, aparece a designação Avenida Marginal,

---

<sup>238</sup> Trata-se dos seguintes grupos de designações: datas e fitotopónimos.

<sup>239</sup> Cf. Pedro Dias, ob. cit., p. 197 e João Loureiro, ob. cit., p. 78. Acrescente-se que na legenda da *Planta della Città di Loanda ó S. Paolo Metrop. Del Regno d'Angola*, de 1698, o número 15 identifica o Convento dos Carmelitas Descalços (mais tarde, do Carmo), sem referir, no entanto, qualquer rua de acesso.

<sup>240</sup> Pedro Dias, ob. cit., p. 100.

nome que, aliás, a população sempre utilizou no período colonial.<sup>241</sup> Quanto a Salvador Correia, sabemos que o seu nome já tem direito a figurar nas placas da cidade, pelo *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, nº 148 de 29 de Junho de 1848 e pela *Planta Loanda Capital de Angola*, de 1861.

Neste capítulo foram apresentados os *heróis*, os acontecimentos, as datas, os locais que povoavam as memórias dos portugueses que, nos tempos coloniais, escolheram a toponímia oficial em Luanda. Tentámos perceber as motivações da sua escolha: da simples associação a aspectos da geografia feita pelas populações, à escolha pelas autoridades para perpetuar o nome das personalidades consideradas dignas da memória histórica oficial.

Após esta viagem pela toponímia de Luanda, até 1974 (última planta da cidade consultada e referência para a toponímia luandense até à independência de Angola), vamos, agora, debruçar - nos sobre o verdadeiro cerne do nosso trabalho: as alterações sofridas com a independência de Angola, em 1975.

## A toponímia após a independência

### As figuras da toponímia – o que mudou

Uma vez alcançada a independência de Angola, as novas autoridades irão proceder à substituição/destruição dos símbolos do passado colonial. E a toponímia colonial, local de memória desse passado, não poderia permanecer inalterada. Urge que seja esquecida, agora que o país se encontra num novo contexto político-ideológico saído da Revolução que, em 25 de Abril de 1974, em Portugal, leva ao desmantelamento das estruturas do *Estado Novo* e à descolonização.<sup>242</sup>

Atentemos, então, nas designações que os poderes angolanos escolheram para o lugar das antigas, deixando, aqui, a análise dos nomes que ficaram para além de 11 de Novembro de 1975.<sup>243</sup> Tal com fizemos para as Plantas de 1968 e 1974, elaborámos

---

<sup>241</sup> É de referir que esta Avenida Paulo Dias de Novais começou por ser uma estreita *Rua da Praya*, passando a *Avenida Marginal*, com as obras do porto de Luanda e requalificação da zona Baía de Luanda, dotando-a de um largo passeio público.

<sup>242</sup> Apesar dos contactos estabelecidos com a Embaixada de Angola em Lisboa, não tivemos êxito nas nossas pesquisas no sentido de obter documentação oficial que ateste o momento exacto e as considerações oficiais (das autoridades nacionais angolanas ou do Governo Provincial de Luanda) para as alterações toponímicas na cidade de Luanda.

<sup>243</sup> O âmbito deste trabalho circunscreve-se, apenas, às alterações imediatas à independência de Angola. Não cabem, assim, alterações posteriores da toponímia decorrentes de outros contextos históricos, v. g. a Rua Karl Marx e Friedrich Engeles «transformadas» na Avenida de Portugal, em 10 de Junho de 2000.

uma tipologia a partir dos nomes oficiais das alamedas, avenidas, ruas, largos, praças, calçadas da cidade e distribuímos as designações por grandes “blocos”: antropónimos, topónimos direccionais e geotopónimos, datas cívicas comemorativas, designações ligadas a edificações religiosas, militares e civis e um grupo de designações difíceis de categorizar. Consideramos, igualmente, o grupo dos *heróis colectivos*.

No grupo dos antropónimos, um grande grupo de designações é composto pelos nomes dos militares - comandantes ou simples guerrilheiros do M.P.L.A. e seus apoiantes estrangeiros - ou dos civis, heróis da luta contra as autoridades coloniais portuguesas, ou da guerra civil, ganha pelas F.A.P.L.A., o exército do M.P.L.A. Grupo onde, também, cabem as *Heroínas* (Irene Cohen, Lucrecia Paim, Deolinda Rodrigues e Engrácia dos Santos), imortalizadas no colectivo (num largo) ou individualmente (em quatro ruas). Igualmente, neste grupo um missionário, o Cónego Manuel das Neves, activo nas denúncias das injustiças contra o trabalhador africano e reconhecido como tendo influenciado a rebelião de 4 de Fevereiro de 1961. Nos anos quarenta, do século XX, o cónego Manuel Joaquim Mendes das Neves e o Dr. Amílcar Barca estão a chefiar a Frente Unida de Libertação de Angola. O primeiro profere palestras contra o colonialismo, o segundo Helder Neto é um estudante que é preso nos anos cinquenta, por integrar o Botafogo, uma associação cultural onde, também, Manuel dos Santos (Capicua) desenvolve a sua luta anti-colonial. Se falamos de resistência ao domínio do colonizador, é obrigatório referir um novo topónimo das ruas de Luanda ligado a uma associação de naturais de Angola que pugnava pela defesa da identidade dos africanos, face ao colonizador – a Liga Nacional Africana.

Mas, também, os nomes de velhos sobas ou reis nativos de séculos passados vêm substituir os nomes dos soberanos portugueses, à excepção de cinco reis e do Príncipe Real<sup>244</sup>. Todos eles combateram a presença portuguesa em terras angolanas, desde os primeiros momentos: a rainha Jinga (Rainha Njinga Mbandi), hábil diplomata na gestão das suas relações com outros povos, ao unir os povos do Ndongo, Matamba, Kongo, Kassange, Dembos, Kissama; Bula Matadi, um aristocrata do reino do Congo, que em 1570 tenta expulsar os Portugueses do seu reino; Ndunduma, rei do Bié; Mandume, rei do Cuanhama, o qual não hesita em aliar-se aos Alemães contra os Portugueses; o Rei Katiavala, do Bailundo e o N’ Gola Kiluanji, que dirige a resistência no reino do Ndongo. É obrigatório destacar a importância dada à rainha Jinga, já que o seu nome

---

<sup>244</sup> Como já referimos anteriormente, trata-se de D. Luís Filipe, príncipe que visitou Angola em 1907.

substitui as designações portuguesas de duas ruas – a de Salvador Correia e dos Restauradores de Angola – e de um largo – o Largo do Infante D. Fernando. Esta importância da rainha Jinga justifica-se pelo facto do jovem Estado angolano, na construção da identidade nacional, a ter transformado num símbolo emblemático, de resistente proto-nacionalista ao colonialismo português. Cria-se o mito em torno da figura desta rainha do reino da Matamba, entre 1624 e 1663, a qual se converte ao cristianismo, assina um tratado de paz com as autoridades portuguesas, mas que não hesita em se unir ao invasor holandês que conquista Luanda em 1641. Derrotada, assina novo tratado com os portugueses, conseguindo, assim, manter a paz até à sua morte. É esta faceta de “negociadora astuta, guerreira feroz e rival impiedosa”<sup>245</sup> contra o colonizador que as autoridades angolanas recuperam.

Nestes dois grupos de figuras, temos que realçar um aspecto, muitos chefes militares adoptaram no tempo da resistência ao domínio colonial português, nomeadamente, no período da guerra colonial, “nomes de guerra” que foram buscar às figuras da história dos reinos em que se dividia o território angolano à chegada dos portugueses, caso de Nkunduma, nome adoptado pelo guerrilheiro do M.P.L.A. Costa Andrade ou N’ Gola Kiluanji, “nome de guerra” de César Augusto. Acreditamos que, nestes casos, o topónimo remete para a figura do passado mais próximo, ao mesmo tempo, que evoca um passado mais remoto, ambos num contexto de resistência ao domínio colonial português.

Um grupo, também, numeroso é constituído por dezassete ideólogos, militares e políticos estrangeiros, tomados como exemplos de conduta política ou apoiantes da causa angolana. São nomes como Che Guevara, o comandante cubano Arguilles, Karl Marx ou chefes de Estado estrangeiros como o soviético Lenine, o político indiano Nehru, o chileno Allende, o ganês Nkrumah e o jugoslavo Tito. Durante a luta pela independência de Angola, várias figuras do M.P.L.A. encontram-se com chefes de Estado estrangeiros, na busca de apoios para a sua causa de libertação: Agostinho Neto, encontrou-se com Josep Tito e Viriato da Cruz e Mário de Andrade encontraram-se com o presidente da União Soviética, Nikita Krushev. Já Lúcio Lara encontra-se com o presidente do Gana, Nkrumah e com o chefe da resistência ao domínio português na Guiné e Cabo Verde, Amílcar Cabral, em 1960. Por outro lado, o revolucionário comunista Che Guevara encontra-se com Lúcio Lara, em Brazaville, no ano de 1965.

---

<sup>245</sup>Douglas Wheeler, René Pélissier, ob.cit., p.74.

No contexto de apoio externo à luta contra as autoridades portuguesas, há que referir um novo topónimo de Luanda ligado a uma estação radiofónica com um papel importante na difusão dos ideais de libertação angolana - a (Voz de) Angola Combatente, a qual emitia a partir de Brazaville e difundia apelos à união de todos os que combatiam o domínio português em África. Destas personalidades duas delas – Lenine e Amílcar Cabral -vêm o seu nome baptizar uma rua e um largo simultaneamente. Reconhecimento da influência da mensagem do político soviético, assim como, do presidente do P.A.I.G.C., o movimento de libertação que, tal como o M.P.L.A., em Angola, combatia a tutela portuguesa na Guiné Bissau e em Cabo Verde.

Os exploradores e conquistadores portugueses não são, totalmente, afastados da toponímia de Luanda (permanecem cinco deles) e é introduzido o nome de um comerciante africano (ovimbundo) ao serviço do sertanejo Silva Porto – Domingos Tahakananga<sup>246</sup>. Convém frisar que este homem, embora com propósitos comerciais, pode-se considerar um explorador do interior do continente africano, já que faz a viagem de Benguela – Huambo- à foz do rio Rovuma, na fronteira moçambicana com a Tanzânia<sup>247</sup>.

Para sermos mais precisos, podemos afirmar que restam dois conquistadores – o capitão Francisco Sotto Mayor que vai ao Congo ajudar este aliado de Portugal contra os Jagas<sup>248</sup>, em 1577 e o capitão Baltazar de Aragão que fundou o Presídio de Muxima e Cambambe, no século XVII, e é enviado pelo governador Pereira Forjaz ao Monomotapa - e quatro exploradores do interior e da costa sul de Angola, nos anos oitenta do século XIX – as figuras de Paiva de Andrade, o qual percorreu a Zambézia e fundou a Companhia das Pesquisas Mineiras; Henrique de Carvalho, o explorador e primeiro governador da Lunda<sup>249</sup> e os exploradores enviados, por terra e por mar, pelo governador de Angola, o Barão de Moçamedes, Pinheiro Furtado e Gregório José Mendes, viagens de que resultou a primeira carta geográfica de Angola.

Presente pela primeira vez nas placas toponímicas das ruas da cidade está, igualmente, um grupo de quatro novos nomes ligados à cultura, na pessoa do poeta angolano Viriato da Cruz, também, fundador e dirigente do M.P.L.A., dos historiadores

---

<sup>246</sup> Encontramos igualmente referenciado como Domingos Kakahanga.

<sup>247</sup> Cf. René Pélissier, Douglas Wheeler, ob.cit, p.57.

<sup>248</sup> Carlos Alberto Garcia considera esta acção a base da instalação dos Portugueses no reino do ngola, ainda antes da chegada de Paulo Dias de Novais. (Carlos Alberto Garcia, *Paulo Dias de Novais e a sua época*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1964, p.96).

<sup>249</sup> O relato desta expedição é publicado em 1890, sob o nome de *Descrição da viagem à Mussumba do Muatiânvua pelo chefe da expedição Henrique Augusto Dias de Carvalho*.

de Angola, Alberto de Lemos e Francisco Castelobranco e de um poeta checo morto pelos nazis, Julius Futchik.

Algumas datas e acontecimentos da História de Angola ou Universal são, agora, considerados dignos de figurar nas placas. São cinco ao todo. Datas como o 4 de Fevereiro de 1961, dia do ataque às cadeias de Luanda e à 4ª esquadra da Companhia Móvel da P.S.P. ou o registo do 1º Congresso do M.P.L.A., realizado em 1977, o 17 de Setembro (dia do Herói Nacional). O 1º de Maio e a Revolução (Russa) de Outubro são datas e acontecimentos que se compaginam com as referências ideológicas do regime, o socialismo<sup>250</sup>. A toponímia de 1977 regista, ainda, uma outra data importante para a mudança política - o 25 de Abril, a data da Revolução em Portugal da qual decorreu o processo de descolonização que levou à independência de Angola. Curiosamente, esta designação vem substituir o nome do antigo quartel do Esquadrão, do século XVIII. Aspecto a destacar é o facto da data de 4 de Fevereiro nomear dois espaços centrais da cidade: a avenida marginal – a antiga Avenida Paulo Dias de Novais – e o largo do porto marítimo – antigo Largo de Diogo Cão. O fundador da cidade e o navegador que chegou ao espaço angolano pela primeira vez, porque simbolizam o início da era do domínio europeu e colonial, são substituídos por um acontecimento que marca o início da luta pela libertação nacional angolana.

O grupo dos Heróis colectivos homenageia, agora, os novos heróis de Angola em dois espaços: o Largo das Heroínas<sup>251</sup> – quatro mulheres com papéis de relevo no contexto da luta de guerrilha contra o exército português, vítimas de uma emboscada dos guerrilheiros de outro movimento que luta contra a presença portuguesa em Angola (F.N.L.A.) - e a Praça do Povo – um tributo ao povo angolano, agora senhor do seu destino.

Os topónimos ligados a grupos sociais vêm diminuir o seu número em relação ao período colonial, já que são eliminados o grupo dos *Pombeiros*, *dos Artistas* e dos *Empacaceiros* e não se regista a entrada de nenhum grupo social novo. Podemos adiante encontrar nas designações portuguesas que permanecem os *Funantes* e os *Sertanejos*, profissões igualmente ligadas ao trato comercial no interior do território angolano tal

---

<sup>250</sup> Alguns dos futuros dirigentes da República Popular de Angola fazem a sua formação na União Soviética ou nos chamados “países de Leste”.

<sup>251</sup> As Heroínas Deolinda Rodrigues, Irene Cohen, Lucrécia Paim, Engrácia dos Santos pertencentes ao Esquadrão Kamy. O dia da sua morte (2 de Março) comemora o Dia da Mulher Angolana. (Cf. Agência de Propaganda da Secção Política Nacional das F.A.P.L.A., *F.A.P.L.A- Baluarte da Paz em Angola*, Paris, Publicações Berger-Levrault, s.d., p. 49).

como os *Pombeiros* e se os Empacaceiros desaparecem, os Militares continuam presentes. Somos levados a concluir não existir um critério rígido de eliminação dos grupos sociais com conotação mais evidente à dominação colonial portuguesa.

As designações ligadas a edificações religiosas, militares e civis, na sua maioria, sobreviveram à mudança de estatuto político de Angola, exemplo do Beco do Balão (alusão ao Observatório Astronómico) ou da Rua da Alfândega. Recuperados dos primeiros tempos coloniais, marcam presença topónimos como a Calçada dos Enforcados – na *Planta da Cidade de São Paulo de Loanda*, de 1926 ainda aparece esta designação, mas, na *Planta Roteiro da Cidade de Luanda*, de 1938, já encontramos Calçada de Baltazar de Aragão - ou a Calçada Katadi - o Largo do Pelourinho que retoma a sua designação em quimbundo, presente no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*, de 19 de Julho de 1851 – Largo Katadi.

Designações consagradas pela tradição oral, vêm-se, agora, oficializadas como o Largo Lello, nome de uma das mais conceituadas livrarias da cidade, ainda hoje aberta ao público. O Clube Atlético, criado para a população africana<sup>252</sup> e a tipografia Mãe Tita, locais de impressão do jornal “O Angolense”, do final do século XIX dão o seu nome a duas ruas da cidade. A Fortaleza nomeia a mesma calçada que, anteriormente, se chamava de S. Miguel (a designação da Fortaleza no período colonial era de S. Miguel, assim como, o morro em que a construção militar se situa).

O grupo dos topónimos direccionais e geotopónimos é sem dúvida aquele que menor alteração de nomes sofreu. Registamos, apenas duas novas designações: o Largo do Lumej e a Rua do Kariphande. São referências a duas localidades, onde se desenrolaram ataques da guerrilha do M.P.L.A. a posições portuguesas durante o período da guerra colonial. Dos primeiros tempos da ocupação portuguesa, permaneceram, neste primeiro momento de Luanda após a independência de Angola e num clima de guerra civil, uma percentagem muito elevada – cerca de 58% - dos nomes das artérias da cidade.

Ao debruçarmo-nos sobre as alterações toponímicas sofridas pelas ruas, avenidas, largos, travessas e calçadas da cidade não podemos esquecer que, também, os bairros vêm os seus nomes alterados, caso dos bairros Salazar, Américo Tomaz, Sarmiento Rodrigues, Vila Alice, Vila Clotilde, Praia do Bispo, Cidade Alta, Coqueiros,

---

<sup>252</sup> “O Clube Atlético de Luanda e o S. Paulo Futebol Clube foram duas associações desportivas que arrastaram multidões dos musseques para a Baixa e uniram pretos e mestiços em propósitos comuns.” (Manuel Pedro Pacavira, *O 4 de Fevereiro pelos Próprios*, Luanda, Editorial Nzila, 2003, p.23).

Cruzeiro, S. Paulo, Alvalade, Santa Bárbara. Apenas, permanecem as designações de bairros como: Prenda, Ingombotas, Maianga, Terra Nova, Cazenga, Popular, Corimba e Ilha. Podemos perceber a eliminação do nome dos três chefes políticos portugueses, símbolo do domínio colonial e da ditadura. Quanto às outras designações o critério afigura-se menos claro, já que desaparece o Bairro de S. Paulo – passa a chamar-se Operário - mas o nome do santo subentende-se na Rua da Missão (de S. Paulo); o Bairro dos Coqueiros deixou de estar presente – integra-se, em 1977, no Bairro da Ingombota - mas a velha Rua dos Coqueiros – aliás designação derivada do quimbundo Ma-quoqo – continua a existir. Igual situação em relação ao nome do Bairro do Cruzeiro, já que essa designação se mantém no Largo do Cruzeiro.

Os novos nomes podem explicar-nos a mudança, veja-se o exemplo do Bairro Salazar que passa a designar-se Cassequel - do kimbundo kasekele - recuperando-se um nome presente no *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, nº 329 de 17 de Janeiro de 1852*; dos bairros de Sarmento Rodrigues e Américo Tomaz, áreas englobadas em dois bairros existentes e que mantêm os nomes – Popular e Prenda; da Cidade Alta e da Praia do Bispo, bairros que se designam, agora, de Quinanga – designação oriunda do quimbundo kinanga – ou o caso do Bairro do Cruzeiro, cujo nova designação é Maculusso, palavra do quimbundo Makulusu e que já nomeia um bairro em 1851.

Desta análise toponímica de Luanda, no que toca às novas designações, resulta a constatação da supremacia dos antropónimos, com uma percentagem de 85%, face às designações de outra natureza, perfazendo 15%. No caso da categoria dos antropónimos, a maior fatia cabe aos que combateram a soberania portuguesa em Angola, os guerrilheiros do M.P.L.A., com 33% e os civis, com 14% das personalidades. Os ideólogos e os políticos estrangeiros comunistas representam 16% e os nacionalistas representativos do anti-colonialismo, os sobas e reis nativos 8% deste grupo, no qual registamos a entrada de apenas 5% de figuras ligadas à cultura - historiadores de Angola, um poeta e político fundador do M.P.L.A. e um poeta e jornalista checo morto pelos nazis.

Consideramos, igualmente, importante analisar, caso a caso, as alterações dos nomes das principais artérias da cidade, as grandes avenidas rasgadas nos tempos coloniais, tentando descortinar as figuras que merecem figurar nesses espaços de Luanda, em 1974 e, posteriormente, em 1977.

Assim, se fizermos um pequeno exercício de correspondência<sup>253</sup> nas catorze avenidas e alamedas mais importantes, porque são eixos de circulação fundamentais, podemos concluir que a escolha das designações pelos governantes angolanos recai nas figuras de seis guerrilheiros do M.P.L.A., no mítico comandante Che Guevara, na lendária Rainha Ginga, erigida em símbolo da resistência proto-nacional, e duas avenidas remetem para a Revolução Soviética – Revolução de Outubro e Lenine.

Caso singular é o da Avenida Massano de Amorim, situada na ilha fronteira à cidade: é a única grande avenida que mantém o nome, o nome de um antigo militar e governador de Angola, nomeado pelas autoridades coloniais de Lisboa. É caso para nos interrogarmos das razões da sua permanência na toponímia de Luanda, após a independência, se tivermos presente quem é a figura aqui evocada: Pedro Massano de Amorim, cuja acção militar ao dominar a insurreição da população do Bailundo, em 1902, lhe proporciona a condecoração da Torre e Espada e, já governador de Angola, esmaga a revolta de Seles e Angoche, em 1917, revoltas motivadas pelas duras condições de trabalho impostas aos indígenas<sup>254</sup>. Não há, neste caso, a rejeição de memórias coloniais, estamos perante o desconhecimento dos acontecimentos históricos? São questões que julgamos pertinentes e que podem ser explicadas pela época conturbada que se vivia no território e que não permitia uma revisão sistemática da toponímia. Porém, ainda hoje, em 2011, um organismo oficial angolano, o Instituto de Gestão e Planeamento Urbano de Luanda, nos mapas da cidade que disponibiliza referencia na Ilha do Cabo duas avenidas: a Avenida Massano de Amorim e a Avenida Motela Mohamed.

No que diz respeito à Alameda do Príncipe Real, a designação mantém-se, acreditamos que esta situação se deve ao facto de não se referir, explicitamente, a nenhuma figura em particular. No entanto, as autoridades portuguesas evocavam a figura do Príncipe D. Luís Filipe, o qual visitara S. Tomé e Angola, em 1907.

Idêntico exercício realizado para dois dos principais largos da cidade: o Largo da Mutamba e a Praça do Palácio. No primeiro caso estamos perante “um dos mais antigos largos da cidade”<sup>255</sup>, lugar da antiquíssima Quitanda da Fazenda<sup>256</sup> e um verdadeiro

---

<sup>253</sup> Cf. Quadro de correspondências, Anexo 34, p.187.

<sup>254</sup> Cf. Martins dos Santos, ob. cit., pp.295-297.

<sup>255</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p. 41.

<sup>256</sup> Cf. Manuel da Costa Lobo Cardoso, ob. cit., p.43.

“coração da cidade”<sup>257</sup>, local de confluência das principais vias de circulação de Luanda. Este Largo da Mutamba tem a designação oficial de Largo do Almirante Baptista de Andrade, em 1926, durante o período colonial e retoma com a independência de Angola a primitiva designação de Largo da Mutamba, sempre utilizada pelas populações.

No segundo caso, a Praça do Palácio, sede do Governo Geral de Angola e residência do actual chefe político da República de Angola, é um local carregado de uma simbologia muito especial, dado ter sido o local onde se encontraram o fundador português da cidade, Paulo Dias de Novais e o embaixador do reino africano de Angola<sup>258</sup>. Esta praça vê a sua designação alterada para a actual Praça do Povo. Há uma intenção em quem nomeia de mostrar a deslocação da sede do poder, das mãos das autoridades, ao tempo da soberania portuguesa, para as mãos da nação, quando os angolanos comandam os seus destinos.

Algumas destas designações pós-coloniais foram já objecto de novas mudanças. Porém, tal estudo não é aqui contemplado, já que foge ao objectivo traçado para este trabalho. Destacamos, apenas, o caso da Avenida Karl Marx, a qual muda o seu nome para Avenida de Portugal, em 2000, num contexto político de normalização das relações diplomáticas entre os dois países.

### **As designações coloniais que permanecem na toponímia**

Apesar das mudanças atrás registadas, constatamos a permanência de um conjunto significativo de designações da toponímia colonial que permanecem após 11 de Novembro de 1975.

Se começarmos por analisar o grupo dos reis de Portugal constatamos que permaneceram em três ruas: D. Manuel I, na rua junto à Igreja da Sagrada Família, D. João II, em parte da antiga avenida e D. João III, no Bairro Prenda, o qual, também, mantém a sua designação. O Príncipe Real, ainda consta da toponímia em 1977 (podemos adiantar que esta alameda, só em 1989, muda o seu nome para Largo de África). Os dois primeiros soberanos podemos considerá-los ligados de perto a Angola, basta lembramos as viagens de Diogo Cão ao serviço de D. João II e a missão enviada

---

<sup>257</sup> Ilídio do Amaral, Ensaio de um Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola, p.79.

<sup>258</sup> Gastão Sousa Dias, Relações de Angola: primórdios da ocupação portuguesa, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, pp. 62-63.

por D. Manuel ao reino de Angola, em 1520. Quanto ao Príncipe Real nunca é de mais lembrar que se trata do único membro da família real que conheceu pessoalmente Angola.

Os políticos portugueses do período monárquico ficaram representados por três figuras: o Conselheiro Aires de Ornelas, o ministro da Marinha e do Ultramar Júlio de Vilhena e o diplomata Rui de Sousa. Razões para a sua permanência? Já atrás referimos que Aires de Ornelas foi o primeiro Ministro da Marinha e do Ultramar que visitou Angola e Rui de Sousa foi o primeiro enviado português ao rei do Congo, já Júlio Vilhena para além de político e magistrado, foi Presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa, certamente com profundos conhecimentos de Angola. Fica a interrogação.

Dos políticos portugueses do Estado Novo não resta memória nas placas toponímicas de Luanda. Tome-se o exemplo de Salazar que vê o seu nome, num bairro junto ao Aeroporto, substituído por Heróis de Quifandongo – numa homenagem aos que combateram na batalha às portas de Luanda, decisiva para a conquista de Luanda pelo M.P.L.A., no início da guerra civil. A situação não é de estranhar, já que em Portugal o seu nome foi, igualmente substituído. Veja-se o exemplo da ponte que atravessa o rio Tejo, ligando Lisboa à margem sul.

Dos Governadores de Angola resta o nome de doze dos quarenta e seis governadores portugueses que figuravam nas placas toponímicas. Porém, registamos o facto de dois governadores de Angola cujos nomes persistem em 1977 - Massano de Amorim, numa rua e Bressane Leite, num largo - se terem destacado no seu governo por preocupações de domínio das revoltas das populações nativas, do Bailundo e Seles no primeiro caso e de Moçamedes, no segundo caso. A explicação não se afigura lógica à luz de uma política de esquecimento dos nomes mais atentatórios da soberania dos povos nativos. O caso dos governadores Cerveira Pereira e Feo Torres já se nos afigura mais compreensível uma vez que promoveram melhoramentos na cidade de Luanda.

O nome dos navegadores portugueses deixou de estar presente nas ruas de Luanda. Permaneceu, porém, permanece a lembrança daquele que foi o impulsionador da empresa das Descobertas, o Infante D. Henrique, perpetuado na placa de um largo, onde confluem duas importantes avenidas: a actual Avenida Rainha Ginga e a actual Avenida 4 de Fevereiro.

Dos conquistadores e exploradores africanos, apenas, encontrámos nas designações pós coloniais de Luanda o nome de cinco portugueses – 10%. Um desses homens, Henrique de Carvalho, o explorador da região angolana da Lunda continua presente numa rua de Luanda, embora o seu nome tenha sido substituído por *Saurimo* como designação da capital da Lunda, província do sul de Angola.

As placas toponímicas de Luanda, ainda, registam o nome de cinco dos vereadores do município de Luanda. Reconhecimento de obra feita?

Eis-nos chegados ao grupo de personalidades cuja memória permanece presente, na sua quase totalidade, na primeira planta após a independência de Angola que analisámos, as figuras ligadas à cultura, às artes e às ciências. Assim, resistem à mudança de estatuto político de Angola um vastíssimo conjunto de trinta e nove nomes (o maior grupo dos antropónimos) composto por escritores, poetas, historiadores, artistas e homens de ciência angolanos, alguns “assimilados”, como o autor do primeiro dicionário de quimbundo para português, Cordeiro da Matta, o historiador Lourenço Mendes da Conceição, a poetisa angolana Alda Lara ou homens das letras e das ciências portuguesas que permanecem para além de 1975, como Eça de Queirós ou Damião de Góis e o naturalista austríaco ao serviço de Portugal, Frederico Welwitsh. Se Cordeiro da Matta, com os seus estudos sobre a língua quimbundo e Welwitsh com as pesquisas sobre a flora angolana, contribuem para o desenvolvimento da cultura e ciência locais, os nomes da cultura portuguesa são, igualmente, preservados. São, apenas, nomes de figuras de intelectuais, os quais as autoridades angolanas não sentem imperioso eliminar da toponímia. Podemos, aliás, concluir que vinte e oito topónimos remetem para figuras portuguesas e, apenas, onze para figuras locais.

Os Santos<sup>259</sup> ficam, unicamente, representados por S. Francisco Xavier. No campo religioso, também, a Companhia de Jesus continua a estar presente na toponímia da cidade. Reconhecimento do papel dos Jesuítas no campo do ensino e da cultura, certamente, embora a lembrança do seu Colégio seja, pelo contrário, apagada de uma rua de Luanda. Os missionários e dignitários religiosos ficam, unicamente, representados pelos Padres Francisco Gouveia e J. M. Antunes, no entanto, estranhámos

---

<sup>259</sup> Luciano Cordeiro refere na sua obra *Questões Coloniais* que o bispado do Congo e Angola foi erigido em 1596 e a sua sede se transferiu definitivamente para Luanda na última metade do século XVII. No entanto, Elias Alexandre da Silva Corrêa refere a crença em feiticeiros e as superstições dos africanos (Elias Alexandre da Silva Corrêa, ob cit., p.87).

o esquecimento do arcebispo D. Moisés Alves de Pinho que defendeu o Pe. Joaquim Pinto de Andrade, perseguido pela polícia política portuguesa, a P.I.D.E<sup>260</sup>.

Dos topónimos direccionais e geotopónimos dos tempos coloniais, em 1977, ficam presentes todas as designações escolhidas pelas autoridades portuguesas (quer se trate de nomes de cidades e províncias portuguesas, localidades angolanas ou das antigas colónias portuguesas), à excepção de quatro situações - a Avenida do Brasil, a Rua do Ribatejo, a Rua do Alentejo e a Rua dos Açores. Estamos perante a maior percentagem de todas as designações portuguesas que passam a data de 1975, uma percentagem de 82%. Caso singular é o das Ruas do Brasil e do Alentejo que passam a ser nomeadas pelo mesmo topónimo –Rua Hoji Yaenda, um comandante do M.P.L.A. Estas designações concentram-se nos Bairros da Terra Nova, Popular e Operário, cujas designações oficiais não se alteraram, apenas os seus limites geográficos, já que “anexam” bairros limítrofes dos tempos coloniais. Assim, os bairros da Vila Alice, Vila Clotilde e Eucaliptos ou Caputo, em 1974, são englobados no Bairro da Terra Nova, em 1977 e nesta data, também, o Bairro Operário abrange a zona do antigo Bairro do Cruzeiro.

As datas da História de Portugal deixam de estar perpetuadas nas placas toponímicas da capital do novo país, após 1975. Afinal o que interessava ao novo país a data da implantação (5 de Outubro) ou a da queda da I República (28 de Maio) do antigo país colonizador? Aparecem, sim, datas ligadas à oposição ao domínio colonial português ou à revolução soviética.

No que concerne aos topónimos ligados a edificações religiosas, militares e civis, ficam cinco designações, três delas no campo religioso, como a Rua da (Igreja) Sagrada Família ou a Rua da Missão (de São Paulo); duas no campo civil - o Beco do Balão recorda o Observatório e uma localiza o edifício da Alfândega, porém, nenhuma designação que nos recorde as instalações militares portuguesas.

Se analisarmos os topónimos ligados a grupos sociais da cidade em 1977, concluímos que estas designações persistiram desde os tempos coloniais, na sua maioria, apenas, são retirados três grupos – os Artistas, os Empacaceiros e os Pombeiros - e permanecem seis deles, ligados ao comércio – os Funantes, os Mercadores e os Sertanejos , vida religiosa – os Missionários - e militar – os Militares.

---

<sup>260</sup> Cf. Manuel Pedro Pacavira, *O 4 de Fevereiro pelos Próprios*, Luanda, Editorial Nzila, 2003, p.29.

Analisando o grupo que, pela dificuldade de categorizar as suas definições, designámos como *Diversos* dos tempos coloniais resiste, apenas, a Rua dos Enganos. Demasiado abstracta para ser afastada pelos novos poderes políticos; no entanto, igual sorte não teve a Rua da Caridade.

Outra situação a registar é o caso de nomes utilizados pelas populações nos tempos coloniais, como a designação de um dos principais largos da cidade, cuja designação oficial sempre foi preterida por uma designação local em quimbundo. As autoridades angolanas limitaram-se a transformar em letra de lei o que a tradição já consagrara.<sup>261</sup> O Largo Baptista de Andrade sempre fora o Largo da Mutamba para os luandenses, os poderes públicos assumiram essa realidade. O Largo Lello retrata uma situação idêntica: a designação após a independência deve-se à mais prestigiada livraria dos tempos coloniais.

Não podemos terminar este trabalho sobre os nomes que compõem as memórias coloniais e a sua permanência ou rejeição imediatamente após a independência sem nos debruçarmos sobre a designação da cidade após 11 de Novembro de 1975 - Luanda. Esta designação manteve-se após a independência, ao contrário da capital de outra ex-colónia portuguesa – Lourenço Marques, actual Maputo.

Atentemos, para esse efeito, nas designações da cidade, desde a sua fundação até à independência de Angola e após 1975, passando em revista a documentação ao nosso dispor.

Em 1575, a Carta do padre jesuíta Garcia Simões para o Provincial da Congregação termina com a seguinte frase: “Desta vila de *São Paulo* a vinte de Outubro de mil quinhentos e setenta e cinco.” Nascia a cidade de Luanda.

Logo em 1578, Duarte Lopes escreve:”Neste morro edificou, desde logo, uma capela consagrada a Sam-Sebastião, passando a chamar à nova vila *Sam-Paulo de Luanda...*”<sup>262</sup> Já Luciano Cordeiro, a partir de uma passagem de um documento anónimo de 1607- uma *Relação* - explica-nos a origem do nome “ Têm os portugueses neste reino de Angola uma povoação grande a que se chama a vila de *S. Paulo de Luanda*, por estar na terra firme defronte de uma ilha que se chama assim”.<sup>263</sup> Em 1626,

---

<sup>261</sup> O próprio *Roteiro Toponímico das Ruas de Luanda*, editado pela Câmara da cidade em 1974, p.97, regista *Largo da Mutamba*, acrescentando: “O seu nome oficial é. Largo Almirante Baptista de Andrade.”

<sup>262</sup> Manuel Ruela Pombo, *Paulo Dias de Novais e a Fundação de Luanda. 25 de Janeiro de 1576-25 de Janeiro de 1926. 350 anos depois*, Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1926, p.63.

<sup>263</sup> Gastão Sousa Dias, ob. cit., cap. VII, p.248.

a carta do Governador de Angola, Fernão de Sousa, ao soberano refere “um painel e retrato natural da cidade de Loanda”.<sup>264</sup>

Embora considerando que a designação mais antiga da cidade – “o topónimo primievo, *Cazecuta*” - se devia procurar num documento de um cavaleiro fidalgo do século XVII, o arquitecto Fernando Batalha explica-nos a origem do nome da cidade: *São Paulo*, por escolha do seu fundador – Paulo Dias de Novais - ou em sua homenagem e *de Loanda*, um elemento de identificação geográfica, ligado à ilha que se situa em frente à cidade. O nome da povoação, passa a ser Vila de S. Paulo de Loanda, ou, mais simplesmente, Vila de Loanda, ou, apenas, Loanda.<sup>265</sup>

Outra questão que se coloca é a origem e significado do nome Luanda. Carlos Couto, após uma recolha de opiniões, que vão do explorador do século XVI, Duarte Lopes ao historiador angolano Lourenço Mendes da Conceição, passando pelo, também historiador, Dr. Manuel Alves da Cunha, defende que o termo quimbundo Luanda pode ter vários significados: terra baixa, sem montes; tributo pago ao rei do Congo pelos moradores da ilha; rede de pesca (sendo os nativos da ilha chamados axiluanda, porque lançadores de rede, pescadores).

Não se esgota aqui a informação à volta do nome da cidade de Luanda. Vários documentos escritos e iconográficos dos séculos XVIII e XIX denominam-na de São Paulo da Assumpção de Loanda e no brasão da cidade figuram, lado a lado, S. Paulo e N. Sr.<sup>a</sup> da Assunção. É que, segundo o frade capuchinho Bernardo de Cannecatim “deram-lhe este nome os portugueses (...) por a terem restaurado no dia da Santíssima Assunção de Maria Virgem”<sup>266</sup>.

Por último, temos que nos debruçar sobre um pormenor que gerou acesa controvérsia entre políticos, historiadores e jornalistas da cidade, nas primeiras décadas do século passado: a grafia da palavra *Luanda* ou *Loanda*. Grande defensor da grafia Loanda, o jornalista Júlio de Castro Lopo justifica-se com a tradição da escrita com O, a que junta o facto de o termo ser em quimbundo, a seu ver, uma língua inculta e o respeito pela pureza da língua portuguesa. Do outro lado, a argumentação contundente de Lourenço Mendes da Conceição ao defender que o vocábulo *Luanda* sendo quimbundo, tem de ser escrito com U, porque “as leis fonéticas do kimbundu não

<sup>264</sup> Fernando Heitor Gomes Teixeira, *A visão da cidade no século XVII. Luanda vista por Cadornega*, ob. cit., p.191.

<sup>265</sup> Cf. Fernando Batalha, “O Topónimo primievo da área de Luanda” in *Boletim Trimestral do Grupo de Amigos de Luanda (Angola)*, FONSECA, Fernando (dir.), 1968, Ano 2, nº5, pp. 466-470.

<sup>266</sup> Manuel Ruela Pombo, ob. cit., p.88.

admitirem (...) entre “l” inicial e “a” outro fonema que não seja “u”<sup>267</sup>. Mais considera serem de natureza ideológica os argumentos que levam à grafia de *Loanda*. António Assis Junior e o P.º António Moreira Basílio têm a mesma justificação: sendo um termo quimbundo, a grafia correcta terá de ser Luanda e nunca Loanda.

Aliás, segundo o Dr. Manuel Alves da Cunha, citado por Carlos Alberto Lopes Cardoso “o topónimo *Luanda*, referido já à povoação do continente, é empregado pela primeira vez no final da carta do P.º Baltazar Barreira, datada de Luanda em 31-1-1582”<sup>268</sup>.

A questão ganha foros de grande actualidade e o Governo encarrega uma comissão de filólogos e escritores de estudar o assunto. Publicado um relatório com as conclusões, apontando no sentido da grafia com “u”, surge a Portaria ministerial de 1 de Setembro de 1911, adoptando-a para uso oficial, mas, dando liberdade aos escritores para a seguirem.

Em 8 de Janeiro de 1927, a cidade vê o seu nome ser escrito com “U” na imprensa local, no jornal *A Província de Angola*, onde o P.º Manuel Ruela Pombo escreve que Loanda “não se conformava com a índole do kimbundu, a que o termo pertence”<sup>269</sup>.

Em 22 de Abril do mesmo ano de 1927, o Diploma Legislativo nº 521 utiliza a grafia Luanda na divisão administrativa de Angola e a partir deste momento todas as referências à cidade a seguem. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1940, da Academia das Ciências de Lisboa e Diário do Governo dão o exemplo.<sup>270</sup>

Duas plantas analisadas mostram-nos esta mudança no tempo: em 1926, a designação *Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, em 1938, temos a *Planta Roteiro da Cidade de Luanda*.

Chegados a 1977, dois anos após a independência, Pepetela reproduz o Mapa das Ruas de Luanda: a cidade mantém a sua designação. Luanda era um nome nativo.

---

<sup>267</sup> Lourenço Mendes da Conceição, *Porque se escreve Luanda com “U”*, Luanda, Edição da Tipografia da Missão Católica de Luanda, 1943, p.49.

<sup>268</sup> Carlos Alberto Cardoso, *Os Axiluanda*, Luanda, Editorial Culturang, 1971, 1972, p.43.

<sup>269</sup> Lourenço Mendes da Conceição, ob. cit., p.12.

<sup>270</sup> Cf. Lourenço Mendes da Conceição, ob. cit., p.13.

## CONCLUSÃO

Tal como adiantámos na introdução, não fizemos um levantamento exaustivo sobre a toponímia no que concerne ao seu enquadramento legal, uma vez que não tivemos acesso a toda a documentação que para tal julgamos necessária, no entanto, consideramos que o material analisado nos permite uma visão consistente sobre o objecto deste estudo – a Toponímia de Luanda.

Após a análise de toda a documentação escrita e iconográfica sobre a toponímia de Luanda a que tivemos acesso, assim como dos testemunhos orais de ex-residentes e actuais moradores na cidade, podemos sem dúvida concluir que as designações dos seus espaços sofreram alterações significativas desde a sua fundação, no século XVI, passando pelos quatro séculos de soberania portuguesa e libertação da tutela colonial, a 11 de Novembro de 1975. Factores como a maior presença de população metropolitana na cidade, com o intensificar da colonização de Angola, levam à escolha de um maior número de designações portuguesas ou “aportuguesadas”.

A toponímia faz parte de todo um processo político de imposição colonial, de aportuguesamento da colónia.<sup>271</sup> Assim, se explica o progressivo abandono das designações na língua local, o quimbundo, embora algumas tenham atravessado os séculos e constassem ou da nomenclatura oficial, embora em formas aportuguesadas (Ingombotas, Maianga, Massangano, Quinaxixe) ou, apenas no uso quotidiano das populações das várias raças e culturas da cidade (Largo da Mutamba, largo assim denominado pela população, apesar de oficialmente ser Largo Almirante Baptista de Andrade, a partir de 1926). Caso único, Maculusso, *Makulusu*, designação de um antigo bairro do centro da cidade, que nos aparece na Planta de 1926 e não é mais do que a “Kimbundização da palavra portuguesa cruces”.<sup>272</sup> As plantas e outros documentos analisados permitem-nos afirmar que é, pois, incontestável o recuo do quimbundo a favor dos nomes portugueses, no quadro de dominação colonial. Assim, na planta de 1755, as designações dos bairros, feiras, ruas, becos, regos de água estão em quimbundo (vinte e uma), com a respectiva correspondência em português ao lado ou, então, em português (treze) e as fortificações militares de várias categorias encontram-se em

---

<sup>271</sup> “Metropolização é a expressão usada por Fernando A. A. Mourão, “Configurações dos Núcleos Humanos de Luanda, do século XVI ao XX.” In *Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1997, pp. 109-225.

<sup>272</sup> Pepetela, ob. cit., p.69.

português; em 1757, o quimbundo continua a dominar a toponímia, encontrando-se, igualmente, presente em designações compostas com nomes de santos (*S. Cruz de Emcombota* ou *S. Francisco da Mayanga*); em 1848, o *Boletim Oficial do Governo* apresenta-nos dezasseis designações em quimbundo e cinquenta e duas em português; em 1852, o *Boletim Oficial do Governo* refere dezoito designações em quimbundo e sessenta e uma em português; em 1900, a *Planta da Cidade de Loanda*, mostra-nos cinco topónimos em quimbundo e vinte e três em português; em 1926, no *Esboço da Planta de Loanda*, o quimbundo continua a aparecer representado em cinco nomes, entre ruas e bairros e o português vê o seu número aumentar para quarenta e nove designações; em 1938, na *Planta Roteiro da Cidade de Luanda*, a relação entre o quimbundo e o português é esmagadoramente a favor da língua do colonizador: numa relação de onze nomes para setenta; em 1968, a *Planta da Cidade de Luanda* contabiliza apenas dezassete designações em quimbundo (a designação Samba aparece num bairro e num muceque) numa cidade onde vivem 300 000 habitantes e em 1974, no último ano de soberania portuguesa em Angola, o *Mapa das Ruas de Luanda* apresenta os mesmos dezassete topónimos em quimbundo. É um espaço urbano onde habitam cerca de 500 000 pessoas.

Assim, à medida que a cidade vê a sua população branca aumentar<sup>273</sup> e o investimento da metrópole em Angola crescer, os elementos africanos vão sendo eliminados ou subalternizados e os topónimos em quimbundo são um exemplo deste fenómeno.

Dos dados atrás apresentados, podemos concluir que a utilização das designações em língua nativa angolana (quimbundo) vai desaparecendo da toponímia angolana, em favor das designações em português, num processo que se vai acentuando até ao século XX. Vejamos que, em 1848, o número de designações de bairros em quimbundo é de onze em dezoito e passa para cinco em vinte e cinco, nos anos setenta do século XX, fase final do domínio colonial. No que toca às ruas, largos e praças, a proporção, também, se inverte: se em 1755, todos os nomes dos caminhos e ladeiras são em quimbundo, apenas as quatro ruas, dois becos uma calçada e dois sítios são em

---

<sup>273</sup> Consulte-se Fernando Augusto Albuquerque Mourão, “Configurações dos Núcleos Humanos de Luanda” in *Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola*, pp.207-208. Podemos ter acesso à distribuição da população de Luanda segundo o tipo somático e ver que, em 1621, vivem na cidade 400 brancos (não há dados para a restante população), em 1800, há 443 brancos, num total de 6500 habitantes, em 1900, 3479 brancos, num total de 21 419 e em 1970, 12 6233 dos 480 613 habitantes da cidade são brancos.

português, já em 1974, numa cidade onde vivem mais de 300 000 pessoas, apenas, encontramos dezassete designações na língua local, estando três a nomear, simultaneamente, um bairro e uma rua – Maculusso, Maianga e Samba. A este propósito, concordamos com Claude Raffestin quando considera a língua um dos meios mais poderosos de identidade de uma população. As autoridades portuguesas em Angola tinham plena consciência deste fenómeno, quando escolhem para a toponímia de Luanda designações em português, em oposição aos nomes em quimbundo. As autoridades angolanas, a partir do momento em que detêm a soberania, vão recuperar algumas dessas designações, no contexto de uma política cultural e educativa que tem como uma das suas preocupações “preservar e desenvolver estudos das línguas nacionais”.<sup>274</sup> Encontramos, assim, as mesmas dezassete designações em quimbundo do tempo colonial a que se acrescentaram duas novas, recuperadas – Mutamba e Katadi.

A independência do território foi o grande e decisivo marco de ruptura, também, a nível da toponímia. Os nomes em quimbundo que corriam apenas nas bocas das gentes de Luanda, como a Mutamba, ficam consagrados oficialmente.

Para além da análise da presença da língua das populações indígenas na toponímia de Luanda, no período de soberania portuguesa, debruçámo-nos, de igual forma, sobre as designações em língua portuguesa, descortinando com que nomes se construíram as memórias coloniais.

Assim, podemos concluir que os reis e príncipes portugueses das várias dinastias estão presentes nos documentos analisados, desde o século XIX. Reis e príncipes que do território não tinham um conhecimento pessoal: só um, o Príncipe Real D. Luís Filipe, visitou Angola. Isto apesar de, em 1974 constarem os nomes de doze.

Os governadores de Angola constituem, igualmente, um grupo importante que vê, com o passar dos séculos, o seu número aumentar de forma eloquente, perfazendo um total de quarenta e nove figuras à data da independência do território angolano. Podemos constatar que é o terceiro grupo mais numeroso representado na toponímia e o segundo dos antropónimos. Estes governadores são as autoridades máximas que gerem os destinos da colónia, representantes do poder central, sediado na capital do império pluricontinental. São os garantes da política nacional definida em Lisboa, desde o século XVI ao século XX, desde Paulo Dias de Novais, primeiro capitão - mor e

---

<sup>274</sup> *Documentos da 3ª Reunião Plenária do Comité Central do M.P.L.A.* de 23 a 29 de Outubro de 1976, Edições Avante, 1978, p.94.

governador, a Silva Tavares, em funções de 1960 a 1961. Todos os séculos estão representados, destacando-se os séculos XIX com quinze nomes e os séculos XVII e XX com nove nomes. Nos primeiros tempos da cidade a sua referência é feita muito informalmente: é a Travessa do Gama, a Travessa do Lencastre, a Praça do Bressane, a Calçada do Possolo; no século XX, já aparece, muitas vezes, a anteposição ao nome da referência ao cargo: Rua do Governador Eduardo Costa, Rua do Governador Silva Carvalho.

A Câmara Municipal de Luanda e o Senado da Câmara, assim como, seis dos seus vereadores – em 1974 - figuram, igualmente, na toponímia da cidade. O colectivo dos Municípios portugueses, também, merece ser lembrado, mostrando a importância reconhecida ao poder municipal.

Continuando no campo político, também, um conjunto de políticos e diplomatas do período monárquico, I República e Estado Novo ocupam lugar na toponímia de Luanda. Ministros da Marinha e do Ultramar na sua maioria, são eles que têm a tutela dos territórios de além-mar. As mudanças de regime em Portugal, também, se reflectem na toponímia da cidade: a instauração da República leva à alteração do nome de uma praça (a Praça Leonardo Carneiro dá lugar à Praça da República); a data da sua instauração e queda são lembradas em duas ruas. O Estado Novo vê-se representado por Presidentes da República, pelo Presidente do Conselho de Ministros, Salazar, numa avenida e num bairro, ministros e o Director do Secretariado da Propaganda Nacional.

Figuras que não são esquecidas desde os primeiros tempos da cidade, os navegadores - cinco - e os conquistadores e os exploradores dos sertões africanos, em Angola e Moçambique - vinte e um obreiros do Império, heróis no combate contra os vários povos africanos, numa missão considerada civilizadora. Heróis desde as primeiras tentativas de instalação dos portugueses na região do Congo e de Angola, através da diplomacia, como Duarte Lopes, ou pela força das armas, do século XVI ao século XX, de Luís Lopes de Sequeira ao Tenente Valadim e com presença «obrigatória» dos heróis nacionais António Enes e Mouzinho de Albuquerque. Um chefe indígena, aliado dos portugueses completa esta «glorificação» do Império personalizada nos atrás referidos, Ministros da Marinha e do Ultramar, exploradores e heróis das campanhas de ocupação dos territórios de além-mar, navegadores e

descobridores, no presidente da Sociedade de Geografia, ela própria com lugar cativo neste grupo.

As figuras das letras, ciências e artes de Angola e da nação são um dos dois grupos mais numerosos da toponímia da cidade, presentes desde o início do século XX e com o seu número a aumentar até 1974. Alexandre Herculano e Pedro Nunes são os primeiros nomes deste grupo a serem evocados. Podemos afirmar que as várias correntes literárias estão representadas na toponímia de Luanda.

Vários - nove, em 1974- são os grupos sociais presentes, mas se repararmos a sua actividade prende-se, à excepção dos Artistas com a relação comercial ou militar com os povos nativos: são os Funantes, os Pombeiros, os Sertanejos que percorrem os sertões a comerciar, muitas vezes traficando escravos, mesmo após a legislação de Sá da Bandeira, ele próprio evocado na toponímia. Neste contexto de grupos sociais, não são esquecidos os Militares, mas também os Empacaceiros, a tropa africana que combatia ao lado dos portugueses, está presente.

A cidade colonial guarda, igualmente, a memória de pessoas anónimas, cujas funções lhes dão oportunidade de se verem nomeadas na rua onde residiam, veja-se o Corrijo do Secretário, em 1755 ou a Travessa do Guarda-Mor, em 1844. Mas, guarda, de igual forma, a memória de um grupo de personalidades que num ou noutro sector contribuíram para o seu desenvolvimento, destacando-se, maioritariamente, o abastecimento de água e a instalação do caminho-de-ferro, mas também, a criação de indústrias locais, a criação da Biblioteca de Luanda ou do Jornal de maior tiragem, *A Província de Angola*.

A religião está bem presente, são os santos, os missionários e dignitários religiosos que levaram a religião do colonizador aos povos que ocupam o espaço territorial angolano, são as muitas edificações levantadas pelas ordens religiosas instaladas em Angola e no Congo, desde a fundação de Luanda – igrejas, conventos, e colégios dos Carmelitas, Capuchinhos, Franciscanos e Jesuítas.

A toponímia do período colonial só fica completa com os heróis colectivos da nação, evocando grandes feitos militares da História de Angola, desde o século XVII ao Século XX, mas sem esquecer o colectivo nacional – os Lusíadas - e duas datas da História nacional, o início e o fim da I República.

Para completar as designações dadas às artérias da cidade, as autoridades escolhem nomes de localidades das várias partes do Império, passado e presente; nomes

de instituições importantes na vida da cidade ou na vida da nação – exemplo da Casa Pia de Luanda, da Sociedade de Geografia ou dos Municípios Portugueses. Com três fitotopónimos e cinco topónimos que consideramos num grupo de Diversos – Designações difíceis de categorizar - e podemos dar por concluída a análise da toponímia no período colonial, em 1974.

Chegados a 1975, Angola torna-se independente de Portugal. Em 1977, o *Mapa das Ruas de Luanda* mostra-nos um conjunto de novas designações dadas pelas novas autoridades angolanas. Dos grandes grupos de designações em que podemos inventariar a toponímia luandense, após a independência de Angola, podemos constatar a presença massiva dos *heróis* angolanos, civis ou militares, leigos ou religiosos, todos eles com um ponto em comum: lutaram de alguma forma e numa qualquer época contra o domínio do colonizador português. Assim, encontramos a Rainha Jinga ou o soba Mandume ao lado de comandantes do M.P.L.A. Mas, também muito presentes nas ruas da cidade, estão as personalidades estrangeiras de países que ajudaram à causa nacional angolana (Argélia, Gana, Egipto, U.R.S.S., Jugoslávia, República do Congo e Cuba) e de outras antigas colónias portuguesas (Guiné Bissau, Moçambique) de pacifistas ou ideólogos.

As datas cívicas comemorativas dos acontecimentos mais importantes para a memória dos angolanos, não podiam faltar: estamos perante uma cronologia que começa com o dia 4 de Fevereiro de 1961, início da luta armada contra as autoridades portuguesas e culmina com o 17 de Setembro, homenagem ao fundador da República de Angola, sem esquecer o 25 de Abril, em Portugal com o conseqüente processo de descolonização.

Refira-se, igualmente, a recuperação de velhas designações, dos primeiros tempos de domínio colonial, depois substituídas, como o caso de certos antropónimos como a Calçada de Baltazar Aragão (o capitão-mor que fundou os presídios de Quissama e Cambambe) e topónimos ligados a construções militares, religiosas ou civis, exemplo da Calçada da Fortaleza e o Largo de Katadi. A este propósito constatámos que em 1974, “O Roteiro Toponímico”, editado pela Câmara Municipal, refere a Calçada de Baltazar de Aragão e a Calçada dos Enforcados, esta segunda com a indicação de também ser nomeada pela anterior designação. Analisando o Mapa das Ruas de 1977, vemos que a Calçada de Baltazar de Aragão se situa no mesmo sítio e a

Calçada dos Enforcados aparece localizada na antiga Calçada de Simão de Mascarenhas.

É indiscutível que a identidade nacional angolana está em construção e que o processo passa pela ruptura com as memórias e símbolos coloniais. Sabendo nós que a identidade cultural dá ao indivíduo um sentimento de pertença e identificação com uma colectividade, no caso em estudo da toponímia luandense, ela manifesta-se, igualmente, pela rejeição dos símbolos deixados pelo colonizador. Durante o período colonial, os elementos definidores da identidade dos angolanos estavam subalternizados, confinados ao espaço africano por excelência de Luanda- o muceque. Já analisámos o caso da língua nativa, refira-se, agora, o exemplo dos festejos do Carnaval, intensamente vividos pelos habitantes desses muceques, extravasando esses limites territoriais para a cidade de betão, os quais são proibidos pelas autoridades portuguesas, em 1961, data das primeiras acções populares contra o domínio colonial. Após o fim da soberania portuguesa, esses festejos reavivam-se, perdem a sua ligação ao calendário litúrgico introduzido pelos missionários portugueses e passam a decorrer a 27 de Março<sup>275</sup>, simbolizando a força da nação angolana, que obrigou o invasor sul-africano a retirar-se nessa data.

Através da memória colectiva, as experiências significativas de uma sociedade, as suas tradições são preservadas e, deste modo, se constrói e conserva a identidade de uma comunidade. É por isso que a luta pela recolha e defesa de memórias ancestrais em Angola passa, também, pela escolha ou retoma dos nomes das figuras destacadas da sua História na toponímia. Heróis ancestrais, velhos sobas ou reis à data de chegada dos portugueses a paragens angolanas, heróis mais recentes, comandantes militares da luta de guerrilha pela independência, ou personalidades estrangeiras de países envolvidos na luta de libertação nacional ou durante a guerra civil, ao lado de homens de letras são os novos protagonistas da toponímia de Luanda.

É importante registar o facto de a toponímia colonial registar heróis, portugueses, que ganharam esse estatuto ao derrotarem chefes políticos dos reinos que integravam o território angolano à data de chegada dos portugueses e, após a independência, a situação inverte-se e os derrotados ganham o estatuto de heróis.

Das designações atribuídas pelas autoridades portuguesas resistiram os nomes da grande maioria dos homens de letras portugueses. Perante esta situação, podemos

---

<sup>275</sup> Trata-se do “Carnaval da Vitória” (Pepetela, ob. cit., p.155).

concluir que nomes de escritores, como Almeida Garrett, Guerra Junqueiro ou Bocage são designações sem qualquer conotação política, pois, as autoridades angolanas mantêm-nos, numa primeira fase, lado a lado com as novas designações (apenas quatro).

Outra situação prende-se com os grupos sociais presentes na toponímia. Se, por um lado, são retirados os Pombeiros<sup>276</sup>, por outro lado, permanecem os Funantes e os Sertanejos. Ora estes grupos estão todos relacionados com actividades comerciais no interior do território angolano, nomeadamente, a transacção de escravos. No campo comercial, vemos que a Rua do Comércio desaparece, mas, por outro lado, a Rua dos Mercadores permanece.

No entanto, permanecem os nomes de muitas figuras, com uma carga política muito forte, como doze dos governadores de Angola (exemplo de Massano de Amorim, numa importante avenida da Ilha de Luanda e Bressane Leite, num dos principais largos da cidade); todos os vereadores da Câmara Municipal (embora desapareça a Rua do Senado da Câmara ou a Rua dos Municípios Portugueses); quatro dos reis portugueses, dois Ministros da Marinha e do Ultramar e até quatro dos conquistadores e exploradores do interior da colónia.

No campo religioso, apenas, resta o nome do jesuíta que acompanhou Paulo Dias de Novais na sua primeira viagem às terras do N'Gola, o Padre Francisco Gouveia e um missionário do século XX e no grupo dos santos, S. Francisco Xavier. A Companhia de Jesus é uma instituição que continua a ser lembrada na toponímia de Luanda, embora o seu Colégio tenha deixado de ser lembrado numa rua. Resta, pois, uma percentagem mínima de figuras ligadas ao serviço da causa religiosa em Angola.

Porém, estamos perante um processo complexo em que coexistem lado a lado (literalmente falando) símbolos angolanos e portugueses - placas toponímicas do tempo colonial, com os *grandes homens* ou figuras destacadas, para os portugueses e placas toponímicas do período pós independência, com os *grandes homens* ou figuras destacadas, para os angolanos<sup>277</sup>. Veja-se o exemplo da actual Rua da Tipografia Maria Tita que ostenta, em local superior, a velha designação colonial de Rua do Carmo. Como explicar esta situação? Inércia das autoridades? Facilidade na localização de

---

<sup>276</sup> Douglas Wheeler explica-nos: "Pombeiro: aquele que foi a um «pombo», isto é, a uma feira ou mercado de escravos no interior." (Douglas Wheeler, René Pélissier, ob.cit., p.87).

<sup>277</sup> As placas toponímicas coloniais, desgastadas pelo tempo, foram nalguns casos já substituídas pelos governantes angolanos e não votam ao esquecimento os "velhos heróis".

velhos espaços da cidade? A explicação é prosaica: em 1977, apenas dois anos após a independência, não houve tempo ainda para maiores mudanças.

As memórias constroem-se e reconstroem-se, e com elas, as próprias referências de identificações dos cidadãos, por isso a toponímia de 1977 até hoje já sofreu consideráveis alterações.

As autoridades angolanas vão retomar antigas designações populares, nascidas no período colonial. O actual Largo Lello vai buscar o seu nome a uma designação dada pela população ao Largo D. João IV, já no tempo colonial, designação essa devida à livraria homónima que aí tinha as suas instalações. Também, o central Largo da Mutamba retoma a designação popular, sempre dada, ao Largo do Almirante Baptista de Andrade até 1974. Note-se que o próprio Roteiro Toponímico da autoria da Câmara Municipal da cidade em 1974, um documento oficial, utiliza a designação Mutamba, com a indicação do nome oficial em jeito de nota.

Outro facto a referir é a manutenção de uma coexistência, desde os tempos coloniais, em certos bairros da cidade, de ruas com as antigas designações de vilas e cidades portuguesas ao lado de nomes de cidades angolanas, como no Bairro Popular, onde encontramos as Ruas de Serpa, Moura, Ourique, Loulé, Almada, Crato ou Vila Viçosa ao lado das Ruas de Caconda, Gabela, Mavinge, ou Andulo ou no Bairro da Terra Nova, onde as ruas de Penafiel, Gaia, Monção, Mirandela, Almeirim, Espinho, Estremadura ou das Beiras se cruzam com as ruas do Caxito, da Cela, do Negage e de Maquela. Existem bairros cujos nomes de ruas se mantêm inalterados na sua totalidade. Continua presente a Rua de Ambuíla<sup>278</sup>, quando esta localidade é evocada na toponímia do período colonial pela vitória portuguesa sobre as tropas do rei do Congo de destino tão trágico. Para os angolanos, porém, fica apenas a memória do nome que é, afinal, angolano.

Aspecto curioso é a existência de designações que se repetem em ruas e largos, quer em 1974, quer em 1977. A diferença, porém, reside no facto de no período colonial serem dadas a ruas e largos de bairros afastados do centro da cidade e, quase exclusivamente, com nomes de figuras da cultura nacional e no período pós independência já são casos de espaços centrais da urbe e com nomes de políticos angolanos e estrangeiros e datas cívicas comemorativas.

---

<sup>278</sup> Reparámos que a grafia portuguesa *Ambuíla* se mantêm, não se adoptando a grafia quimbundo *Mbwila*.

A cidade mantém a sua designação, com a grafia oficialmente reconhecida em 1927 – Luanda. Porém, sabemos ser Luanda um termo da língua local, o quimbundo e daí acreditamos ser esta a razão da sua manutenção. Não é uma memória do colonizador, o nome já existia antes da sua chegada à cidade.

Do atrás exposto, podemos concluir que as memórias coloniais não sofreram uma rejeição total na toponímia de Luanda, imediatamente após a independência do território angolano (1977). As velhas placas dos tempos coloniais vão permanecendo, com os azulejos gastos pelo correr dos anos, e os habitantes da cidade continuam a utilizar muitas das designações dadas pelos portugueses.

A toponímia da cidade é da competência da Câmara Municipal de Luanda, no período colonial. A partir de 11 de Novembro de 1975 o Comissariado Municipal, mais tarde, Governo Provincial de Luanda gere os destinos da cidade.

Em 1965, o Regulamento da Comissão de Toponímia dá-nos as linhas orientadoras para a escolha das designações das artérias da cidade. A partir da independência de Angola, não tivemos acesso a nenhum documento com idênticas orientações, as informações colhidas apontam para a ausência de um quadro legislativo nesta matéria. Acreditamos que as mudanças ocorridas e constantes da Planta de 1977 são o fruto da urgência de rebaptizar os espaços com os nomes das figuras políticas mais decisivas no processo de libertação da tutela colonial. É um conjunto de mudanças efectuado “a quente”, num momento muito conturbado, de grande instabilidade, provocado pelo clima de guerra civil vivido pelos angolanos.

É indiscutível que, em 1977, os angolanos estão a construir a sua memória colectiva e, assim, a sua identidade nacional. Estamos perante um processo de construção identitária, no qual os angolanos revelam as influências de raiz africana mescladas com as da cultura europeia levada pelo colonizador português. E não só nos nomes portugueses que permanecem, também nos nomes dos revolucionários que lhes servem de referência ideológica.

A toponímia da capital de um país, mais do que a das outras cidades, é emblemática e fundamental para se compreender o que o poder instituído, as elites dirigentes e as autoridades pretendem valorizar como lugar de memória, isto é, como elemento simbólico no qual a comunidade nacional e urbana se poder rever. Nesse aspecto, as figuras e os acontecimentos da história evocados nos nomes das artérias são

aqueles que a vontade das autoridades portuguesas ou angolanas vão elevar à categoria de lugares de memória.

Da toponímia o que tem uma marca histórica é o mais decisivo em termos de memória e identificação de um povo. Veja-se o caso das placas toponímicas com as designações dadas pelas autoridades portuguesas<sup>279</sup> - Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Ferreira de Almeida, Largo D. Afonso Henriques, Rua do Governador Eduardo Costa, Rua D. Manuel I, Rua Alexandre Herculano, Rua do Carmo, Rua Direita – que, após a independência do território angolano do seu colonizador português, coexistem em ruas e largos com as novas designações das autoridades angolanas, testemunho das contradições das sociedades, como a angolana, que estão a passar por um processo de construção. É um momento em que há outras prioridades, não há tempo e, por isso, se conservam muitos nomes.

Para finalizar, podemos dizer que a toponímia colonial é uma imposição de um conjunto de referências simbólicas que se prendem com a identidade dos portugueses que residem em Luanda (e não das gentes africanas). Quanta à toponímia pós independência, ela é uma construção das autoridades angolanas, construção essa que, naturalmente, entra em rotura com a do período colonial. Em 1977, porém, Angola é um país que está a emergir e, simultaneamente, a construir a sua memória histórica nacional.

Após a independência de Angola, somente em 2009<sup>280</sup>, temos conhecimento da criação de uma nova Comissão para a Toponímia da cidade. Se do seu trabalho resultará a manutenção de algumas memórias coloniais, só estudos futuros de leitura da documentação posterior a 1977 poderão responder a esta questão.

---

<sup>279</sup> Cf. figuras 24,26,27, 28, 30, 31,33 e 34,Anexos deste trabalho, pp. 188-194.

<sup>280</sup> Sobre este tema podemos acrescentar a realização de um concurso de placas toponímicas no final do ano de 2010.

## Fontes e Bibliografia:

### Fontes

Plantas, Vistas e Perspectivas da cidade de Luanda

- *Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Loanda como se ve pelo alfabeto nella (Cópia da Planta da Fortificação do Porto e cid.º ) de 1626*, Biblioteca da Ajuda Códice 51-IX-21 (Governo de Angola de Fernão de Sousa, 1624-1630), fols. 1, 2 e 3 e TEIXEIRA, Fernando Heitor Gomes, *A visão da cidade no século XVII. Luanda vista por Cadornega*, Tese de doutoramento em Literatura apresentada á Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982, Anexos, p.331.
- *Planta Civitas Loanda S. Pauli*, desenhada por Gasparis Barlaeus, 1647, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota. Ang263 e SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol. II, p.192, est.286.
- *Planta della Cittá di Luanda ó S. Paulo Metropoli del Regno d' Angola, 1698*, SILVEIRA, Arquivo Histórico Ultramarino e SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.II, p.194, est.287.
- *Veduta della citá di Loanda Metropoli del Regno di Angola n'elle Etiopia inferiore*, 1698, PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, 9ª Série, Lisboa, Rotep, 1969, est.28.
- *Planta Topográfica de pte. Da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente a freg.a de N.S.ª dos Remédios*, desenhada por Guilherme Joaquim Paes de Menezes, 1755, Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota: ang 255 e DIAS, Pedro, *Arte de Portugal no Mundo, África Ocidental*, Lisboa, Edição Público - Comunicação Social, SA, 2008, p.92, fig. 71, Pepetela, *Luandando*, Elf Aquitaine Angola, 1990, pp.46-47.
- *Vista de parte da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola, terminada entre as Igrejas, Fortificações e mais partes seguintes, 1755*, Boletim do Arquivo Histórico Colonial, 1950, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota: ang256/7 e PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, Luanda, 9ª Série, Lisboa, Rotep, 1969, est. nº 9.

- *Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola, 1757*, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, cota: ang261 e SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol. II, p.195, est.294.
- *Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, Desenhada da Fortaleza de S. Miguel* por A. L. P. Cunha, em 28 de Dezembro de 1816, Arquivo Histórico Ultramarino, Angola Iconografia, PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, Luanda, 9ª Série, Lisboa, Rotep, 1969, est. nº 21, SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.II, p.197, est.298 e DIAS, Pedro, *Arte de Portugal no Mundo, África Ocidental*, Lisboa, Edição Público - Comunicação Social, SA, 2008, p.89, fig. 68.
- *Planta e Perspectiva do Porto de Luanda*, Publicada por José Joaquim Lopes de Lima do Conselho de Sua Magestade Capitão de Fragata da Armada Portuguesa, 1946, *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas*, Lisboa, 1846, livro 3º, p. 207, SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.II, p.197, est.299, PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, Luanda, 9ª Série, Lisboa, Rotep, 1969, est. nº52.
- *Loanda Capital de Angola*, Planta levantada por F. Dutra, por ordem do Governador Geral Calheiros, 1862, SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol. II, p. 203, est.309, PEPETELA, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine Angola, 1999, pp.70-71e CARDOSO, Manuel da Costa Lobo, “História da planta da Cidade de Luanda” in *Boletim Trimestral do Grupo Amigos de Luanda*, AnoII, Jan/Fev/Mar 1969-nº5.
- *Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda*, mandada executar pelos vereadores e levantada pelo capitão José Baptista Alves Roçadas, 1900, SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa,

Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.II, p. 208, est.316.

- *Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, 1926*, AMARAL, Ilídio do, *Luanda, Estudo de Geografia Urbana* in Memórias, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, II Série, vol.53, p. 110.
- *Planta Roteiro da Cidade de Luanda, 1938*, LOUREIRO, João, *Memórias de Luanda*, Lisboa, 2002, pp.10-11.
- *Planta de Luanda com o Plano de Urbanização, 1944*, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, cota: A.a I 6 Res.
- *Planta de Luanda, 1968*, LOUREIRO, João, *Memórias de Luanda*, Lisboa, 2002, pp.12-13.
- *Mapa das Ruas de Luanda, 1974, Roteiro Toponímico das Ruas de Luanda*, Luanda, Imprensa Nacional, 1974.
- *Mapa das Ruas de Luanda, 1977*, PEPETELA, *Luandando*, Elf Aquitaine Angola, 1990, pp. 198-199.

## Fontes Impressas

### História de Angola

- BRÁSIO, Padre António, *Monumenta Missionária Africana: África Ocidental*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1955.
- CADORNEGA, António de Oliveira, *História Geral das guerras angolanas*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1940.
- CORRÊA, Elias Alexandre da Silva, *História de Angola*, Lisboa, Ática, 1937.
- LIMA, José Joaquim Lopes de, *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas no Ultramar: Livro III, de Angola e Benguella e suas dependências*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1846, Parte I, Parte II.

### Imprensa oficial de Angola (anos consultados)

- *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola*. Luanda, 1848,1849,1852.

- MARTINS, Isabel Maria Nunes, Nunes da Silva, *Luanda - a cidade e a arquitectura*, Dissertação para doutoramento em Arquitectura, FAUP, Porto, 2000.

## **Obras de referência**

- ALBUQUERQUE, Luís de (dir.), *História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Caminho, 1994.
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Porto, Portucalense Editora, Lda, 1967.
- BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Espanha, Círculo dos Leitores, 1999, Vol. 4 e 5.
- GARCIA, José Manuel, *Dicionário Essencial da História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 2010.
- MATTOSO, José, (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, vol. 7 e 8.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1980, vol.1.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (coordenação), “O Império Africano 1890-1930”, in SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001.
- NOGUEIRA, Franco, *História de Portugal (1933-1974)*, II Suplemento, Lisboa Livraria Civilização, 1981.
- Oliveira, P. Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, União Gráfica, 1958.
- PEREIRA, Paulo, *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.
- RAMOS, Rui (coordenação), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.
- REIS, Carlos *et al.*, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1995.
- ROSAS, Fernando e BRITO, J. M. Brandão de, *Dicionário de História do Estado Novo*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996.

- SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1987.
- SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981.

## **Dicionários**

- A.A.V. V., *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Braga, Edição da Academia das Ciências e Editorial Verbo, 2001.
- HOUAISS, Instituto António, FRANCO, Francisco Manoel de Mello, VILLAR, Mauro de Salles, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Lisboa, Edição Círculo de Leitores, 2007.
- ASSIS JÚNIOR, António de, *Dicionário Kimbundu - Português: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico*, Luanda, Agente Santos, 1941.

## **Bibliografia específica**

### **Sobre a História de Angola**

- AAVV, *Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação*, Luanda, 4 a 9 de Agosto de 1997, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.
- AAVV, *Boletim Cultural*, nº 36, Repartição de Cultura e Turismo, Luanda, 1972.
- AAVV, *Boletim Cultural*, nº 37, Repartição de Cultura e Turismo, Luanda, 1972.
- AAVV, *Boletim Cultural*, nº 38, Repartição de Cultura e Turismo, Luanda, 1973.
- AAVV, *Boletim Cultural*, nº 39, Repartição de Cultura e Turismo, Luanda, 1973.
- AAVV, *Boletim Geral das Colónias*, Vol. XVIII, Nº 202, pp.35-40, 1942.
- AMARAL, Ilídio do, *Ensaio de um Estudo Geográfico da rede urbana de Angola*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962.

- AMARAL, Ilídio do, *O Consulado de Paulo Dias de Novais. Angola no último quartel do século XVI e primeiro do século XVII*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2000.
- AMARAL, Ilídio do, *Construindo a História de Angola: a importância da utilização cruzada de fontes (reflexões de um geógrafo)*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002.
- BATALHA, Fernando, *A Urbanização de Angola*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1950.
- BATALHA. Fernando, “Elementos para a história urbana de Angola” In: *Mensário administrativo: publicação de assuntos de interesse ultramarino*, Direcção dos Serviços de Administração. - nºs 143 a 148 (Julho - Dezembro 1959), p. 63-67.
- BATALHA. Fernando, *A Vila do Dondo*, Luanda, Centro de Informação e Turismo, 1962.
- BIRMINGHAM, David, *Portugal e a África*, Vega, Lisboa, 2003.
- BITTENCOURT, Marcelo, “A história contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas” in *Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação*, Luanda, 4 a 9 de Agosto de 1997, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, p. 161-185.
- CASTRO, A. J. de, “O Congo em 1845: Roteiro da viagem ao Congo por A.J. de Castro, major da província de Angola” in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2ª Série, nº2 (1880), pp.53-67.
- CORDEIRO, Luciano, *Questões Coloniais*, Lisboa, Vega, 1993.
- CASTELO-BRANCO, Francisco, *História de Angola desde a conquista até à implantação da República (1482-1910)*, Luanda, Edição do Autor, 1922.
- CRUZ, José Ribeiro, *Resumo da História de Angola*, Lisboa, Oficina Gráfica do Anuário, 1940.
- DELGADO, Ralph, *História de Angola*, Luanda, Edição do Banco de Angola, 1901.
- DIAS, Gastão Sousa, *Relações de Angola: primórdios da ocupação portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934.

- FERNANDES, José Manuel, FREUDENTHAL, Aida e JANEIRO, Maria de Lurdes, *Angola no século XIX. Cidades, Território e Arquitectura*, Lisboa, Maisimagem, 2010.
- GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões de Fé: igrejas antigas de Angola*, Luanda, Edição da Arquidiocese de Luanda, 1981.
- GARCIA, Carlos Alberto, *Paulo Dias de Novais e a sua Época*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1964.
- GARCIA, Carlos Alberto, *Do Cabo de Sta Catarina à Serra Parda – A Prospeção da Costa de Angola 1482-1854*, Luanda, Edições CITA, 1971.
- GONZAGA, Norberto, *História de Angola*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, Centro de Informação e Turismo de Angola, 1963.
- GONZAGA, Norberto, *Angola - Pequena Monografia*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, Centro de Informação e Turismo de Angola, 1968.
- HENRIQUES, Isabel Castro, “Tempos africanos, leituras europeias. Tentativa de sistematização.” In *Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1997, pp. 479-499.
- HENRIQUES, Isabel Castro, “Tempo e Contratempo no Espaço Angolano do século XIX”. Comunicação apresentada no Seminário *A Literatura de Viagem e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Novembro 1988.
- LEMOS, Alberto de, *Nótulas Históricas*, Luanda, Fundo de Turismo e Publicidade, 1969.
- LOUREIRO, João M., *Angola. Memória em Imagens. 1890-1970*, Lisboa, Edição Expresso, 2009.
- MILLER, J., Thornton, J., “A Crónica como fonte, história e hagiografia: O Catálogo dos Governadores de Angola” in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos Africanos e Asiáticos, 1990, Jan / Dez, nº 12/13, pp. 9-55.
- MORAES, Major Artur de, *Memórias de Angola*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.
- REBELO, Horácio de Sá Viana, *Angola. Na África deste Tempo*, Lisboa, Edição do Autor, 1961.

- SANTOS, José Martins dos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1967.
- PÉLISSIER, René, WHEELER, Douglas, *História de Angola, Lisboa*, Edições Tinta da China, 2009.

**Sobre a cidade de Luanda (monografias e outros estudos)**

- AMARAL, Ilídio do, *Luanda, Estudo de Geografia Urbana* in Memórias, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, II Série, vol.53.
- AMARAL, Ilídio do, “Luanda e os seus muceques, problemas de geografia urbana” in *Finisterra* - vol. XVIII, Nº 36 (1983), P.293-325.
- AMARAL, Ilídio do, “Luanda em meados do século XIX, revelada num texto de 1848” in *Sep. Garcia da Orta*, Sér. Geogr. Lisboa 9 (12), 1984, 1:16.
- BATALHA, Fernando, “O Topónimo primieiro da área de Luanda” in *Boletim Trimestral do Grupo de Amigos de Luanda (Angola)*, FONSECA, Fernando (dir.), 1968, Ano 2, nº5, p. 466-470.
- CARDOSO, Carlos Alberto Lopes, *Os Axiluanda*, Luanda, Editorial Culturang, 1971.
- CARDOSO, Manuel da Costa Lobo, *S. Paulo d’Assumpção de Luanda: apontamentos para a sua história*, Luanda, Museu de Angola, 1950.
- CARDOSO, Manuel da Costa Lobo, *Luanda Antiga*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1951.
- CARDOSO, Manuel da Costa Lobo, *Subsídios para a História de Luanda*, Edição do Museu de Angola, 1954.
- CÉSAR, Amândio, “Três estudos luandenses” in *Loanda*, Grupo de Amigos de Luanda, vol. 4, nº15 (Julho, Agosto, Setembro 1971), p. 123-130.
- CONCEIÇÃO, Lourenço Marques da, *Porque se escreve Luanda com U*, Luanda, Edição da Tipografia da Missão Católica de Luanda, 1943.
- COUTO, Carlos, *Considerações em torno do vocábulo “Luanda”*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1976.
- DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA GERAL, *Luanda Capital de Angola. Província Portuguesa em África*, Luanda, Imprensa Nacional, 1959.

- FERRAZ, Susana, *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, FAUP, 2005.
- FIGEIREDO, Xavier de, “Quatrocentos anos de uma cidade” in *A Cidade*, nº7 (Julho de 1972), pp 28-35.
- FONSECA, Fernando Duque (dir.), Grupo de Amigos de Luanda (“Angola”), *Luanda, Ano 2, nº5 (Janeiro – Março), 1969, pp.466-470.*
- “Fundação (A) de Luanda” in *Revista de Angola, Luanda, Editorial Angola Lda., 1970.*
- LOUREIRO, João M., *Memórias de Luanda*, Lisboa, Maisimagem-Comunicação Global, Lda., 2002.
- LUANDA, Câmara Municipal de, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Imprensa Nacional de Angola, 1939.
- LUANDA, Câmara Municipal de, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Imprensa Nacional de Angola, 1954.
- LUANDA, Câmara Municipal de, *Roteiro Toponímico das Ruas de Luanda*, Imprensa Nacional de Angola, 1974.
- MARTINS, Isabel Maria Nunes da Silva, *Luanda - a cidade e a arquitectura*, Dissertação para doutoramento em Arquitectura, FAUP, Porto, 2000.
- MENDES, Júlio, informações sobre Luanda prestadas via e- mail em 3/09/2009.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque, “Luanda, coexistência e ruptura do espaço africano e do espaço europeu - problemas metodológicos.” In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos, 1995.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque, “Configurações dos Núcleos Humanos de Luanda, do século XVI ao XX” In *Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1997, pp. 109-225.
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de, *Luanda, "ilha" crioula*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1968.
- PEPETELA, Luandando, *Luanda, Elf Aquitaine Angola*, 1990.

- PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas*, 9ª Série, Luanda, Lisboa, Rotep, 1969.
- POMBO, Manuel Ruela, *Paulo Dias de Novais e a Fundação de Luanda. 25 de Janeiro de 1576 – 25 de Janeiro de 1926. 350 anos depois*, Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1926.
- REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA, CULTURA, PROPAGANDA E TURISMO, “Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda” in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda*, nº9 (Out/Dez 1965), pp. 86-88.
- SANTOS, José de Almeida, *Luanda d’outros tempos*, Luanda, Edição do Centro de Informação e Turismo de Angola, 1966.
- SANTOS, José de Almeida, *Páginas Esquecidas de Luanda de há cem anos (1845-1864)*, 5 volumes, Luanda, Edição da Câmara Municipal, 1971-72.
- SANTOS, José Ferreira Martins, Luanda. A 3ª Cidade de Portugal, Coimbra. Editora, 1960.
- SOROMENHO, Castro, “Imagens da Cidade de S. Paulo de Luanda” in *Cadernos Coloniais*, nº 55, Lisboa, Editorial Cosmos, 1939.
- TEIXEIRA, Fernando Heitor Gomes, *A visão da cidade no século XVII. Luanda vista por Cadornega*, Tese de doutoramento em Literatura apresentada á Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982.
- VENÂNCIO, José Carlos, *A Economia de Luanda e Hinterland no século XVIII: um estudo de sociologia histórica*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.
- VISEU, João, “Retalhos da História” in *Revista de Angola*”, nº 135 (Janeiro 1967).

### **Sobre Arte, Arquitectura e Urbanismo em Luanda**

- DIAS, Pedro, *Arte de Portugal no Mundo, África Ocidental*, Lisboa, Edição Público - Comunicação Social, SA, 2008.
- FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, s/d.
- FERNANDES, José Manuel, “A Cultura das Formas- Urbanismo, Arquitectura, Artes”, in *História da Expansão Portuguesa*, direcção por Francisco

Bethencourt e Kirti Chaudhuri, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, vol. IV, pp. 444-491.

- FERNANDES, José Manuel, *Geração Africana - Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Livros Horizonte, 2002.

### **Sobre política ultramarina, guerra colonial, descolonização, guerra civil em Angola**

- A. A. V. V., *Cadernos de Estudos Africanos* nº9/10, Julho 2005/Junho 2006, Centro de Estudos Africanos, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, 2006.
- A.A.V.V., *Angola, Documentos do M.P.L.A.*, Lisboa, Ulmeiro, 1977, 1º vol.
- AGÊNCIA DE PROPAGANDA DA SECÇÃO POLÍTICA NACIONAL DAS F.A.P.L.A., *F.A.P.L.A- Baluarte da Paz em Angola*, Paris, Publicações Berger-Levrault, s.d.
- ALMEIDA, Pedro Ramos de, *História do Colonialismo Português em África*, Lisboa, Editorial Estampa, 1979.
- ANDRADE, Costa, «Ndunduma», Adobes da Memória “Tukayama”, Luanda, Editora e Livraria Caxinde, 2002.
- ANDRADE, Mário, “A Guerra em Angola, Lisboa” in *Seara Nova*, Lisboa, 1974, nº 204.
- ASSOCIAÇÃO TCHIWEKA DE DOCUMENTAÇÃO, *Lúcio Lara. Imagens de um percurso*, Lisboa, Editorial Caminho, 2010.
- BITTENCOURT, Marcelo, “A resposta dos “Crioulos Luandenses” ao intensificar do processo colonial em finais do século XIX” in *A África e a Instalação do Sistema Colonial (c. 1885 – c. 1930). Actas da III Reunião Internacional de História da África* (1999). Lisboa, IICT / Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000, p. 655-671.
- CAETANO, Marcello, “Razões da presença de Portugal no Ultramar” in *Ultramar-Nova Série*, ano 1 (4º trimestre), 1972.
- CARDOSO, General Silva, *Angola. Anatomia de uma tragédia*, Lisboa, Oficina do Livro, 2001.
- CARVALHO, Adélia *et alli*, *Angola a festa e o luto. 25 Anos de Independência*, Lisboa, Veja, 2000.

- CASTELO, Cláudia, *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento, 1998, p.58.
- COELHO, João Paulo Borges, “Guerra Colonial/Luta de Libertação: as duas faces de uma mesma investigação”, In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos*, 1995, p. 93-107.
- CORGO, Emanuel, MINGAS, Sayid e NETO, Helder, *Estão de Pé para Sempre*, Lisboa, Edições 70, Lda. Para a União dos Escritores Angolanos, 1997.
- CORREIA, Pedro Pezarat, “A Descolonização” in REIS, António (coord.) *Portugal 20 anos de Democracia*, Lisboa, Temas e Debates, 1996.
- CRAVIDE, Félix d’Apresentação, “O Propósito da Reacção”, In *Actas da I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3º quartel do séc. XIX*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1989, pp.430-440.
- DIAS, Jill, “Relações económicas e de poder no Interior de Luanda ca. 1850-1875.” In *Actas da I Reunião Internacional de História de África. Relação Europa-África no 3º quartel do séc. XIX*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1989, 241-258.
- FERREIRA, Eduardo de Sousa, *O fim de uma era: O colonialismo português em África*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.
- FIGEIREDO, Leonor, *Ficheiros Secretos da Descolonização de Angola*, Lisboa, Aletheia Editores, 2009.
- GALVÃO, Henrique, *Carta aberta ao Dr. Salazar*, Lisboa, Editora Arcádia, 1975.
- GONÇALVES, António Custódio, “Identidades culturais e emergência do nacionalismo angolano. África e a instalação do sistema colonial (c.1885-c.1930) in SANTOS, Maria Emília Madeira, *Actas da III Reunião Internacional de História de África*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000, pp. 593-597.
- GONÇALVES, António Custódio, *Tradição e Modernidade na Re (Construção) de Angola*, Porto, Edições Afrontamento, 2003.

- JOÃO, Maria Isabel, *Memória e Império, Comemorações em Portugal (1880 - 1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.
- LACERDA, Daniel, “A guerra civil em Angola através de dois livros” in *Latitudes – Cahiers Lusophones*, France, 2006, nº 28, pp. 30-34.
- MACEDO, José, *Autonomia de Angola*, Lisboa, Centro de Sócio - economia, (do) Instituto de Investigação Científica Tropical, 2ª edição, 1988.
- NETO, Agostinho, *Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do M.P.L.A.*, Edição Avante, Lisboa, 1978.
- NETO, João Ferreira da Costa, *A guerra em Angola: uma abordagem sumária*, Documento de trabalho da U.I.L.A., Almada, I.S.E.I.T., 2000.
- NETO, Maria da Conceição, “Ideologias, Contradições e Mistificações da Colonização de Angola no século XX” in *Lusotopie*, Éditions Karthda, 1977, pp.327-359.
- PACAVIRA, Manuel Pedro, *O 4 de Fevereiro pelos Próprios*, Editorial Nzila, Luanda, 2003.
- RIBEIRO, General Gonçalves, *A Vertigem da Descolonização. Da agonia do êxodo à cidadania plena*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2002.
- SALAZAR, António de Oliveira, *Discursos e Notas Políticas, 1956-1966*, Coimbra Editora Lda, vol.VI.
- SANTOS, Maria Emília Madeira, *Nos Caminhos de África. Serventia e Posse - Angola século XIX*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1998

### **Sobre Toponímia**

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral, *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- MEDINA, João,” A Toponímia -Local de Memória” in *Primeiras Jornadas de História Local e Regional*, Lisboa, Colibri, 1993.
- MÉNENDEZ PIDAL, R., *Toponímia Prerrománica Hispánica*, Madrid, Gredos, 1952.

- **Sobre Memórias e Identidades**
- ABREU, José Guilherme, “Arte Pública e lugares de memória “ in *Revista da Faculdade de Letras*, I Série, vol. IV, Porto, 2005.
- CANDAU, Joël, *Antropologie de la mémoire*, Paris, Press Universitaires de France, 1996.
- CUCHE, Denys, *A noção de cultura nas ciências sociais*, Lisboa, Fim de Século, 2004.
- NORA, Pierre, “Memória Colectiva” in *Nova História*, Coimbra, Almedina, 1990, pp. 451-454.
- NORA, Pierre, *Les Lieux de Mémoire*, Tomo I, II E III. Paris, Gallimard, 1984.
- VALA, Jorge, MONTEIRO, Maria Benedicta (coord.), *Psicologia Social*, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

**Duas obras fundamentais com a compilação de documentos cartográficos sobre Luanda e outras cidades de Angola**

- SILVEIRA, Luís, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Lisboa, Ministério do Ultramar, Junta de Investigações do Ultramar, 1912, vol.II.
- PEREIRA, João Camacho, *Colecção de Gravuras Portuguesas - Luanda*, 9ª Série, Lisboa, Roteq, 1969.

**Webgrafia**

- ÁFRICA MAGAZINE, *435 anos de História*. [Em linha]. [Consult.03/08/2009)]. Disponível em: [www.gpl.gv.ao/Artigos/Africa.doc](http://www.gpl.gv.ao/Artigos/Africa.doc)
- GEORGE, Edward, *The Cuban intervention in Angola, 1965-1991*. [Em linha].2009. [Consult. em 02/09/2009]. Disponível em: [http://books.google.pt/books?id=u\\_0yE0vcBQoC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=true](http://books.google.pt/books?id=u_0yE0vcBQoC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=true)
- GOVERNO PROVINCIAL DE LUANDA, *Mapa da cidade*, [Em linha]. [Consult.24/02/2009]. Disponível em: <http://www.gpl.gv.ao/Usuario/Links/MapaDaCidade.aspx>
- MARTINS, P. Joaquim, *Cabindas, História – Crenças - Usos e costumes*. [Em linha] [Consult. 17/07/2009]. Disponível em [www.cabinda.net/cabindas.html](http://www.cabinda.net/cabindas.html) .

- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque, *A evolução de Luanda: aspectos sócio - demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico* [Em linha]. [Consult.24/02/2009].Disponível em:  
[http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco\\_de\\_textos](http://www.casadasafricas.org.br/site/?id=banco_de_textos)
- ROSSA, Walter, “A cidade. Palco expressivo de portugalidade” in Revista Camões, nº 11. [Em linha]. [Consult. 26/07/2009]. Disponível em:  
[http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc\\_details.html?let=R](http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?let=R)
- SANTOS, José Martins dos, *Cultura, Educação e Ensino em Angola*, Edição digital 1974- 1998 [Em linha]. [Consult. 10/05/2010]. Disponível em:  
<http://reocities.com/Athens/troy/4285/ensino.html>
- SONANGOL,História.[Emlinha].2002,Luanda.[Consult.24/02/2009].  
Disponível em: [http://www.sonangol.co.ao/angolaHistory\\_p.html](http://www.sonangol.co.ao/angolaHistory_p.html)
- VALÊNCIO, Manuel, *História de Angola*. [Em linha]. [Consult.20/08/2009].  
Disponível em: <http://rubelluspetrinus.com.sapo.pt/angola-h.ht>

## ÍNDICE DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Fig.1 - Capitania de Angola doada a Paulo Dias de Novais em 1571 .....   | 119 |
| Fig.2 Reinos históricos de Angola ,extraído de WHEELER, Douglas, PÉLISSIER, René, <i>História de Angola, Lisboa</i> , Edições Tinta da .....   | 120 |
| China, 2009, p.49. ....  | 120 |
| Fig.3 Mapa de Angola, 1961, extraído de Susana Ferraz, ob.cit., p. 305. ....   | 121 |
| Fig.4 -Mapa de Angola em 1961 com sobreposição do território do reino do Congo, no século XVI, extraído de Susana Ferraz, ob. cit., p.304. ....  | 122 |
| Fig.5 - Carta da República de Angola, 1997, extraído de Ilídio do Amaral, O Consulado de Paulo Dias de Novais, p.11. ....  | 123 |
| Fig.6- <i>Relação do sitio em que se há- de fortificar a Cidade de Loanda como se vê pelo alfabeto nela</i> (Planta de Luanda em 1626) .....   | 129 |
| Fig.7- <i>Planta Civitas Loandae S. Pauli</i> , Barlaeus, 1647 .....   | 130 |
| Fig.8- <i>Planta della città di Loanda ó S. Paulo Metrop. Del regno d' Angola</i> , 1698 .....   | 131 |
| Fig. 9- <i>Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente a Freg.ª de N. S. dos Remédios, 1755.</i> Na legenda as designações em português e na língua nativa.....                                       | 132 |
| Fig.10-Sobreposição da Planta de 1647 na de 1755 .....   | 133 |
| Fig.11- <i>Vista de parte da cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola, terminada entre as Fortificações e mais partes seguintes, 1755, onde aparece identificada (nº2) a Igreja do Corpo Santo, sede da segunda paróquia de Luanda</i> ..... | 134 |
| Anexo 18.....  | 135 |
| Fig.12 - <i>Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo da Assumpção do Reyno de Angola, 1757.</i> .....   | 135 |
| Fig. 13- <i>Perspectiva da Cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola, desenhada em 1816</i> .....  | 136 |
| Fig. 14- <i>Planta e Perspectiva do Porto de Loanda, publicada em 1846</i> .....   | 137 |
| Fig.15- <i>Planta Loanda Capital de Angola, levantada por F. Dutra em 1861 e litografada em 1862</i> .....   | 138 |
| Fig. 16- <i>Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, um levantamento realizado por Alves Roçadas em 1900</i> .....  | 139 |
| Fig. 17- <i>Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, editada em 1926 pela Empresa de Publicidade "Angola Lda"</i> .....   | 140 |
| Fig.18- <i>Planta Roteiro de Luanda, em 1938</i> .....   | 141 |
| Fig. 19 - <i>Planta da Cidade de Luanda, em 1968.</i> .....  | 142 |
| Fig.20 - <i>Mapa das Ruas de Luanda, em 1974.</i> .....  | 143 |
| Fig.21- <i>Mapa das Ruas de Luanda - Planta de 1977</i> .....  | 146 |
| Fig.22 – <i>Sobreposição da Planta de 1974 na de 1977 (espaço urbano tratado na análise comparativa da última planta do período colonial e primeira após a independência)</i> .....  | 147 |
| Fig. 23- <i>O crescimento da área da cidade de Luanda</i> .....  | 148 |
| Fig. 24- <i>A Avenida mudou de nome, mas a placa colonial permanece</i> .....  | 188 |
| Fig. 25- <i>Nesta placa a nova designação</i> .....  | 188 |

|   |     |
|---|-----|
| Fig. 26- A placa, ainda, ostenta o nome do oficial da Marinha e governador de Angola, dos tempos coloniais. ....          | 189 |
| Fig. 27- A designação deste largo após a independência é Largo do Lumej, mas, a anterior placa ainda permanece. ....      | 189 |
| Fig.28- A actual Rua Serqueira Lukoki, ainda, exhibe a placa com o nome de um antigo governador de Angola. ....           | 190 |
| Fig.29- Aqui a placa toponímica com a designação pós independência. ....  | 190 |
| Fig.30- Junto à Igreja da Sagrada Família, permanece a placa com a designação portuguesa, a qual também se mantém. ....   | 191 |
| Fig.20-Para os portugueses, a memória de Alexandre Herculano.....   | 192 |
| Fig.31-...para os angolanos, a memória de Irene Cohen. As duas placas coabitam, em zonas diferentes, no mesmo largo. .... | 192 |
| Fig.32- Neste caso, o mesmo edifício ostenta, lado a lado, as duas placas toponímicas: a colonial e a angolana. ....      | 193 |
| Fig.33 - A placa da Rua Direita, a designação dos tempos coloniais... ..  | 194 |
| Fig.34- A Rua Major Kahangulo, após 1975.....   | 194 |

## ANEXOS

## **ANEXOS**

### **Documentos escritos e cartográficos**

## Anexo 1- Carta de doação de D. Sebastião a Paulo Dias de Novais- Doação da Capitania de Angola<sup>281</sup>

“ D. Sebastião etc. Aos que esta minha carta virem, faço saber: que, vendo e considerando eu o quanto concorreu ao serviço de Nosso Senhor e também ao meu mandar sujeitar e conquistar o reino de Angola, assim para se nele haver de celebrar o culto e ofício divinos e acrescentar a nossa santa fé católica e promulgar o santo Evangelho, como pelo muito proveito que se seguirá a meus Reinos e Senhorios e aos naturais eles de se o dito reino de Angola sujeitar e conquistar:

- Houve por bem, com parecer e deliberação dos do meu conselho e dos deputados da Mesa da Consciência e dois letrados teólogos e camaristas, de mandar entender na conquista do dito reino, por se assentar e determinar que pelas coisas acima ditas, conforme as bulas apostólicas, concedidas aos reis destes reinos, meus antecessores, tinha obrigação de o fazer assim; e

- Encarreguei disso a Paulo Dias de Novais, pela muita confiança que dele tenho e pelo conhecimento e experiência que tem das coisas do dito reino, do tempo que nele esteve por meu embaixador, pelo qual, havendo respeito aos serviços que o dito Paulo Dias me tem feito, assim no dito reino de Angola como com outras partes onde me serviu, em que sempre deu de si toda boa conta, e aos que espero que me faça na conquista do dito reino e as grandes despesas que nisso há-de fazer, sem da minha fazenda lhe haver de ser dado ajuda alguma de dinheiro nem de outras coisas; e

- De meu próprio moto, certa ciência, poder real e absoluto, hei por bem e me praz de lhe fazer, como de feito por esta presente carta faço, mercê e irrevogável **Doação**, entre vivos valedoras, deste dia para todo o sempre, de juro e de herdade para êle e todos os seus filhos, netos e herdeiros e sucessores, que após ele vierem, assim descendentes como transversais e colaterais, segundo adiante irá declarado, **de trinta e cinco léguas de terra na costa dito reino de Angola, que começará no rio Cuanza e águas vertentes a ele para o sul e entrará pela terra dentro tanto quanto puderem entrar e for da minha conquista, da qual terra pela dita demarcação lhe assim faço Doação e mercê de juro e de herdade para todo o sempre, como dito é, e quero e me praz que o dito Paulo Dias e todos seus herdeiros e sucessores, que a dita terra herdarem e sucederem, se possam chamar e chamem capitães e governadores dela:**

- E, outrossim, lhe faço Doação e mercê de juro e de herdade para todo o sempre, para ele e todos os seus descendentes e sucessores, no modo sobredito da jurisdição cível e crime da terra, da qual êle Paulo Dias e seus herdeiros e sucessores usarão na forma e maneira seguinte, a saber.

- (...) (...) (...)

-E outrossim, me praz que o dito capitão e governador e todos os seus sucessores possam por si fazer vilas todas quaisquer povoações que se na dita terra fizerem e lhe a eles parecerem que o devem de ser, as quais se chamarão de vilas e terão termo e jurisdição, liberdades e insígnias de vilas segundo o foro e costume de meus Reinos e isto, porém, se entenderá que poderão fazer todas as vilas que quiserem das povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra firme pelo sertão, se não poderão fazer menos espaço de seis léguas de uma à outra, para que possam ficar ao menos três léguas de terra de termo a cada

---

<sup>281</sup> Extraído de Gastão Sousa Dias, *Relações de Angola: primórdios da ocupação portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1934, pp. 213-229.

uma das ditas vilas; e ao mesmo tempo que assim fizerem as ditas vilas ou cada uma delas, lhe limitarão e assinarão logo termo para elas e depois não poderão da terra, que assim tiverem dado por termo, fazer mais outra vila sem minha licença.

(...) (...) (...)

- E com condição que, dentro em vinte meses que começarão do dia em que dêste Reino partir, porá na terra 400 homens que possam pelejar com suas armas conformes à guerra daquelas partes, nos quais 400 homens entrarão 8 pedreiros, 4 caboqueiros, 6 taapeiros, um físico e um barbeiro, e levará mantimentos para um ano para toda a dita gente, na qual não irá cristão-novo algum e trabalhará por levar a mais gente e oficiais que puder ser e com condição que levará 6 cavalos para irem diante descobrindo a terra e que dentro de 3 anos terá lá de 20 cavalos e éguas para cima e com condição que dentro de 10 anos fará três castelos de pedra e cal entre os rios de Zenza e Cuanza e um dêles, que se fará no pôrto onde parecer que podem ir armadas estrangeiras, não será de menos que quarenta braças de quadra e doze palmos de grossura e quarenta de altura, com dois baluartes em dois cantos que fiquem em traveses singelos de todo o muro e pelo tempo em diante se irão acabando de maneira que parecer mais necessário, e os outros dois castelos se farão pelos rios acima nos lugares em que parecerem mais necessários, e será cada um de vinte braças de quadra e da mesma grossura e altura do outro grande, com dois baluartes ex-diâmetro pela mesma maneira; e, sendo caso que o dito Paulo Dias não possa acabar os ditos três castelos dentro dos 10 anos, fazendo nisso toda a diligência que puder ser, eu lhe irei reformando o mais tempo que me bem parecer; e, por entretanto, logo em desembarcando, fará na dita terra as forcas (?), que lhe forem necessárias, de taipa e madeira para se segurar dos pretos e com elas irá domando a terra, enquanto não fizer os ditos castelos; e com a condição que, dentro em seis anos, que começarão do dia em que deste Reino partir, ponha na dita terra e capitania cem moradores com suas mulheres e filhos, em que entrem alguns lavradores com todas as sementes e plantas que deste Reino e da Ilha de São-Tomé de puderem levar, o que tudo fará à sua própria custa e despesa, sem eu mandar meter nisso nenhum cabedal nem lhe fazer empréstimo algum de armas, navios, munições, nem mantimentos, como costume fazer para as viagens e empresas desta qualidade; e com a condição que partirá deste Reino para efectuar este negócio antes de se acabar o contrato da Ilha de São Tomé, que ora corre, de maneira que, quando lá chegar, seja o dito contrato acabado.

(...) (...)

(...) e por firmeza de todo lhe mandei dar esta Carta de Doação, por mim assinada e selada com o meu selo de chumbo pendente, a qual vai escrita em seis meias-fôlhas de pergaminho e com a outra que assinei e no fim de cada lauda vai assinada por Martim Gonçalves da Câmara, de meu conselho e meu escrivão de puridade. Dada na cidade de Lisboa aos 19 dias do mês de Setembro. António de Aguiar a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1571. Jorge da Costa a fez escrever.

E o dito Paulo Dias será, outrossim, obrigado a levar três clérigos para confessarem e sacramentarem a gente da armada e assim todo o necessário de vestimentas e ornamentos do altar e a primeira igreja fará toda à sua custa e será da invocação do bemaventurado S. Sebastião; e as outras igrejas fará também à sua custa ou os corpos delas somente, como será declarado no foral; e os escravos, que por virtude desta doação pode resgatar e enviar a este Reino, se façam as justificações necessárias, conforme ao regimento e ordem da Mesa da Consciência, que se enviou a S. Tomé.”

## Anexo 2 - Carta do Padre Jesuíta Garcia Simões ao Provincial da Companhia de Jesus <sup>282</sup>

“Já estamos em um sítio que no princípio se ofereceu a muitos ser mais cómodo para nossa povoação que os outros. Tem nêle o Governador feito um forte de taipa e assentada sua artelharia e é um monte que entra com uma grande ponta pelo mar, na qual ponta estamos situados por ser bom sítio. De Angola, sete de Novembro de 576”

## Anexo 3

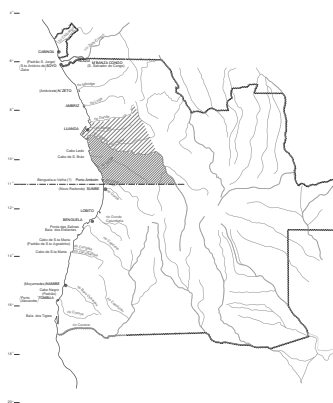


Fig.1 - Capitania de Angola doada a Paulo Dias de Novais em 1571

<sup>282</sup> Gastão Sousa Dias, ob.cit, p.75.

Anexo 4

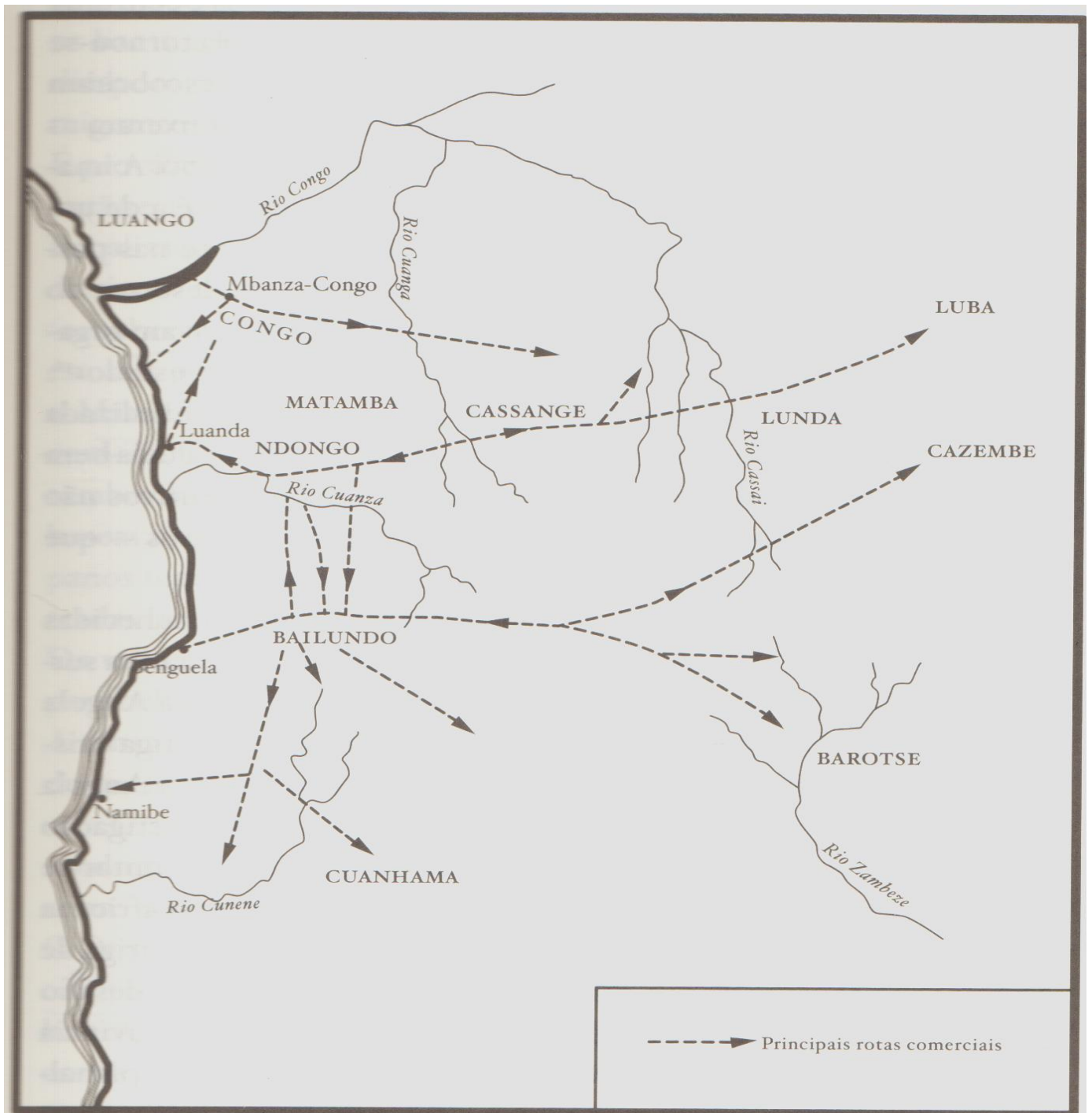


Fig.2 Reinos históricos de Angola ,extraído de WHEELER, Douglas, PÉLISSIER, René, *História de Angola*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009, p.49.

Anexo 5



Fig.3 Mapa de Angola, 1961, extraído de Susana Ferraz, ob.cit., p. 305.

Anexo 6



Fig.4 -Mapa de Angola em 1961 com sobreposição do território do reino Congo, no século XVI, extraído de Susana Ferraz, ob. cit., p.304.

Anexo 7

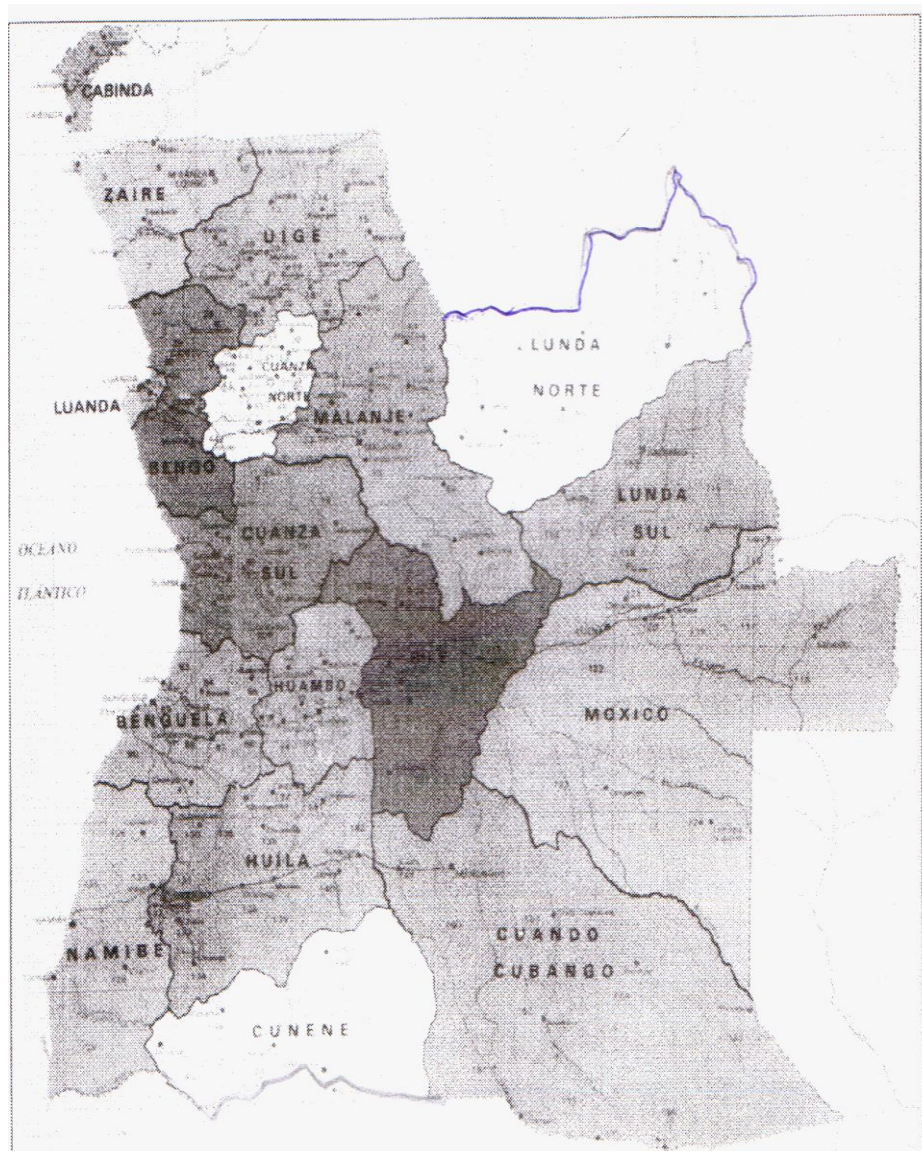


Fig.5 - Carta da República de Angola, 1997, extraído de Ilídio do Amaral, O Consulado de Paulo Dias de Novais, p.11.

**Anexo 8 - Legenda da Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios, de 1755 (adaptada)**

***Na língua nativa***

*Quitanda Ma-quoqo*

*Molundo na-gombe*

*Corrigo de Moanhe-embanze*

*Molundo a Salzedo*

*Quitanda Apeile*

*Molundo a quitanda Apeile*

*Quitanda di lonje*

*[Mongila] a S. José*

*Corrigo do Secretário*

*Corrigo de D. Maria Tavares*

*Mongila a Carmo*

*Combota*

*O Bungo*

*Quitanda qui am Bungo*

*Cassiba do Bungo*

*Mongila a Cana Xiche*

*Mongila a Bengo*

***Em Português***

*Feira ou Venda dos Coqueiros*

*Ladeira do Boy*

*Rego do Sol do Verão*

*Ladeira do Salzedo*

*Feira Grande*

*Ladeira a Feira Grande*

*Venda dos Pratos*

*Caminho ao mesmo*

*Rego do mesmo-Ou Corgo do*

*Bungo*

*Rego da mesma*

*Caminho ao mesmo*

*Bairro da mesma*

*Bairro do mesmo*

*Feira do mesmo*

*Poço do mesmo*

*Caminho do mesmo*

*Estrada ou caminho p<sup>a</sup> o mesmo*

Anexo 9 - Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, nº 148 de 29 de Junho de 1848 – Estatística dos Prédios Urbanos da Cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda e Ilhas Adjacentes, de acordo com o último lançamento da Décima do ano económico de 1846/1847

| Ruas e Bairros       | Casas de Sobrado |   |   | Casas Térreas |    |     | Cubatas |    |   | Total | Edifícios Notáveis            |
|----------------------|------------------|---|---|---------------|----|-----|---------|----|---|-------|-------------------------------|
|                      | A                | B | C | A             | B  | C   | A       | B  | C |       |                               |
| Praça da Nazaré      | 2                | - | - | 3             | -  | -   | 2       | -  | - | 7     | ERM. N.S. Nazaré              |
| Rua do Miranda       | 9                | - | - | 33            | -  | 2   | 3       | -  | - | 47    | -                             |
| Praça D. Afonso V    | 4                | - | - | 3             | -  | -   | -       | -  | - | 7     | -                             |
| R. Direita Loanda    | 7                | - | - | 15            | -  | -   | -       | -  | - | 22    | -                             |
| Praça do Bressane    | 1                | - | - | 3             | -  | -   | -       | -  | - | 4     | -                             |
| Rua do Anónimo       | 4                | - | - | -             | 7  | -   | -       | -  | - | 11    | -                             |
| Trav. de Cartago     | -                | - | - | -             | -  | 1   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Beco da Talha        | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Trav. Pereira Forjaz | -                | - | - | 3             | -  | -   | -       | -  | - | 3     | -                             |
| Rua N'Dange Roza     | 1                | - | - | 10            | -  | -   | 1       | -  | - | 12    | -                             |
| Praça do Carmo       | -                | - | - | 4             | -  | -   | 3       | -  | - | 7     | Corv. do Carmo                |
| Calçada do Noronha   | 2                | - | - | 5             | -  | -   | -       | -  | - | 7     | Cap. Sr <sup>a</sup> Efigénia |
| R. Pedro de Torres   | 7                | - | - | 7             | -  | -   | 1       | -  | - | 15    | -                             |
| Rua da Alfindega     | -                | - | - | 3             | -  | -   | -       | -  | - | 3     | Alfindega e Treza             |
| R. Salvador Correia  | 8                | - | 1 | 21            | -  | -   | -       | -  | - | 30    | l. Corpo Santo                |
| Largo do Esquadro    | 1                | - | - | 1             | -  | -   | 2       | -  | - | 4     | Quartel Esquadro              |
| Praça D. Fernando    | 6                | - | - | -             | -  | -   | -       | -  | - | 6     | l. N. S. Remedios             |
| Rua do Calvário      | 1                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 2     | Almoç. Fazenda                |
| Largo do Torres      | 8                | 1 | - | 2             | -  | 1   | -       | -  | - | 12    | -                             |
| Praça do Tenreiro    | 2                | - | - | 3             | -  | -   | -       | -  | - | 5     | Tenreiro Público              |
| Praça do Falcão      | 3                | - | - | -             | -  | -   | -       | -  | - | 3     | Praça do Peixe                |
| Praça do Peixe       | 1                | - | - | 4             | -  | 1   | 3       | 14 | - | 23    | -                             |
| R. Sousa Coutinho    | 7                | - | - | 10            | -  | -   | -       | -  | - | 17    | -                             |
| Trav. da Sé          | 4                | - | - | -             | -  | -   | -       | -  | - | 4     | -                             |
| R. dos Mercadores    | 6                | - | 1 | 4             | -  | -   | -       | -  | - | 11    | -                             |
| Trav. Guarda-Mor     | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Rua Avelino Dias     | 10               | - | - | 13            | -  | -   | 7       | -  | - | 30    | -                             |
| Beco do Quissange    | -                | - | - | 2             | -  | -   | -       | -  | - | 2     | -                             |
| R. Cezar Meneses     | 1                | - | - | -             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Rua Miguel Mello     | 5                | - | - | 18            | -  | -   | -       | -  | - | 23    | -                             |
| Praça Pelourinho     | 2                | - | - | 11            | -  | -   | -       | -  | - | 13    | Theatro Providencia           |
| Trav. da Mutamba     | -                | - | - | 2             | -  | -   | 1       | -  | 2 | 5     | -                             |
| Beco da Ana          | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| T. Espírito Santo    | 2                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 3     | -                             |
| Rua das Pretas       | 2                | - | - | 4             | -  | -   | 11      | 2  | - | 19    | -                             |
| Trav. do Quibando    | 1                | - | - | 1             | -  | -   | 2       | -  | - | 4     | -                             |
| Trav. do Gama        | -                | - | - | -             | -  | -   | 3       | -  | - | 3     | -                             |
| Rua da Capota        | -                | - | - | 6             | -  | 1   | 12      | -  | - | 19    | -                             |
| Espian. S. Miguel    | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Calçada Dito         | 5                | - | - | 4             | -  | -   | -       | -  | - | 9     | Trib. / Juiz Direito          |
| Rua de Diogo Cão     | 6                | - | - | 5             | -  | -   | -       | -  | - | 11    | -                             |
| Largo do Palácio     | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | Pal. Governo/Bispo            |
| R. da Misericórdia   | 1                | - | - | 18            | -  | -   | -       | -  | - | 19    | I.H. Misericórdia             |
| Rua atrás da Cadeia  | -                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| Trav. Luiz Serrão    | 2                | - | - | 1             | -  | -   | -       | -  | - | 3     | -                             |
| Calçada Velha        | 3                | - | - | 6             | -  | -   | 1       | -  | - | 10    | -                             |
| Trav. do Lencastre   | 4                | - | - | -             | -  | -   | -       | -  | - | 4     | -                             |
| Trav. do Cotovelo    | -                | - | - | -             | 3  | -   | -       | -  | - | 3     | -                             |
| T. Tristão Cunha     | 1                | - | - | 4             | 1  | 11  | -       | -  | - | 17    | -                             |
| Sub-Total            | 129              | 1 | 2 | 237           | 11 | 17  | 50      | 18 | 2 | 467   | -                             |
| BARRIO               |                  |   |   |               |    |     |         |    |   |       |                               |
| " Nazaré             | -                | - | - | 4             | -  | 96  | 10      | 1  | - | 111   | -                             |
| " Bungo              | -                | - | - | -             | -  | 22  | 2       | -  | - | 24    | -                             |
| " Catão              | -                | - | - | -             | -  | 49  | 2       | 1  | - | 52    | -                             |
| " Alto do Carmo      | -                | - | - | 4             | -  | 54  | 2       | -  | - | 60    | -                             |
| " Belém              | -                | - | - | -             | -  | 18  | 2       | -  | - | 20    | -                             |
| " Catomba            | -                | - | - | 3             | -  | 48  | 2       | -  | - | 53    | -                             |
| " Capixe             | -                | - | - | 1             | -  | 8   | -       | -  | - | 9     | -                             |
| " Mazico             | -                | - | - | -             | -  | 9   | -       | -  | - | 9     | -                             |
| " Maguague           | -                | - | - | 1             | -  | 11  | -       | -  | - | 12    | -                             |
| " N'ingombota        | -                | - | - | 4             | -  | 137 | 1       | -  | - | 142   | -                             |
| " Sangandombe        | -                | - | - | -             | -  | 59  | 2       | -  | - | 61    | -                             |
| " Casuso             | -                | - | - | -             | -  | 30  | -       | -  | - | 30    | -                             |
| " Quibanda           | -                | - | - | 2             | -  | 35  | 1       | -  | - | 38    | -                             |
| " Coqueiros          | 1                | - | - | 2             | -  | 227 | 4       | -  | - | 234   | -                             |
| " Saazella-galla     | -                | - | - | -             | -  | 18  | -       | -  | - | 18    | -                             |
| " atrás Misericórdia | -                | - | - | 2             | -  | 16  | -       | -  | - | 18    | -                             |
| " Mes. Laranja       | -                | - | - | -             | -  | 1   | -       | -  | - | 1     | -                             |
| " Rozario            | -                | - | - | -             | -  | 3   | -       | -  | - | 3     | -                             |
| Sub-Total            | 1                | - | - | 23            | -  | 841 | 28      | 2  | - | 895   | -                             |
| TOTAL CIDADE         | 130              | 1 | 2 | 260           | 11 | 858 | 78      | 20 | 2 | 1362  | -                             |
| ILHA                 | 4                | - | - | 5             | -  | -   | 156     | -  | - | 165   | -                             |
| TOTAL                | 134              | 1 | 2 | 265           | 11 | 858 | 234     | 20 | 2 | 1527  | -                             |

(A) Habitadas, (B) Demolidas, (C) Em concerto ou fabrico

Anexo 10- Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, nº 2 de Janeiro de 1849 – Estatística dos Prédios Urbanos da Cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda e Ilhas Adjacentes, de acordo com o último lançamento da Décima do ano económico de 1847/1848

| Ruas e Bairros         | Casas de Sobrado |   |   | Casas Térreas |   |   | Cubatas |    |    | TOTAL | Edifícios (ouverts)                |
|------------------------|------------------|---|---|---------------|---|---|---------|----|----|-------|------------------------------------|
|                        | A                | B | C | A             | B | C | A       | B  | C  |       |                                    |
| Praça da Nazaré        | 2                | - | - | 4             | - | 1 | -       | -  | -  | 7     | Ermidas N.S. Nazaré                |
| Rua do Miranda         | 11               | - | - | 24            | 1 | - | 3       | -  | 2  | 41    | -                                  |
| Praça D. Afonso V      | 4                | - | - | 3             | - | - | -       | -  | -  | 7     | -                                  |
| R. Direita de Loanda   | 7                | - | - | 15            | - | - | -       | -  | -  | 22    | -                                  |
| Praça do Bressane      | 2                | - | - | 2             | - | - | -       | -  | -  | 4     | -                                  |
| Rua do Arsénio         | 5                | - | - | 7             | - | - | -       | 1  | -  | 13    | -                                  |
| Trav. de Carungo       | -                | - | - | -             | - | 1 | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Beco da Talha          | -                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Trav. Pereira Forjaz   | -                | - | - | 3             | - | - | -       | -  | -  | 3     | -                                  |
| Rua N'Dange Roza       | 1                | - | - | 10            | - | - | 1       | -  | -  | 12    | -                                  |
| Praça do Carmo         | -                | - | - | 4             | - | - | 3       | -  | -  | 7     | Convento do Carmo                  |
| Largo do Noronha       | 1                | - | 1 | 5             | - | - | -       | -  | -  | 7     | Capela de Sr <sup>a</sup> Eligénia |
| Rua Pedro de Torres    | 7                | - | - | 6             | - | 1 | -       | 3  | -  | 17    | -                                  |
| Travessa do Távora     | 1                | - | - | -             | - | - | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Rua da Alfândega       | -                | - | - | 3             | - | - | -       | -  | -  | 3     | Alfândega e Trezo                  |
| Rua Salvador Correia   | 18               | - | - | 22            | - | - | -       | -  | -  | 40    | Igreja Corpo Santo                 |
| Largo do Esquadrio     | 1                | - | - | 1             | - | - | 2       | -  | -  | 4     | Quartel do Esquadrio               |
| Praça de D. Fernando   | 6                | - | - | -             | - | - | -       | -  | -  | 6     | Ig. N.S. dos Remedios              |
| Rua do Calvário        | 1                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 2     | Almoxarifado/Tazenda               |
| Largo do Torres        | 8                | - | - | 4             | - | 1 | -       | -  | -  | 13    | -                                  |
| Praça do Terceiro      | 2                | - | - | 3             | - | - | -       | -  | -  | 5     | Terceiro Público                   |
| Praça do Falcão        | 3                | - | - | -             | - | - | -       | -  | -  | 3     | Praça do Peixe                     |
| Praça do Peixe         | 1                | - | - | 5             | - | - | 17      | -  | -  | 23    | -                                  |
| Rua Sousa Coutinho     | 4                | - | - | 13            | - | - | -       | -  | -  | 17    | -                                  |
| Trav. da Sé            | 4                | - | - | -             | - | - | -       | -  | -  | 4     | -                                  |
| Rua dos Mercadores     | 5                | - | - | 6             | - | - | -       | -  | -  | 11    | -                                  |
| Trav. do Guardá-Mor    | -                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Rua Avelino Dias       | 8                | - | - | 14            | - | - | 7       | 1  | -  | 30    | -                                  |
| Beco do Quissange      | -                | - | - | 1             | 1 | - | -       | -  | -  | 2     | -                                  |
| Rua Cezer Menezes      | 1                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 2     | -                                  |
| Rua Miguel Mello       | 5                | - | - | 16            | 2 | - | -       | -  | -  | 23    | -                                  |
| Praça do Pelourinho    | 2                | - | - | 11            | - | - | -       | -  | -  | 13    | Treiro da Providência              |
| Trav. da Mutamba       | -                | - | - | 2             | - | - | 3       | -  | -  | 5     | -                                  |
| Beco da Asa            | -                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Trav. Espírito Santo   | 2                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 3     | -                                  |
| Rua das Pretas         | 1                | - | - | 6             | - | - | 11      | 1  | -  | 19    | -                                  |
| Trav. do Quibando      | 2                | - | - | -             | - | - | 2       | -  | -  | 4     | -                                  |
| Trav. do Garma         | 1                | - | - | 5             | - | - | 12      | 1  | -  | 19    | -                                  |
| Espalmada S. Miguel    | -                | - | - | 2             | - | - | -       | -  | -  | 2     | -                                  |
| Calçada S. Miguel      | 5                | - | - | 4             | - | - | -       | -  | -  | 9     | Trib. Juz de Direito               |
| Rua de D. João Cão     | 6                | - | - | 5             | - | - | -       | -  | -  | 11    | -                                  |
| Largo do Palácio       | -                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 1     | Pal. Governo e Bispo               |
| Rua da Misericórdia    | 1                | - | - | 18            | - | 1 | -       | -  | -  | 20    | I Hosp. Misericórdia               |
| Rua atraz do Cadeão    | -                | - | - | 1             | - | - | -       | -  | -  | 1     | -                                  |
| Trav. Luiz Serro       | 1                | - | - | 2             | - | - | -       | -  | -  | 3     | -                                  |
| Calçada Velha          | 3                | - | - | 7             | 1 | - | -       | -  | -  | 11    | -                                  |
| Trav. do Lencastre     | -                | - | - | 4             | - | - | -       | -  | -  | 4     | -                                  |
| Trav. do Cotovelo      | -                | - | - | 3             | - | - | -       | -  | -  | 3     | -                                  |
| Trav. Tristão da Cunha | 1                | - | - | 4             | - | - | 11      | 1  | -  | 17    | -                                  |
| Sub-Total              | 133              | - | 1 | 252           | 5 | 5 | 72      | 8  | 2  | 478   | -                                  |
| BAIRRO DA Nazaré       | 1                | - | - | 1             | - | - | 100     | 6  | -  | 108   | -                                  |
| Fonseca                | -                | - | - | -             | - | - | 29      | 3  | -  | 32    | -                                  |
| Cafaco                 | -                | - | - | -             | - | - | 50      | 3  | -  | 53    | -                                  |
| do Carmo               | -                | - | - | -             | - | - | 27      | 3  | 6  | 36    | -                                  |
| Alto do Carmo          | 1                | - | - | 3             | - | - | 56      | 1  | -  | 61    | -                                  |
| Belem                  | -                | - | - | -             | - | - | 18      | 2  | -  | 20    | -                                  |
| Catomba                | -                | - | - | 3             | - | - | 44      | 6  | -  | 53    | -                                  |
| Capete                 | -                | - | - | 1             | - | - | 9       | -  | -  | 10    | -                                  |
| Mazuca                 | -                | - | - | -             | - | - | 10      | 1  | -  | 11    | -                                  |
| Mugucague              | -                | - | - | 1             | - | - | 9       | -  | -  | 10    | -                                  |
| N'Ingomboto            | -                | - | - | 4             | - | - | 132     | 6  | -  | 142   | -                                  |
| Sangandombe            | -                | - | - | -             | - | - | 57      | 4  | 4  | 65    | -                                  |
| Quibando               | -                | - | - | 2             | - | - | 31      | 5  | -  | 38    | -                                  |
| Coqueiros              | 1                | - | - | 1             | - | - | 232     | -  | 12 | 246   | -                                  |
| Suzalla-galla          | -                | - | - | -             | - | - | 17      | 1  | -  | 18    | -                                  |
| atriz Misericórdia     | -                | - | - | 2             | - | 1 | 16      | -  | -  | 19    | -                                  |
| Mia-Laranja            | -                | - | - | -             | - | - | 1       | 1  | -  | 2     | -                                  |
| Rozario                | -                | - | - | -             | - | - | 3       | -  | -  | 3     | -                                  |
| Sub-Total              | 3                | - | - | 18            | - | 1 | 841     | 41 | 23 | 927   | -                                  |
| TOTAL da CIDADE        | 136              | - | 1 | 270           | 5 | 6 | 913     | 49 | 25 | 1405  | -                                  |
| ILHA                   | 4                | - | - | 5             | - | - | 185     | -  | -  | 194   | -                                  |
| TOTAL                  | 140              | - | 1 | 275           | 5 | 6 | 1098    | 49 | 25 | 1599  | -                                  |

(A) - Habitadas, (B) - Demólicas, (C) - Em concerto ou fabrico

Existiam na cidade as seguintes Ruas, Largos, Praças e Calçadas:

**ZONA 1** — Rua Salvador Corrêa; Calvário; Sousa Coutinho; Mercadores; Avelino Dias; D. Miguel de Mello; Rua das Pretas; Largo do Esquadrão; do Torres; Praça de D. Fernando; do Terreiro; do Falcão; do Pelourinho; Praia do Peixe; Travessa da Sé; do Guarda Mor; do Cezar de Menezes; do Folres; da Mutamba; do Espírito Santo; do Quibando; Bairro da Azia; dos Coqueiros; Bairro de Sanzala-angola; Bemposta da parte do Norte da estrada; Calçada Velha; Ilha do Cabo; Estação Naval - Nesta zona existiam 811 fogos.

**ZONA 2** — Rua Miranda; Direita de Loanda; Arcenio; Pedro Torres; Alfândega; Largo da Caponta; Praça da Nazareth; de Affonso 5º; do Bressane; do Neronha; Travessa de Carthago; do Gama; do Pereira Forjaz; do Tavora; do Tristão da Cunha; Beco da Talha; Calçada do Carmo; Bairro de Danje Roza; de Cassequel; das Quipacas; da Boa Vista; da Nazareth; do Bungo; do Cafaco; de Abreu ou Belé; da Catomba; do Capeixe; da Mazuica; do Moguengo; da Engombota; Alto das Cruzes até ao Gabriel; do Carmo - Nesta zona existiam 900 fogos.

**ZONA 3** — Rua Diogo Cão; Misericórdia; Rua atraz da cadea; Rua atraz da Misericórdia; Esplanada de S. Miguel; Travessa de Luis Serrão ; de Lencastre; do Cotovello; Calçada Velha até à casa do cidadão Joaquim José Pereira de Sande; do Lavradio; Bairro de Sangandombe; do Carmo; da Meia Laranja; do Rosario; Bemposta do lado sul da estrada; Embondeiros; Maianga; Bellas; Samba Grande; Bemfica; Morro da Cruz; Cabo Lombo - Nesta zona existiam 508 fogos.

**Regulamento da Comissão de Toponímia da Cidade de Luanda<sup>283</sup>**

*ARTIGO DÉCIMO* — Sem prejuízo de quaisquer outras subdivisões que se venham a propôr para qualquer dos números do artigo anterior, as ruas dividir-se-ão em principais e transversais e, estas, por sua vez, segundo a sua ligação com Avenidas, Alamedas, Jardins, Largos e outras ruas.

*PARÁGRAFO ÚNICO* — Os Bairros serão, em princípio, divididos em residenciais, populares ou muceques, segundo a sua zona e aglomerado populacional.

**III — DA CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA**

*ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO* — As denominações toponímicas dos arruamentos, devem obedecer, tanto quanto possível, à mesma ordem prioritária, indicada no artigo nono, segundo a sua importância:

- *Primeiro* = Para Avenidas: nomes de individualidades da História de Angola;
- Segundo* = Para Alamedas: vultos da História de Portugal;
- Terceiro* = Para Jardins: acontecimentos e entidades (espirituais, colectivas ou impessoais) ligados à História de Angola;
- Quarto* = Para Largos e Praças: Factos ou lugares históricos de Angola;
- Quinto* = Para ruas: Individualidades das restantes parcelas do Território Nacional; individualidades estrangeiras, que tenham prestado relevantes serviços a Portugal ou que tenham contribuído por forma excepcional para o bem de toda a Humanidade; Províncias e principais cidades ou lugares notáveis da Metrópole e Ultramar;
- Sexto* = Para Becos e Travessas: Nomes da toponímia angolana;
- Sétimo* = Para Bairros: Províncias de Portugal (metropolitanas ou ultramarinas), virtudes, cores, flores, etc. que, no conjunto justifiquem, por exemplo, o nome de «Bairro do Minho», «Bairro de Timor», «Bairro da Caridade», «Bairro Azul», «Bairro das Flores», etc.

*ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO* — Sempre que possível, as ruas transversais, ligadas a Avenidas, Alamedas, Jardins, Largos e ruas principais, devem invocar factos relacionados com individualidades, acontecimentos ou entidades que deram o nome às arterias principais, para se estabelecer uma certa especialização no sentido de, no seu conjunto, se homenagear todo o sector

**IV — DA ESCOLHA E APROVAÇÃO DOS TOPÓNIMOS**

*ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO* — As propostas submetidas à apreciação da Comissão, quer por iniciativa de qualquer dos seus membros quer por entidades a ela alheias, devem ser feitas por escrito e entregues ao Presidente da Comissão.

*ARTIGO DÉCIMO QUARTO* — A admissão das propostas será submetida, previamente à aprovação da Comissão, sendo retiradas as que não obtiveram maioria de votos favoráveis.

*ARTIGO DÉCIMO QUINTO* — Não serão admitidas, salvo casos muito excepcionais e unânimemente justificados as propostas:

- a) que impliquem mudança de nomes já atribuídos;
- b) que alterem nomes tradicionais já consagrados pelo uso;
- c) que contenham nomes de individualidades ainda vivas.

*ARTIGO DÉCIMO SEXTO* — Seguidamente, as propostas admitidas, serão postas à discussão e submetidas à aprovação pela ordem da entrada.

*ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO* — A Comissão redigirá os dizeres que deverão figurar nas lápides, não podendo estas ser afixadas sem prévia revisão dos seus dizeres pela dita Comissão ou por quem ela nomear para o efeito.

*ARTIGO DÉCIMO OITAVO* — Depois da assinatura da acta, as denominações para os arruamentos deverão ser comunicadas, por escrito, à Câmara Municipal. Esta depois da aprovação camarária mandará afixar editais, nos lugares do costume, tornando públicos os nomes que vierem a ser dados aos diversos arruamentos da Cidade.

<sup>283</sup> Cf. Repartição de Estatística, Cultura, Propaganda e Turismo, "Regulamento da Comissão de Toponímia de Luanda" in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Luanda*, nº9 (Out/Dez) 1965, pp.86-88.



Fig.6- Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Luanda como se vê pelo alfabeto apontado nela (Planta de Luanda em 1626)

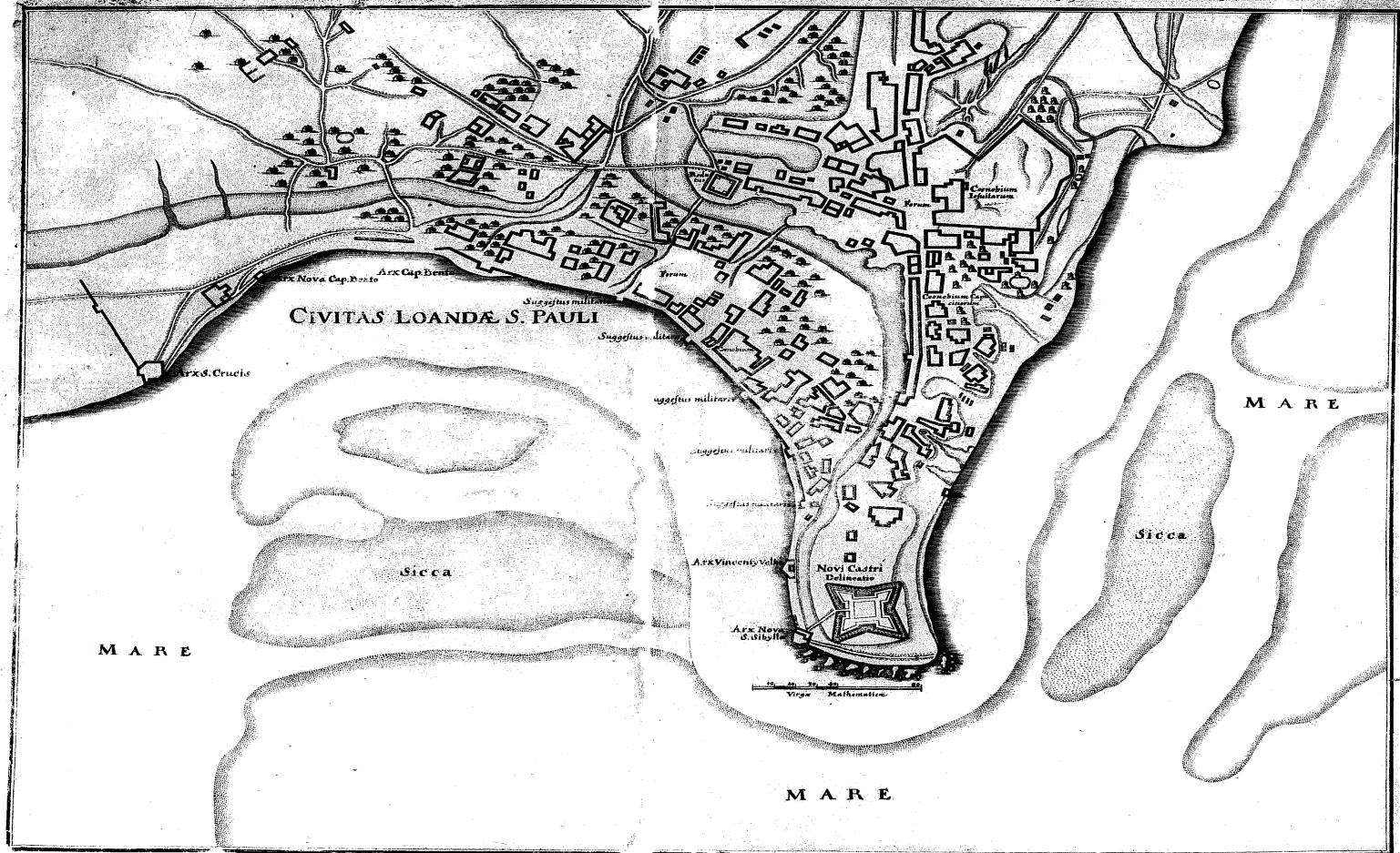


Fig.7- Planta Civitas Loandae S. Pauli, Barlaeus, 1647

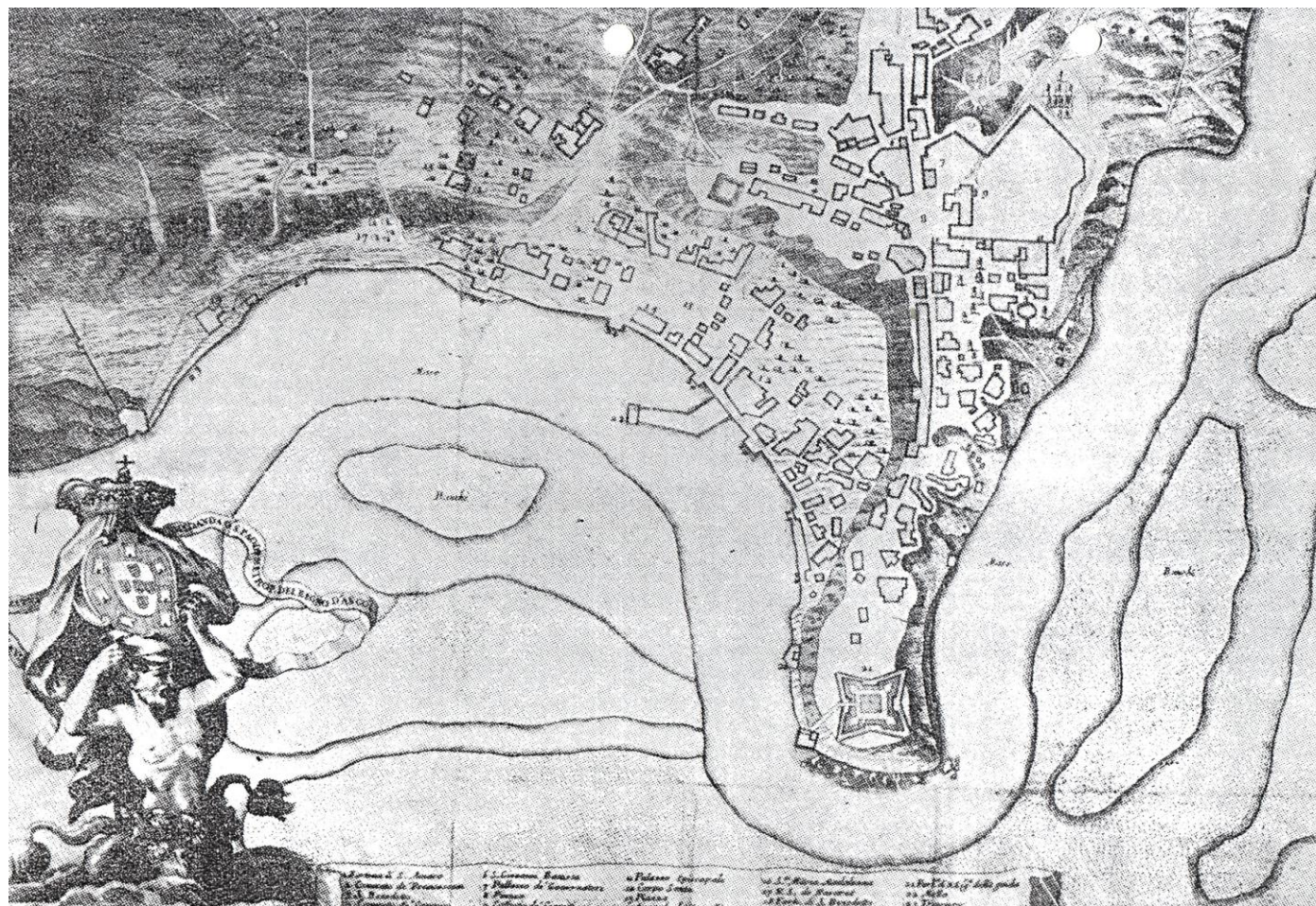


Fig.8- Planta della città di Loanda ó S. Paulo Metrop. Del regno d' Angola, 1698

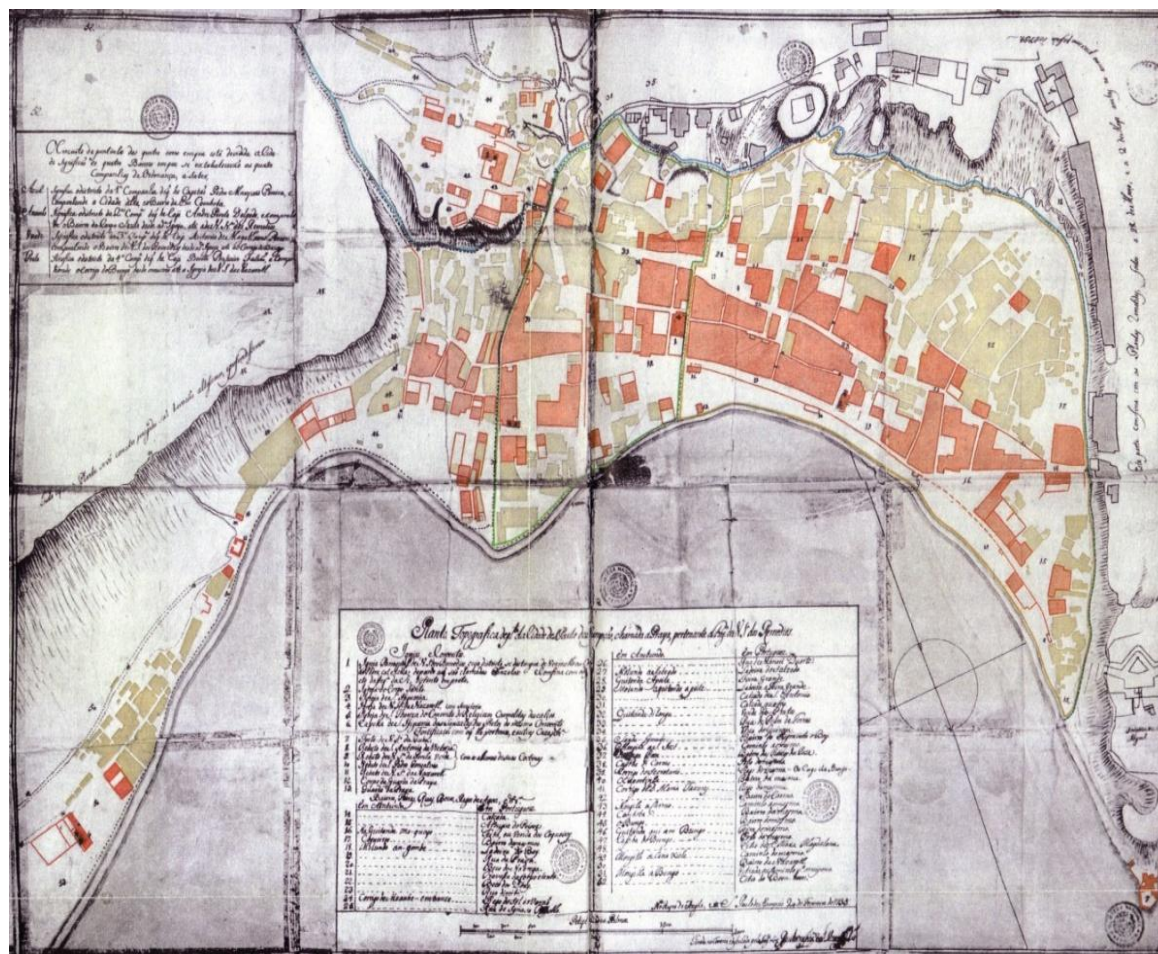


Fig. 9- Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.ª de N. S. dos Remédios, 1755. Na legenda as designações em português e na língua nativa

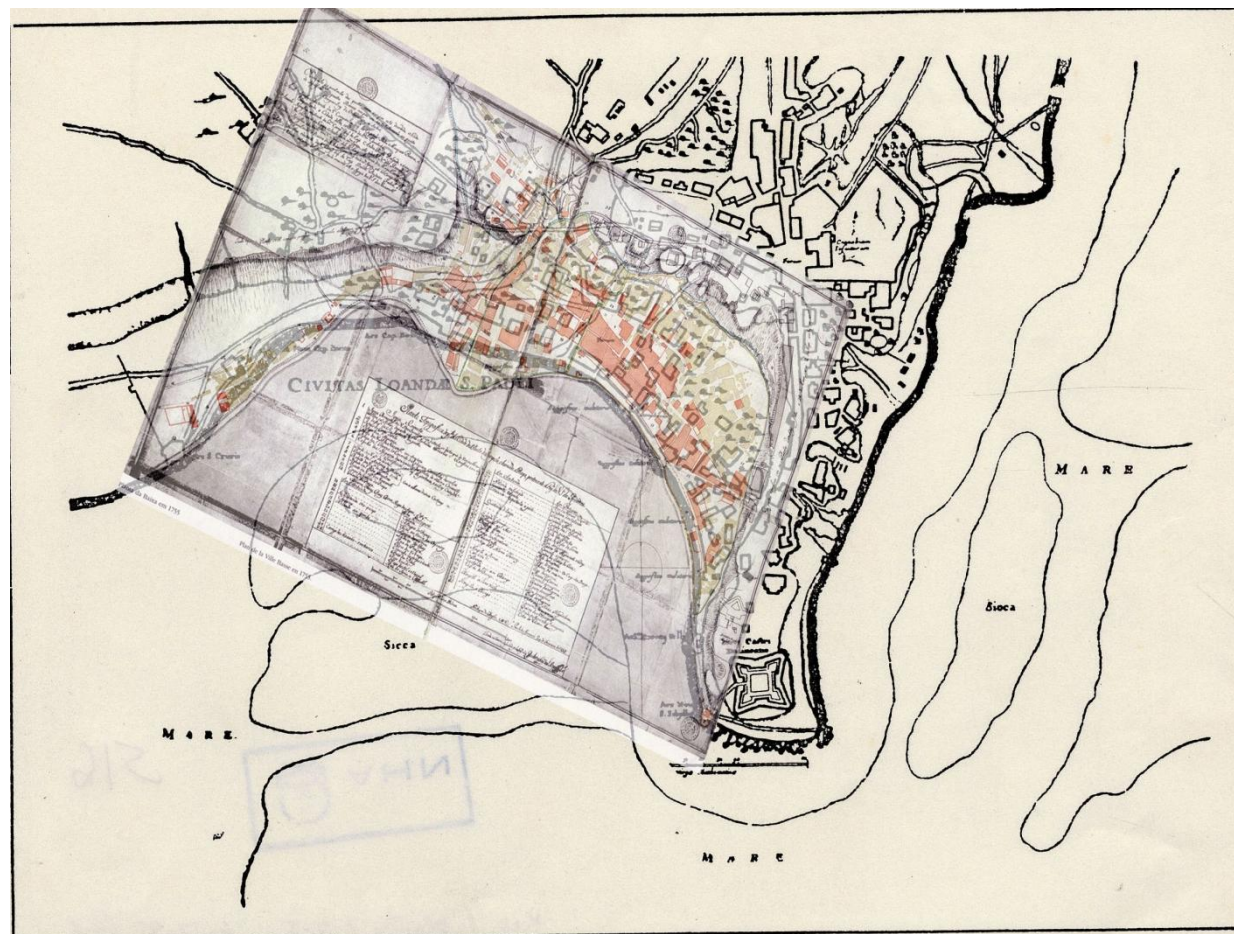


Fig.10-Sobreposição da Planta de 1647 na de 1755



1757

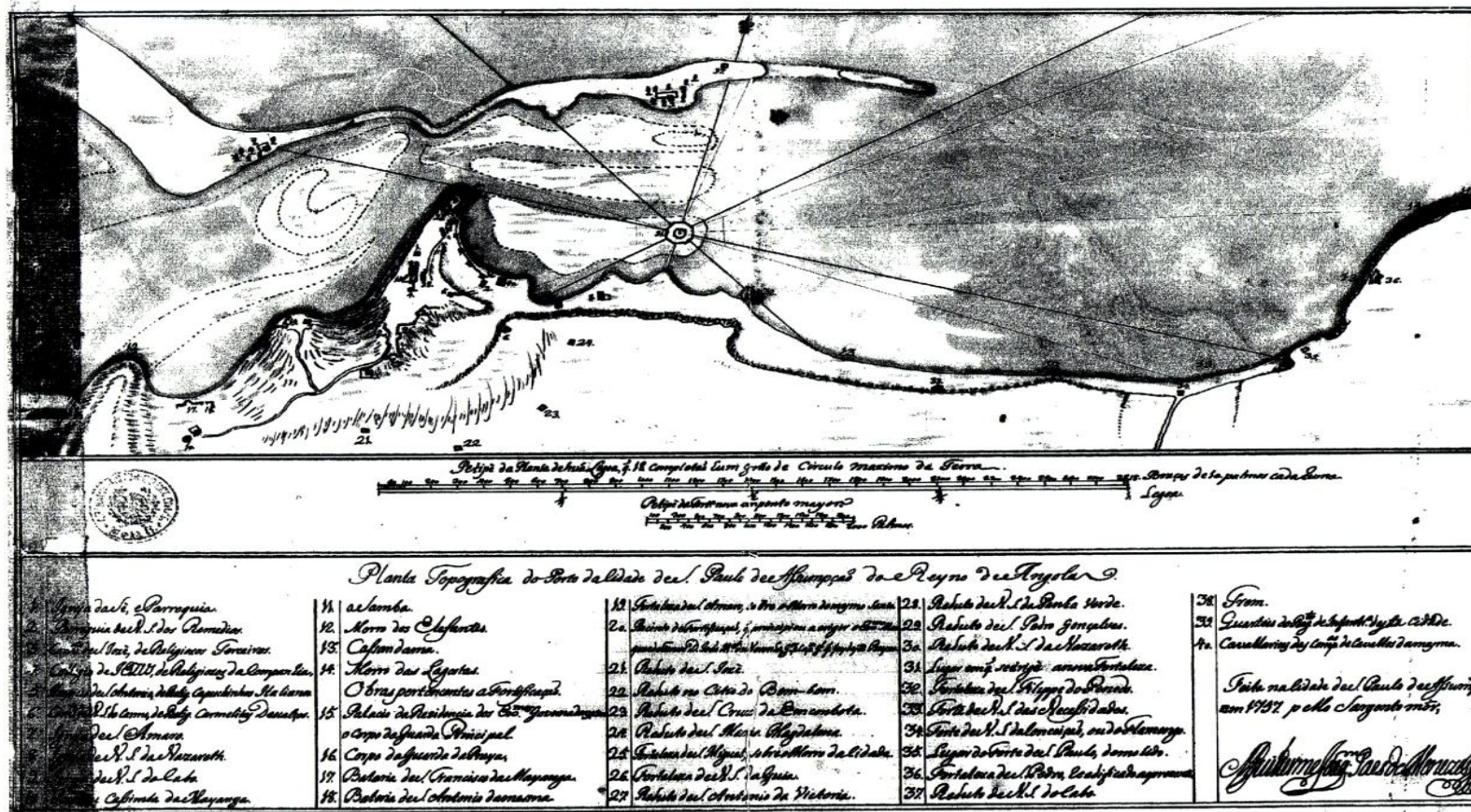


Fig.12 -Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo da Assumpção do Reyno de Angola, 1757.



Anexo 21

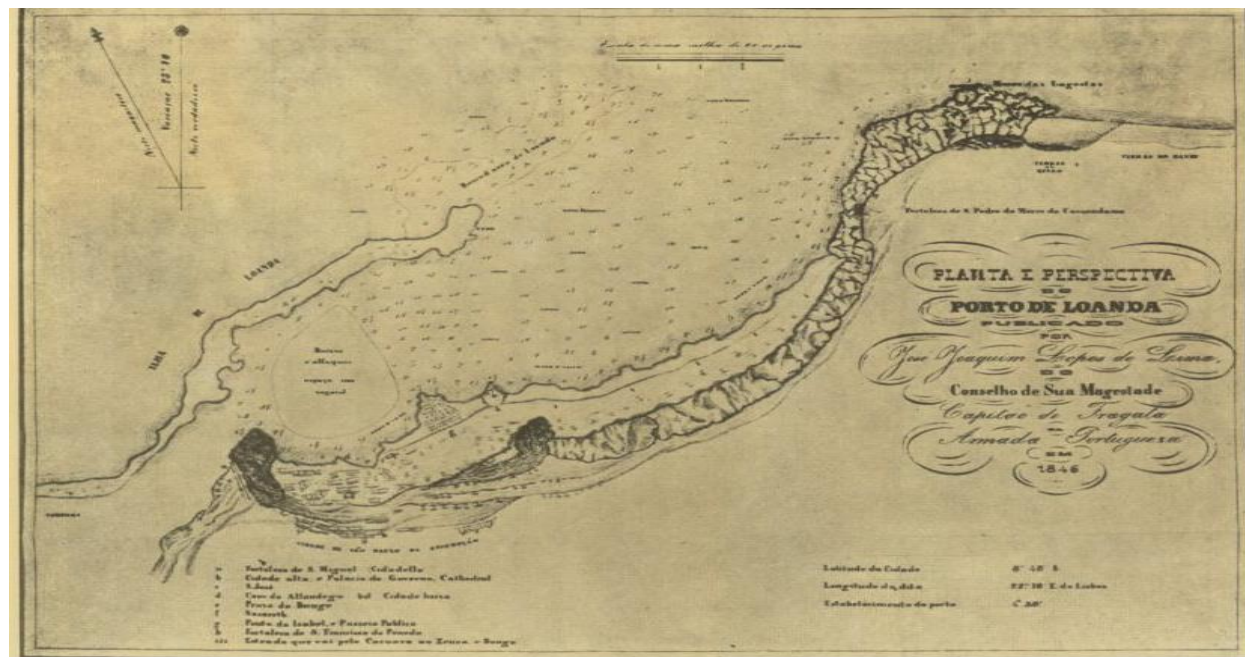


Fig. 14- Planta e Perspectiva do Porto de Loanda, publicada em 1846

Legenda

- a) Fortaleza de S.Miguel
- b) Cidade Alta e Palácio do Governo, Cathedral
- c) S.José
- d) Cais da Alfândega na Cidade baixa
- e) Praça do Bungo
- f) Nazareth

- g) Ponta da Isabel e Passeio Público
- h) Fortaleza de S. Francisco do Penedo
- iii-Estrada que vai pelo Casario ao Trem e Bengo

Anexo 22

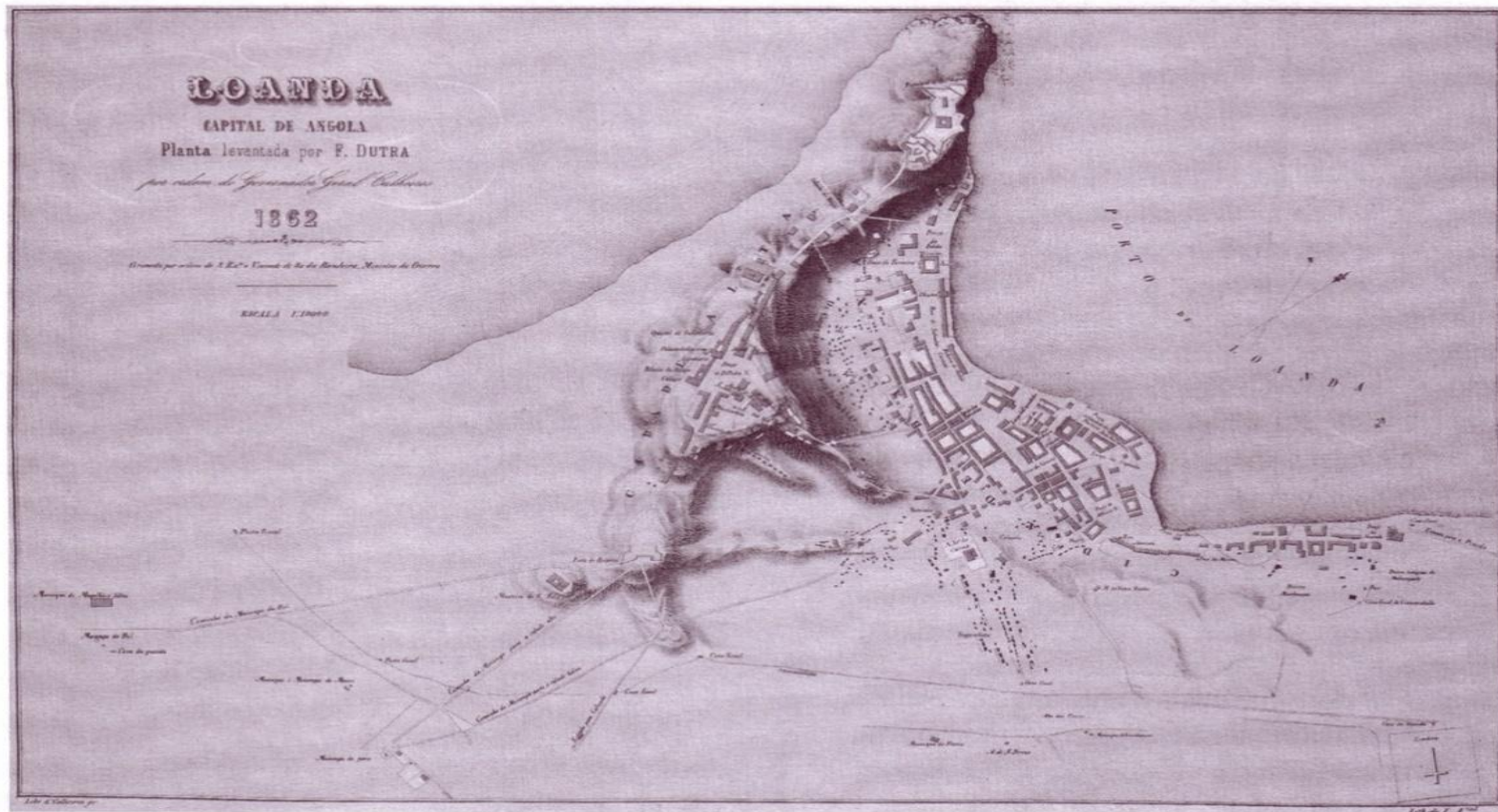


Fig.15- Planta Loanda Capital de Angola, levantada por F. Dutra em 1861 e litografada em 1862



Fig. 16- Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, um levantamento realizado por Alves Roçadas em 1900

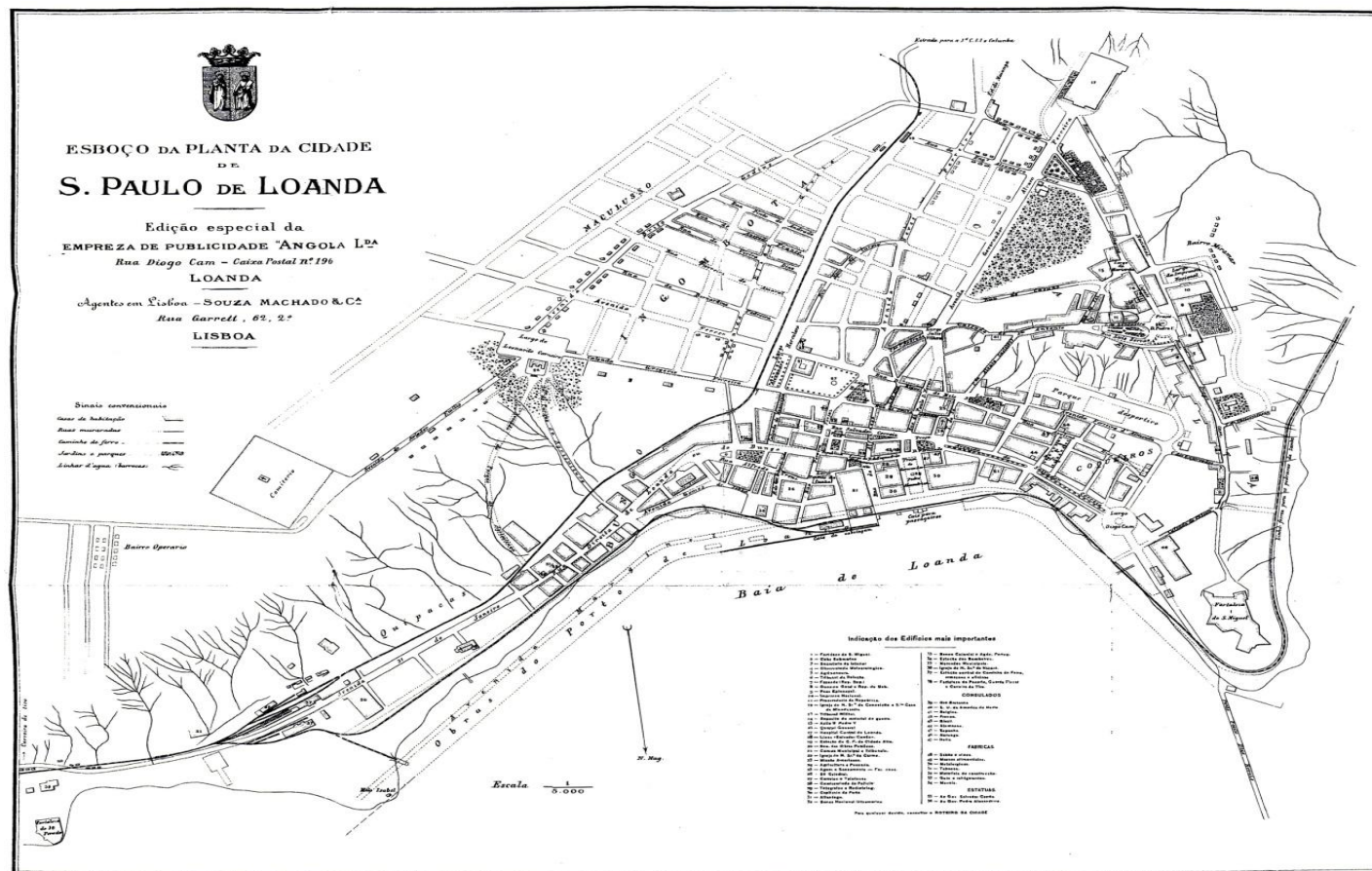


Fig. 17- Esboço da Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, editada em 1926 pela Empresa de Publicidade "Angola Lda"

Anexo 25



Fig.18- Planta Roteiro de Luanda, em 1938

Anexo 26



Fig. 19 -Planta da Cidade de Luanda, em 1968.

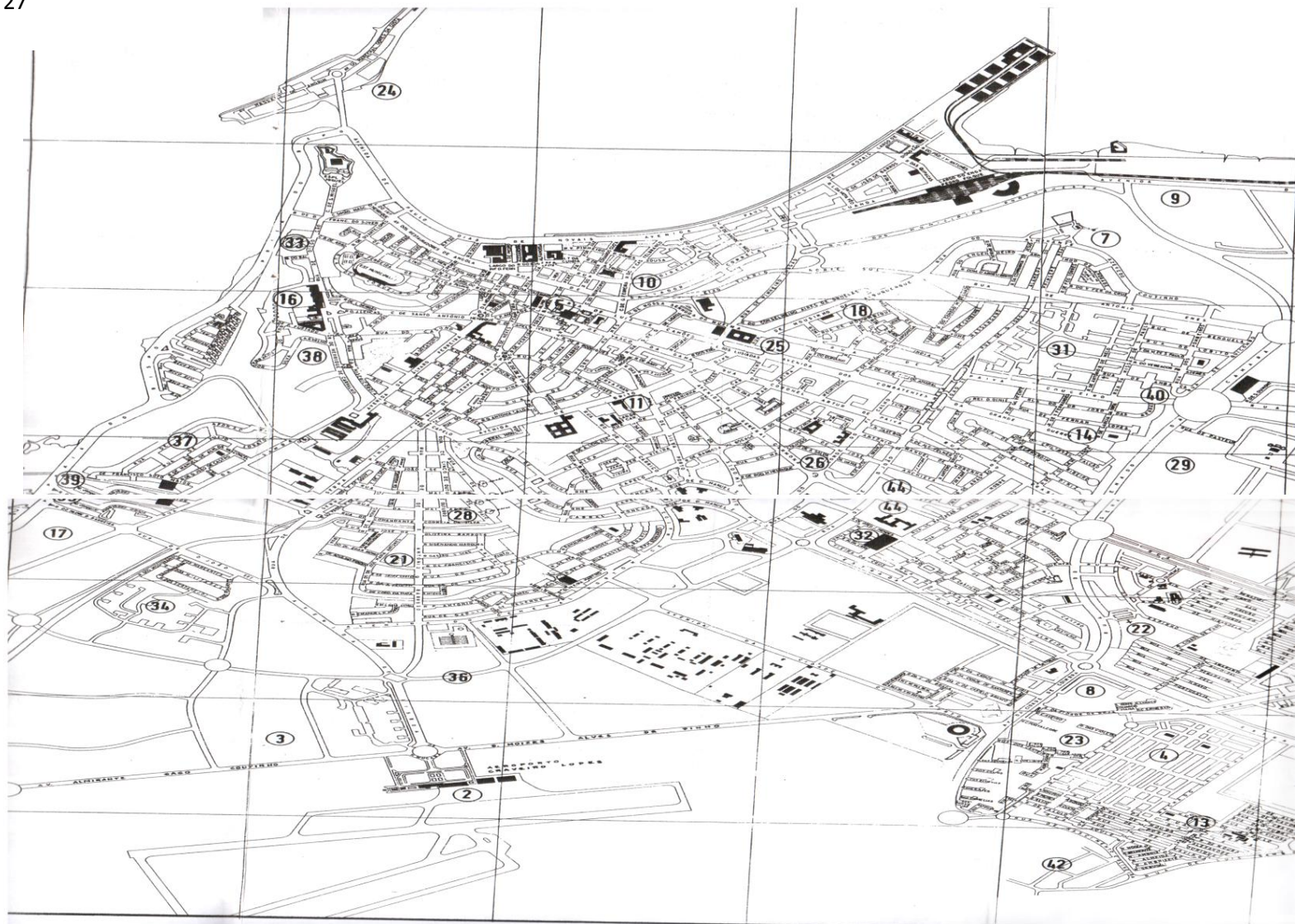


Fig.20-Mapa das Ruas de Luanda, em 1974.

## **Anexo 28**

### **Legenda do Mapa das Ruas de Luanda, 1974 (inc.)**

Bairros

1-Adriano Moreira (Cabo Verde)

2-Aeroporto

3-Américo Tomaz

4-Artistas

5-Baixa

6-Belas

7-Belavista (Mira Mar)

8-Berman

9-Boavista

10-Bungo

11-Café

13-Câncio Martins

14-Caop (Poetas)

15-Cerâmica (Cazenga)

16-Cidade Alta

17-Corimba

18-Cruzeiro

19- Cuca

20-Dr. Silva Tavares (Cores)

21- Escritores

22- Eucaliptos (Caputo)

23- Flores

24- Ilha do Cabo

25- Lusíadas

26- Maculusso

- 28- Maianga
- 31- Operário (Buriti)
- 32- Poetas (Vila Alice)
- 33- Praia do Bispo
- 34- Prenda (dos Heróis)
- 36- Salazar
- 37- Samba
- 38- Saneamento (Belavista)
- 40- S. Paulo
- 43- Terra Nova
- 44- Vila Clotilde

Anexo 29



Fig.21- Mapa das Ruas de Luanda - Planta de 1977

Anexo 30

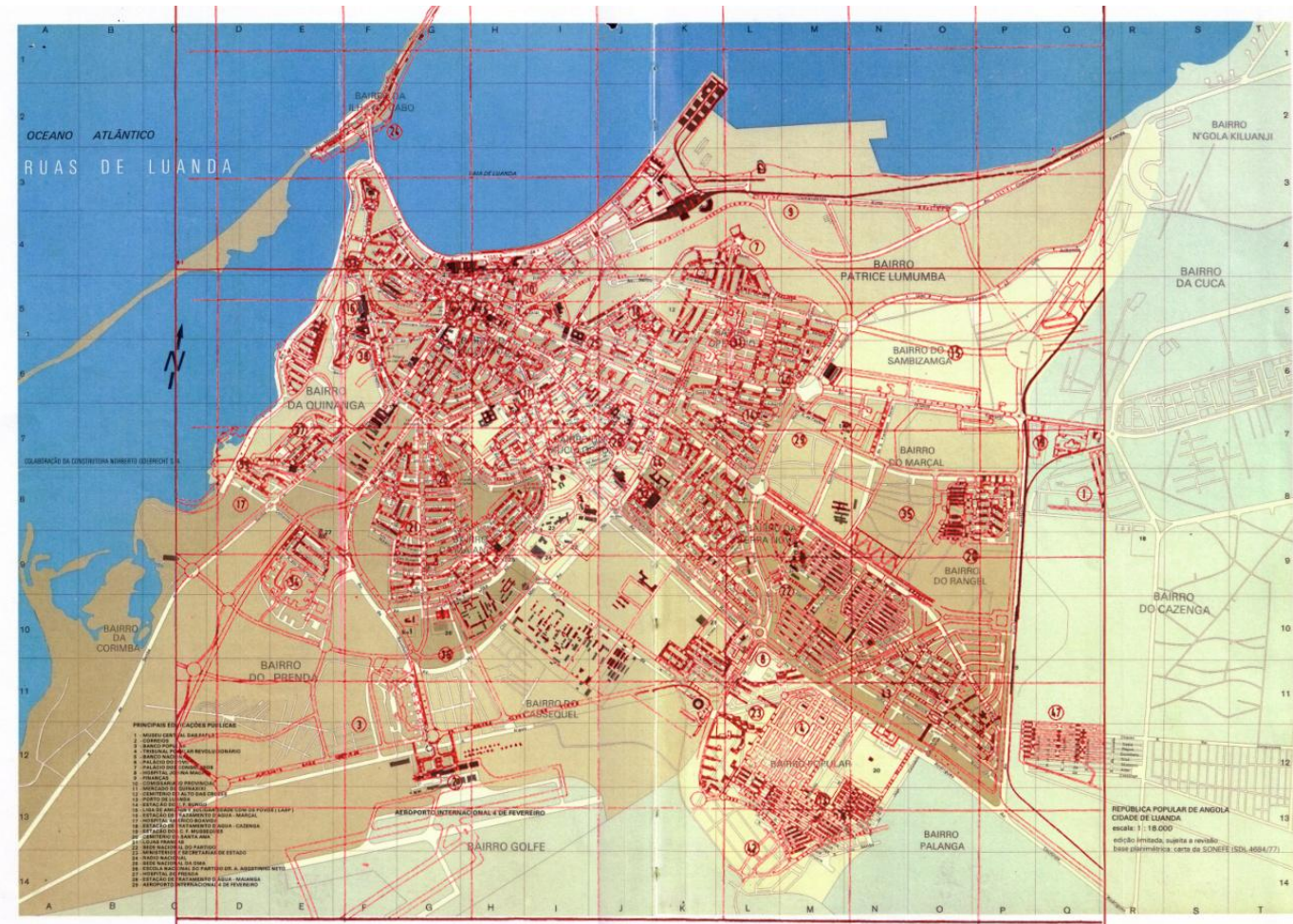


Fig.22 – Sobreposição da Planta de 1974 na de 1977 (espaço urbano tratado na análise comparativa da última planta do período colonial e primeira após a independência)

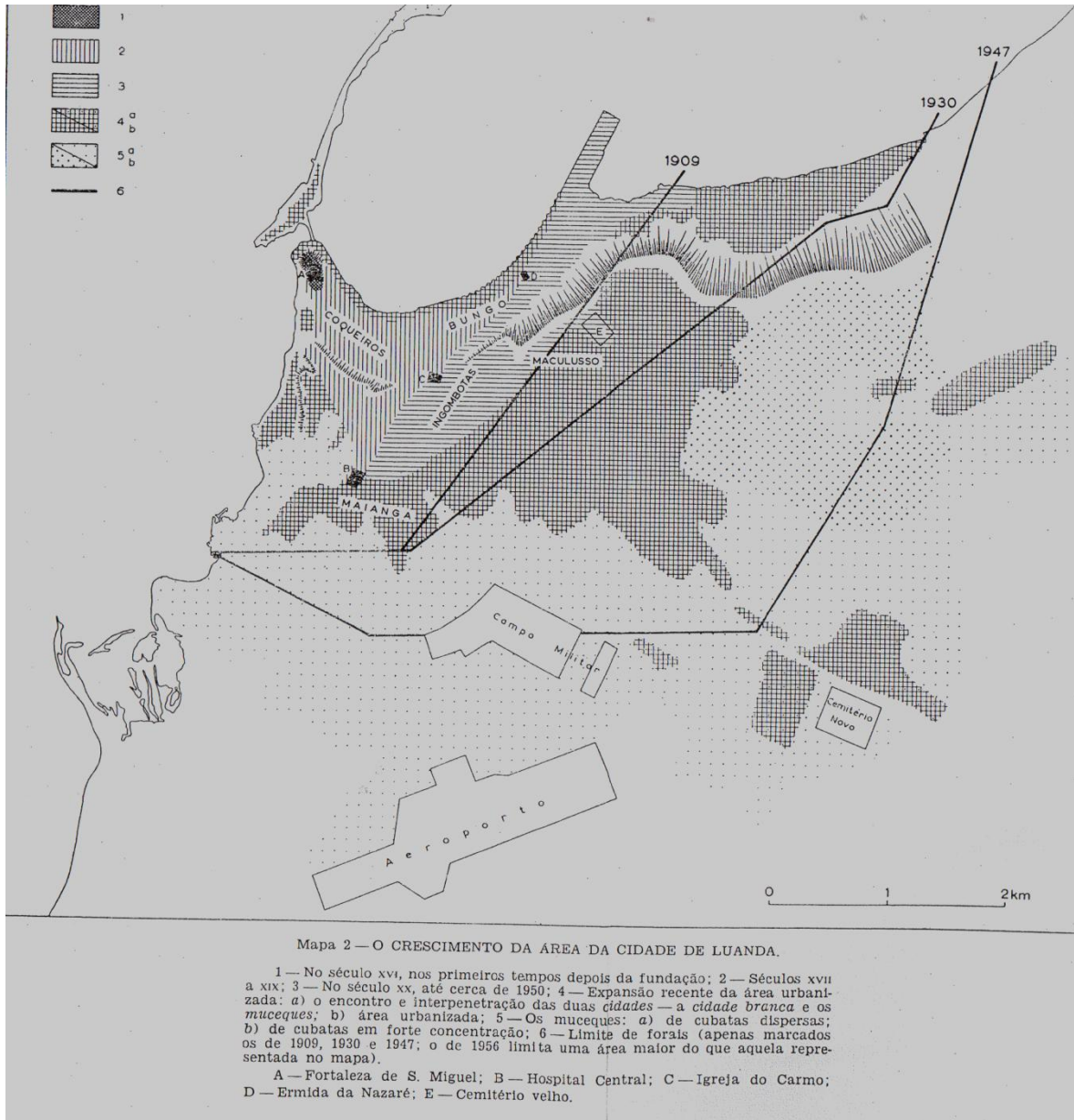


Fig. 23-O crescimento da área da cidade de Luanda <sup>284</sup>

<sup>284</sup> Extraído de Ilídio do Amaral, *Ensaio de um Estudo Geográfico da rede urbana de Angola*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962, p.97.

Anexo 32

Designações em quimbundo e em português nas várias plantas e outros documentos analisados<sup>285</sup>

***Relação do sitio em que se há de fortificar a Cidade de Loanda como se ve pelo alfabeto nella (Cópia da Planta da fortificação do Porto e cid.<sup>e</sup> de Loanda- 1626)***

| Em Quimbundo  | Em Português  |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Mar da Corimba</li><li>• Cassandama</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Rua Direita que vai da Praça para São José</li><li>• Outeiro da Madalena</li><li>• Penedo da Madalena</li><li>• Morro de São Paulo</li><li>• “E de uma Praça a outra se fará um caminho pola ladeira do Monte para se comunicar uma com a outra e com a cidade”</li><li>• “Junto às casas de André Pimenta”</li></ul> |

<sup>285</sup> A ortografia está de acordo com os documentos de época (Plantas e Boletins Oficiais do Governo Geral da Província de Angola).

***Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.<sup>a</sup> de N. S.<sup>a</sup> dos Remédios, de 1755***

| <b>Em Quimbundo</b>  | <b>Em Português</b>   |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cassiba do Bungo</li> <li>• Corrigo de D. Maria Tavares</li> <li>• Corrigo do Secretário</li> <li>• Combota</li> <li>• Molundo an-gombe</li> <li>• Molundo a Salzedo</li> <li>• Molundo a quitanda apeile</li> <li>• Mongila a Carmo</li> <li>• Mongilla a Cana Xiche</li> <li>• Mongilla a Bengo</li> <li>• Mongila a Roza</li> <li>• O Bungo</li> <li>• Quitanda Ma- quoqo</li> <li>• Quitanda Apeile</li> <li>• Quitanda do lonje</li> <li>• Quitanda qui am Bungo</li> <li>• Sanda-Gombe</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Beco dos Doces</li> <li>• Beco do Nóbrega</li> <li>• Calçada de S. António</li> <li>• Cítio do Bem-Bem</li> <li>• Cítio de S.<sup>a</sup> Maria Magdalena</li> <li>• Rua de Manoel Duarte</li> <li>• Rua de Pedro Torres</li> <li>• Bairros do Carmo, da Nazareth</li> </ul> |

***Planta Topográfica do Porto da Cidade de S. Paulo de Assumpção do Reyno de Angola, de 1757***

| <b>Em Quimbundo</b>                          | <b>Designação local em quimbundo antecedida por um nome de um santo da devoção dos portugueses</b>          |
|--|---|
| Cassimba da Mayanga<br>A Samba<br>Cassandama | Emcombota (Reduto de S. Cruz de)<br>Mayanga (Bateria de S. Francisco da)<br>Mayanga (Bateria de S. Antonio) |

| Em Quimbundo   | Em Português   |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rua N'Dange Rosa</li> <li>• Rua da Kaponta</li> <li>• Beco do Quissange</li> <li>• Travessa da Mutamba</li> <li>• Travessa do Quibando</li> <li>• Bairros: Bungo, Cafaco, Calomba, Capexe, Casuso, Maguengue, Mazuica, N'Ingombota, Sangamdombe, Quibando, Sanzalla-Galla,</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Praça D. Afonso V</li> <li>• Rua da Alfândega</li> <li>• Rua do Arsénio</li> <li>• Rua <i>atrás</i> da Cadeia</li> <li>• Rua Avelino Dias</li> <li>• Beco da <i>Azíá</i></li> <li>• Praça do Bressane</li> <li>• Calçada Velha</li> <li>• Rua do Calvário</li> <li>• Praça do Carmo</li> <li>• Travessa de Cartago</li> <li>• Rua <i>Cezar</i> Menezes</li> <li>• Travessa do Cotovelo</li> <li>• Rua Direita</li> <li>• Rua Diogo Cão</li> <li>• Calçada dos Enforcados</li> <li>• Largo do Esquadrão</li> <li>• Travessa do Espírito Santo</li> <li>• Praça do Falcão</li> <li>• Praça D. Fernando</li> <li>• Travessa do Gama</li> <li>• Travessa do Guarda-Mor</li> <li>• Travessa do Lencastre</li> <li>• Travessa <i>Luiz</i> Serrão</li> <li>• Rua Miguel <i>Mello</i></li> <li>• Rua dos Mercadores</li> <li>• Rua do Miranda</li> <li>• Rua da Misericórdia</li> <li>• Praça da Nazaré</li> <li>• Calçada do Noronha</li> <li>• Largo do Palácio</li> <li>• Rua Pedro de Torres</li> <li>• Praça do Peixe</li> <li>• Praça do Pelourinho</li> <li>• Travessa Pereira Forjaz</li> <li>• Rua das Pretas</li> <li>• Rua Salvador Correia</li> <li>• Esplanada S. Miguel</li> <li>• Calçada Dito [S. Miguel]</li> <li>• Travessa da Sé</li> <li>• Rua Sousa Coutinho</li> <li>• Beco da Talha</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Praça do Terreiro</li> <li>• Largo do Torres</li> <li>• Travessa Tristão da Cunha</li> <li>• Bairros: Alto do Carmo, Belém, Meia-Laranja, <i>Rozario</i>, <i>atrás Misericórdia</i>, da Nazaré</li> </ul> |
|--|--|

***Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, de 19 de Julho de 1851***

| <b>Em Quimbundo</b>   | <b>Em Português<sup>286</sup></b>   |
|---|---|
| Bairros da cidade: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bungo</li> <li>• Ingombota</li> <li>• Kafaco</li> <li>• Kaponta</li> <li>• Katadi (ou Pelourinho, em português)</li> <li>• Mazuika</li> <li>• Maculusso</li> <li>• Maianga</li> <li>• Mutamba</li> <li>• Quibando</li> <li>• Quipacas</li> <li>• Quitanda</li> <li>• Sangamdonbe</li> </ul> | Bairros da cidade: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelourinho (ou Katadi)</li> <li>• Terreiro</li> </ul> |

<sup>286</sup> Pepetela, ob. cit., pp.73-74. O autor, apenas, faz referência a estes bairros com designações em português.

**Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Angola, nº 329 de 17 de Janeiro 1852**

| Em Quimbundo  | Em Português   |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Largo da Caponta</li> <li>• Travessa da Mutamba</li> <li>• Travessa do Quibando</li> <li>• Bairros: do Bungo, do Cafaco, do Capeixe, da Catomba, de Cassequel, de Danje-Rosa, dos Embomdeiros, da Engombota, da Maianga, da Mazuika, do Mogueuengo, das Quipacas, do Samba Grande, do Sangamdombe, Sanzala-angola</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Praça de Affonso 5º</li> <li>• Rua Alfândega</li> <li>• Rua <i>atrás</i> da Cadeia</li> <li>• Rua <i>atrás</i> da Misericórdia</li> <li>• Rua do Arcenio</li> <li>• Rua Avelino Dias</li> <li>• Praça do Bressane</li> <li>• Rua do Calvário</li> <li>• Calçada do Carmo</li> <li>• Calçada Velha até à casa do cidadão Joaquim José Pereira de Sande</li> <li>• Travessa de Carthago</li> <li>• Rua do <i>Cezar</i> de Menezes</li> <li>• Travessa do Cotovello</li> <li>• Rua Diogo Cão</li> <li>• Rua Direita de Loanda</li> <li>• Largo do Esquadrão</li> <li>• Travessa do Espírito Santo</li> <li>• Praça do Falcão</li> <li>• Praça D. Fernando</li> <li>• Travessa do Flores</li> <li>• Travessa do Gama</li> <li>• Travessa do GuardaMor</li> <li>• Calçada do Lavradio</li> <li>• Travessa do Lencastre</li> <li>• Travessa <i>Luiz</i> Serrão</li> <li>• Rua dos Mercadores</li> <li>• Rua D. Miguel de Mello</li> <li>• Rua do Miranda</li> <li>• Rua da Misericórdia</li> <li>• Praça da Nazareth</li> <li>• Praça do Noronha</li> <li>• Praça do Pelourinho</li> <li>• Praia do Peixe</li> <li>• Rua de Pedro Torres</li> <li>• Travessa do Pereira Forjaz</li> <li>• Rua das Pretas</li> <li>• Rua Salvador <i>Corrêa</i></li> <li>• Travessa da Sé</li> <li>• Esplanada de S. Miguel</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rua Sousa Coutinho</li> <li>• Beco da Talha</li> <li>• Travessa do Távora</li> <li>• Rua do Terreiro</li> <li>• Largo do Torres</li> <li>• Travessa do Tristão da Cunha</li> <li>• Bairro de Abreu ou de Belém, Alto das Cruzes até ao Gabriel, da <i>Azia</i>, Bellas, Bemfica, Bemposta da parte do Norte da estrada, Bemposta do lado sul da estrada, Bairro da Boa Vista, Ilha do Cabo, Cabo Lombo, Calçada Velha, do Carmo, dos Coqueiros, Estação Naval, da Meia Laranja, Morro da Cruz ,da Nazareth, do Rosario</li> </ul> |
|--|--|

*Planta Loanda Capital de Angola*, levantada por F. Dutra em 1861 e litografada em 1862

| Em Quimbundo   | Em Português   |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Praia do Bungo</li> <li>• Rua da Caponta</li> <li>• Largo da Caponta</li> <li>• Imgombotas</li> <li>• Caminho da Maianga para a cidade alta</li> <li>• Caminho da Maianga para a cidade baixa</li> <li>• Maianga do povo</li> <li>• Musseque e Maianga de Massi</li> <li>• Caminho da Maianga do Rei</li> <li>• Maianga do Rei</li> <li>• Travessa do Cafaco, do Capeixe, da Catomba, do Cassequel, dos Embomdeiros, da Maianga, da Mazuika, da Mutamba, do Quibando, do Samba Grande, do Sangamdombe Bairro do Bungo,</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Praça D. Affonso V</li> <li>• Calçada do Bispo</li> <li>• Rua Diogo <i>Cam</i></li> <li>• Praça do Duque de Saldanha</li> <li>• Largo do Esquadrão</li> <li>• Praça do Falcão</li> <li>• Praça da Nazareth</li> <li>• Praça do Noronha</li> <li>• Calçada do Pelourinho</li> <li>• Calçada da Relação</li> <li>• Estrada para o Penedo</li> <li>• Largo dos Remédios</li> <li>• Rua Salvador Correia</li> <li>• Rua de Santo António</li> <li>• Calçada de S. Miguel</li> <li>• Praça do Terreiro</li> <li>• Praça do Visconde do Pinheiro</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
| da Catomba, de Danje-Rosa, da Engombota, de Mabanguela, do Moguengo, da Mutamba, Sangamdombe, Sanzala-angola, das Quipacas | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Musseques: do Flores, de Magalhães Silva, do S. Torres, de Van – Dúnem, da Viúva Rocha</li> </ul> |
|--|--|

***Planta da Cidade de S. Paulo de Loanda, de 1900<sup>287</sup>***

| <b>Em Quimbundo</b>   | <b>Em Português</b>   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rua Direita do Bungo</li> <li>• Rua da Maianga</li> <li>• Largo da Mutamba</li> <li>• Quipacas</li> <li>• Sanzalla dos Cabindas</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alto das Cruzes</li> <li>• Avenida Álvaro Ferreira</li> <li>• Avenida Brito Godins</li> <li>• Rua da Cadeia</li> <li>• Calçada Velha</li> <li>• Rua do Carmo</li> <li>• Avenida do Cemitério</li> <li>• Largo dos Coqueiros</li> <li>• Calçada das Cruzes</li> <li>• Rua Diogo Cão</li> <li>• Calçada dos Enforcados</li> <li>• Rua da Misericórdia</li> <li>• Rua Pedro Franco</li> <li>• Praia do Peixe</li> <li>• Calçada do Pelourinho</li> <li>• Calçada do Possolo</li> <li>• Calçada da Praia do Bispo</li> <li>• Passeio Público</li> <li>• Avenida Ramada Curto</li> <li>• Rua Salvador Corrêa</li> </ul> |

<sup>287</sup> A lista das ruas é retirada da legenda da própria planta, quando refere “Indicação das ruas e edifícios mais importantes”, dada a fraca legibilidade no restante espaço.

*Planta da Cidade de São Paulo de Loanda, de 1926*

| Em Quimbundo  | Em Português  |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Rua do Bungo (também chamada Direita)</li><li>• Rua do Casuno</li><li>• Estrada da Maianga</li><li>• Bairros do Maculusso, das Quipacas</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Largo Alexandre Herculano</li><li>• Rua Alfredo Troni</li><li>• Calçada de Álvaro Castelões</li><li>• Calçada do Andrade</li><li>• Rua Arnaldo Novais</li><li>• Rua Avelino Dias</li><li>• Avenida do Aviador Emílio de Carvalho</li><li>• Largo Batista de Andrade</li><li>• Largo de Bressane Leite</li><li>• Avenida Brito Godins</li><li>• Praça de D. Fernando</li><li>• Praça D. Pedro V</li><li>• Rua de Diogo Cam</li><li>• Rua Direita de Loanda</li><li>• Calçada dos Enforcados</li><li>• Rua do Eng. Alexandre Peres</li><li>• Rua do Esquadrão</li><li>• Avenida Ferrer</li><li>• Avenida Ferreira de Almeida</li><li>• Avenida Gomes de Souza</li><li>• Avenida do Governador Álvaro Ferreira</li><li>• Rua do Governador Eduardo Costa</li><li>• Rua do Governador Guilherme Capelo</li><li>• Praça do Governador Pedro Alexandrino</li><li>• Calçada Gregório Ferreira</li><li>• Rua da Imprensa Nacional</li><li>• Largo Júlio Vilhena</li><li>• Travessa Lencastre</li><li>• Largo Leonardo Carneiro</li><li>• Calçada de Luanda</li><li>• Avenida Marginal</li><li>• Rua D. Miguel de Melo</li><li>• Largo da Misericórdia</li><li>• Calçada do Município</li><li>• Rua de Paulo Dias de Novais</li><li>• Ponte Paulo Dias de Novais</li><li>• Rua de Pereira Forjaz</li><li>• Calçada do Possolo</li><li>• Praça da República</li></ul> |

|  |   |
|--|---|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avenida de Salvador Correia</li> <li>• Travessa da Sé</li> <li>• Largo Serpa Pinto</li> <li>• Rua do Sol</li> <li>• Largo Tristão da Cunha</li> <li>• Bairro dos Coqueiros, Miramar, Operário</li> </ul> |
|--|---|

***Planta Roteiro da Cidade de Luanda, 1938***

| <b>Em Quimbundo</b>  | <b>Em Português</b>   |
|--|---|
| Largo do Cafaco<br>Rua do Casuno<br>Rua da Maianga<br>Largo do Cafaco<br>Largo das Ingombotas<br>Largo de Mucaba<br>Travessa do Quibando<br>Travessa do Quinaxixe<br>Bairro do Maculusso, da Maianga, da Ingombota | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Largo D. Afonso Henriques</li> <li>• Largo de Alexandre Herculano</li> <li>• Avenida de Álvaro Ferreira</li> <li>• Largo do Almirante Baptista de Andrade</li> <li>• Rua António Barroso</li> <li>• Rua António Enes</li> <li>• Rua Avelino Dias</li> <li>• Calçada de Baltazar de Aragão</li> <li>• Rua Barbosa du Bocage</li> <li>• Beco do Braga</li> <li>• Avenida de Brito Godins</li> <li>• Rua do Carmo</li> <li>• Rua Comandante Correia da Silva</li> <li>• Avenida dos Combatentes da Grande Guerra</li> <li>• Rua do Cónego Matias</li> <li>• Rua Direita de Luanda</li> <li>• Rua Eng. Artur Torres</li> <li>• Rua Eng. Costa Simão</li> <li>• Rua General Roçadas</li> <li>• Rua Gomes de Sousa</li> <li>• Largo João Seco</li> <li>• Rua Dr. Luís Carriço</li> <li>• Rua Dr. Sidónio Pais</li> <li>• Rua Conde de Ficalho</li> <li>• Rua Conselheiro Aires de Ornelas</li> <li>• Rua Duarte Lopes</li> <li>• Rua Farinha de Leitão</li> <li>• Rua Fernão de Magalhães</li> <li>• Rua Ferreira de Almeida</li> <li>• Rua do Gov. Eduardo Costa</li> <li>• Rua de Guilherme Capelo</li> <li>• Rua João Seco</li> <li>• Rua José de Anchieta</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Avenida de Lisboa</li><li>• Praça dos Lusíadas</li><li>• Avenida Marechal Gomes da Costa</li><li>• Avenida Massano de Amorim</li><li>• Rua Mouzinho de Albuquerque</li><li>• Largo de N. Sr<sup>a</sup> da Muxima</li><li>• Rua Neves Ferreira</li><li>• Calçada de S. Miguel</li><li>• Calçada do Município</li><li>• Rua de Pedro Nunes</li><li>• Calçada do Pelourinho</li><li>• Largo Pinheiro Chagas</li><li>• Largo Ramada Curto</li><li>• Avenida dos Restauradores de Angola</li><li>• Avenida Sá da Bandeira</li><li>• Largo de Salazar</li><li>• Rua Salvador Correia</li><li>• Calçada de Santo António</li><li>• Rua de S. João</li><li>• Rua de S. Tomé</li><li>• Rua Serpa Pinto</li><li>• Calçada de Simão de Mascarenhas</li><li>• Rua do Sol</li><li>• Rua Tavares de Carvalho</li><li>• Rua Vasco da Gama</li><li>• Rua Dr. Welwitch</li><li>• Rua do Vereador Castelo Branco</li><li>• Rua Vereador Jaime de Amorim</li><li>• Rua 28 de Maio</li><li>• Bairro Operário, Bairro Indígena</li></ul> |
|--|--|

## *Planta da Cidade de Luanda, 1968*<sup>288</sup>

### **Em Quimbundo**

- Rua do Cafaco
- Rua do Casuno
- Rua do Maculusso
- Rua da Maianga
- Rua de Massangano
- Rua do Quibando
- Rua do Quicombo
- Rua das Quipacas
- Rua da Samba
- Bairros do Bungo, Corimba, Ingombotas, Maianga
- Muceques de Calemba, Caputo

### **Em Português**

#### *Antropónimos*<sup>289</sup>

##### *Reis/ Príncipes/Infantes*

Largo Afonso Henriques  
Rua Afonso V  
Rua Afonso VI  
Rua El-rei D. Dinis  
Largo do Infante D. Fernando  
Largo do Infante D. Henrique  
Alameda D. João II  
Rua D. Manuel I  
Alameda do Príncipe Real

##### *Políticos do período monárquico*

Rua Arnaldo Novais  
Rua do Conselheiro Aires de Ornelas  
Largo Júlio Vilhena  
Rua Dr. João das Regras  
Rua Luciano Cordeiro  
Rua Pinheiro Chagas  
Avenida Sá da Bandeira

<sup>288</sup> Fontes: “Planta da Cidade de Luanda”, 1968 in João M. Loureiro, *Memórias de Luanda*, Lisboa, Maisimagem- Comunicação Global, Lda., 2002, Roteiros da Cidade de Luanda (1939, 1954, 1974), Edição da Imprensa Nacional, Luanda; Douglas Wheeler, René Pélissier, *História de Angola*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009, Anexos, pp.391-392 e Susana Ferraz, *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2005, Anexos, pp.266-268.

<sup>289</sup> Os nomes são apresentados de acordo com as referências toponímicas.

|  |
|--|
| <i>Políticos da I República</i>  |
| Rua Sidónio Pais   |
| <i>Políticos portugueses do Estado Novo</i>  |
| Largo de Salazar<br>Avenida do General Carmona<br>Av. Marechal Gomes da Costa<br>Rua Sarmiento Rodrigues   |
| <i>Governadores de Angola</i>  |
| Rua Almirante Azevedo Coutinho<br>Largo do Almirante Baptista de Andrade<br>Rua Álvares da Cunha<br>Avenida Álvaro Ferreira<br>Rua André Vidal de Negreiros<br>Rua Avelino Dias<br>Rua Bento Banha Cardoso<br>Largo de Bressane Leite<br>Avenida Brito Godins<br>Rua Cabral Moncada<br>Rua Cerveira Pereira<br>Travessa Conde de Lavradio<br>Rua D. João de Castro<br>Rua João Fernandes Vieira<br>Rua D. João Lencastre<br>Rua D. Miguel de Melo<br>Rua Ferreira do Amaral<br>Rua General Pereira D'Eça<br>Rua Gomes de Sousa<br>Rua Governador Eduardo Costa<br>Rua L. Mota Feo<br>Rua Luís Serrão<br>Rua Norton de Matos<br>Rua Paiva Couceiro<br>Avenida Paulo Dias de Novais<br>Largo de Pedro Alexandrino<br>Largo Ramada Curto<br>Rua Souza Coutinho<br>Rua Tavares de Carvalho<br>Largo Tristão da Cunha |
| <i>Personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade</i>   |
| Rua Alexandre Peres<br>Rua Alfredo Troni<br>Rua António Brandão de Melo<br>Rua D. Antónia Saldanha<br>Rua Dr. Álvares Maciel<br>Rua António Brandão de Melo<br>Rua Barbosa Rodrigues<br>Beco do Braga<br>Rua Eng. Da Costa Serrão  |

|   |
|---|
| <p>Largo Eng. Pedro Folque<br/> Rua Eng. Torres<br/> Rua Farinha Leitão<br/> Calçada de Gregório Ferreira<br/> Rua Guilherme Capelo<br/> Rua da Mãe Isabel<br/> Rua Matoso da Câmara<br/> Rua Sousa Lara</p>  |
| <p><i>Vereadores</i></p>  |
| <p>Vereador Castelo Branco<br/> Vereador Ferreira da Cruz<br/> Vereador Jaime de Amorim<br/> Vereador Prazeres</p>  |
| <p><i>Navegadores</i></p>   |
| <p>Rua Bartolomeu Dias<br/> Largo Diogo Cão<br/> Rua Fernão de Magalhães<br/> Rua Vasco da Gama</p>   |
| <p><i>Conquistadores/ Exploradores Africanos</i></p>  |
| <p>Rua Almirante Azevedo Coutinho<br/> Rua António Enes<br/> Largo António Oliveira Cadornega<br/> Rua Coronel Artur de Paiva<br/> Calçada de Baltazar de Aragão<br/> Rua Capelo e Ivens<br/> Rua Duarte Lopes<br/> Rua Francisco Castelo Branco<br/> Rua General João de Almeida<br/> Rua Henrique de Carvalho<br/> Largo Luís Lopes de Sequeira<br/> Rua Mouzinho de Albuquerque<br/> Calçada de Paiva de Andrade<br/> Rua Paiva Couceiro<br/> Rua Pereira Forjaz<br/> Rua Salvador Correia<br/> Largo Serpa Pinto<br/> Rua Silva Porto</p> |
| <p><i>Figuras da cultura/Figuras das artes e das ciências</i></p>   |
| <p>Rua Adolfo Pina<br/> Largo Alexandre Herculano<br/> Largo Dr. Alves da Cunha<br/> Rua Almeida Garrett<br/> Rua António Feliciano Castilho<br/> Rua Antero de Quental<br/> Rua António Feijó<br/> Rua Aquilino Ribeiro</p>  |

Rua António Nobre  
Rua Barbosa du Bocage  
Rua Bernardim Ribeiro  
Rua Camilo Pessanha  
Rua Cesário Verde  
Rua Conde de Ficalho  
Rua Cristóvão Falcão  
Rua Eugénio de Castro  
Rua Gil Vicente  
Rua Fernando Pessoa  
Rua Fernão Lopes  
Rua Francisco Newton  
Rua Francisco Sá de Miranda  
Rua Frederico Welwitch  
Rua Guerra Junqueiro  
Rua João Barros  
Rua João de Deus  
Rua D. João de Castro  
Rua J. da Silva  
Rua José de Anchieta  
Rua Luís de Carrigo  
Rua Luís de Camões  
Rua Pedro Nunes

*Dignitários religiosos*

Rua Cónego Matias Delgado  
Rua D. António Barroso  
Rua D. Francisco do Soveral  
Rua Frei João Cavazzi  
Calçada D. Simão de Mascarenhas

*Heróis colectivos*

Largo dos Combatentes da Grande Guerra  
Largo dos Heróis de Mucaba  
Largo dos Lusíadas  
Avenida dos Restauradores de Angola

*Topónimos direccionais e geotopónimos*

Rua de Ambaca  
Rua de Ambuíla  
Rua de Benguela  
Rua da Boavista  
Rua do Brasil  
Rua de Cabo Verde  
Largo de Cambambe  
Travessa de Cartago  
Estrada de Catete

Rua Direita  
Rua da Guiné  
Rua da Índia  
Avenida de Lisboa  
Rua de S. Tomé  
Rua do Sol

*Datas cívicas comemorativas/Acontecimentos*

Rua 5 de Outubro  
Rua 28 de Maio  
Praça da República

*Topónimos institucionais*

Rua da Companhia de Jesus  
Rua da Misericórdia  
Rua do Montepio Ferroviário  
Rua do Senado da Câmara

*Topónimos ligados a grupos sociais*

Rua dos Comerciantes  
Rua dos Pombeiros

*Topónimos ligados a construções militares, religiosas e civis*

Rua da Alfândega  
Beco do Balão  
Rua do Carmo  
Travessa do Colégio  
Largo do Cruzeiro  
Rua do Esquadrão  
Largo da Missão de S. Paulo  
Calçada do Município  
Praça da Nazaré  
Largo do Palácio  
Largo do Pelourinho  
Estrada da Praia do Bispo  
Calçada de Santo António  
Calçada de S. Miguel  
Travessa da Sé

## *Fítotopónimos*

Rua dos Coqueiros  
Rua das Flores

*Diversos- Designações difíceis de categorizar*

Rua dos Enganos

## *Mapa das Ruas de Luanda - 1974* <sup>290</sup>

### **Em Quimbundo**

- Rua de Cafaco
- Rua do Casuno
- Largo das Ingombotas
- Rua do Maculusso
- Rua da Maianga
- Rua de Massangano
- Rua do Quibando
- Rua do Quicombo
- Travessa de Quinaxixe
- Rua das Quipacas
- Rua da Samba
- Bairros do Bungo, Caputo (ou dos Eucaliptos), Corimba, Ingombotas, Maculusso, Maianga, da Samba

### **Em Português**

## *Antropónimos* <sup>291</sup>

*Reis/ Príncipes/Infantes* <sup>292</sup>

Largo Afonso Henriques  
Rua Afonso V  
Rua El-rei D. Dinis  
Largo do Infante D. Fernando  
Largo do Infante D. Henrique  
Rua D. João I  
Alameda D. João II  
Avenida D. João III  
Largo D. João IV  
Rua D. Manuel I  
Largo D. Pedro V

<sup>290</sup> Fonte: “ Mapa das Ruas de Luanda 1974” in Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro Topográfico das Ruas da Cidade de Luanda*, 1974.

<sup>291</sup> Os nomes são apresentados de acordo com a inscrição nas placas toponímicas e nas legendas das plantas.

<sup>292</sup> A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1978, I vol., pp.647-649, II vol., pp. 420-421.

|   |
|---|
| Alameda do Príncipe Real  |
| <i>Políticos e diplomatas</i>   |
| 1. <i>Monarquia</i> <sup>293</sup>  |
| Rua do Almada<br>Rua de Andrade Corvo<br>Rua Arnaldo Novais<br>Rua Comandante Correia da Silva<br>Rua do Conselheiro Aires de Ornelas<br>Rua Dr. João das Regras<br>Rua Duque de Saldanha<br>Rua Ferreira de Almeida<br>Largo Júlio Vilhena<br>Rua Luciano Cordeiro<br>Rua Neves Ferreira <sup>294</sup><br>Rua Pinheiro Chagas<br>Rua Rui de Sousa<br>Avenida Sá da Bandeira |
| 2. <i>I República (República Nova)</i> <sup>295</sup>   |
| Rua Sidónio Pais  |
| 3. <i>Estado Novo</i> <sup>296</sup>  |
| Rua de António Ferro<br>Avenida do General Carmona<br>Av. Marechal Gomes da Costa<br>Alameda do Presidente Américo Tomaz<br>Largo de Salazar<br>Rua Sarmiento Rodrigues   |
| <i>Governadores de Angola</i> <sup>297</sup>  |
| Largo do Almirante Baptista de Andrade  |

<sup>293</sup> A. H. Oliveira Marques, *ob. cit.*, II vol., pp.423-4226; René Pélissier, Douglas Wheeler, *ob. cit.*, pp.99-101; Valentim Alexandre, "Configurações Políticas" in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa, Espanha, Círculo dos Leitores, 1999, Vol. 4*, pp. 90-142.

<sup>294</sup> José António Brissac das Neves Ferreira para além de desempenhar funções de Ministro da Marinha e do Ultramar, nos finais do século XIX, criou a Colónia Penal Militar e Agrícola do Moxico e instalou o distrito do Congo.

<sup>295</sup> A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1978, II vol., pp.273-276.

<sup>296</sup> A. H. Oliveira Marques, *ob. cit.*, II vol., pp.427-428.

<sup>297</sup> António de Oliveira de Cadornega, *ob. cit.*, Tomo III, pp.427, 479; Elias Alexandre da Silva Corrêa, *ob. cit.*, pp.144-360; *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda 1939*, Edição da Imprensa Nacional, Luanda; José Ribeiro da Cruz, *Resumo da História de Angola*, Lisboa, Oficina Gráfica do Anuário, 1940, pp.65-223; Martins dos Santos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, pp.31-322; Douglas Wheeler, René Pélissier, *ob. cit.*, Anexos, pp.391-392; MILLER, J., Thornton, J., "A Crónica como fonte, história e hagiografia: O Catálogo dos Governadores de Angola" in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos Africanos e Asiáticos, 1990, Jan / Dez, nº 12/13, 392 e Susana Ferraz, pp. 9-55, *Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*, Dissertação de Mestrado, FAUP, 2005, Anexos, pp.266-268.

Rua Álvares da Cunha  
Avenida Álvaro Ferreira  
Rua André Vidal de Negreiros  
Rua de António de Lencastre  
Rua António Manuel de Noronha  
Rua António Saldanha da Gama  
Rua Avelino Dias  
Rua Bento Banha Cardoso  
Largo de Bressane Leite  
Avenida Brito Godins  
Rua Cabral Moncada  
Rua de Cerveira Pereira  
Rua César de Meneses  
Rua Comandante Ferreira do Amaral  
Rua Conde da Cunha  
Travessa Conde de Lavradio  
Largo Coronel Eduardo Ferreira Viana  
Rua Francisco Sotto Mayor  
Rua Francisco de Távora  
Rua D. João de Lencastre  
Rua João Fernandes Vieira  
Rua D. João Lencastre  
Rua D. Miguel de Melo  
Avenida General Norton de Matos  
Rua General Pereira D'Eça  
Rua General Roçadas  
Rua Gomes de Sousa  
Rua Governador Eduardo Costa  
Rua Governador Silva Carvalho  
Rua José Rodrigues Coelho do Amaral  
Rua Luís da Mota Feo  
Rua Luís Serrão  
Rua Manuel de Almeida Vasconcelos  
Rua Nicolau Castelo Branco  
Rua Paiva Couceiro  
Avenida Paulo Dias de Novais  
Largo de Pedro Alexandrino  
Rua Pereira Forjaz  
Largo Ramada Curto  
Rua Rodrigo de Miranda Henriques  
Rua Salvador Correia  
Bairro Silva Tavares<sup>298</sup>  
Calçada Simão de Mascarenhas<sup>299</sup>  
Rua Souza Coutinho  
Rua Tavares de Carvalho

<sup>298</sup> Apesar de não fazermos a análise das ruas deste bairro, também, designado *Bairro das Cores*, consideramos importante referir esta designação. Trata-se do governador ao tempo do desencadear da revolta no Norte de Angola, em 1961.

<sup>299</sup> D. Simão de Mascarenhas foi, também, bispo de Angola e do Congo no século XVII.

Largo Tristão da Cunha  
Rua Visconde do Pinheiro

*Personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade*<sup>300</sup>

Rua Adolfo Pina  
Rua Alexandre Peres  
Rua Dr. Aleixo de Abreu  
Rua Dr. Alfredo Troni  
Rua Dr. Álvares Maciel  
Rua Dr. António Videira  
Rua D. Antónia Saldanha  
Rua António Brandão de Melo  
Rua António Correia de Freitas  
Rua Arsénio Pompílio Pompeu do Carpo  
Rua Barbosa Rodrigues  
Beco do Braga  
Rua Dr. Carlos Coimbra  
Rua Demósthene de Almeida  
Rua Engenheiro Armindo de Andrade  
Rua Eng. Artur Torres  
Rua Eng. Da Costa Serrão  
Largo Eng. Pedro Folque  
Rua Farinha Leitão  
Rua Dr. Francisco António Pinto  
Rua Dr. Francisco Leite Duarte  
Calçada de Gregório Ferreira  
Rua Guilherme Capelo  
Rua João Seca  
Rua Júlio Lobato  
Rua da Mãe Isabel<sup>301</sup>  
Rua Manuel Machado Saldanha  
Rua Dr. Pinto de Azeredo  
Rua Sousa Lara

*Vereadores da Câmara Municipal de Luanda*<sup>302</sup>

Rua Vereador Azevedo Franco  
Rua Vereador Castelo Branco  
Rua Vereador Ferreira da Cruz  
Rua Vereador Jaime de Amorim  
Rua Vereador Matoso da Câmara  
Rua Vereador Prazeres

<sup>300</sup> *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda* 1939, Edição da Imprensa Nacional, Luanda; Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1951, p.16.

<sup>301</sup> Esta designação (ou Ponta da Isabel) deixa-nos algumas dúvidas: não lográmos conhecer a verdadeira identidade da nomeada, deduzimos ser alguém com um lugar de destaque na cidade ao ponto do seu nome designar o Passeio Público de Luanda: “Na Ponta da Isabel construiu [o governador Luiz da Motta Feo] um edifício à chinesa à borda do mar em três divisões de recreio” (Ilídio do Amaral, “Luanda em meados do século XIX revelada num texto de 1848” in *Sep. Garcia da Orta*, Sér. Geogr. Lisboa 9 (12), 1984, 1:16, p.8).

<sup>302</sup> Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro Topográfico das Ruas da Cidade de Luanda*, 1974, pp. 119-120.

|  |
|--|
| <i>Navegadores</i> <sup>303</sup>  |
| Rua Bartolomeu Dias<br>Largo Diogo Cão<br>Rua Duarte Pacheco Pereira<br>Rua Fernão de Magalhães<br>Rua Vasco da Gama   |
| <i>Conquistadores</i> <sup>304</sup> / <i>Exploradores Africanos</i> <sup>305</sup>  |
| Rua Almirante Azevedo Coutinho<br>Rua António Enes<br>Largo António Oliveira Cadornega<br>Rua Coronel Artur de Paiva<br>Calçada de Baltazar de Aragão<br>Rua Capelo e Ivens<br>Rua Duarte Lopes<br>Francisco Castelo Branco<br>Rua General Geraldo Victor<br>Rua General João de Almeida<br>Rua General Monteiro Libório<br>Rua Gregório José Mendes<br>Rua Henrique de Carvalho<br>Largo Luís Lopes de Sequeira,<br>Rua Mouzinho de Albuquerque<br>Calçada de Paiva de Andrade<br>Rua Paiva Couceiro<br>Rua Pinheiro Furtado<br>Largo Serpa Pinto<br>Rua Silva Porto<br>Rua Tenente Valadim |
| <i>Figuras da cultura</i> <sup>306</sup> / <i>Figuras das artes</i> <sup>307</sup> e <i>ciências</i> <sup>308</sup>  |
| Rua Dr. Afrânio Peixoto<br>Rua Alberto Correia<br>Rua de Alda Lara<br>Largo Alexandre Herculano<br>Rua Alfredo Felner  |

<sup>303</sup> A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, Lisboa, Palas Editores, 1978, Ivol., pp.305-327.

<sup>304</sup> Valentim Alexandre, "Situações Coloniais: II – O Ponto de Viragem. As Campanhas de Ocupação (1890-1930 in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Espanha, Círculo dos Leitores, 1999, Vol. 4, pp.182-202.

<sup>305</sup> A. H. Oliveira Marques, *ob.cit.*, I vol., p.636, IIvol., pp.119-129; René Pélissier, *ob.cit.*, pp. 99-101; Nuno Severiano Teixeira, "Colónias e Colonização Portuguesa na Cena Internacional (1885-1930) in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Espanha, Círculo dos Leitores, 1999, Vol. 4, pp.498.

<sup>306</sup> José Martins dos Santos, *Cultura, Educação e Ensino em Angola*, Edição digital 1974- 1998 [Em linha]. [Consult. 10/05/2010]. Disponível em: <http://reocities.com/Athens/troy/4285/ensino.html> e António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1987.

<sup>307</sup> Paulo Pereira (dir.), *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, vol.II, p.230.

<sup>308</sup> José Martins dos Santos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, pp.359-361.

Largo Dr. Alves da Cunha  
Rua Dr. António Mendes Correia  
Rua Almeida Garrett  
Rua António Feliciano Castilho  
Rua Antero de Quental  
Rua de António de Assis Júnior  
Rua António Feijó  
Rua António Nobre  
Rua Barbosa du Bocage  
Rua Bernardim Ribeiro  
Rua Camilo Castelo Branco  
Rua Camilo Pessanha  
Rua Cesário Verde  
Rua Comandante Jorge Capelo  
Rua Conde de Ficalho  
Rua Cordeiro da Mata  
Rua Cristóvão Falcão  
Rua Damião de Góis  
Rua Domingos de Abreu Brito  
Rua Dr. Egas Moniz  
Rua Eça de Queiroz  
Rua Elias da Silva  
Rua Eugénio de Castro  
Rua Fernando Pessoa  
Rua Fernão Lopes  
Rua de Fernão Mendes Pinto  
Rua Francisco Newton  
Rua Francisco Sá de Miranda  
Rua Francisco Sanches  
Rua Frederico Welwitch  
Rua Garcia da Orta  
Rua Garcia de Resende  
Rua Gastão Sousa Dias  
Rua Gil Vicente  
Rua Guerra Junqueiro  
Rua Dr. Jaime Cortezão  
Rua João de Barros  
Rua D. João de Castro  
Rua João de Deus  
Rua J.(Joaquim) da Silva  
Rua José de Anchieta  
Rua José Duro  
Rua José Régio  
Rua Dr. Leite de Vasconcelos  
Rua Lopes de Lima<sup>309</sup>  
Rua Dr. Luís Pinto da Fonseca  
Rua Lourenço da Conceição

---

<sup>309</sup> José Joaquim Lopes de Lima, autor da obra Ensaios sobre a statistica das possessões portuguezas no Ultramar: Livro III, de Angola e Benguella e suas dependências.

|   |
|---|
| Rua Luís de Carriço<br>Rua Luís de Camões<br>Rua Manuel da Costa Lobo Cardoso<br>Rua Oliveira Martins<br>Rua Padre António Vieira<br>Rua Padre Manuel Bernardes<br>Rua Padre Manuel Ruela Pombo<br>Rua Pedro Nunes<br>Rua Ramalho Ortigão<br>Rua Sisenando Marques<br>Rua Teixeira de Pascoais<br>Rua Vasco Fernandes |
| <i>Um chefe nativo aliado dos portugueses</i> <sup>310</sup>  |
| Rua Jaga Calandula  |
| <i>Aviadores</i> <sup>311</sup>   |
| Avenida Almirante Gago Coutinho<br>Rua Sacadura Cabral<br>Rua Santos Dumont   |
| <i>Dignitários religiosos</i> <sup>312</sup> / <i>Missionários</i> <sup>313</sup>   |
| Rua Cónego Matias Delgado<br>Rua D. António Barroso<br>Rua D. Francisco do Soveral<br>Rua Frei João Cavazzi<br>Rua Moizés Alves de Pinho<br>Rua Padre Baltazar Barreira<br>Rua Padre Francisco Gouveia<br>Rua Padre José Maria Antunes  |
| <i>Santos</i>   |
| Rua de S. Francisco Xavier<br>Rua de Santa Luzia  |
| <i>Heróis colectivos</i>  |
| Largo dos Combatentes da Grande Guerra <sup>314</sup><br>Largo dos Heróis de Mucaba <sup>315</sup><br>Praça dos Lusíadas<br>Avenida dos Restauradores de Angola <sup>316</sup>  |

<sup>310</sup> José Ribeiro da Cruz, ob.cit., p.118.

<sup>311</sup> Maria Isabel João, ob. cit., p.615.

<sup>312</sup> Martins dos Santos, *A História de Angola através dos seus personagens principais*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, pp.325-337; Oliveira, P. Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, União Gráfica, 1958, pp. 212-214, pp.331-337, pp. 447-448

<sup>313</sup> .Idem, ibidem.

<sup>314</sup> No contexto da Primeira Guerra Mundial, tropas portuguesas e alemãs defrontam-se no sul de Angola (Cf. Douglas Wheeler, René Pélissier, ob.cit. pp.123-124).

<sup>315</sup> Cf. Douglas Wheeler, René Pélissier, ob.cit. p.265.

*Topónimos direccionais e geotopónimos*<sup>317</sup>

Portas do Mar  
Rua dos Açores  
Rua do Alentejo  
Rua do Algarve  
Rua de Amarante  
Rua de Ambaca  
Rua de Ambufla  
Travessa da Ásia  
Rua das Beiras  
Rua de Benguela  
Estrada da Boavista  
Rua de Braga  
Avenida do Brasil  
Rua de Bucuzau  
Rua de Cacuso  
Largo de Cambambe  
Travessa de Cartago  
Estrada de Catete  
Rua do Caxito  
Rua da Cela  
Rua Cidade de Beja  
Rua Cidade de Bragança  
Rua Cidade de Castelo Branco  
Rua Cidade de Coimbra  
Rua Cidade de Évora  
Rua Cidade de Faro  
Rua Cidade da Guarda  
Rua Cidade de Guimarães  
Rua Cidade de Lamego  
Rua Cidade de Leiria  
Rua Cidade de Portalegre  
Rua Cidade do Porto  
Rua Cidade de Santarém  
Rua Cidade de Setúbal  
Rua Cidade de Viana do Castelo  
Rua Cidade de Viseu  
Rua Direita  
Rua de Damão  
Rua de Diu  
Rua do Douro  
Rua de Espinho  
Rua da Estremadura  
Rua de Estremoz

<sup>316</sup> “Em memória dos heróis de Massangano, Muxima e Benguela (1641-1648) e dos valorosos companheiros de Salvador Correia, todos obreiros da Restauração de Angola, depois da invasão holandesa de meados do século XVII” (Câmara Municipal, *Roteiro Toponímico de Luanda*, 1939,p.78).

<sup>317</sup> *Grande Atlas Mundial*, Selecções do Reader’s Digest, Lisboa, 1984,pp.57-59 (Portugal Continental), p.60-61 (Açores e Madeira), p.84 (Índia), p.94 (Angola).

Rua do Faial  
Rua do Funchal  
Rua do Fundão  
Rua de Gaia  
Rua de Goa  
Rua da Guiné  
Rua da Ilha da Madeira  
Rua de Ílhavo  
Rua da Índia  
Rua de Landana  
Avenida de Lisboa  
Rua da Lousã  
Rua de Maquela  
Rua de Massangano  
Rua do Minho  
Rua de Mirandela  
Rua de Moçambique  
Rua de Monção  
Rua da Murtosa  
Rua de Negage  
Rua de Ovar  
Rua de Penafiel  
Rua de Penamacor  
Rua de Quilengues  
Rua do Ribatejo  
Rua de S. Tomé  
Rua do Sol  
Rua de Vila Real

*Topónimos associados a grupos sociais*

Largo dos Artistas  
Rua dos Empacaceiros  
Rua dos Funantes  
Rua dos Mareantes  
Rua dos Mercadores  
Rua dos Militares  
Rua dos Missionários  
Rua dos Pombeiros  
Rua dos Sertanejos

## *Topónimos associados a edificações religiosas, militares e civis* <sup>318</sup>

Rua da Alfândega  
Beco do Balão<sup>319</sup>  
Rua do Carmo<sup>320</sup>  
Travessa do Colégio<sup>321</sup>  
Praça do Palácio<sup>322</sup>  
Largo do Colégio Militar  
Largo do Cruzeiro  
Rua do Esquadrão<sup>323</sup>  
Largo da Missão de S. Paulo<sup>324</sup>  
Calçada do Município  
Praça da Nazaré<sup>325</sup>  
Rua Nossa Senhora da Muxima<sup>326</sup>  
Rua da Pedreira<sup>327</sup>  
Largo do Pelourinho  
Rua da Portugália<sup>328</sup>  
Estrada da Praia do Bispo<sup>329</sup>  
Largo da Sagrada Família<sup>330</sup>

<sup>318</sup> Trata-se de um conjunto de designações que, maioritariamente, nos remetem para a localização no perímetro urbano de antigas construções ligadas a vários aspectos da vida da cidade. No capítulo sobre a fundação de Luanda fazemos-lhes referência. Podemos colher informação detalhada nas obras de Manuel da Costa Lobo Cardoso, publicadas pelo Museu de Angola, como *Luanda Antiga*, pp.9-13; Pedro Dias, ob. cit., pp.88-114; Câmara Municipal, *Roteiro Toponímico de Luanda*, Imprensa Nacional, 1939; António de Oliveira de Cadornega, ob. cit., Tomo III, pp.5-18; Ilídio do Amaral, “Luanda em meados do século XIX revelada num texto de 1848” in *Sep. Garcia da Orta*, Sér. Geogr. Lisboa 9 (12), 1984, 1:16. Importante para o conhecimento destas construções revela-se, igualmente, o *Catálogo do Documentário coligido para a Exposição Histórica da Ocupação-1937*, numa edição da Imprensa Nacional, em Luanda.

<sup>319</sup> Cf. Câmara Municipal, *Roteiro Toponímico de Luanda*, Imprensa Nacional, 1939, p.34: “local, derivado dos sinais que se faziam na torre do Observatório”.

<sup>320</sup> A rua já nos aparece na planta de 1755 como *Mongila a Carmo*/ Caminho ao mesmo e refere-se ao Convento dos Carmelitas Descalços, construído em 1661, na zona das Ingombotas.

<sup>321</sup> O Colégio dos Jesuítas, com obras iniciadas em 1607, considerada a primeira escola primária em Angola. Cadornega escreve “com escola em que ensinam a ler, escrever e contar aos rapazes e meninos que são muitos” (António de Oliveira de Cadornega, ob. cit., Tomo III, p.13).

<sup>322</sup> Palácio do Governador de Angola, construído ao tempo do Governador Pereira Forjaz, no início do século XVII, com obras de acrescentamento no Governo de D. Lourenço de Almeida e concluído por António de Vasconcelos, ambos do século XVIII.

<sup>323</sup> Local onde se localizava o Quartel de Cavalaria, construído no século XVIII.

<sup>324</sup> A Missão de S. Paulo foi criada, em 1933-1934, por Monsenhor Alves da Cunha e nela foi pároco o Cónego Manuel das Neves.

<sup>325</sup> Igreja de Nossa Senhora da Nazaré construída pelo Governador André Vidal de Negreiros, em 1664 e aproveitada para celebrar a vitória portuguesa na Batalha de Ambuíla contra o rei do Congo, em 1665.

<sup>326</sup> Esta designação remete para a Igreja de Nossa Senhora da Muxima, localizada no antigo presídio da Muxima, a sul de Luanda. A Fortaleza ostenta na sua pedra de armas a data de 1655.

<sup>327</sup> Numa vista do século XVII, *Veduta della Città di Loanda Metropoli del Regno di Angóla nella Etiopia Inferiore* aparece localizada uma *Pietrara*, (nº13) do italiano pietra, pedra, que traduzimos como Pedreira.

<sup>328</sup> A Cervejaria Portugália, na baixa de Luanda.

<sup>329</sup> A designação deve-se à localização da residência inicial do bispo, destruída no período em que a cidade foi conquistada pelos holandeses.

<sup>330</sup> Largo onde se situa a Igreja da Sagrada Família, edificada na última década de governação portuguesa em Angola.

Travessa de Santo Amaro<sup>331</sup>  
Calçada de Santo António<sup>332</sup>  
Rua de S. José<sup>333</sup>  
Calçada de S. Miguel<sup>334</sup>  
Travessa da Sé<sup>335</sup>  
Travessa Teatro Providência

#### *Datas cívicas comemorativas/Acontecimentos*

Praça da República  
Rua 5 de Outubro  
Rua 28 de Maio

#### *Topónimos Institucionais*

Rua da Casa Pia de Luanda  
Rua da Companhia de Jesus  
Rua da Misericórdia  
Rua do Montepio Ferroviário  
Rua dos Municípios Portugueses  
Rua do Senado da Câmara  
Rua Sociedade de Geografia

#### *Fitotopónimos*

Rua dos Coqueiros  
Rua dos Eucaliptos  
Rua das Flores

#### *Diversos - Designações difíceis de categorizar*

Rua da Caridade  
Rua do Comércio  
Calçada dos Enforcados  
Rua dos Enganos

<sup>331</sup> Trata-se do Forte e Ermida de Santo Amaro localizados nas suas imediações.

<sup>332</sup> Referência ao convento e Igreja de Santo António dos Capuchinhos.

<sup>333</sup> Rua que assinala o Convento de S. José da Ordem Terceira; já aparece na planta de 1755 como *Mongila a S. José/Caminho ao mesmo*. Na Planta de 1626 aparece uma Rua Direita para S. José.

<sup>334</sup> A designação identifica a calçada de acesso à Fortaleza de S. Miguel, actual Museu das Forças Armadas.

<sup>335</sup> A referência é à segunda Sé da cidade, a partir de 1828, nas instalações da antiga Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

## **Nomes dos Bairros de Luanda, em 1974<sup>336</sup>**

Adriano Moreira (Cabo Verde)  
Aeroporto  
Américo Tomás  
Artistas  
Baixa  
Belas  
Belavista (Miramar)  
Bairro Bermann  
Boavista  
Bungo  
Café  
Calemba (Cemitério)  
Câncio Martins  
Caop (Poetas)  
Cerâmica (Cazenga Santo Condestável)  
Casa Branca  
Cidade Alta  
Coqueiros  
Corimba  
Correios  
Cruzeiro  
Cuca  
Dr. Silva Tavares (Cores)  
Escritores  
Eucaliptos (Caputo)  
Flores  
Gomes e Irmão  
General Pinto Monteiro  
Ilha do Cabo  
Ingombotas  
Lixeira  
Lusíadas  
Mabor  
Maculusso  
Madeira (S. João e Santo André)  
Maianga  
Marçal  
Marcelo Caetano  
Marques Mano  
Miramar  
Mota  
Montepio Ferroviário  
Mulemba  
Mutamba  
Operário (Buriti)

---

<sup>336</sup> Câmara Municipal de Luanda, *Roteiro Toponímico das Ruas da Cidade de Luanda*, 1974.

Osório  
Palanca  
Pedrosa  
Pescadores  
Poetas (Vila Alice)  
Popular  
Praia do Bispo  
Prenda (dos Heróis)  
Quicolo  
Rangel  
Rebocho Vaz  
Salazar  
Samba  
Sambizanga  
Saneamento (Belavista)  
Santa Bárbara  
Santa Clara  
S. Paulo  
S. Pedro  
Sarmiento Rodrigues  
Senhora de Fátima  
Terra Nova  
Vieira Machado  
Vila Alice  
Vila Clotilde  
Zona Industrial da Estação do Cacuaco  
Zona Industrial do Cazenga

## Anexo 33

*Planta de 1977*<sup>337</sup>

### 1 - As novas designações

#### *Antropónimos*

*Chefes militares e guerrilheiros do M.P.L.A.*<sup>338</sup>

Rua A. Carreira  
Rua Cirilo da Conceição Silva<sup>339</sup>  
Rua Comandante Argueilles<sup>340</sup>  
Rua Comandante Bula<sup>341</sup>  
Rua Comandante Dangereux<sup>342</sup>  
Rua Comandante Dock Doy<sup>343</sup>  
Rua Comandante Eurico  
Avenida Comandante Gika<sup>344</sup>  
Rua Comandante Kusi  
Rua Comandante N'zagi<sup>345</sup>  
Avenida Comandante Kima Kienda<sup>346</sup>  
Rua Comandante Kwenya  
Rua Comandante Nicolau Spence  
Rua Comandante Stona<sup>347</sup>  
Avenida Comandante Valódia<sup>348</sup>  
Rua Dr. Américo Boavida<sup>349</sup>  
Avenida Deolinda Rodrigues  
Rua Emílio Mbidi<sup>350</sup>

<sup>337</sup> Mapa das *Ruas de Luanda* in Pepetela, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine Angola, 1990, pp.198-199.

<sup>338</sup> Estamos, na maioria dos casos, em presença de “nomes de guerra”. Identificámos em documentos do Comité Central do M.P.L.A., Ho Chi Min como Bernardo Ventura e Hoji Yahenda como o Comandante José Mendes de Carvalho, morto no ataque ao quartel português do Kariphande (Agostinho Neto, *Relatório do Comité Central ao 1º Congresso do M.P.L.A.*, Edição Avante, Lisboa 1978, pp. 12-20). A fonte para o melhor conhecimento destas figuras é a fotobiografia de Lúcio Lara. É uma compilação de fotografias de Lúcio Lara, onde se registam os homens e, algumas, mulheres que combateram o exército português, de 1961 a 1974. (Associação Tchiweka de Documentação, *Lúcio Lara. Imagens de um percurso*, Lisboa, Editorial Caminho, 2010, pp.51-120). Obra, igualmente, importante é o relato do início da revolta contra a presença portuguesa em Angola, em 1961, escrita pelo actual embaixador da República de Angola em Portugal, Manuel Pedro Pacavira, *O 4 de Fevereiro pelos Próprios*, Luanda, Editorial N'zila, 2003 e de Costa Andrade, *Adobes de Memória “Tukayama”*, Editora e Livraria Caxinde, 2002.

<sup>339</sup> Guerrilheiro e vice-presidente da JMPLA, organização da juventude do M.P.L.A. (Cf. informação do Dr. Júlio Mendes, Professor de História do Instituto Superior de Ciências da Educação, em Luanda–ISCED - informação prestada, via e-mail, em 20/10/2009.).

<sup>340</sup> Este militar cubano lutava ao lado das forças do M.P.L.A., daí a sua inclusão neste grupo.

<sup>341</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro José Manuel Paiva.

<sup>342</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Paulo Mogongo.

<sup>343</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Jorge Albano.

<sup>344</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Gilberto Teixeira.

<sup>345</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Veríssimo da Costa.

<sup>346</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Aristides Cadete.

<sup>347</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro António Fernandes.

<sup>348</sup> “Nome de guerra” adoptado pelo guerrilheiro Joaquim Augusto Domingos.

<sup>349</sup> Américo Boavida morreu num acampamento no Moxico, num ataque das tropas portuguesas.

Rua Engrácia dos Santos

Rua (Ferraz) Bomboko<sup>351</sup>

Rua Helder Neto

Rua Ho Chi Min<sup>352</sup>

Avenida Hoji Yahenda<sup>353</sup>

Largo Irene Cohen

Rua Joaquim Kapangu

Rua José Pedro “Tuca”

Rua Lucrecia Paim

Rua Major Kanyangulo

Rua Moisés Cardoso “Kamy”

Rua Samuel Bernardo “Mig”

Rua Sebastião Desta Vez<sup>354</sup>

Rua Serqueira Lukoki

Rua Tereza Afonso

*Personalidades ligadas à luta contra o domínio colonial*<sup>355</sup>

Rua Albano Machado

Rua Dr. Amílcar Barca

Rua Dr. Aires de Menezes

Rua Cónego Manuel das Neves

Rua Fernando Brique

Largo Fernando Coelho da Cruz

Rua Higino Aires

Rua (Joaquim) Kapangu

Rua Joaquim F. Boavida

Rua Josina Machel<sup>356</sup>

Alameda Manuel Van Dúnem

Rua M.(Manuel) A. Santos

Rua Marcelino Dias

Rua M.(Manuel)P. (Pereira) S. (Santos) Van Dúnem

Sobas ou reis nativos<sup>357</sup>

Rua Bula Matadi<sup>358</sup>

<sup>350</sup> Guerrilheiro que também foi fundador da UNTA, a central sindical angolana. (Cf.informação do Dr. Júlio Mendes, Professor de História do Instituto Superior de Ciências da Educação, em Luanda– ISCED - informação prestada, via e-mail, em 20/10/2009).

<sup>351</sup> Ferraz Bomboko chefia um destacamento militar que opera no Norte de Angola, a partir do Congo Brazaville.

<sup>352</sup> Trata-se do Comissário Provincial no Zaire Bernardo Ventura.

<sup>353</sup> Estamos perante a figura do Comandante José Mendes de Carvalho, morto no ataque ao quartel português do Kariphande.

<sup>354</sup> “Nome de guerra” do guerrilheiro Carvalho dos Santos. Anteriormente, em 1961, já tinha sido preso, após os acontecimentos do 4 de Fevereiro.

<sup>355</sup> Fontes para o conhecimento destas figuras: Associação Tchiweka de Documentação, *Lúcio Lara. Imagens de um percurso*, Lisboa, Editorial Caminho, 2010, pp.51-120; Manuel Pedro Pacavira, *O 4 de Fevereiro pelos Próprios*, Luanda, Editorial N’zila, 2003;Costa Andrade, *Adobes de Memória “Tukayama”*, Editora e Livraria Caxinde, 2002.

<sup>356</sup> Guerrilheira da FRELIMO, movimento que combatia o domínio português em Moçambique.Um dos hospitais de Luanda recebeu, também, o seu nome, após a independência de Angola.

<sup>357</sup> Nomes dos antigos chefes indígenas in Manuel Pedro Pacavira, ob.cit., pp.18-19 e René Pélissier, Douglas Wheeler, ob. cit., p.74.

|   |
|---|
| Rua Rei Katyevala<br>Avenida Rainha Jinga<br>Largo da Rainha Jinga<br>Rua Rei N'gola<br>Rua Soba Mandume<br>Rua Soba Mwemusalu <sup>359</sup><br>Rua Ndunduma <sup>360</sup><br>Avenida N' Gola Kiluanji <sup>361</sup>   |
| <i>Ideólogos, pacifistas ou políticos estrangeiros</i>  |
| Rua Amílcar Cabral<br>Rua Comandante Che Guevara<br>Rua Eduardo Mondlane<br>Rua Friedrich Engels<br>Rua Gamal Abdel Nasser<br>Rua Giorgi Dimitrov<br>Rua Presidente Houari Boumedienne<br>Largo Josina Machel<br>Rua Karl Marx<br>Rua Kwane Nkrumah<br>Avenida Lenine<br>Rua Luther King<br>Rua Marechal Tito<br>Rua Presidente Marien Ngouabi<br>Avenida Nehru<br>Rua Salvador Allende |
| <i>Figuras da cultura/ Figuras das artes e das ciências</i>   |
| Rua Alberto Lemos<br>Rua Francisco das Neves Castelbranco<br>Rua Julius Futchik <sup>362</sup><br>Rua Vieira da Cruz <sup>363</sup>   |
| <i>Um comerciante nativo ao serviço de Silva Porto</i> <sup>364</sup>   |
| Calçada Domingos Kakahanga  |

### *Uma Associação de angolanos no período colonial*<sup>365</sup>

|                               |
|-------------------------------|
| Rua da Liga Nacional Africana |
|-------------------------------|

### *Heróis colectivos*

|                    |
|--------------------|
| Largo das Heroínas |
|--------------------|

<sup>358</sup> Nome de guerra de Pedro Manuel, do Movimento para a Independência Nacional de Angola.

<sup>359</sup> Nome adoptado pelo dinamizador do Programa radiofónico "A Voz de Angola Combatente".

<sup>360</sup> "Nome de guerra" adoptado pelo guerrilheiro Costa Andrade.

<sup>361</sup> O guerrilheiro do M.P.L.A. César Augusto adoptou como "nome de guerra" Kiluangi.

<sup>362</sup> Poeta e jornalista checo, vítima dos nazis.

<sup>363</sup> Poeta angolano que, em 1958, é secretário do recém-criado M.P.L.A.

<sup>364</sup> Cf. René Pélissier, Douglas Wheeler, ob. cit., p.57.

<sup>365</sup> Cf. Manuel Pedro Pacavira, ob. cit., p.23.

Praça do Povo

*Topónimos direccionais e geotopónimos*

Largo do Lumej  
Rua do Kaliphande  
Largo da Mutamba

*Topónimos associados a edificações religiosas, militares e civis*

Largo do Atlético  
Calçada da Fortaleza  
Largo de Katadi  
Largo Lello  
Rua da Tipografia “Maria Tita”

*Datas e acontecimentos da História de Angola ou Universal*

Rua 25 de Abril  
Avenida 4 de Fevereiro de 1961  
Avenida 1º Congresso do M.P.L.A.  
Avenida 17 de Setembro  
Largo 1º de Maio  
Avenida Revolução de Outubro

*Diversos - Designações difíceis de categorizar*

Rua Angola Combatente  
Largo da Sagrada Esperança

*Nomes não identificados*

Adelino Quintino  
Américo Júlio de Carvalho  
António Bengé  
António Monteiro  
Augusto Silva Pereira  
Augusto Tadeu Bastos

Custódio Bento de Azevedo  
Dr. Tomé Agostinho das Neves  
F. do P. Ver.da Costa Luzerna  
Garcia Neto  
Gil Liberdade  
Guilherme Pereira Inglês  
Higipa  
João Figueiredo Ernesto  
J. P. A. Gurgel  
João Rodrigues Kandende  
J. S. Lameira  
Katakatu Mengu  
Lino Amezage “Escravo”  
Luej Ankonda  
Mozozza  
M. (Manuel) F. (Fernando) Caldeira  
Mutela Mohamed  
N. Espírito Santo  
Presidente Mai Bond  
Robert Shields  
Rev. A. Pedro Neto

## 2 -As designações portuguesas que permaneceram

### *Antropónimos*

|   |
|---|
| <i>Reis/ Príncipes/Infantes portugueses</i>   |
| Largo do Infante D. Henrique<br>Rua D. João II<br>Avenida D. João III<br>Rua D. Manuel I<br>Alameda do Príncipe Real  |
| <i>Políticos do período monárquico/ Ministros da Marinha e do Ultramar</i>  |
| Rua Conselheiro Aires de Ornelas<br>Rua Júlio Vilhena<br>Rua Rui de Souza   |
| <i>Personalidades ligadas ao desenvolvimento da cidade</i>  |
| Rua Alexandre Peres<br>Rua Arnaldo de Novais<br>Rua Demósthenes de Almeida<br>Rua Dona Antónia Saldanha<br>Rua Dr. Pinto de Azeredo<br>Rua Eng. Armindo de Andrade<br>Rua Farinha Leitão<br>Rua de João Seca<br>Rua da Mãe Isabel<br>Rua Sousa Lara   |
| <i>Governadores de Angola</i>   |
| Rua A.(António) Lencastre<br>Largo Bressane Leite<br>Rua Cerveira Pereira<br>Rua Feo Torres<br>Rua Ferreira do Amaral<br>Rua F. (Francisco) Távora<br>Rua General Roçadas<br>Rua Manuel de Almeida (Vasconcelos)<br>Avenida Massano Amorim<br>Rua Rodrigo de Miranda Henriques<br>Rua Saldanha da Gama<br>Rua Governador Silva Carvalho |
| <i>Vereadores</i>   |
| Rua Vereador Azevedo Franco<br>Rua Vereador Castelo Branco<br>Rua Vereador Ferreira da Cruz<br>Rua Vereador Matoso da Câmara  |
| Rua Vereador Prazeres   |
| <i>Conquistadores/Exploradores</i>  |
| Calçada de Baltazar de Aragão   |

|   |
|---|
| Rua Francisco Sotto Mayor<br>Rua Gregório José Mendes<br>Rua Henrique de Carvalho<br>Calçada Paiva de Andrade<br>Rua de Pinheiro Furtado  |
| <i>Figuras da cultura/Figuras das artes e das ciências</i>  |
| Rua Alfredo Troni<br>Rua Alda Lara<br>Antero de Quental<br>Rua António Assis<br>Rua António Feliciano de Castilho<br>Rua Aquilino Ribeiro<br>Rua Camilo Pessanha<br>Rua Cesário Verde<br>Rua Cristóvão Falcão<br>Rua Damião de Góis<br>Rua Domingos de Abreu Brito<br>Rua Eça de Queirós<br>Rua Fernão Lopes<br>Rua Fernão Mendes Pinto<br>Rua D. João de Castro<br>Rua Francisco Sá de Miranda<br>Rua Dr. A.(Alves) da Cunha<br>Rua Dr. Frederico Welwitch<br>Rua Dr. Luís Pinto da Fonseca<br>Rua Dr. Pinto de Azeredo<br>Rua Garcia da Orta<br>Travessa Garrett<br>Rua Gil Vicente<br>Rua Guerra Junqueiro<br>Rua Guilherme Ribeiro Pereira<br>Rua João de Barros<br>Rua Joaquim José da Silva<br>Rua (José Joaquim) Lopes de Lima<br>Rua José D. C. (Cordeiro) Mata<br>Rua José Duro<br>Rua Júlio Lacerda<br>Rua Lourenço Mendes da Conceição<br>Rua Oliveira Martins<br>Rua Padre Manuel Bernardes<br>Rua de Pasteur<br>Rua Poeta Bocage<br>Rua Ramalho Ortigão<br>Rua Sisenando Marques<br>Rua Teixeira de Pascoais |
| <i>Dignitários religiosos/Missionários</i>  |
| Rua Padre Francisco de Gouveia<br>Rua Padre J. (José) M. (Maria) Antunes  |
| <i>Santos</i>   |

|   |
|---|
| Rua S. Francisco de Xavier                    |
| <i>Um chefe nativo aliado dos Portugueses</i> |
| Jaga Calandulo                                |

*Topónimos direccionais e geográficos<sup>366</sup>*

|                                |
|--------------------------------|
| Rua do Algarve                 |
| Rua de Amarante                |
| Rua de Ambaca                  |
| Rua de Ambuíla                 |
| Rua das Beiras                 |
| Rua de Benguela                |
| Estrada da Boavista            |
| Rua de Braga                   |
| Rua de Bucuzau                 |
| Rua de Cacuso                  |
| Rua de Cafaco                  |
| Largo de Cambambe              |
| Rua do Casuno                  |
| Estrada de Catete              |
| Rua do Caxito                  |
| Rua da Cela                    |
| Rua Cidade de Beja             |
| Rua Cidade de Bragança         |
| Rua Cidade de Castelo Branco   |
| Rua Cidade de Coimbra          |
| Rua Cidade de Évora            |
| Rua Cidade de Faro             |
| Rua Cidade da Guarda           |
| Rua Cidade de Guimarães        |
| Rua Cidade de Lamego           |
| Rua Cidade de Leiria           |
| Rua Cidade de Portalegre       |
| Rua Cidade do Porto            |
| Rua Cidade de Santarém         |
| Rua Cidade de Setúbal          |
| Rua Cidade de Viana do Castelo |
| Rua Cidade de Viseu            |
| Rua Direita                    |
| Rua de Damão                   |
| Rua de Diu                     |
| Rua do Douro                   |
| Rua de Espinho                 |

<sup>366</sup> Incluímos nesta categoria as designações em quimbundo por considerarmos funcionarem, agora, como verdadeiros topónimos direccionais e geográficos.

Alguns topónimos alteraram, apenas, a sua grafia, como Quinaxixe para Kinaxixe ou Maianga para Mayanga. Não se considera, pois, mudança na designação toponímica do espaço em estudo.

Rua da Estremadura  
Rua de Estremoz  
Rua do Faial  
Rua do Funchal  
Rua do Fundão  
Rua de Gaia  
Rua de Goa  
Rua da Guiné  
Rua da Ilha da Madeira  
Rua de Ílhavo  
Rua da Índia  
Largo das Ingombotas  
Rua de Kikombo  
Rua de Kinaxixe  
Rua de Landana  
Avenida de Lisboa  
Rua do Lobito  
Rua da Lousã  
Largo da Mayanga  
Rua de Maquela  
Rua de Massangano  
Rua do Minho  
Rua de Mirandela  
Rua de Moçambique  
Rua de Monção  
Rua da Murtosa  
Rua de Negage  
Rua de Ovar  
Rua de Penafiel  
Rua de Penamacor  
Rua de Quilengues  
Largo de Quinaxixe  
Rua das Quipacas  
Rua do Ribatejo  
Rua da Samba  
Rua do Sol  
Rua de S. Tomé  
Rua de Vila Real

*Topónimos associados a edificações religiosas, militares e civis*

Rua da Alfândega  
Beco do Balão  
Largo do Cruzeiro  
Rua da Missão (de S. Paulo)  
Rua da Portugália  
Largo da Sagrada Família

*Topónimos ligados a grupos sociais*

Rua dos Funantes  
Rua dos Mareantes  
Rua dos Mercadores  
Rua dos Militares  
Rua dos Missionários  
Rua dos Sertanejos

*Topónimos institucionais*

Rua da Companhia de Jesus

*Fitotopónimos*

Rua dos Coqueiros

*Diversos - Designações difíceis de categorizar*

Calçada dos Enforcados  
Rua dos Enganos

**Nomes dos Bairros de Luanda, em 1977<sup>367</sup>**

Cuca  
Corimba  
Cassequel  
Ingombota  
Maianga  
Maculusso  
Marçal  
Operário  
Palanga  
Patrice Lumumba  
Prenda  
Popular  
Quinanga  
Rangel  
Sambizanga  
Terra Nova

---

<sup>367</sup> Mapa das Ruas de Luanda in Pepetela, *Luandando*, Luanda, Elf Aquitaine Angola, 1990, pp.198-199.

**Quadro de correspondência das principais artérias da cidade de Luanda**

| <b>Período colonial</b>                  | <b>Período pós independência</b>    |
|--|-------------------------------------|
| Alameda do Príncipe Real                 | Alameda do Príncipe Real            |
| Avenida Álvaro Ferreira                  | Avenida do 1º Congresso do M.P.L.A. |
| Avenida da Boavista                      | Avenida do Comandante Kima Kienda   |
| Avenida do Brasil                        | Avenida Hoji Yaenda                 |
| Avenida Brito Godins                     | Avenida Lenine                      |
| Avenida dos Combatentes da Grande Guerra | Avenida Comandante Valódia          |
| Avenida General Carmona                  | Avenida Comandante Che Guevara      |
| Avenida General Norton de Matos          | Avenida Comandante Jika             |
| Avenida de Lisboa                        | Avenida Revolução de Outubro        |
| Avenida D. João II                       | Avenida Ho Chi Min                  |
| Avenida Marechal Gomes da Costa          | Avenida Mutela Mohamed              |
| Avenida Massano de Amorim                | Avenida Massano de Amorim           |
| Avenida Sá da Bandeira                   | Avenida Comandante Kwennyya         |
| Avenida dos Restauradores (de Angola)    | Avenida Rainha Ginga                |

Fotografias de placas toponímicas de Luanda do tempo colonial e mantidas após a independência de Angola<sup>368</sup>



Fig. 24- A Avenida mudou de nome, mas a placa colonial permanece ...



Fig. 25- Nesta placa a nova designação.

<sup>368</sup> As fotografias foram-nos, gentilmente, cedidas pelo Eng. Afonso Loureiro.



Fig. 26- A placa, ainda, ostenta o nome do oficial da Marinha e governador de Angola, dos tempos coloniais.



Fig. 27- A designação deste largo após a independência é Largo do Lumej, mas, a anterior placa ainda permanece.



Fig.28- A actual Rua Serqueira Lukoki, ainda, exhibe a placa com o nome de um antigo governador de Angola.



Fig.29- Aqui a placa toponímica com a designação pós independência.



Fig.30- Junto à Igreja da Sagrada Família, permanece a placa com a designação portuguesa, a qual também se mantém.



Fig.31-Para os portugueses, a memória de Alexandre Herculano...



Fig.32-...para os angolanos, a memória de Irene Cohen. As duas placas coabitam, em zonas diferentes, no mesmo largo.



Fig.33- Neste caso, o mesmo edifício ostenta, lado a lado, as duas placas toponímicas: a colonial e a angolana.



Fig.34 - A placa da Rua Direita, a designação dos tempos coloniais...



Fig.35- A Rua Major Kahangulo, após 1975.

## Esboço de Dicionário Quimbundo /Português<sup>369</sup>

“Bungo - a palavra significaria primitivamente o lugar onde se faziam os despejos da cidade.”<sup>370</sup>

Cassimas – “covas a que chamam cassimas”<sup>371</sup>

Embondeiro – “quimb. *Mbondo* (...) der. De -bonda ‘matar’, em alusão à preferência dos feiticeiros por esta árvore nos seus trabalhos macabros”<sup>372</sup>

“Kafaku – lugar arenoso, antigo bairro na cidade de Luanda (na Engombota)”<sup>373</sup>

“Kakibáundu – pequeno balaio ou peneira. Joeira”<sup>374</sup>

“Kakusu – perca”<sup>375</sup>

“Kalembe – violenta agitação do mar, marulho, tempestade, alterosas vagas que, com estrondo, se vão quebrar à praia”<sup>376</sup>

“Kansandama – Morro que fica a NE da cidade de Luanda, vulgarmente chamado das lagostas, onde se encontra edificada a fortaleza de S. Pedro (da Barra)”<sup>377</sup>

“Kapaxi – sujeito ao sofrimento. Angustiado, oprimido.”<sup>378</sup>

“Kapónda – cinta estreita e curta. Antigo bairro da cidade de Luanda, onde é hoje o mercado municipal”<sup>379</sup>

“Káputu – govêrno ou autoridade portuguesa. Português. De Portugal.”<sup>380</sup>

“Kasekele – arenoso, povoação em Quifangondo (rio Bengo)”<sup>381</sup>

“Kásoso- Argueiro. Centelha, fagulha.”<sup>382</sup>

---

<sup>369</sup> Deste esboço de dicionário constam, apenas, as palavras em quimbundo das plantas analisadas.

<sup>370</sup> Luanda, Câmara Municipal de, *Roteiro da Cidade de S. Paulo de Luanda*, Imprensa Nacional, Luanda, 1939, p.93.

<sup>371</sup> Legenda da Planta enviada pelo Governador Fernão de Sousa a Filipe III, em 1626, letra M.

<sup>372</sup> Instituto António Houaiss, Francisco Manoel de Mello Franco, Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edição Círculo de Leitores, 2007, Tomo VIII, p.3212.

<sup>373</sup> António de Assis Junior, *Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico*, Luanda, Agente Santos, 194-, p.81.

<sup>374</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.84.

<sup>375</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.86.

<sup>376</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.87.

<sup>377</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.101.

<sup>378</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.98.

<sup>379</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.98.

<sup>380</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.98.

<sup>381</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.102.

<sup>382</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.102.

“Katari, nome indígena que significa Lugar de suplício”<sup>383</sup>; “pelourinho, lugar de suplício, antigo bairro”<sup>384</sup>

“Katomba – charneca, antigo bairro, depois Largo de Cadornega”<sup>385</sup>

“Kibáundu – cicatriz, bairro onde está o cine-teatro”<sup>386</sup>

“Kikongo- língua do Congo; Planta fam. das sinteráceas\*, de madeira olerosa e propriedades medicinais, sândalo”<sup>387</sup>

“Kinanga- Largo; Praça; fig. Mercado; Feira”<sup>388</sup>

“Kipáka- redil, curral. Trincheira. Barreira. Tapume”<sup>389</sup>

“Kisibu, actualmente Kixibu, daí o aportuguesamento cacimbo, estação do ano em que não chove e baixa a temperatura”<sup>390</sup>

“Kinaxixe- Tremendal; pântano; charco. Poça formada de água das chuvas”<sup>391</sup>

“Kixima, ixima- poço, poços”<sup>392</sup>

“Kurimba – confusão, complicação”<sup>393</sup>

“Maculusso- Kimbundização da palavra portuguesa cruces”<sup>394</sup>

“Maculusso, este nome significa cruces em kimbundo”<sup>395</sup>

“Makulusu –cruces, local em que se enterravam os mortos”<sup>396</sup>

“Massangano ou Massanganu, palavra Mbundu que significa junção, confluência, foi o primeiro presídio (1583) a ser fundado por Paulo Dias de Novais a 40 léguas de Luanda, na confluência dos rios Kwanza e Lucala”.<sup>397</sup>

“Massangano – lugar onde dois rios se juntam num só, província de Luanda compreendida na língua de terra formada pelos rios Lucala e Quanza, na margem direita deste rio”.<sup>398</sup>

---

<sup>383</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p.42.

<sup>384</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.103.

<sup>385</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.104.

<sup>386</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.111.

<sup>387</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.123. \*tardonarithus camphoratus.

<sup>388</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.132.

<sup>389</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.136.

<sup>390</sup> António de Oliveira Cadornega, *ob.cit.*, Tomo III, nota 121, p.90.

<sup>391</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.132.

<sup>392</sup> António de Oliveira Cadornega, *ob.cit.*, Tomo III, nota 11, p.8.

<sup>393</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.223.

<sup>394</sup> Pepetela, *ob.cit.*, p.69.

<sup>395</sup> Fernando Augusto Albuquerque Mourão, *A Evolução de Luanda: aspectos sócio - demográficos em relação à independência do Brasil e ao fim do tráfico*, p.61. [Em linha]. São Paulo. [Consult. 24/02/2009]. Disponível em: [http://www.casadasafricanas.org.br/site/?id=banco\\_de\\_textos](http://www.casadasafricanas.org.br/site/?id=banco_de_textos)

<sup>396</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.274.

<sup>397</sup> Isabel Martins, *ob. cit.*, p.92.

“Mazuika – antigo bairro, trazeiro à Igreja do Carmo”<sup>399</sup>

“Mbánze - Tempo de Verão. Estio. Fig. Calor”<sup>400</sup>

“Mbungu-(...) antigo bairro da cidade de Luanda (na Engombota); Planta gramínea exótica fam. das bambusáceas, cuja haste é uma cana alta e grossa. Bambú”<sup>401</sup>

“Miânga- candeias; luzes”<sup>402</sup>

“Mulundu- serra, montanha, morro, (...) penedo; rocha”<sup>403</sup>

“Múseke- areia grossa; terra saibrosa”<sup>404</sup>

Musseque “originalmente, quer dizer, em Kimbundo, areia vermelha, mais tarde, significa bairros de cubatas para onde é escorraçada a população africana na periferia da cidade”<sup>405</sup>

Mutamba- “cação, peixe, tamarindeiro, antigo bairro e mercado ao fundo da Igreja do Carmo”<sup>406</sup>

“Mutamba ,em Kimbundo, é uma árvore”<sup>407</sup>

“Mutamba significa tamarinho que é uma árvore”<sup>408</sup>

“Muxiluanda- que deixa de pagar imposto, aduana, tributo. Nome dado ao natural de qualquer das ilhas adjacentes à cidade de Luanda. Foi dado após a cessão da ilha então pertença do Ngola, ao rei do Congo socorrido pelos portugueses capitaneados por Francisco de Gouveia em 1570, da invasão e ocupação que durante 12 anos sofrera dos ngolas, que o indígena deixou de pagar o imposto aduaneiro pela exportação de njimbu, por ele pescado, para aquele reino, onde circulava como moeda (dinheiro).<sup>409</sup>

“Muxima- coração; íntimo; consciência; fig. Regaço, colo”<sup>410</sup>

“Ndânji- espaço ocupado por uma corrente de água, córrego, leito do rio; rio seco”<sup>411</sup>.

Ndânji ia loza - rua larga e arenosa”<sup>412</sup>

---

<sup>398</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.279.

<sup>399</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.282.

<sup>400</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.19.

<sup>401</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.27.

<sup>402</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.83.

<sup>403</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.309.

<sup>404</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.347.

<sup>405</sup> Pepetela, *ob. cit.*, pp. 68-69.Utilizamos, aqui, a grafia *musseque* por ser esta a utilizada pelo autor citado.

<sup>406</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.320.

<sup>407</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Subsídios para a História de Luanda*, Luanda, Edição do Museu de Angola, 1954, p.42.

<sup>408</sup> AAVV, *Boletim Cultural*, nº 39, Repartição de Cultura e Turismo, Luanda, p. 65.

<sup>409</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.325.

<sup>410</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.325.

<sup>411</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.30.

<sup>412</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.30.

“Rua N’ Dange ia Rosa – “ Em quimbundo significa rua larga e arenosa.”<sup>413</sup>

“Ndongo- antiga residência do Ngola (D. João Hari) vencido em 1671 por Luís Lopes de Sequeira”<sup>414</sup>

“Ngôla – nome do rei do Dongo, dado ao território que compreende a mais vasta e rica província de Angola”<sup>415</sup>

“Ngombota- lugar onde se acoitavam os escravos foragidos, moradia ou refúgio de gente má. Bairro da cidade de Luanda, na encosta fronteira à Igreja do Carmo”<sup>416</sup>

“Nguengue- Ave conirostra de plumagem vistosa e rabo comprido. Cardial. Fig. Pessoa de boas maneiras, boa alma. Pessoa magnânima, de grande influência. Magnate”.<sup>417</sup>

“Pombeiro – cruzamento do quimb. *pombe* «mensageiro» com o quimb. *pombo* «espião» já que o indivíduo se embrenhava pelo interior de África para trazer informações ou pessoas ao traficante de escravos”<sup>418</sup>

“Púmbu – Pousada”<sup>419</sup>

“Pumbo – Feira”<sup>420</sup>

“Samba – charneca, savana”<sup>421</sup>

“Samgamdombe – sang’a-ndombe – antigo bairro nas traseiras do edifício das obras públicas e onde se fabricavam bilhas de barro preto (masanga ma ndombe)”<sup>422</sup>

“Sanzala – povoado”<sup>423</sup>

---

<sup>413</sup> Manuel da Costa Lobo Cardoso, *Luanda Antiga*, Edição do Museu de Angola, 1951,p.18.O autor utiliza a grafia da *Planta Topográfica de p. te da Cidade de S. Paulo de Assumpção, chamada a Praya, pertencente á Freg.ª de N. S.ª dos Remédios*, de 1755.

<sup>414</sup> António de Assis Junior, *Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico*, Luanda, Agente Santos, 194-,p.42.

<sup>415</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.43.

<sup>416</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.44.

<sup>417</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.45.

<sup>418</sup> Instituto António Houaiss, Francisco Manoel de Mello Franco, Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edição Círculo de Leitores, 2007,Tomo XIV, p.6454.

<sup>419</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.335.

<sup>420</sup> António de Oliveira Cadornega, *ob.cit.*, Tomo III,nota 38, p.137.

<sup>421</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.354.

<sup>422</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.355.

<sup>423</sup> António de Assis Junior, *ob.cit.*, p.355.



*A Toponímia de Luanda - das memórias coloniais às pós-coloniais*